



STAR WARS™

CLAUDIA GRAY

LEGADO DE SANGUE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**STAR
WARS**

CLAUDIA GRAY

STAR WARS™

LEGADO DE SANGUE

TRADUÇÃO
MARCIA MEN



NOTA DOS EDITORES

O universo de STAR WARS é infinitamente rico e criativo. Desde 1977, inúmeros planetas, raças alienígenas e personagens vêm despertando a imaginação de fãs do mundo inteiro. A ideia de expandir um universo ficcional, embora não seja nova, ganha novas proporções com STAR WARS. O livro *STAR WARS: from the adventures of Luke Skywalker*, novelização do Episódio IV da saga, foi lançado em 1976, antes mesmo da estreia do filme no cinema. E, antes do final da trilogia clássica, já existiam diversos quadrinhos e romances, que muitas vezes davam sinais dos caminhos a ser seguidos depois nas telas, ou mesmo, como no caso do livro *Splinter of the mind's eye*, de Alan Dean Foster, diferiam completamente da trajetória seguida nas continuações. Esse era apenas um prelúdio da força que o Universo Expandido de STAR WARS acumularia nas décadas seguintes.

Embora outras rarefeitas obras tenham sido lançadas no início dos anos 1980, dois marcos importantes deram impulso à saga, projetando-a ao atual ousado projeto transmídia: em 1987, veio o lançamento do RPG *STAR WARS: The Roleplaying Game*; em 1991, a publicação de *STAR WARS: Herdeiro do Império*, de Timothy Zahn. Enquanto a importância do RPG foi estabelecer novos cenários e trazer detalhes do universo de STAR WARS, o livro de Zahn fez história ao ser o primeiro com autorização oficial da Lucasfilm para abordar os acontecimentos posteriores ao Episódio VI. Os personagens e as histórias do livro foram aproveitados por toda uma nova geração de autores, que escreveram centenas de obras a fim de complementar cada vez mais esse universo e saciar a sede dos fãs, especialmente durante o intervalo de quinze anos entre os lançamentos das duas trilogias no cinema – e também depois.

Em 2014, a Lucasfilm lançou o novo conceito de STAR WARS, aplicável a filmes, HQs, livros, videogames e séries televisivas relacionados à franquia, formando um só cânone. Juntos, todos esses registros contam uma única história no universo de STAR WARS, complementando e continuando os filmes lançados no cinema entre 1977 e 2005, além de servirem como preparação para os tão esperados novos filmes, a começar com *STAR WARS: O despertar da Força* em 2015. Todas as obras publicadas antes de 2014 passam a ser classificadas como *Legends*: histórias que não serviram como base para o cânone estabelecido pela Lucasfilm para STAR WARS, mas cuja importância e cuja qualidade continuam sendo apreciadas.

Participando dessa nova e empolgante fase de STAR WARS, a Editora Aleph pretende lançar todos os romances adultos do novo cânone, bem como uma seleção dos títulos *Legends* mais relevantes. Convidamos os leitores a embarcar conosco nessa jornada rumo a uma galáxia muito, muito distante.

E trata-se de uma viagem que não tem ponto de partida nem direção definidos. Não importa por

qual obra você decida começar, seja por uma das novas ou uma das *Legends*. Temos a certeza de que viverá uma grande aventura.

Que a Força esteja com você.

EDITORA ALEPH



HÁ MUITO TEMPO,
NUMA GALÁXIA MUITO,
MUITO DISTANTE...

Toda uma geração prosperava durante uma era de paz. A Nova República, governada pelo Senado Galáctico, detinha o poder por mais de duas décadas. As guerras que haviam dividido a galáxia esmaeciam na memória das pessoas, tornando-se lendas.

Contudo, conflitos haviam começado a se formar dentro do Senado. Na ausência de MON MOTHMA, ex-líder da Rebelião e primeira chanceler da Nova República, duas facções extraoficiais, mas poderosas, haviam surgido: os POPULISTAS, que acreditavam que cada planeta deveria manter quase toda a autoridade e autonomia, e os CENTRISTAS, que favoreciam um governo galáctico mais forte e um poderio militar mais sólido.

Apenas os maiores heróis da guerra ainda eram honrados por todos. Uma cerimônia em honra de BAIL ORGANA reuniu o Senado em uma harmonia rara. Era um dia de celebração; entretanto, as divisões entre os mundos da galáxia continuavam aumentando...



– Quando olhamos para trás, para a guerra contra o Império e os bilhões de vidas perdidas, às vezes parece que nada jamais poderia valer o terrível preço que pagamos. No entanto, quando pensamos naquelas pessoas que pereceram no conflito, devemos nos lembrar de que elas morreram pela justiça. Pela liberdade. Pela extraordinária paz de que desfrutamos agora. – O senador Tai-Lin Garr abriu os braços, indicando toda a celebração em Hosnian Prime: a brilhante luz do sol, o céu cor de água-marinha, os incontáveis cidadãos de milhares de espécies diferentes reunidos sob as bandeiras coloridas de seus mundos. A beleza e a promessa da Nova República pareciam se estender diante de todos eles. – Foi por *isto* que eles lutaram.

Todos aplaudiram. Vários gritaram.

A senadora Leia Organa bateu palmas com os demais e pensou: *Pena que esteja se despedaçando.*

Para a maioria dos observadores reunidos na imensa multidão – cidadãos que haviam viajado até Hosnian Prime para a cerimônia de inauguração e o concerto que se seguiria –, os vários senadores agrupados nos estandes transmitiam um sentimento de solidariedade e força. Planetas do Núcleo e da Orla Exterior estavam ali representados; humanos vestiam os mantos, túnicas e vestes cerimoniais de inúmeras culturas diferentes enquanto assistiam à cerimônia ao lado de espécies que iam desde os Aqualish até os Ithorianos, dos Mon Calamari de olhos grandes até os pequenos e lanosos Ashaftanos, no que aparentava ser uma união perfeita. Os olhos aguçados de Leia traçaram a linha invisível entre as duas metades da multidão: senadores centristas de um lado, senadores populistas, como ela, do outro. A brecha física não podia ser mensurada; a filosófica, porém, se ampliava a cada dia. Em breve essa brecha se abriria em um abismo, profundo o bastante para revelar o quanto a paz era, na verdade, frágil.

Pare com isso. Leia forçou-se a pensar positivamente. Racionalmente. *A política galáctica sempre teve seus partidos, facções, divisões. Sempre terá. Nem todo conflito ideológico leva a um colapso do governo.*

Porém, o desconforto que se agitava logo abaixo da superfície brilhante dessa cerimônia lhe trazia à mente os últimos dias do Senado Imperial. Palavras educadas escondiam ameaças implícitas; faltava confiança entre mundos, o clima de tensão lhe parecia muito familiar.

Por outro lado, o Senado Imperial realmente tomava decisões de vez em quando. Viu? A história não está se repetindo, afinal, pensou ela, amarga.

Leia se deleitava em apenas um aspecto daquela reunião: a nova estátua que eles haviam se reunido para inaugurar. A estátua de 70 metros de altura tinha sido esculpida em pedra bruma jelucani, que cintilava sob a luz clara, transparente como diamante, mas que na escuridão assumia uma cor cinza-esverdeada pálida e opaca. Conforme Tai-Lin terminava seu discurso sob aplausos, uma

nuvem passou diante do sol. O cintilar da pedra bruma foi reduzido, revelando os detalhes delicados na estátua de Bail Organa, retratado em sua túnica de vice-rei de Alderaan, com uma das mãos estendida para todos os povos, em uma clássica pose hagiográfica. Seu rosto, porém, fora esculpido com tanta precisão e amor quanto o retrato mais íntimo. Talvez os diferentes senadores e planetas não conseguissem concordar em quase mais nada, mas ao menos o legado de seu pai perduraria.

Tai-Lin assentiu para Leia enquanto seu pod flutuava de volta ao lugar – os pods ainda eram permitidos para funções cerimoniais, embora seu uso no Senado agora fosse considerado “excessivamente hierárquico”. O gesto de Tai-Lin servira tanto para reconhecer que havia chegado a vez de Leia de falar, como para encorajá-la. Leia lançou-lhe um sorriso rápido antes de pressionar os controles que levariam seu pod à frente dos estandes e focariam os droides amplificadores em sua voz. Uma brisa morna moveu as dobras de sua capa e seu vestido azul-escuro quando Leia se postou diante da multidão.

– Eu venho diante de vocês não apenas como senadora, mas também como filha de Bail Organa. – A voz de Leia ressoou, límpida e forte, sem revelar nenhuma das dúvidas que assombravam o seu dia. – Ainda assim, tudo o que fiz em minha carreira como senadora tem suas raízes nas lições valiosas que ele me ensinou sobre coragem. Sobre força. Sobre liderança.

Liderança era algo de que o Senado precisava muito no momento. Mon Mothma tinha mantido uma imensa influência sobre os parlamentares mesmo após o fim de seu mandato como chanceler... muito mais do que Leia se dera conta antes da enfermidade de Mon Mothma. Sem alguém capaz de conectar as distâncias filosóficas e criar consenso, o processo político que tinha forjado a Nova República estava revelando suas fraquezas.

Ela continuou discursando calmamente enquanto as bandeiras se agitavam com a forte brisa. – Ele se ergueu como vice-rei de Alderaan no início de um período sombrio para toda a nossa galáxia. – Um silêncio caiu sobre a multidão ante a menção de seu planeta natal, agora destruído. Leia fingiu não reparar. Seu pod flutuava tão alto sobre o chão, que as centenas de milhares de pessoas, de milhares de espécies e de mundos, vibrantes em suas peles, escamas e pelagens individuais, eram agora indistintas para ela; apenas uma massa de cor e ruído, difícil para alguém se conectar. Leia, porém, tentou. – Ele ajudou Mon Mothma a criar a Aliança Rebelde, ao mesmo tempo em que lutava bravamente para preservar a pouca integridade e autoridade que ainda restavam ao Senado Imperial. Não tenho dúvidas de que ele teria continuado a batalha ao lado de nossos soldados rebeldes se não tivesse sido arrancado de nós tão cruelmente na destruição do meu planeta natal.

Ela prosseguiu:

– Tive o privilégio de conhecê-lo como líder e como pai. Por mais que me orgulhe ao pensar em sua posição corajosa contra a tirania de Palpatine, também sorrio cada vez que me lembro de como ele costumava se sentar no chão para brincar de bloquinhos de montar com sua garotinha.

Um riso carinhoso perpassou a audiência.

Bom. Ela havia cativado a multidão, conquistado as pessoas. Estava na hora de dizer as palavras que seus ouvintes *não queriam* ouvir.

– Ele me ensinou muito sobre política, liderança e guerra, mas, acima de tudo, me ensinou que nenhum preço é alto demais a se pagar por nossos ideais. Bail Organa estava disposto a morrer se isso significasse que o Império cairia. Ele acreditava na Nova República que nós conseguimos criar, e na promessa de um governo justo e igual para todos sob a lei. – Houve uma salva de palmas, e Leia esperou que o barulho diminuísse antes de continuar. – Ele acreditava na união, e sabia que essa união só era possível se houvessem transigências. Mon Mothma, uma de suas primeiras e mais duradouras aliadas, compartilhava essa convicção e permitiu que esse ideal norteasse sua liderança no Senado. Ela queria que os mundos da Nova República encontrassem o equilíbrio, e que sempre buscassem o meio-termo, que nos permite trabalhar juntos para um futuro melhor.

De novo aplausos, agora mais abafados. Populistas e centristas concordavam apenas em um ponto atualmente: transigências eram para os fracos.

Leia olhou para a estátua e imaginou-se falando diretamente com Bail Organa enquanto concluía seu discurso.

– Meu pai nos deu um legado mais precioso do que qualquer outro: a paz galáctica. Todos nós reunidos aqui hoje herdamos a responsabilidade de preservar essa paz desse dia em diante. Apenas fazendo isso podemos verdadeiramente honrar meu pai e sua memória.

Aplausos e gritos se elevaram, ruidosos, em uma demonstração de entusiasmo maior do que qualquer outra que Leia vira em muito tempo. Será que as pessoas haviam realmente escutado sua mensagem? Tinham compreendido o quanto a paz se tornara frágil? Será que agora elas insistiriam para que seus senadores superassem suas rixas mesquinhas e intermináveis e finalmente dessem à galáxia a liderança que ela merecia?

E então ela escutou o som agudo e argênteo dos caças X-wing lá no alto. O show aéreo militar tinha começado. Era *por isso* que a multidão comemorava. As pessoas não tinham sequer escutado as últimas palavras de Leia.

Isso era... uma decepção. Mas não uma surpresa.

Enquanto os X-wings se dividiam em uma nova formação dramática, Leia suspirou e apertou o controle que levitaria seu pod de volta aos estandes senatoriais. Já que ninguém estava ouvindo, ela podia muito bem desfrutar do show.

– Você é tão pessimista, Leia – insistiu a senadora Varish Vicly depois da cerimônia, enquanto vários líderes passeavam ao redor da base da estátua cintilante de Bail Organa. Como todos os Loneranos, Varish tinha uma pelagem longa, dourada e sedosa da cor do ouro e um quarteto de membros esguios e extensos que lhe permitiam caminhar como um bípede ou um quadrúpede com a mesma facilidade. Naquele momento, ela caminhava apenas sobre dois dos membros, para poder

acenar e apertar mãos. – É claro que as pessoas aplaudiram o show aéreo! Manobras de X-wing são muito mais empolgantes que qualquer discurso.

Leia ajeitou uma mecha que havia se soltado de sua única trança comprida.

– Eu só queria que houvesse alguma maneira de as pessoas nos escutarem.

– Veja as coisas por esse ângulo. – O pelo dourado de Varish agitava-se levemente com a brisa e seu rosto longo e estreito se partiu em um amplo sorriso para alguém que acenava a distância. – As pessoas amam os pilotos de X-wing porque pensam neles como os grandes guerreiros da Rebelião. Viu? As pessoas não se esqueceram da guerra. Mas ela aconteceu há muito tempo.

– Suponho que sim. – Leia se lembrou de sentar-se no Senado como uma legisladora júnior de 14 anos e ter certeza de que era a pessoa mais jovem entre as milhares ali presentes; hoje em dia, ela às vezes se sentia a mais velha. A guerra havia cobrado um preço de sua geração, colhendo vários que, de outra forma, teriam se tornado líderes. Entre as multidões e no próprio Senado, havia muitos que sequer eram nascidos quando a Batalha de Endor ocorreu.

Leia deveria enxergar sua obsolescência como uma medalha de honra. A população não teria se tornado tão complacente se não fossem as décadas de relativa paz, frutos da Nova República. Mas ela não conseguia relaxar. Não conseguia parar de se preocupar. Era isso o que acontecia quando alguém crescia em fuga, sitiada, sempre esperando morrer ou ser capturada a qualquer momento. A paranoia havia se tornado seu único modo de ver o mundo, e era impossível deixá-la totalmente para trás.

– Vamos, vamos. Se você não se animar antes do jantar, vou colocá-la para se sentar ao lado do conde Jogurner, espere só para ver se não faço isso... Ah, Feleen, aqui! – Varish apertou o braço de Leia antes de disparar para o meio da multidão para cumprimentar outro de seus amigos políticos.

Leia balançou a cabeça em resignação carinhosa. Por trás de seus interesses aparentemente frívolos, Varish Vicly era uma pessoa íntegra, uma populista tão convicta quanto a própria Leia, e um dos pouquíssimos senadores com quem era realmente divertido passar algum tempo. (Ao contrário, por exemplo, do conde Jogurner, que tinha boas intenções, mas não conseguia conversar por muito tempo sobre qualquer outro assunto além de uísques de Cheedoan.) Contudo, ela não era uma boa audiência para os medos mais sombrios de Leia.

Ninguém quer ouvir falar mais sobre a guerra, Leia disse a si mesma. Ninguém quer temer mais caos e confusão. Não é exatamente por isso que eu luto, para que eles não precisem temer?

Ela analisou a multidão, identificando tanto amigos quanto inimigos. Tai-Lin Garr, conspícuo em seu manto escarlate característico, ouvia seriamente um grupo de espectadores que haviam, pelo visto, vindo de seu planeta natal, Gatalenta. Seu espesso cabelo preto estava preso para trás em um coque alto; seus olhos escuros pareciam pensativos, solenes, de um jeito que não contradizia o sorriso gentil em seu rosto. Ali por perto, havia um grupo de senadores centristas bajulando um dos astros em ascensão de seu movimento, um jovem político de Riosa chamado Ransolm Casterfo. Casterfo certamente era uma figura cativante. Ele era alto, belo, carismático e tinha apenas 32 anos – uma

idade que já soara madura para Leia, e agora parecia impossivelmente jovem. Jovem demais para ter lutado na guerra, ou possuir qualquer substância, mas pelo jeito os centristas escolhiam suas figuras de proa perguntando a si mesmos quem ficaria melhor na propaganda. O humor de Leia melhorou quando, a distância, ela avistou o almirante Ackbar. Ele fizera a viagem até Hosnian Prime pela cerimônia, embora estivesse agora em seus 80 anos – mas é claro que ele não deixaria que nada o impedisse de prestar honras a Bail Organa. Leia começou a abrir caminho pela multidão ao redor dele, esperando uma chance de conversar com alguém que se lembrava dos velhos tempos.

– Princesa Leia? – A voz melodiosa que chamava por Leia soaria atraente para a maioria das pessoas, mas apenas o treinamento diplomático de Leia evitou que ela se encolhesse ao ouvi-la. – Princesa Leia, eu posso ter uma palavrinha?

Leia conseguiu fingir um sorriso convincente antes de se virar.

– Lady Carise. O que posso fazer pela senhora?

Lady Carise Sindian, senadora por Arkanis, um mundo centrista, era da mesma geração de Ransolm Casterfo, mas parecia ainda mais jovem. Talvez a impressão de imaturidade viesse das prioridades de lady Carise, e não de seu rosto adorável. Suas túnicas, longas e prateadas, eram bordadas com joias, exibindo a riqueza e o poder de seu mundo, em contraste com o azul mais simples e elegante de Leia. Lady Carise começou:

– Devemos discutir o governo de Birren. Como sabe, lorde Mellowyn faleceu...

– Sim, é claro. Sinto muito por isso.

Lorde Mellowyn era um parente distante de Bail Organa. Ao longo dos anos, Leia fizera algumas viagens para visitá-lo, já que Mellowyn fora uma das poucas pessoas que ainda se lembravam do pai dela, tendo o chamado de amigo.

(Quando ela pensava em seu pai, pensava apenas em Bail Organa. Ele fora seu pai em espírito, e certamente isso era mais importante do que qualquer outra coisa.)

– Bem, o governo é passado adiante seguindo as linhagens mais antigas... – insinuou lady Carise, com seus olhos castanho-escuros acesos ao pensar em títulos reais. Praticamente ninguém mais levava a sério o conceito de nobreza hereditária, nem mesmo os outros membros das Casas Anciãs. Entretanto, lady Carise parecia incapaz de imaginar honra maior. – Porém, como lorde Mellowyn não teve filhos, o título agora passou para a senhora.

Leia cobriu a boca, como se estivesse surpresa. Ela esperava esconder, na verdade, sua consternação. Uma das poucas coisas de que ela se lembrava sobre Birren era que seus rituais se estendiam, invariavelmente, por semanas. Birren era um mundo pequeno e modorrento da Orla Interior que podia oferecer um excelente local de férias... mas um exílio frustrante para uma senadora com um trabalho importante a fazer.

– O título é puramente cerimonial agora, não? Não imagino que o povo de Birren esteja com pressa para substituir um governador meramente decorativo.

– Mas o título! – Os olhos de lady Carise se arregalaram. Talvez inconscientemente, ela balançou a cabeça, *tsc, tsc*. – Como podemos negar ao povo a certeza, a segurança, de saber que esta antiga tradição está sendo mantida?

– Vou conversar com minha equipe para verificar isso de imediato. – Essa era a saída de praxe de Leia para conversas oficiais que ela queria terminar; soava oficial, mas não prometia nada. Lady Carise sorriu e assentiu enquanto se afastava, satisfeita por enquanto.

Os X-wings voaram de novo lá no alto. Embora o show aéreo tivesse terminado, os pilotos ainda se exibiam, divertindo-se. Naquele momento, eles não serviam a nenhum propósito maior, nenhum dever sagrado, apenas curtiam a pura euforia de voar.

Quanto tempo faz desde a última vez em que me senti assim, tão despreocupada?, pensou Leia. *Já me senti assim alguma vez?*

Provavelmente não.

Leia não teve chance de descansar no breve intervalo entre a cerimônia e o jantar oferecido por Varish aos senadores populistas. Em vez de relaxar, ela se reuniu com sua equipe. Felizmente, ao menos com eles era possível manter uma conversa racional.

Ou quase isso.

– Que celebração maravilhosa! – C-3PO arrastou os pés pelo amplo espaço oval do gabinete oficial de Leia. A luz da tarde entrava pelas janelas, dourando os móveis brancos; as placas de metal dourado do droide brilhavam como se ele fosse novo. – Uma reunião tão ilustre. Ouso dizer que todos os presentes um dia vão partilhar esta memória com seus netos.

“Eu nunca imaginei isso”, Han murmurou, sentando-se na cama deles tarde da noite; a cabecinha de Ben repousava na curva do braço de seu pai. “Ter um filho. Ou até desejar um filho. Mas agora ele está aqui, e...”

“E você é pai.” Leia havia se inclinado mais para perto, incapaz de resistir à chance de provocar o marido. “Pense só, cafajeste. Um dia você poderá até ser vovô.”

A risada de Han a aqueceu. “Fale por você, queridinha. Eu nunca vou chegar a essa idade.”

– Princesa Leia?

Leia despertou de seu devaneio.

– Peço desculpas, Greer. Foi um dia longo. Você dizia?

Greer Sonnel, a assistente de Leia, continuou tranquilamente, como se sua chefe não tivesse acabado de passar diversos segundos perdida em pensamentos.

– Você foi convidada para a recepção do senador Bevicard em Coruscant, e eu disse que iria considerar o convite. Devo recusar imediatamente ou amanhã?

– Me dê até amanhã. – Era melhor não se tornar muito previsível.

Greer assentiu, os dedos trabalhando destramente em seu datapad. Seu cabelo espesso e preto-azulado estava preso em um coque simples, e o rústico xale que usava por cima do macacão vinha de

seu áspero mundo natal, Pamarthe. Greer sempre preferia ser simples e prática, e Leia sabia que estava sendo difícil para sua assistente se adaptar a um emprego no Senado, provavelmente por causa de toda a formalidade, que chegava a ser absurda. Todavia, Greer sempre enfrentara os desafios à altura, e tinha afiado suas habilidades diplomáticas nos últimos meses.

– Devo recusar com polidez comum ou cortesia extra?

– Extra, acho. Honestidade merece cortesia. Bevicard é uma cobra, mas admite isso. – Leia balançou a cabeça, pesarosa. – É o máximo que se pode esperar de um centrista hoje em dia.

– Mas... – Korr Sella, filha de Sondiv e estagiária do gabinete, com apenas 16 anos, conteve-se e se encolheu. – Desculpe-me, princesa Leia. Eu me intrometi.

– Você vai descobrir que eu não me atenho a protocolos, Korrie. – Pelo canto do olho, Leia viu C-3PO girar o torso em sua direção, sem dúvida chocado ao pensar em qualquer um, em qualquer lugar, ignorando protocolos. – O que você ia dizer?

No início a garota pareceu tão abalada que Leia temeu tê-la colocado em uma posição desconfortável. Antes que ela pudesse retirar a questão, contudo, Korrie encontrou sua coragem.

– Eu ia dizer, a senhora não deveria aceitar o convite? Para ajudar a construir amizade e consenso entre centristas e populistas?

– Em uma galáxia ideal, sim. Infelizmente, essa não é a galáxia em que vivemos. – Leia soava tão desiludida que até sentiu desgosto de si mesma. Com mais gentileza, disse: – O convite foi simbólico, não genuíno. Se eu realmente aceitasse, Bevicard ficaria inconformado.

Korrie assentiu, mas sua expressão continuou desconfortável.

– Os dois partidos estão realmente tão distantes?

Leia reclinou-se na cadeira, esfregando o pescoço dolorido. Se Varish não fosse dar um banquete aquela noite, talvez ela conseguisse relaxar.

– Temo que estejam, sim.

– Ah.

Korrie abaixou a cabeça, mas não antes de Leia captar um vislumbre da confusão e consternação da menina.

Eu já fui jovem assim, um dia. Acreditei muito no poder do governo de realizar qualquer coisa. Leia se juntara ao Senado Imperial aos 14 anos; ela não desistira completamente do Estado de direito no Império até o momento em que viu Alderaan morrer diante de seus olhos. Como sinto falta daquela sensação de que a justiça sempre vence no final.

– Eu preparei uma declaração sobre a inauguração para enviarmos aos serviços jornalísticos planetários. Você pode dar uma olhada e me avisar que modificações gostaria de fazer, caso haja alguma. – Greer digitou no datapad, enviando o documento a Leia. Não havia nenhuma necessidade. Leia sabia exatamente o que ele diria, assim como sabia quais interpretações precisas e sutis os senadores centristas colocariam em suas próprias declarações. – Isso mais ou menos conclui nossos

assuntos para esta tarde, princesa Leia. A senhora tem mais uma hora antes do banquete da senadora Vicky. O que gostaria de fazer em seguida?

Leia havia encontrado a resposta para essa pergunta apenas alguns momentos antes.

– Eu quero desistir.

Korrie franziu a testa. Greer fez uma pausa antes de dizer:

– Desculpe, poderia repetir? Você quer desistir... de ter essa reunião, ou...

– Quero deixar o Senado. Deixar completamente o governo. – Uma sensação jubilosa,

desconhecida floresceu dentro de Leia. Talvez fosse assim a sensação de liberdade. – *Eu quero renunciar.*



Han disse:

– Essa eu tenho que escutar.

O uplink entre Hosnian Prime e o sistema Theron estava límpido naquela noite: sem estática, sem atrasos. Leia podia ver o rosto do marido claramente, e atrás dele, a ampla janela de seu alojamento temporário em Theron. Sua jaqueta cinza jazia sobre uma cadeira ali perto, e o líquido âmbar em um copo estreito sobre a mesa era, provavelmente, conhaque corelliano. Luzes pequenas e dardejantes no céu noturno atrás de Han eram, sem dúvida, pilotos de pod praticando entre as famosas formações rochosas em espiral daquele planeta.

Nada disso importava comparado à visão do sorriso de Han. A despeito do tom cético na voz dele, Leia reconheceu a luz em seus olhos.

– O Senado está se transformando em um atoleiro político. – Ela dobrou as pernas por baixo de si no sofá e começou a desmanchar a trança, um processo demorado que Leia sempre achava calmante. – E a culpa é toda nossa. Depois de Palpatine, ninguém queria ceder tanto poder a alguém de novo, então não temos um executivo, apenas um chanceler sem nenhuma autoridade real. Mon Mothma conseguia fazer as coisas puramente por meio de seu carisma, mas quase todos os chanceleres depois dela foram...

Han completou a frase para ela:

– Inúteis.

– Basicamente. – Na época, Leia ficara agradecida pela liderança de Mon Mothma, porém agora se dava conta de que a habilidade de um indivíduo havia escondido falhas fundamentais no sistema da Nova República. Se a ex-chanceler tivesse renunciado antes, será que teriam percebido seus erros? Alterado a constituição a tempo? A essa altura, era impossível saber. – O conflito entre os partidos piora a cada dia. A maioria dos centristas e populistas ainda é cordial entre si, mas por pouco. Qualquer debate na tribuna do Senado vira uma discussão interminável sobre o “tom” ou o “comportamento” e nunca envolve assuntos importantes...

Han continuou assentindo, mas seus olhos se tornaram vítreos. Naquele ponto do casamento, Leia já podia prever o nanossegundo em que a paciência de Han para qualquer coisa política se esgotaria.

Agora, finalmente, ela estava tão cansada do assunto quanto ele.

– Então por que eu não deveria desistir? – Leia soltou as últimas mechas de seu cabelo comprido, permitindo que ele caísse livre até a cintura. – Nada me impede de renunciar no meio de meu mandato. Eu poderia anunciar que estou saindo em algum momento das próximas semanas, o que me daria tempo para amarrar as pontas soltas antes que uma eleição interina fosse convocada. Greer já

concordou em esboçar um anúncio... bem, ela o chama de um anúncio “hipotético”. Ela não acredita que eu realmente vá seguir adiante com isso.

– Nem eu – disse Han, embora com gentileza. – Ouça, Leia, nunca entendi exatamente o que você vê na política, mas deve ver *algo*, porque você tem dedicado a ela sua vida inteira.

– Desde que eu tinha 14 anos. – Quando garota, Leia tinha ficado muito orgulhosa em representar Alderaan. Ansiara por sua chance de fazer algo com significado. Por que não tinha reservado mais tempo para simplesmente ser criança? Até princesas podiam se divertir às vezes. Sua mãe tentara lhe dizer isso algumas vezes, mas Leia nunca tinha escutado...

Han prosseguiu:

– Você já ficou de saco cheio do Senado antes. Eu já te ouvi reclamar de facções e impasses milhares de vezes. Mas desistir não parece coisa sua.

– Não estou desistindo. Estou apenas... encarando os fatos. – Leia suspirou enquanto pegava sua escova e começava a desembaraçar os poucos nós nas pontas do cabelo. Alguns fios prateados como o aço brilhavam em meio a seu cabelo castanho. – Não posso fazer isso para sempre, Han. Em algum momento, meu período no Senado tem que chegar ao fim. Por que não agora?

O rosto de Han ficou maior na tela conforme ele se inclinava adiante, talvez para estudar a expressão dela. Apesar de ainda parecer cético, ela podia ver que ele começara a brincar com a ideia em sua mente.

– Não leve isso no mau sentido, mas... o que você faria?

A pergunta era pertinente. Leia devotara tanto de sua vida à Rebelião e, em seguida, à Nova República que até ela mesma às vezes se perguntava se havia lhe sobrado alguma coisa.

Porém, é claro que havia.

– Estive pensando. – Ela fingiu matutar sobre a questão. – E se eu decidisse sair voando pela galáxia com algum canalha?

Han ergueu as sobrancelhas e apontou para o próprio peito.

Leia riu.

– A menos que você tenha outro canalha em mente.

– Ei, ei. Sou o único canalha à altura do serviço.

Ele balançou a cabeça... surpreso? Incrédulo? Leia não tinha certeza. O que mais importava era o carinho em seu sorriso. Mesmo que Han não estivesse convencido de que ela pretendia fazer isso, ele gostava da ideia.

Lá no fundo, bem enterrado em algum lugar que ela procurava ignorar, Leia temia que ele não gostasse muito da ideia.

Eles haviam frequentemente ficado separados durante seu casamento. Por tempo demais. A inquietação de Han tinha sido boa parte do motivo, mas ele não podia levar toda a culpa. Leia permanecera presa ali, atolada no lamaçal político. Agora ela podia finalmente fazer sua parte para

mudar as coisas entre eles.

– Você acha mesmo que gostaria da vida de piloto? – indagou Han. – Pulando por aí de um sistema para o outro, trabalhando em naves, sem nunca saber onde estará em seguida?

– Não soa muito diferente de ser um membro da Aliança Rebelde.

– Talvez não – cedeu Han, inclinando a cabeça. – Ainda assim, é uma vida bem maluca. Tem certeza de que está preparada?

Isso era um pouco de exagero. Han muitas vezes participava de corridas beneficentes, e era tão provável vê-lo patrocinando uma competição quanto correndo em uma. Ele viajara até Theron para supervisionar os renomados campeonatos conhecidos como Cinco Sabres, que testavam as habilidades dos pilotos em tudo, desde voos atmosféricos com caças até orientação no hiperespaço. Em outras palavras, Han Solo estava *garantindo que as regras fossem cumpridas*. Embora ele administrasse sua empresa de transporte de cargas a distância, era um proprietário muito mais vigilante e responsável do que gostava de transparecer. A vida que ele levava o fazia viajar por toda a galáxia, mas era bem diferente da existência perigosa de um contrabandista.

Comparado à estagnação no Senado? O mundo de Han soava como o *paraíso*.

– Liberdade e aventura. – Ela suspirou. – É. Estou preparada.

Han a observou por alguns momentos, e então começou a sorrir.

– Você sabe que, depois de três meses na mesma nave, nós vamos nos matar?

Leia debruçou-se para mais perto do terminal para que ele pudesse ver a travessura em seu sorriso.

– Mas esses três meses serão bem divertidos, não?

Ela começou a lembrar de uma viagem subglaz que haviam feito no começo do casamento, que começara com muitas discussões. Entretanto, todo aquele tempo sozinhos, sem ninguém para interrompê-los, havia eventualmente levado a distrações muito mais divertidas. Fazendo os cálculos, ela tinha uma certeza razoável de que aquelas distrações haviam levado diretamente, alguns meses depois, ao nascimento de Ben.

– Ah, nós vamos nos divertir. – Os dedos de Han roçaram a área perto da holocâmera, como se pudessem tocar o rosto dela. – Pode acreditar.

No dia seguinte, no Senado, Leia se flagrou relembrando o modo como Han dissera aquilo, revirando a cena em sua mente como uma jovem em devaneio. É claro que ela estava sendo ridícula, e raramente se distraía com tanta facilidade enquanto o Senado estava em sessão.

Por outro lado, o Senado discutia pouquíssima coisa que merecesse sua atenção naqueles dias.

Uma salva de aplausos vinda dos senadores centristas a trouxe de volta ao presente. Através do console em seu posto na câmara ampla, achatada e completamente enlouquecedora do Senado, ela podia ver imagens e hologramas de Ransolm Casterfo enquanto ele recebia os aplausos dos colegas com uma mesura, ignorando o silêncio estoico dos populistas. Leia mentalmente reviu as últimas

palavras que ele tinha dito... sim, ele estava reclamando sobre o número de oradores populistas na cerimônia de inauguração da estátua. Em outras palavras, ele dissera exatamente o mesmo que todos os outros senadores centristas haviam dito até o momento, embora com mais eloquência. Apesar de todo o aplauso, os centristas não estavam mais interessados ou envolvidos que os populistas; eles reagiam por hábito. Enquanto analisava a vasta câmara e todos os representantes de múltiplos mundos, Leia pensou que eles pareciam uma audiência de teatro lutando para suportar o último ato de uma peça entediante.

– Quantos oradores centristas já falaram? – ela murmurou para C-3PO, que ocasionalmente a acompanhava para registrar os procedimentos, não que houvesse muita coisa digna de registro.

– Dezessete, todos falando sobre irregularidades no protocolo durante a cerimônia de inauguração – disse C-3PO, com a alegria usual ao ser capaz de fornecer uma resposta precisa. Em seguida, ele voltou a cabeça dourada para ela e acrescentou, em um tom mais baixo: – Devo dizer, a atenção deles para esses pontos de etiqueta parece... excessiva.

Leia quase gemeu. C-3PO achava que eles estavam exagerando no protocolo? Isso era um péssimo sinal.

Ela tocou a telinha em seu pod que lhe mostraria a agenda do dia, depois se endireitou. Pelo menos uma vez, esperava-se que os senadores parassem de falar e ouvissem.

Os droides oradores entoaram ao mesmo tempo:

– Admitimos à tribuna da câmara Yendor de Ryloth, emissário do Senado.

Leia sentou-se ereta quando Yendor entrou. Alto para um Twi'lek, ele era certamente uma figura imponente com seu longo lekku azul pendendo da cabeça e descendo pelas costas de seu manto marrom escuro. Embora a tribuna do Senado estivesse a mais de cem metros à frente dela, Leia podia vê-lo bem graças às várias telas e aos holos que exibiam a imagem dele em seu console – algumas em ondas diferentes, para as espécies cujos olhos eram muito diferentes dos humanos. Ela conhecera Yendor superficialmente durante a guerra, quando ele servira como piloto de X-wing. Apesar de Leia duvidar de terem conversado mais do que duas dúzias de vezes, naquele momento a mera visão de alguém dos dias de batalha a alegrava.

– Aos estimados representantes do Senado Galáctico, saudações. – Yendor se apresentava alto e ereto, apesar de sua idade e do longo cajado que usava para se firmar. – A história de meu planeta de meu povo é bem conhecida. Por séculos, nós sofremos sob a opressão dos Hutts e seus empreendimentos criminosos. O domínio do Império dobrou nossas dificuldades. Apenas nas últimas décadas, na era da Nova República, nós conseguimos impor nossa independência e nosso próprio governo. Mesmo estando separados de vocês, nós os saudamos, e apreciamos a paz que a Nova República trouxe à galáxia.

Leia aplaudiu, assim como muitos outros – tanto populistas quanto centristas. Ryloth era um mundo independente, à parte da Nova República, e, assim, não declarava pertencer a nenhum dos

partidos. Além disso, os Hutts tinham conquistado o asco de todos.

Yendor abaixou a cabeça brevemente, agradecendo os aplausos antes de continuar.

– Agora, contudo, nossa independência está mais uma vez ameaçada. Os Hutts perderam muito de seu antigo poder, o que significa que outros estão chegando para preencher esse vazio. Desses, os mais perigosos são os cartéis comandados pelos Niktos.

– Os Niktos serviram aos Hutts por séculos – C-3PO disse a ela. Leia compreendia esse fato perfeitamente, mas não perdeu tempo interrompendo-o para afirmar isso. Ela conhecia o droide o suficiente para saber que ele continuaria falando, mesmo assim. – Eles nunca tiveram um governo próprio realmente independente. Na verdade, mal tiveram um mundo próprio.

Em seguida, o emissário Yendor afixou o tom do discurso.

– Entre as várias promessas feitas pela Nova República após a queda de Palpatine estava a de que o crime organizado nunca mais se tornaria uma força tão poderosa quanto foi durante a época do Império. Regulamentos financeiros e patrulhas extensas das rotas de transporte deveriam proteger Ryloth e todos os outros mundos da galáxia contra a corrupção criminosa em larga escala. Todavia, esses regulamentos são reforçados apenas esporadicamente, e as patrulhas ainda não se materializaram, apesar de mais de vinte anos terem se passado. Durante esse tempo, os cartéis recomeçaram a impor seu poder.

Leia sentiu vergonha por sua parte nisso e esperava que outros no Senado também sentissem. Ao ficar disputando as minúcias de quem reforçaria o quê, e quando, e como, o Senado novamente fracassara em considerar o quadro geral. Agora, o preço de sua inação estava sendo cobrado, e seriam os mundos menores e mais pobres, como Ryloth, que mais pagariam por ela.

– Um cartel em particular se tornou um risco para as rotas de transporte comerciais em nosso setor – prosseguiu Yendor. – Embora os dados que temos sejam incompletos, acreditamos que essa organização criminosa já rivaliza a de qualquer um dos Hutts mais poderosos no auge de sua influência. Sabemos apenas que nossos pilotos estão sendo atacados, nossos mercadores, extorquidos, e que o cartel é liderado por um Kajain’as’Nikto conhecido como Rinnrivin Di, baseado, ao menos em parte, no planeta Bastatha.

Murmúrios percorreram certos setores da câmara do Senado, vindos de ambos os partidos. *Mais de nós deveriam ter ouvido falar desse sujeito*, Leia deu-se conta, endireitando-se em seu assento. *Deveríamos ter sido alertados para um cartel desse tamanho há muito tempo. Porém, é claro que ninguém estava prestando atenção a nada realmente importante.* A frustração fez com que ela travasse os maxilares.

Yendor levantou a mão, ao mesmo tempo chamando a atenção deles e sinalizando o final de seu discurso.

– Hoje, o cartel de Rinnrivin representa um perigo ao futuro de Ryloth e ao livre-comércio em nossa parte da galáxia. Amanhã, contudo, ele pode ameaçar o Estado de direito em toda a Nova República, como os Hutts na Velha República e no Império. Portanto, eu peço ao Senado que

investigue o alcance e a influência do cartel de Rinnrivin Di, e tome as ações necessárias para restaurar a ordem, em nome dos Twi'leks de Ryloth, mas para o bem de todos nós.

O silêncio que se seguiu durou apenas alguns segundos... e então o Senado se dissolveu em uma imensa quantidade de conversas e muito pouca gente ouvindo. Senadores digitavam comandos em seus terminais e os droides classificadores, programados para exibir conceitos igualmente considerados pelos dois partidos piscavam enfoques diferentes nas telas principais.

Um Ottegado falou através de um codificador de voz que traduzia suas palavras em um padrão de fala humanoide:

– Como podemos ter certeza de que a informação do emissário é precisa?

O senador Giller, um ancião centrista portador de um belo bigode e que ainda usava suas medalhas de guerra todo dia, contrapôs:

– Também têm surgido rumores de empreendimentos criminosos por parte dos Twi'lek! Talvez isso seja apenas uma tentativa dos Twi'leks de nos forçar a eliminar seus rivais!

Lady Carise Sindian, com um arco incrustado de joias sobre sua cabeça disse:

– Senadores não são reles policiais planetários para serem enviados por aí em tarefas menores no cumprimento da lei. Devemos pensar na dignidade de nosso gabinete. Seremos reduzidos então a meros investigadores?

Varish Vicly respondeu, escovando sua pelagem dourada para trás:

– Essa é uma questão intrassistêmica. Mesmo que os mundos envolvidos pertencessem à Nova República, o que não é o caso de Ryloth e Bastatha, o Senado estaria extrapolando sua autoridade ao interferir no assunto.

Leia se pegou relembrando o fedor do palácio de Jabba, onde cada hálito cheirava a gordura e fumaça de meia dúzia de substâncias ilegais. Em sua mente, lampejou a memória angustiante de Han congelado em carbonita, sua careta de dor dura como pedra – o som estridente do riso daqueles que assistiam a Luke lutar por sua vida no antro do rancor – e o peso da coleira de metal apertada ao redor de seu pescoço.

No final das contas, ela odiava Jabba, o Hutt, quase tanto quanto odiava o imperador Palpatine. No entanto, sua aversão a Jabba tinha alcançado uma conclusão muito mais satisfatória.

Leia viu Yendor de Ryloth se apoiar no cajado e percebeu, com um choque, que ele estava muito mais cansado do que deixara transparecer. Ele fizera essa jornada através da galáxia para falar com um governo do qual a maioria dos Twi'leks ainda desconfiava, tudo na esperança de mudar algo para seu povo. E a melhor resposta que o Senado podia lhe dar era ainda mais disputas?

Um forte senso de propósito tomou conta de Leia conforme uma ideia se formava em sua mente. Talvez ela pudesse fazer uma última coisa boa antes de renunciar e deixar o governo para sempre.

Ela se levantou, um sinal aos droides moderadores de que um senador desejava com urgência subir à tribuna. Senadores não tinham permissão para usar demais esse privilégio, mas fazia meses que

Leia não o utilizava. Quase no mesmo instante, os holodroides flutuantes se apressaram até ela. Pelo canto do olho, ela conseguia se ver em seu longo vestido branco, com o cabelo começando a ficar grisalho preso em uma trança que descia pelas costas. Que aparência augusta e oficial ela exibia. Quão digna parecia. Ninguém teria nenhuma razão para esperar que ela dissesse algo que se desviasse da linha seguida pelo partido.

Assim, foi com grande satisfação que Leia proclamou:

– Honrados membros do Senado, é minha opinião que o emissário de Ryloth trouxe uma questão importante a nossa atenção, algo que demanda ser investigado. Portanto, eu me ofereço como voluntária para liderar pessoalmente essa investigação... e nessa posição, deixaremos Hosnian Prime e partiremos para Bastatha imediatamente.

O silêncio seguiu sua declaração – um que Leia esperava ter nascido do puro assombro. Quanto tempo havia se passado desde que alguém no Senado se levantara e se oferecera, de fato, a fazer algo útil?

Tempo demais, pensou ela. Mas droga, essa sensação é boa!



Leia sabia que sua proposta para liderar a missão a Bastatha era sensata, útil e direta.

Obviamente, o Senado não sabia o que fazer com ela.

– Nós não temos como garantir sua segurança, princesa Leia – disse lady Carise Sindian, a única senadora que chamava Leia por seu título real em vez do cargo para o qual fora eleita, enquanto estava na tribuna do Senado. – Não poderíamos colocá-la em risco.

– A senhora não tem fé nos soldados da Nova República, senadora Sindian? – Essa objeção veio, na verdade, de outro centrista, o senador Arbo, um dos cães de guerra de Coruscant. – A senadora Organa viajará com todo um esquadrão de guardas para protegê-la o tempo todo. Não duvide da habilidade ou da bravura deles!

Tai-Lin Garr balançou a cabeça.

– Não podemos esperar que a investigação da senadora Organa corra com tranquilidade se uma presença militar tão ampla a acompanhar. O povo de Bastatha consideraria isso uma intrusão, talvez até uma invasão.

Essa foi a primeira coisa útil dita por alguém desde que Leia se oferecera para a missão. Dado que o tom geral da conversa estava se voltando para como proteger sua viagem a Bastatha, em vez de se opor a ela, Leia começava a se sentir encorajada, apesar de tudo.

E se ela tivesse percebido o ânimo que lhe daria a mera ideia de estar em campo – a chance de trabalhar com pessoas comuns em vez de políticos, de avaliar uma situação por si mesma sem nenhum comitê no caminho –, ela teria pensado em alguma outra missão muito tempo atrás. A jornada a Bastatha seria o modo perfeito de terminar sua carreira no Senado: fazendo algo interessante e significativo, finalmente. Então ela poderia sair satisfeita de que ao menos conseguira realizar algo bom, tangível, antes de ir embora.

Quem sabe?, pensou ela. *Enfrentar um dos cartéis de especiarias – eu posso até acabar com algumas histórias para rivalizar com as de Han.* Ela já estava ansiosa para contar a ele sobre isso.

No entanto, lady Carise não tinha terminado de falar.

– Ainda permanece a questão do mérito desta missão. Como outros disseram aqui, temos apenas o testemunho do emissário de Ryloth para nos guiar. O que foi caracterizado como atividade criminosa pode não passar dos Niktos tentando reconstruir sua economia depois de escapar da influência dos Hutts. Além disso, e me perdoem, mas isso deve ser dito, tal investigação não poderia ser deixada nas mãos de apenas um senador populista. Apesar de a princesa Leia não ser uma rele seguidora de teorias da conspiração, alguns dos ocupantes dos assentos populistas estão determinados a ver o que há de pior em qualquer grande organização, seja governamental, militar ou econômica.

– Eu posso ser objetiva – começou Leia, mas sua voz foi encoberta quase de imediato. Protestos se levantaram dos senadores populistas, e Leia mal conteve um gemido. Agora seu próprio partido a impediria de ser ouvida.

A cabeça dourada de C-3PO ia de um lado para o outro enquanto ele tentava registrar todo o debate.

– Eu imaginaria que o Senado daria as boas-vindas a sua generosa oferta – disse ele. – Ah, céus.

– “Ah, céus”, de fato. – Leia manteve o queixo empinado, determinada a esperar a discussão terminar. Agora que ela provara da esperança de entrar em ação outra vez, não desistiria tão facilmente.

Um dos droides moderadores entoou:

– A tribuna está aberta ao senador Casterfo de Riosa.

Enquanto seu nome estava sendo anunciado, Ransolm Casterfo já se levantara para parecer mais impressionante aos holodroides. O manto de veludo verde-escuro que ele vestia demonstrava sua riqueza e seu privilégio. Leia se perguntou, amarga, se ele tinha escolhido a roupa para dar a impressão de ter vindo de um mundo mais poderoso e prestigiado do que Riosa, ou porque as cores combinavam com sua compleição. Havia um toque de celebridade nele... assim como ocorria com vários dos senadores mais jovens, para quem o governo tinha mais a ver com fama e influência do que com dever.

– Meus colegas senadores – proclamou Casterfo. Seu rosto estreito e aristocrático os olhava a partir das telas e holos; ele já dominara o truque político de parecer fazer contato visual com todo mundo ao mesmo tempo. – A senadora Sindian tocou em um ponto relevante. Esta deveria ser uma missão bipartidária. De fato, estou envergonhado em nome do meu próprio partido por um dos nossos não ter se voluntariado primeiro, porque, como centristas, nós valorizamos a lei e a ordem, não? – Murmúrios de concordância vieram de vários senadores centristas. Casterfo prosseguiu: – Não apenas existe a necessidade de uma perspectiva populista e também centrista sobre a questão dos cartéis Niktos, como também deveríamos ser mais generosos e não retribuir a coragem da estimada senadora Organa exigindo que ela faça tal jornada potencialmente perigosa sozinha.

Astuto, pensou Leia, com uma admiração relutante.

Casterfo continuou:

– Portanto, eu me ofereço para acompanhar a senadora Organa em sua missão a Bastatha. Nós trabalharemos juntos para apresentar um conjunto amplo e objetivo de conclusões ao Senado em nosso retorno.

A sensação no peito de Leia lembrava a de velejar em um barco com velas desfraldadas, apenas para ser parada de súbito por uma âncora. Sua última grande aventura tinha acabado de se transformar em um... serviço de babá.

– Eu sabia que era bom demais para ser verdade – resmungou.

– Desculpe, o que a senhora disse, princesa Leia? – C-3PO gesticulou para a imagem de Casterfo nos holos. – Eu não consegui registrar seu último comentário. Se a senhora quiser que ele esteja nos registros...

– Não importa, 3PO. Esqueça.

Leia ouviu outras vozes se erguerem para debater outros pontos do protocolo, mas conhecia o bastante do funcionamento do Senado para saber como isso tudo acabaria: ela iria para Bastatha, mas com Ransolm Casterfo a seu lado.

– Você poderia ter nos avisado que pretendia fazer isso – disse Greer no gabinete de Leia após a sessão.

– Eu teria avisado que me ofereceria como voluntária, se eu tivesse ideia de que faria isso.

– Então, você irá com a *Espelho Brilhante*? – O tom de Greer era casual enquanto trabalhava em seu datapad, mas não pôde disfarçar o sorrisinho em seus lábios carnudos.

– Eu vou responder à pergunta que você está realmente fazendo, e dizer que sim, Greer, você vai pilotar a nave. – Leia fez uma pausa. A missão de Bastatha possuía um pequeno, mas genuíno elemento de perigo. Essa poderia não ser uma viagem de lazer. – Se você tem certeza...

– Tenho certeza. – Greer abriu um sorriso amplo. Por mais que fosse boa em seus serviços de gabinete, ela não havia perdido por completo o amor à pilotagem. *Uma pena que Greer tenha precisado desistir das corridas*, pensou Leia, não pela primeira vez.

Em seguida, Leia teria que verificar se os registros visuais, sonoros e sensoriais da sessão do Senado daquele dia contidos em cada datapad estavam corretos, apenas mais uma camada da burocracia da Nova República que ela precisava resolver todos os dias.

– Vamos acabar com isso o mais rápido possível. Eu quero ir ao gabinete de Casterfo logo.

– Mas... – Korrie olhou de Leia para Greer e de volta para a princesa, com uma pilha de datapads nos braços. – Ele não deveria vir até a senhora?

– Deveria, sim! – C-3PO parecia deliciado por ter algo significativo com que contribuir. – O protocolo senatorial adequado exige que seja sempre o senador mais jovem a visitar o senador mais velho. Sem dúvida o senador Casterfo estará aqui logo cedo amanhã.

– Sem dúvida – concordou Leia. – E é por isso que eu vou ao seu gabinete antes que ele tenha a chance de ir embora por hoje. Quero que ele compreenda que nós não vamos manter o “protocolo” em nossa missão a Bastatha, e quero pegá-lo desprevenido.

Greer entendeu de imediato; ela sempre entendia.

– Ele ficará surpreso. Lisonjeado. Você terá uma oportunidade de ver o que ele diz e como age quando não tem um roteiro centrista a ser seguido.

– Exatamente. – Leia começou a verificar os datapads um após o outro: uma digital do polegar aqui, um escâner de retina ali. Korrie superou sua surpresa e manteve os datapads circulando com

rapidez. – Além do mais, dessa forma já podemos começar a fazer arranjos concretos para a viagem. Quanto antes eu sair de Hosnian Prime, melhor.

Ela fingiu não notar o olhar que Greer trocou com Korrie.

Antes que se passasse muito tempo, Leia conseguiu deixar seu gabinete e partir para o de Casterfo. Sob protestos de C-3PO, foi sozinha. Se ela não estivesse acompanhada de funcionários, podia, com razão, pedir para Casterfo também dispensar os seus. Avaliar o caráter de um sujeito era muito mais fácil se ele tivesse que responder a todas as perguntas ele mesmo, sem suas fontes de apoio.

O complexo senatorial em Hosnian Prime era uma estrutura vasta, abrigada em sua maior parte em um único prédio longo e achatado, com apenas um andar. Isso tinha sido feito para evitar qualquer noção de que gabinetes em torres mais altas seriam “mais prestigiosos” do que outros – o que pareceu fazer sentido na época –, mas significava que Leia teria que viajar por mais de um quilômetro para alcançar o gabinete de Casterfo. Ela subiu em uma das calçadas automatizadas, puxando seu capuz branco sobre a cabeça. Não que isso fosse evitar que qualquer um a reconhecesse, mas poderia dificultar o reconhecimento por tempo suficiente para evitar que ela fosse tragada por conversas inconsequentes que apenas desperdiçariam seu tempo.

Painéis amplos e transparentes revelavam grandes fatias do céu crepuscular lá no alto. Leia olhou de relance para a estátua de Bail Organa – de um branco frio na escuridão que se aproximava – enquanto passava por ela. Seu pai parecia observá-la passar. Numerosos cidadãos de vários mundos passeavam por ali, tanto nas calçadas móveis quanto ao redor delas: um grupo de Bothanos rosnava uns para os outros na frente da porta de um gabinete, um Gungan conversava animadamente pelo comlink em sua mão, e dois Wookiees muito à frente dela na calçada, sendo propelidos adiante, passavam pelas multidões de políticos, trabalhadores, lobistas e eleitores visitantes que enchiam perpetuamente o complexo. Apenas a visão dos Wookiees fez Leia sorrir.

Eu me pergunto como Chewbacca está. O velho parceiro Wookiee de seu marido havia se aquietado em uma vida doméstica pacífica em Kashyyyk. Por mais que fosse difícil para Leia visualizar Chewie contente em casa, ele permanecera lá por tanto tempo que ela tinha de concluir que ele estava gostando. *Han nunca me repassa os holos de Chewie; preciso arranjar tempo para fazer isso, e logo.*

O planeta Riosa era um esmaecido centro de manufatura na Orla Interior, ainda lutando para se reconstruir. Devido a essa situação, seu gabinete senatorial ficava na ponta mais distante de uma das alas do prédio. E assim se fora a suposta “igualdade” dos arranjos de gabinetes; o *status* podia ser esculpido de qualquer substância se as pessoas quisessem – e segundo a experiência de Leia, elas sempre queriam. Isso significava que quase ninguém a vira entrar no gabinete de Casterfo. Quando ela entrou, por um momento os funcionários dele simplesmente ficaram ali, atônitos.

– Presumo que o senador Casterfo ainda esteja aqui? – perguntou Leia, agradavelmente, cruzando as mãos diante de si dentro das amplas mangas brancas de sua túnica. – Podem perguntar a ele se tem tempo para se reunir com a senadora Organa?

Para crédito de Casterfo, ele se apressou a sair de seu escritório particular no mesmo instante.

– Senadora Organa? – Ele sorriu enquanto terminava de recolocar seu manto verde; pelo visto, já começara a relaxar dos trabalhos do dia. – Eu pretendia visitá-la amanhã cedo.

– Quando há trabalho a ser feito, por que adiar? – Leia devolveu o sorriso dele com o máximo de educação que conseguiu reunir.

– Minha opinião, exatamente. – Casterfo tinha o mesmo tipo de sotaque aristocrático que o grão-moff Tarkin, aquele que tantos oficiais mais antigos do Império fingiam ter, aquele de que ela zombara quando ela e Tarkin ficaram frente a frente. Ela tentou não permitir que isso a irritasse. – Por favor, entre e sente-se. Posso lhe oferecer chá? Água? Alguma coisa?

Leia dispensou as ofertas enquanto seguia Casterfo para seu escritório particular – e então parou, como se congelada no lugar.

Nas paredes do escritório de Casterfo pendiam artefatos do Império.

Um capacete de stormtrooper. A caixa preta do controle de um traje atmosférico de um piloto de TIE. Bandeiras e pôsteres do Império, das legiões individuais de stormtroopers, e um – desbotado, levemente rasgado, mas ainda causticante aos olhos de Leia – dedicado ao próprio Palpatine.

Uma coisa era ver tais itens em um museu... não que Leia algum dia fosse a uma exposição dessas, mas teria compreendido seu propósito histórico. Essa adulação, contudo, era grotesca.

– Senadora Organa? – Casterfo encarava Leia, de algum modo totalmente alheio à fonte do desconforto dela. – A senhora está bem? Parece pálida. Talvez devesse se sentar.

– Aqui? – Leia estendeu as mãos, gesticulando para o arranjo de artefatos cercado os dois. – No meio do seu altar às glórias do Império?

Casterfo sorriu. Como ele ousava sorrir?

– O que é isso, senadora. Não exagere. São relíquias históricas, nada mais.

Como se a guerra contra o Império tivesse acontecido milênios antes, não no espaço de uma geração. Leia se perguntou se Casterfo também pensava nela como uma relíquia histórica.

– O senhor se considera um colecionador, então. – O tom dela permaneceu frio, mas ela tomou um assento em uma das cadeiras. Conforme antecipara, Casterfo não foi se sentar atrás da escrivaninha, o que teria sido uma declaração de sua autoridade. Ele não queria insultá-la daquela forma, mas não sabia o que mais deveria fazer e, assim, ficou de pé diante dela, levemente perdido.

Porém, continuou ansioso em falar sobre seu hobby.

– Sim, exatamente. Eu era só um garotinho quando a guerra acabou. As aventuras que vocês devem ter tido! Quando eu olho ao redor para essas coisas, imagino as batalhas tão vividamente que me sinto como se tivesse estado lá.

Se Casterfo fosse *realmente* capaz de se imaginar nas grandes batalhas da guerra, não teria desfrutado da experiência. Leia sabia disso porque lidara com muitos ex-soldados da Rebelião traumatizados. Todavia, a animação inocente a acalmou um pouco. *Certo, ele não é um entusiasta da*

guerra. Só uma criança supercrescida que acha que perdeu toda a “empolgação”.

Ela nunca estivera tão próxima de Casterfo antes, e via agora que sua aparência polida não era totalmente perfeita. Seu cabelo cor de areia era, talvez, mantido um pouco comprido demais para poder esconder as orelhas, que se projetavam de modo um tanto brusco de seu rosto estreito. Porém, ele praticamente laqueava o cabelo para deixá-lo alisado, sem dúvida porque, sem isso, ele seria bem cacheado. Até a túnica esvoaçante tinha a provável intenção de disfarçar o quanto era magro. Antes, Leia vira a óbvia preocupação de Casterfo com sua aparência como vaidade; agora, percebia que era ao menos em parte uma vulnerabilidade, evidência de que Casterfo queria parecer mais velho do que era na realidade, mais próspero do que seu planeta. Ele queria estar no Senado e parecer fazer parte daquilo.

Sua opinião a respeito dele se abrandou... no segundo que levou para ele acrescentar:

– Além do mais, ainda que não possamos respeitar os métodos desses soldados, podemos ao menos honrar seu sonho.

– Sonho?

– O sonho do Império, é claro. – Casterfo sorriu como um homem se lembrando dos melhores dias de sua infância. – Se a galáxia pudesse ter se unido verdadeiramente sob um líder sábio e autoritário, um Império assim poderia ter resistido por mil anos, para rivalizar com a própria Velha República.

Leia se deu conta de que o encarava boquiaberta.

– Você queria que o Império ainda existisse?

– Não o Império que tivemos, liderado por um homem corrupto como Palpatine. Mas se o Império pudesse ter sido *reformado*, talvez, entregue a uma liderança melhor e mais responsável...

– Você quer dizer, se a Rebelião pudesse ter sido derrotada – disparou Leia. Sua fúria havia se aquecido além do ponto de contenção. – Eu sinto muito termos desapontado o senhor, senador Casterfo, quando lutamos e morremos para libertar a galáxia.

O rosto dele enrubescceu.

– Ah, não me entenda mal, por favor. Eu jamais desejaria que a Rebelião perdesse a guerra. Só queria que a guerra não tivesse sido necessária.

– O senhor acha que Palpatine era o único problema do Império? Pode reconsiderar. Esse tipo de estrutura de poder gera corrupção desde os níveis mais altos em Coruscant até os menores postos avançados em mundos de fronteira. Quando as pessoas com autoridade não precisam responder aos cidadãos da galáxia, o resultado é a tirania.

A consternação infantil de Casterfo havia esmaecido e era agora substituída por uma raiva tão mal disfarçada quanto a de Leia.

– Então a resposta é não dar o poder a ninguém? Para assegurar que nenhum mal possa ser feito por aqueles em posição de autoridade, nós garantimos que eles também não possam realizar nenhum bem?

– Que “bem” você acha que o Império tinha a oferecer?

– Muito pouco, me parece. Mas se a Velha República não fosse também cheia de falhas, Palpatine não teria chegado ao poder em primeiro lugar.

Isso fazia certo sentido, como Leia estava desconfortavelmente ciente. Ela ouvira muitas vezes as histórias de seu pai sobre os últimos dias da Velha República, e havia absorvido seus alertas sobre como a liberdade havia morrido. Casterfo, porém, jamais aprendera aquelas lições; ele só queria desculpar a ascensão do Império.

– Uma república pode ser alterada conforme necessário, porque permanece responsável perante seu povo.

– Um imperador sábio e justo também escutaria seu povo – insistiu Casterfo. – O único problema é que tivemos o imperador errado.

O único problema? Havia um limite na quantidade de estupidez que Leia podia tolerar em um dia só, e o limite havia sido alcançado. Ficou de pé.

– Não tenho tempo para uma conversa sobre política galáctica com alguém tão profundamente ignorante de suas implicações.

Casterfo se levantou, estendendo o corpo em sua considerável altura.

– Nem eu tenho tempo para discutir esses assuntos com alguém tão intolerante a outros pontos de vista.

A essa altura as têmporas de Leia latejavam, indicando a dor de cabeça que a raiva escavava dentro de seu crânio.

– Mandarei meu droide protocolar vir aqui amanhã para trocar detalhes sobre nossa viagem. – Ela não sonharia em forçar Greer ou Korrie a lidar com o sujeito nem um instante a mais do que o necessário. Além disso, C-3PO ficaria entusiasmado por ter algo a fazer. Leia nunca tinha estado mais agradecida por um droide protocolar. – Minha assistente pode cuidar de todos os outros detalhes da viagem. Não existe obrigação de vermos um ao outro de novo até a hora da partida, desde que, é claro, esteja tudo bem de sua parte.

Casterfo cruzou os braços.

– Acredite, acho esse arranjo um alívio imenso.

– O sentimento é mútuo.

Leia saiu do escritório dele, passando pelo grupo de funcionários que fingiam não ter escutado a discussão por trás da porta, e voltou aos corredores lá fora.

Quando pisou na calçada móvel, cobriu o rosto com uma das mãos. Seu temperamento a dominara com frequência na vida, mas pouca gente a enfurecera tão rapidamente quanto Ransolm Casterfo e sua coleção de “itens históricos”, que insultava tudo pelo que ela havia lutado. Em breve estaria presa a ele por dias, talvez até semanas – pelo tempo que levasse para chegar ao cerne da situação com os cartéis niktos em Bastatha.

Lá se ia uma excitante última missão. Parecia que seus últimos dias como senadora da Nova República seriam um grandessíssimo pé no saco.



Joph Seastriker tinha nascido e crescido no planeta Gatalenta, um mundo quente e tranquilo, famoso por seu chá, seus retiros de meditação e sua longa e erudita poesia. Os moradores dormiam ao som de sinos de vento e acordavam para agradecer aos sóis por se levantarem a cada dia. Gatalenta oferecia serenidade, silêncio e calma.

Joph saiu de Gatalenta o mais rápido que pôde, porque se sentia infernalmente entediado.

Desde que se conhecia por gente, Joph ansiava por agitação. Por aventura. Em sua classe, era sempre o mais ruidoso, o mais inquieto e o menos contente. Assim, suas mães placidamente aceitaram seu desejo de se juntar ao exército da Nova República. Talvez as coisas não fossem mais como nos velhos tempos, quando os pilotos podiam se tornar heróis, mas pelo menos Joph poderia voar com os melhores caças e viajar pela galáxia. Embora tivesse deixado Gatalenta e ido para a Academia apenas quatro anos antes, Joph às vezes sentia que havia vivido em seu planeta natal em uma outra vida. Ele não olhara para trás nem uma vez.

(Bem, às vezes ele sentia saudade dos sinos de vento. Mas só isso.)

Após a formatura, algumas semanas antes, ele fora designado para a equipe aérea de precisão; menos de uma semana atrás, estivera fazendo manobras aéreas durante a cerimônia de inauguração da estátua, sorrindo em triunfo enquanto fazia acrobacias por entre as nuvens. Naquele momento, parecia que isso era o melhor que seu serviço tinha a oferecer.

Entretanto, ele acabara de ser designado para escoltar uma missão senatorial – uma missão que penetraria o submundo criminoso, nada menos que isso. *Esse* era o tipo de aventura que ele sempre quisera.

Joph entrou com seu caça X-wing no hangar do Senado, girando-o bruscamente para aterrissar perto da nave que estava sendo carregada com suprimentos. De fato, a infograde no console lhe dizia que aquela era a *Espelho Brilhante*, a espaçonave pessoal da senadora Leia Organa. Ele ficou satisfeito em descobrir que era o único piloto de X-wing por ali; durante os últimos dias, suas ordens haviam mudado diversas vezes. Haviam lhe dito desde que faria parte de um esquadrão para acompanhar os senadores em sua missão até ser informado que não haveria nenhuma escolta militar. Pelo visto, houvera alguma disputa no alto escalão a respeito disso. Joph não sabia nem se importava com os detalhes.

O ar no hangar cheirava a borracha, graxa e solda. A distância, ele viu droides de manutenção de baixo escalão passando de nave em nave e faíscas voando de maçaricos de reparo. A *Espelho Brilhante* se destacava entre as outras naves como a lua supera o brilho das estrelas. Sua superfície era de um branco fulgurante, suas bordas curvas transmitiam seu status de nave civil.

Joph saiu da cabine com um sorriso no rosto. Enquanto suas botas ecoavam no asfalto, ele olhou de relance para a pessoa que presumiu ser a piloto da *Espelho Brilhante*, sentada em um caixote de armazenamento de costas para ele enquanto checava o material a ser embarcado. Seu macacão cinzento era destinado a civis, assim como o pesado xale de lã envolvendo seus ombros. O espesso cabelo preto pendia solto ao longo das costas, outra dica de que ela nunca fora do exército.

Mesmo assim, ela é sua copiloto por toda essa missão. Então seja legal, dê uma boa primeira impressão, e, pelo menos uma vez na vida, não se esforce demais, pensou Joph.

Quando ele se aproximou, ela o escutou e se virou.

Ela possuía um tipo de beleza que ia além do óbvio, que atingia a todos como uma imensa onda. Cabelos pretos lustrosos, lábios carnudos, pele de um cobre profundo...

Porém, o fascínio que o invadira logo murchou. Aquela mulher estava tão distante de suas possibilidades que para Joph até uma paixão era impossível. Teria sido como se apaixonar por um pôr do sol.

Ele relaxou e se adiantou com um sorriso.

– Tenente Joph Seastriker. Sou a sua escolta para esta missão.

Ela franziu a testa.

– Você é Seastriker?

A incredulidade já era familiar para Joph; toda vez ele prometia não ficar na defensiva quando duvidavam dele, mas era difícil resistir.

– Você pode conferir minha identificação e tudo. Se está pensando que eu sou baixo demais, bem, eu estou 1,5 milímetro acima da altura mínima segundo o regulamento.

– Um e meio – repetiu ela, e ele sentiu-se encolher.

Joph sempre aumentava meio milímetro. Ele *odiava* quando as pessoas achavam que ele era um mecânico. Contudo, o sorriso dela era carinhoso, não zombeteiro, e ela estendeu a mão.

– Sou Greer Sonnel, assistente da senadora e piloto da *Espelho Brilhante*. Fico feliz por ter a sua companhia.

Uma funcionária política e piloto? Aquela parecia uma combinação estranha. Porém, antes que Joph pudesse perguntar, Greer prosseguiu:

– Se me perguntassem, eu diria que deveríamos levar mais dois caças. Bastatha não é um lugar para gente que segue a lei.

– Você já esteve lá?

– Não, mas trabalhei com pilotos que já estiveram. Todos os espaçoportos do submundo são potencialmente perigosos. Bastatha não é um dos piores, mas temos que ter cuidado. – Greer afagou o nariz da *Espelho Brilhante*. – Ao menos fizemos algumas customizações que devem permitir que ela dê conta do recado se encontrarmos algum problema.

Joph percebeu que o formato pouco convencional em W da *Espelho Brilhante* permitia que estações

de armamentos se escondessem nos cantinhos, discretas e quase invisíveis. Enquanto as naves mais comuns não possuíam armas, exceto talvez um escudo defensor, essa podia provavelmente se segurar em uma troca de tiros.

– Então a senadora acredita em negociações pacíficas, hein?

Os lábios cheios de Greer se curvaram em um sorriso.

– Digamos apenas que ela acredita em estar preparada. O marido dela e eu instalamos essas armas alguns anos atrás, quando eu comecei a trabalhar para ele.

– ... o marido dela? – *Fique calmo. Não tenha um troço. Não diga o nome Han Solo a menos que tenha certeza absoluta de que a sua voz não vai rachar.* – Você, hum, conhece o capitão Solo?

– Eu venci a competição Sabres Júnior há alguns anos. – Greer passou o peso do corpo de um pé para o outro. – História antiga.

Qualquer um bom o bastante para vencer uma corrida Sabres, mesmo no nível júnior, sabia o que estava fazendo. Joph queria se sentir impressionado, mas seu sentimento era de intensa inveja. Enquanto ele fazia provas na Academia, ela estava vencendo corridas, voando com *Han Solo*, e tendo todas as aventuras que lhe haviam sido negadas. Não que excitação fosse um recurso finito de que algumas pessoas abusavam antes que outras pudessem se divertir um pouco, mas mesmo assim.

Eu vou ter a minha chance, ele lembrou a si mesmo. Pelo jeito, Bastatha podia fornecer uma abundância de oportunidades para ação.

– Bom dia. – A senadora Organa atravessava o hangar caminhando, embora Joph tivesse levado um momento para reconhecê-la; em vez da túnica formal dos senadores, ela vestia uma túnica simples de cor creme e calças, e seu cabelo estava preso em uma trança que descia pelas costas. – Como ela está, Greer?

– Pronta para voar quando você der a ordem – prometeu Greer. – E nossa escolta X-wing acabou de chegar. Senadora, este é o tenente Joph Seastriker. Joph, esta é a senadora Leia Organa.

– É um prazer conhecê-la, madame. – Espere. Aquilo estava correto? – Digo, senadora. Ou, hum, princesa... não, vossa alteza!

Um droide protocolar dourado caminhando atrás deles disse:

– Na primeira referência, senadora ou vossa alteza. Senhora ou princesa Leia são aceitáveis depois disso.

– Este é o 3PO – disse a princesa Leia, com um olhar para o céu e balançando a cabeça. Para uma lendária heroína de guerra, ela parecia ser bastante pé no chão. – Não se preocupe. Ele vai lhe contar mais sobre etiqueta do que você algum dia quis saber; 3PO se preocupa com isso para que eu não precise me preocupar. E essa é nossa estagiária, Korr Sella.

Korr devia ter no máximo 16 anos, o que significava que Joph não era o mais jovem na missão. Comparado a ela, ele tinha experiência. Era até sofisticado. Ele já se sentia mais confiante, e a missão parecia promissora, até que uma voz masculina disse:

– Estamos prontos para a partida?

Todos se retesaram. Joph se virou e viu um sujeito alto, pálido e magro caminhando na direção deles em um manto de veludo azul que seria mais apropriado à tribuna do Senado ou em um casamento, mas absurdamente elegante para uma baía de hangar.

– Quase prontos, senador Casterfo! – respondeu C-3PO, alegre. – O senhor chegou bem na hora.

Casterfo parou de súbito, aparentemente espantado ao ver todos em trajes padrão de jóqueis espaciais. Embora a princesa Leia sorrisse para Casterfo, era o tipo de sorriso que batia com mais força do que um soco. Korr mordeu o lábio inferior e o suspiro de Greer claramente significava algo como *Ah, rapaz, aqui vamos nós*. Joph quase podia sentir pena do sujeito, se Casterfo não estivesse tão obviamente apaixonado por si mesmo.

– Bem. – O senador Casterfo parecia não saber mais o que dizer para as pessoas ao seu redor, muito mais à vontade que ele. – Direi aos meus droides para carregarem meus baús a bordo.

– Por favor, faça isso. – E com isso, a princesa Leia entrou na *Espelho Brilhante*, fosse para checar as coisas antes da partida ou para evitar Casterfo pelo máximo de tempo possível. Provavelmente ambos.

Assim que todos os figurões se afastaram, Joph resmungou:

– É a minha imaginação, ou a temperatura aqui acabou de ficar congelante?

Greer olhou para ele de soslaio.

– Digamos assim: você vai ter uma viagem muito mais confortável naquele X-wing do que nós aqui na *Espelho Brilhante*. Porque só vai ficar ainda mais frio daqui por diante.

Leia permaneceu na cabine o máximo que pôde durante a viagem até Bastatha, utilizando as primeiras horas para tirar uma soneca rápida e, em seguida, enviar outro comunicado para Luke e Ben. (Só a Força sabia quando eles ouviriam a mensagem. A última mensagem de Luke para ela tinha sido há algum tempo, e chegara muito corrompida pela interferência da radiação; seja lá onde eles estivessem na galáxia, estavam sem comunicação no momento.) Só no final da viagem ela começou a se preparar para a visita diplomática. Seu vestido de uma rica cor vinho era bordado em azul e prata nas extremidades, e ela ornamentara sua longa trança com grampos foscos de estanho incrustados com pedras pequenas e cintilantes. Eram mais vistosos que valiosos, mas, em um lugar como Bastatha, onde o estilo era forçado a tomar o lugar da substância, um pouco de teatro rendia muito.

Quando não tinha mais como procrastinar, Leia emergiu de sua cabine determinada a encarar Casterfo tão calmamente quanto possível, mas não o viu em lugar algum. Da cabine de comando, Greer avisou:

– Ele desistiu alguns minutos atrás.

– Ah, é? – Leia entrou na cabine de comando. Greer estava sentada diante dos controles principais, mas havia uma poltrona para um copiloto ou atirador auxiliar, atualmente desocupada. Quando Leia se afundou ali, viu as ondas azuis estranhas e deformadas do hiperespaço na frente

delas, atraentes e ameaçadoras ao mesmo tempo. – O que ele disse?

Greer deu de ombros.

– Tentou puxar assunto com Korrie até ela inventar uma desculpa sobre revisar seu trabalho. Aí ele conversou comigo um tempinho sobre corridas, e ele realmente sabe das coisas nessa área, então, temos que lhe dar alguns pontos por isso.

Leia não pôde evitar uma risada.

– Você perdoaria qualquer um que tivesse um cruzador rápido o bastante, não, Greer?

– Ou qualquer um que apostasse nas equipes certas.

O sorriso de Greer a fazia parecer ainda mais jovem, e lembrava o fiapo de menina que ela era quando Leia a conhecera. Han havia colocado inúmeros jovens pilotos sob suas asas em todos aqueles anos, vários dos quais ainda eram próximos a eles.

Sua disposição de assumir o papel de mentor foi uma das primeiras coisas que ela notara em Han Solo, anos atrás – bem, uma das primeiras coisas de que ela *gostara* nele. Por mais que reclamasse dos “fazendeiros”, Han tinha se dedicado a Luke nos dias que se seguiram à destruição da primeira Estrela da Morte. Leia observara enquanto Luke lentamente superava seu luto por Obi-Wan Kenobi e seus tios, ao mesmo tempo em que aprendia sobre artilharia, reparos de naves e incontáveis outras coisas com Han. O sarcasmo e humor que Han usava disfarçavam sua preocupação com Luke, e até mesmo Leia levou um tempo para perceber que Han também estava cuidando dela.

Han era igualmente comprometido com sua atual safra de jovens pilotos. Leia queria acreditar que essa dedicação se devia ao mesmo impulso que o levava a fazer amizade com Luke. Isso provavelmente era verdade em algum nível. No entanto, Han também ensinava a esses jovens as mesmas lições que queria ensinar a seu filho.

O som de passos fez Leia se virar a tempo de ver Casterfo recuando para a área de convivência principal. Seu casaco de veludo tinha se amarrotado um pouco durante a jornada no hiperespaço, mas ele aprumou sua postura com tanta dignidade quanto conseguiu reunir.

– Presumo que estejamos nos aproximando do sistema Bastatha, não?

– Ainda não. – Greer não desviou o olhar de seus controles. – Mas serão só mais alguns minutos.

Leia se levantou e passou por Casterfo para poder se servir de um pouco de chá gatalentano da despensa da *Espelho Brilhante*. Enquanto se ocupava da preparação, ela disse:

– Espero que suas acomodações estejam confortáveis, senador Casterfo.

Ela presumia que ele respondesse no mesmo tom formal, rígido, mal contido nas fronteiras da cortesia. Em vez disso, Casterfo colocou-se ao lado dela, onde era impossível não olhar para ele.

– Senadora Organa, eu entendo que nossa conferência inicial foi malsucedida, em grande parte devido à minha própria falta de tato. Minha conversa era de natureza mais teórica... filosófica...

Que filosofia é essa, que leva você a idolatrar o Império?, pensou Leia, mas não disse. O homem estava tentando ser educado, e ela podia ao menos respeitar o esforço. Eles tinham um trabalho a fazer em

Bastatha, algo potencialmente importante; não fazia sentido deixar que a política repugnante de Casterfo interferisse.

–... e em meu entusiasmo pelo conceito de monarquia, eu fracassei em levar suas experiências pessoais em consideração – prosseguiu ele. – Ambos dissemos coisas imprudentes, mas sua razão para falar com tanto ímpeto era muito mais escusável do que a minha. Posso apenas esperar que a senhora me perdoe.

Leia tinha sido diplomata por tempo demais para não reconhecer um bom pedido de perdão quando escutava um.

– Eu compreendo, senador Casterfo. Por favor, não se preocupe mais com isso. O passado ficou para trás, e nós temos trabalho a fazer.

– Meu pensamento, precisamente. – Casterfo endireitou o colarinho de seu manto enquanto tornava a se aprumar, exibindo toda sua altura. Qualquer senso de humildade a que tivesse apelado já havia se dissolvido. – Avante, para Bastatha.



A superfície planetária de Bastatha era superaquecida pela estrela gigante que era seu sol, inabitável exceto pelas bactérias mais resistentes e os droides mineradores mais robustos. Enquanto a *Espelho Brilhante* deslizava pelo nebuloso céu dourado, uma trilha se formava nas nuvens de enxofre e metano que borbulhavam dos vales.

Em Bastatha, o submundo era *literalmente* debaixo da terra.

Leia observou a *Espelho Brilhante* mergulhar rumo à superfície do planeta, agilmente virando-se de lado bem a tempo de entrar em uma fenda estreita que se transformou em uma caverna. O X-wing de Joph Seastriker seguiu logo atrás, mantendo-se próximo apesar das numerosas estalagmites e estalactites que agora rompiam o espaço apertado que eles deviam atravessar. Os débeis raios da luz do sol vindos do alto logo esmaeceram no nada, e o ar desanuviou-se em algo que humanos podiam respirar. Greer reduziu a velocidade quando começaram a navegar utilizando apenas os instrumentos e faróis.

Finalmente, eles alcançaram a plataforma onde as “autoridades municipais” esperavam por eles – um oásis de luz no meio da escuridão pétrea. Leia ajeitou seu cabelo enquanto Greer preparava a *Espelho Brilhante* para a aterrissagem.

– Deixe que eu falo.

Casterfo não ficou mais contente com isso do que ela tinha previsto.

– As autoridades locais desejarão ouvir nós dois, sem dúvida.

– As autoridades locais não passam de fantoches. Elas fazem o que os líderes do cartel mandarem. Nosso trabalho é revelar pouco e não prometer nada. – Leia arqueou uma sobrancelha. – Entendido?

– Perfeitamente. – Casterfo fungou. – Se em algum momento encontrarmos algo na galáxia que a senhora não souber de antemão, por favor, me avise. Eu gostaria de registrar o evento para a posteridade.

Ele realmente falou o que eu acho...

Antes que Leia pudesse perder a paciência, C-3PO interrompeu.

– Ah, senhor, não precisa se preocupar! Eu estou programado para registrar todas as conversas essenciais, e como vocês sabem, sou fluente em quase 7 milhões de formas de comunicação...

– Sim, nós sabemos. – Leia gesticulou para silenciar o droide, depois forçou-se a retornar à diplomacia. Casterfo não gostava dela mais do que ela gostava dele; isso era justo. Se ele simplesmente tivesse o bom senso de se calar e deixar que ela cuidasse disso, ambos ficariam bem.

Os magistrados – ambos Niktos – praticamente se desdoblaram para dar as boas-vindas aos enviados da Nova República.

– Que honra – disse o magistrado Tosta, com uma das mãos sobre o peito. – Conhecer a famosa princesa Leia Organa em pessoa!

– E é claro que também estamos muito felizes em conhecer o senador Casterfo – sibilou o magistrado Xun. – Tão novo no Senado, e todavia já tão respeitado.

Tanta adulação se aplicava a todos, e eles até insistiram em convidar também os funcionários e pilotos para o jantar. Todos aceitaram, exceto Greer, que insistiu tanto em ficar com as naves que parecia que era isso o que ela realmente queria, e não que essa decisão fosse fruto de uma ordem cautelosa de Leia. Eles partiram – Leia e Casterfo na frente, com Korrie e Joph logo atrás – sob um coro de elogios de Tosta e Xun à Nova República, ao histórico de guerra de Leia, aos trajes de todos, e assim por diante. Até C-3PO recebeu seu quinhão de lisonjas. Um droide tão unicamente sofisticado. Ele estava mesmo há tanto tempo com ela? *Extraordinário*.

Por sorte, C-3PO era o único membro da equipe que realmente se importava com elogios. O resto deles continuou nos trilhos enquanto eram guiados cada vez mais para o fundo das cavernas de Bastatha. Tanto os negócios quanto a vida pessoal eram conduzidos no interior desses enormes túneis de pedra, a maioria deles escavado até parecerem alçar em arcos e vãos majestosos. As cores naturais da rocha haviam sido polidas até reluzirem em nuvens mosqueadas de preto, vermelho e todos os tons de cinza. O ar passava pelos túneis em sopros e lufadas erráticas, às vezes erguendo a barra da longa túnica de Leia, mas, em sua maior parte, soprando no alto.

Onde ele carrega o som, pensou ela. De outro modo, cada palavra dita ali ecoaria. Seriam as estranhas correntes de ar de Bastatha realmente ingovernáveis pela moderna tecnologia climática? Ela duvidava. Não, este lugar era projetado para manter seus segredos.

– Preparamos uma mesa para todos vocês em nosso maior estabelecimento – bajulou Tosta, cuja túnica chamativa de bordas douradas superava até mesmo as melhores de Casterfo. – Entre os esplendores da vida noturna pela qual Bastatha está ficando famosa.

O que significa que Rinnrivin Di não quer que nenhum de vocês tenha chance de conversar com a delegação senatorial em particular, pensou Leia.

– Sim, vocês estão posicionando esse mundo como um resort, não é?

– O mercado de apostas e jogos nesta região foi monopolizado por incivilizados durante muito tempo – interveio Xun. – Nós podemos oferecer uma experiência muito mais sofisticada aqui.

Podiam, de fato. O grupo de Leia foi conduzido através de portas gigantescas que dividiam o túnel – uma divisão arbitrária, mas efetiva, entre o que era considerado “exterior” e o “interior”. Placas cintilantes de metal subiam em espiral ao longo das colunas ricamente esculpidas que pareciam segurar o teto, 50 metros acima deles. Cerca de mil visitantes repousavam nas longas mesas ovais, alguns deles apenas comendo ou bebendo, mas a maioria jogando. Os droides crupiês estavam uniformizados em folhas de cobre brilhante e lembravam mais ornamentos do que ferramentas enquanto distribuía cartas, giravam roletas e anunciavam os vencedores e perdedores.

– E aqui estamos. – Tosta estendeu as mãos escamosas para apresentar a mesa deles, localizada quase no meio do salão de apostas. – Temos até hidromel de Riosa, em honra ao senador Casterfo.

Leia aceitou seu copo sem dizer nada. Ela gostava de hidromel, mas não conseguiria desfrutar do sabor adocicado enquanto Casterfo se pavoneava ante a lisonja dos Niktos.

– Estamos aqui apenas para comer – disse ela –, ou poderemos aproveitar o melhor de Bastatha?

Os Niktos ficaram imóveis, em óbvia confusão. Xun começou a dizer:

– Senadora Organa... Mil perdões, mas se os arranjos não estão a seu gosto...

– Seus arranjos estão esplêndidos. – Ela sorriu calorosamente antes de gesticular para os jogos de azar ali perto. – Mas depois de nossa refeição, teremos permissão para jogar?

De imediato os dois Niktos se animaram. Tosta disse:

– Mas é claro! Que jogo seria do agrado da nobre senadora?

– Sabacc, se vocês não se importarem.

Os sorrisos deles se afiaram, sinal evidente de que esperavam ganhar dinheiro muito em breve. Sabacc era notoriamente complicado, e as chances estavam sempre a favor da casa.

No entanto, poucos jogadores de sabacc tinham aprendido o jogo com Han Solo e Lando Calrissian.

– Honestamente – sussurrou Casterfo ao se inclinar para mais perto de Leia. – É esse o tipo de exemplo que deveríamos dar como representantes do Senado?

– Essas pessoas não respeitam o decoro. Elas respeitam esperteza. – Leia lançou-lhe um olhar de esguelha. – Além do mais, se você está tão preocupado em dar um bom exemplo, talvez não devesse passar tanto tempo olhando para a galeria superior.

Acima deles, em uma ampla sacada, passeavam pessoas de uma dúzia de espécies e ao menos quatro gêneros diferentes que Leia tinha identificado até o momento, todas em roupas sumárias.

– Eu não estava... Eu não pretendia... – A pele pálida de Casterfo ficou corada. – Os convidados parecem determinados a chamar nossa atenção.

– É claro. Isso é porque eles não são convidados. Eu arriscaria dizer que o cassino se refere a eles como empreendedores independentes. – Leia teve o prazer de observar o rosto de Casterfo enquanto ele se dava conta de que estivera encarando acompanhantes pagos – e sem nenhuma intenção de pagar, o que era rude em qualquer planeta. Ele afundou de volta em sua cadeira, obviamente preso entre o embaraço e um ressentimento mal disfarçado.

O banquete em si foi agradável, com comidas populares de diversos mundos, tudo preparado com esmero. Leia manteve uma conversa educada sobre “desenvolvimento econômico” com seus anfitriões Niktos, prestando mais atenção ao que eles não diziam do que ao que falavam. Por exemplo, Tosta e Xun falavam com frequência de “investidores” sem nunca identificar quem eles poderiam ser ou quais os seus principais interesses econômicos. Eles elogiaram a Nova República em termos que podiam ser entendidos como lisonjeiros para um populista – “respeito pelos mundos independentes”, “uma

abordagem menos controladora”, e daí por diante – mas que eram quase insultantes para Casterfo, que claramente não tinha certeza de como um bom centrista deveria responder. É claro, os Niktos não estava efetivamente declarando aliança a um partido; apenas não queriam ninguém interferindo em seus negócios.

Os olhos de Leia absorveram ainda mais informação que seus ouvidos. Uma parte desses dados era meramente divertida – por exemplo, a visão de Joph Seastriker, com seu corte de cabelo militar, se esforçando muito para passar uma aparência de adulto e experiente, quando realmente parecia tão jovem e brilhante quanto uma flor do campo. Enquanto isso, Korrie falava com habilidade, atravessando as cortesias habituais ao mesmo tempo em que tentava se recordar de cada palavra. Se Greer estivesse ali, sua mente ligeira seria capaz de repetir as conversas quase tão precisamente quanto C-3PO. Greer, no entanto, vinha ensinando a Korrie todos os seus melhores truques, e parecia que Korrie estava aprendendo rápido. Casterfo fez questão de elogiar a comida, os arranjos, tudo – e Leia reparou que ele atraía olhares mesmo sem tentar abertamente. Este não era o mesmo tipo de fascínio que ela sabia exercer, o tipo que causava murmúrios: *princesa Leia, a Rebelião, a senadora, a princesa*, e assim por diante. Ransolm Casterfo não era tão famoso, ao menos, não ainda. Porém sua boa aparência e juventude, combinadas com seu poder e sua prosperidade evidentes, lhe davam um lustro que poucos podiam negar. A maioria da atenção concentrada nele era mera curiosidade, apesar de que, para várias pessoas, o interesse claramente envolvia também certa atração.

Leia sorriu ao imaginar Casterfo como uma bugiganga brilhante que ela podia pendurar diante da multidão... a distração perfeita.

Ela reparou especialmente em uma mesa de humanos próxima. Nenhum deles jogava cartas; embora segurassem bebidas, pareciam estar tomando seus drinques bem lentamente. Aquele não era um grupo de jogadores, nem gente procurando diversão. Eram quietos. Observadores. Curiosos. Leia focou sua atenção em uma mulher mais velha, com talvez dez ou quinze anos a mais que ela própria, cujo cabelo longo, escuro e cacheado exibia ousadas faixas prateadas. Seu rosto mostrava o impacto de pequenas cicatrizes que ela não se incomodara em mandar curar – talvez tivesse estado na guerra. Apesar de falar pouco, apenas por sua linguagem corporal ela proclamava estar no comando. Seus olhos escuros analisavam o salão com frequência, de um lado para o outro e de volta, tão inexoravelmente quanto um sensor de segurança.

Nem uma vez seu olhar se demorou sobre Leia ou Casterfo. Eles poderiam muito bem ser objetos inanimados. E foi exatamente essa ausência de atenção – ou a aparência dela – que alertou Leia. Qualquer outra pessoa ao menos notaria a súbita chegada de uma missão senatorial ao centro do salão. A impassibilidade dessa mulher era uma pista de que ela, em troca, queria não ser notada.

Quem era? E por que era tão importante para ela permanecer não vista?

Assim, depois da refeição, quando o droide crupiê se ofereceu para começar uma partida de sabacc em sua mesa, Leia balançou a cabeça, negando.

– Não há o suficiente em jogo para uma partida realmente empolgante. Se você puder me dirigir a uma das mesas maiores...

– Senadora Organa. – Casterfo inclinou-se para perto dela, horrorizado. – No que a senhora está pensando?

– Estou pensando que gostaria de jogar um pouco de baralho.

– Esses são profissionais. A senhora percebe que, se perder para eles, podem tentar usar seus débitos para obter favores ou propinas políticas?

Leia deu tapinhas amistosos no braço de Casterfo.

– Relaxe.

Ele não relaxou, apesar de – duas horas mais tarde – suas reclamações terem mudado completamente de direção. Casterfo debruçou por cima do ombro dela sobre a mesa de jogo, esmagado mais para perto pelas multidões que tinham vindo assistir.

– Eles acham que você está trapaceando.

– Duvido. – Leia jogou uma carta no campo de interferência, uma coluna octogonal iridescente de energia no centro da mesa de apostas. Ao redor dela agora se agrupavam os únicos jogadores que restavam: um humano com pele escura e testa franzida, um Lonerano que ficava afastando sua pelagem dos olhos, como se melhorar sua visão das cartas também pudesse melhorar as cartas que tinha recebido e uma Toydariana azul-escuro de focinho longo que se demorava intermitentemente na ponta da mesa. Diante de Leia empilhava-se uma boa parte de seus ganhos até o momento.

Contudo, ela já empurrara muito desses lucros no monte de apostas para aquela partida, e estava tentada a empurrar o resto também. – Por que eles pensariam que eu estou trapaceando, Casterfo? Você mesmo disse, eles são profissionais. Sabem que estou me dando bem.

– Sua maré de sorte parece ir além do acaso – disse Casterfo, empertigado.

– Não é sorte. São as probabilidades.

Han e Lando haviam, ambos, ensinado a ela a probabilidade de cada carta aparecer. O truque era brincar com essas probabilidades e nunca, jamais se desviar delas no calor da emoção. Apesar de toda a excitação que a cercava – os oficiais Niktos contentes porque a senadora estava se divertindo, Joph e Korrie rindo, deliciados –, Leia manteve a calma.

O randomizador piscou, mudando de novo as cartas em suas mãos. Os olhos dela se arregalaram quando reconheceu a última carta de que precisava e ela apertou o controle.

– Bati.

Imediatamente, todas as mãos foram exibidas. A do Lonerano, com apenas 16 pontos, mal merecia consideração. Tanto a Toydariana como o outro humano, entretanto, tinham 19 pontos. A mão de Leia mostrava o ás de moedas e o ás de sabres – 30 pontos e muito acima do máximo –, mas ali, cintilando no campo de interferência, estava a estrela, com valor de 10 negativo.

– Vinte pontos! – Joph começou a aplaudir, e outros o acompanharam. – A senhora ganhou de

novo!

O crupiê empurrou ainda mais fichas para Leia enquanto a multidão murmurava e aplaudia. Em vez de reclamar as fichas para si, Leia anunciou:

– Essas não são para mim. São para todo mundo. Eu gostaria de pagar um drinque para cada um dos seres aqui presentes!

Um aplauso selvagem se seguiu ao anúncio, e imediatamente os droides começaram a sair, as bandejas cheias de copos altos com algo verde que soltava anéis de fumaça.

– Eu deveria esperar por isso. – Casterfo cruzou os braços na frente do peito. – Um truque barato para conquistar a multidão.

– Nem tão barato assim. – Leia observou enquanto sua pilha de ganhos começava a diminuir; os drinks em Bastatha eram da mais alta qualidade e, portanto, tinham os mais altos preços. Mas era exatamente para isso que ela tinha ganhado o dinheiro.

– Muito bem, senhora – disse Korrie, com seu copo de substância verde já nas mãos. – A senhora gostaria de um cálculo de suas perdas e ganhos? Não que haja muitas perdas para marcar...

– Não, tudo bem, Korrie. Divirta-se, mas tenha cuidado. Isso é muito mais forte que o hidromel de Riosa. – Leia voltou sua atenção para um dos droides garçons, um que parecia sofisticado o bastante para responder perguntas. – Todos estão gostando de suas bebidas?

– Substâncias inebriantes de graça estão entre os presentes mais apreciados por formas conscientes de vida biológica – retrucou o droide.

Leia disse, casualmente:

– E eles, ali? O pessoal que acaba de receber seus drinks, bem à nossa frente?

A mesa à frente dela era a da mulher de olhos escuros que Leia vira antes. Embora não tivessem reagido à vitória de Leia, essa mulher e seus companheiros aceitaram seus drinks rápida e silenciosamente – tentando evitar a atenção que estavam recebendo naquele momento.

– O grupo de Daxam IV não registrou nenhuma reclamação durante essa visita a Bastatha, senhora.

Daxam IV. Leia catalogou mentalmente aquele nome para depois. Talvez sua curiosidade tivesse apenas se agarrado a um grupo aleatório de pessoas, apostadores frequentes que naturalmente visitariam com assiduidade um mundo como esse, mais calmos do que a maioria. Sua suspeita sobre eles era apenas um palpite, mas os palpites dela geralmente provavam-se corretos.

Luke dizia que os fortes instintos dela serviam como uma prova da Força, evidência de que ela estava trabalhando através de Leia o tempo todo. Talvez ele tivesse razão. No entanto, Leia acreditava da mesma forma em sua experiência e seu bom senso. Todos estavam lhe dizendo a mesma coisa: a mulher de Daxam IV significava encrenca.

Quanta encrenca, só o tempo diria.



Leia tinha toda intenção de discutir o grupo de Daxam IV com Ransolm Casterfo enquanto todos voltavam caminhando para a *Espelho Brilhante*. Embora não gostasse muito de Casterfo, ele não era do tipo que tinha conexões no submundo. Sem dúvida, ele havia forçado sua entrada nessa missão em uma tentativa de elevar seu perfil; por mais que esse desejo fosse vaidoso, também significava que ele genuinamente queria descobrir algo digno de ser relatado ao Senado. Além disso, por mais fortes que fossem suas dúvidas, Leia sabia que eram baseadas principalmente em sua... chamada intuição. Trocar ideias com outra pessoa seria valioso, ainda que fosse com Casterfo.

Entretanto as palavras nunca chegaram a deixar sua boca. Casterfo não lhe deu a chance.

– Suponho que esteja feliz consigo mesma – disse ele, quando deixaram o complexo do cassino para retornar aos túneis ventosos que levavam à nave. As cavernas se arqueavam lá no alto, escuras e agourentas. – A senhora comandou um espetáculo completamente impróprio à dignidade do Senado...

– Você consegue se ouvir? – Leia disparou de volta. – Como jogar cartas em um cassino pode ser considerado um “espetáculo”?

– Quando a senhora insiste em comprar substâncias inebriantes para centenas de pessoas.

– Você preferiria que eu saísse com minha nova fortuna em mãos? Eles teriam odiado isso.

Comprar bebidas para as pessoas faz com que elas gostem de nós. Quando as pessoas gostam de nós, é mais provável que cooperem e nos contem as coisas que precisamos saber. Trabalhar com as pessoas e fazer com que elas cooperem é o que chamamos de política.

Casterfo lançou-lhe um olhar fulminante.

– Seu tipo de política, talvez. Eu prefiro apelar à razão dos meus eleitores.

Esse sujeito tinha nascido com 80 anos? Leia conseguiu resistir a dizer isso em voz alta.

– Acho que você gosta de se manter arrumadinho. Não compreende o que significa sujar as mãos fazendo o que precisa ser feito. Nós aprendemos isso na Rebelião.

– A senhora passou a Rebelião inteira na companhia de contrabandistas e marginais?

Ele provavelmente pretendia que a frase soasse como um comentário maldoso. Em vez disso, Leia se flagrou pensando na primeira vez que vira realmente o rosto de Han – em um compactador de lixo a bordo da Estrela da Morte, momentos antes de ele disparar sua pistola de raios nas paredes seladas magneticamente e quase matar todos eles. Leia não conteve um sorriso.

– Quase, senador Casterfo. Na verdade, acabei me casando com um deles.

Pelo canto do olho, ela viu Joph Seastriker e Korr Sella trocarem um olhar. *Isso sim* era uma exibição indigna do Senado – ela e Casterfo discutindo diante de sua estagiária e da escolta militar.

Mas o pedantismo de Casterfo a irritava e, por mais que Leia tivesse experiência diplomática, idade e sabedoria, nunca tinha sido boa em controlar o temperamento.

Casterfo obviamente não sabia o que fazer com a referência dela a Han. Ele insultaria o marido dela, um herói de guerra e lenda das corridas? Ou recuaria?

No final, nenhum dos dois. Em vez disso, preferiu ir diretamente à fonte e insultar a própria Rebelião.

– “Sujar as mãos”. Um eufemismo interessante. Eu aprecio sua franqueza, senadora Organa. Pouquíssimos membros da Rebelião estão dispostos a admitir que seu movimento não era tão elevado e nobre quanto as pessoas agora gostam de declarar. – Ele ostentadamente ajeitou o colarinho do manto esvoaçante de veludo. Seus lábios estreitos estavam esticados em um sorriso que claramente indicava que Casterfo acreditava ter marcado um ponto.

Leia sentiu as têmporas latejarem, como se sua fúria com Casterfo tivesse enfiado uma lança em seu crânio.

Ele deu de ombros, sem diminuir o passo – e a essa hora da noite, a essa altura da caminhada, Leia estava bastante ciente de que as pernas longas e jovens do senador tornavam a viagem muito mais fácil para ele do que para ela. Casterfo continuou:

– Não me entenda mal. Obviamente, a Rebelião estava correta em se opor a Palpatine. Algo precisava ser feito. Mas se quer saber, isso não sanciona as táticas terroristas da Aliança Rebelde.

– *Táticas terroristas?*

Casterfo parou no meio de um passo; os dois agora estavam no coração de um dos túneis compridos e escuros. O vento sacolejava suas túnicas e gelava Leia até os ossos. Ele disse:

– A destruição das Estrelas da Morte, onde quase um milhão e meio de pessoas morreram, a vasta maioria oficiais de baixo escalão do Império e funcionários civis. A chacina em Noult depois de os rebeldes partirem, quando se descobriu que o planeta havia abrigado uma base secreta. Ou que tal o ataque rebelde em Vivonah? Ou as campanhas dos partidários de Saw Gerra? A senhora aprova essas coisas?

– Nós fizemos o que precisava ser feito. – A voz de Leia tremeu. – Nós nos levantamos contra um poder muito maior do que o nosso, cujas táticas eram muito mais sanguinárias. Você consegue imaginar o que teria acontecido se as Estrelas da Morte tivessem permanecido em operação? Que ato de terror poderia ter sido mais horrível do que o que aconteceu com Alderaan? Você se esqueceu disso? Eu estava lá. Eu vi acontecer, vi quando eles destruíram meu mundo, meu lar, todos que eu havia amado um dia...

A essa altura, o rosto de Casterfo estava pálido; ele tinha ido longe demais, e sabia disso.

Leia, porém, não obtinha prazer algum ao ver a consternação de Casterfo. Ela nunca havia se esquecido da morte de Alderaan, mas fazia muito tempo desde que falara sobre esse assunto. Muito, muito tempo. Algumas palavras foram o suficiente para levar sua mente de volta à cena – o odor

enjoativo de ozônio do ar reciclado da Estrela da Morte espesso em suas narinas, o sorriso gelado de Tarkin tão afiado quanto a lâmina de uma faca, e fechada sobre um dos ombros dela, envolta em uma armadura, a mão de Darth Vader...

... seu *pai*...

– Você não entende nada. – Leia teve que forçar as palavras a saírem. – Menos do que nada.

– Eu não pretendia... a destruição de Alderaan foi, é claro, terrível... digo... – Casterfo estendeu uma das mãos como se quisesse acalmá-la. Se ele a tocasse, Leia não seria responsável por seus atos.

Ele não a tocou, então ela reagiu com palavras.

– Você pode devanear a respeito de um Império glorioso porque cresceu na liberdade e segurança que compramos para você. O preço não foi baixo, Casterfo. Foi pago em vidas e anos e sofrimento e terror, nenhum dos quais um moleque mimado poderia compreender, porque você nunca teve que lutar pelo que realmente acredita.

Casterfo abriu os braços, incrédulo em sua raiva.

– Por acaso eu fui chamado de moleque mimado por uma *princesa*?

– Uma princesa que perdeu tudo quando não era mais velha do que eles são agora. – Leia apontou para Korrie e Joph, e ambos pareceram horrorizados. Sem dúvida, estavam torcendo para que ninguém se lembrasse de que eles ainda estavam ali. À parte, até C-3PO tinha ficado sem palavras. Leia terminou: – Se me dão licença, eu gostaria de voltar à nave sozinha antes que vocês me sigam.

Ninguém ousou argumentar. Leia caminhou de volta à *Espelho Brillhante*. Embora a nave estivesse visível a distância, ela parecia estar longe demais. Leia permaneceu focada na nave, apesar do aperto em sua garganta e da tensão em sua barriga.

Quando finalmente subiu a prancha de embarque, Greer apareceu, com uma das mãos no coldre que usava. A expressão violenta em seu rosto se atenuou quando viu que era Leia que se aproximava. A senadora não sabia dizer qual era sua aparência naquele momento, mas não devia ser boa.

– Princesa Leia... – começou Greer, mas suas palavras foram interrompidas quando Leia levantou a mão.

– Agora não, Greer. – As palavras saíram mais calmas do que ela esperava. Bom. Greer não merecia suportar o peso da raiva que Ransolm Casterfo tinha despertado. – Os outros logo estarão aqui.

Greer assentiu e se recostou contra um dos esteios, fitando os túneis escuros através da abertura. Ao fingir procurar o resto da delegação, ela deu a Leia uma chance de proteger seu orgulho, indo para seu alojamento sem ser observada. Por um momento, Leia sentiu uma afeição profunda e selvagem pela garota, mas o sentimento se esgotou rapidamente. Perdeu-se na maré de lembranças de Alderaan.

As Cataratas Nebulosas, com sua grande cortina de névoa que borrifava toda a área ao seu redor, e que fazia parecer como se uma nuvem estivesse repousando sobre o rio. O riso retumbante de Bail Organa. Os pássaros de asas brancas que voavam em uma formação em X, sempre para o oeste, circundando o planeta uma vez por ano, de modo que seu surgimento marcava as estações do ano em

diferentes regiões. Um quarto bem no alto da torre do castelo, surpreendentemente simples para uma residência real, onde Leia sonhava, dormia e mantinha suas posses mais amadas em um baú de lembranças, na crença de que poderia tê-las consigo para sempre.

Quando a porta de seu alojamento deslizou se fechando atrás dela, Leia apoiou-se pesadamente contra a parede. Ela fechou os olhos e conteve as lágrimas. Fazia muito tempo desde que ela se permitira chorar por Alderaan ou pelas pessoas que perdera lá. Ela havia dito a si mesma que nunca mais choraria por esse motivo; essa promessa se mantivera por muitos anos. Contudo, seu cumprimento nunca se tornara mais fácil.

Greer Sonnel não sentia falta das corridas.

Não sentia. De verdade. O trabalho diplomático desafiava seu intelecto e realizava seu desejo de fazer algo que realmente tivesse um propósito. A princesa Leia era a melhor chefe que Greer já tivera – cabeça quente às vezes, mas direta e cheia de princípios, com um senso de humor astuto para completar. Por mais frustrante que o Senado Galáctico pudesse ser, trabalhar lá oferecia a satisfação única de saber que você estava no centro político do universo conhecido.

Não era como se ela pudesse ter competido como piloto para sempre, de qualquer forma. Ela não era rica para montar uma equipe só sua, então, onde mais podia ter ido parar? Se economizasse para adquirir sua própria nave e viajasse a galáxia procurando por emprego, ela não teria sido capaz de escolher seus empregadores. Chefes ruins e pagamento incerto? Não, obrigada. Ela também não se imaginava trabalhando para uma companhia padrão de transporte. A mesma meia dúzia de rotas, sempre? Ainda que a pessoa acreditasse no que estava fazendo, a rotina logo extrairia toda a alegria de voar. E se um piloto não tem mais alegria em voar, pode muito bem se arrastar para o pântano de turfa e morrer, para que o solo possa aproveitar e fazer algo dele.

Mas ela ainda tinha tantos anos à frente, tantos anos bons tomados dela...

Não. Ela não pensaria nisso. A oferta de emprego da princesa Leia, alguns anos antes, tinha vindo exatamente quando Greer mais precisava. Ela se adaptara ao Senado – se tornara muito boa em seu trabalho, na verdade – e ainda podia voar de tempos em tempos. Até as viagens diplomáticas na *Espelho Brilhante* podiam oferecer alguma diversidade.

E essa missão estava demonstrando ser muito mais interessante do que a maioria.

– Ela realmente usou as palavras *moleque mimado*? – Greer tomou um gole de seu café enquanto checava outra vez os motores logo cedo no dia seguinte.

Joph assentiu, e seu cabelo loiro e espesso caiu na frente dos olhos com o movimento.

– E ele as rebateu logo em seguida.

Greer fingiu estremecer.

– Então o gelo profundo continua.

Nas profundas cavernas de Bastatha, manhã era mais um conceito do que uma realidade. Ela e

Joph trabalhavam na mesma escuridão que os envolvera durante a noite, cada um fazendo a manutenção de rotina em seus motores – embora, em um lugar tão sem lei quanto Bastatha, conferir se tinha havido sabotagem era também uma boa ideia.

A *Espelho Brilhante* estava bem. No entanto, Greer continuava ali, principalmente pela chance de dar uma olhada no X-wing de Joph. Na época em que ela fora piloto de caça, seu caça era mimado até brilhar, mesmo nos recessos mais profundos de seus motores...

O comlink de Greer vibrou.

– Greer?

– Princesa Leia. No que posso ser útil? – Greer olhou para Joph, que já se debruçava mais para perto.

– Reunião de instruções em cinco minutos.

– Sim, senhora – disse Greer com um sorriso. Ah, essa não era uma viagem de rotina *mesmo*.

Algum tempo depois, enquanto Greer se sentava em uma das poltronas na área principal da *Espelho Brilhante*, as instruções pareciam prestes a terminar quando Ransolm Casterfo entrou. Sem nenhuma surpresa, ele já vestia seu manto elegante, embora a essa altura ele estivesse um tanto amassado. *Será que ele dorme de manto?*, perguntou-se Greer.

Casterfo olhou de uma pessoa para a outra.

– Isto é uma... reunião?

– Ora veja, senador Casterfo, estamos discutindo no momento um convite que a princesa acaba de receber. – C-3PO, sempre feliz em ser útil, aproximou-se de Casterfo. – Vários líderes de negócios em Bastatha a convidaram para uma conferência particular.

– Eu também fui convidado – informou Casterfo, claramente alarmado. – Mas nem pensei em aceitar. Com certeza, senadora Organa...

– Eu disse que iria. – A princesa Leia se serviu mais café com indiferença ensaiada. Greer pensou que qualquer um que não a conhecesse muito bem realmente acharia que ela não se importava. – Não se preocupe. Você não precisa me acompanhar.

– Como é que a senhora pode sequer cogitar aceitar esse convite? – Casterfo postou-se no meio da pequena reunião. Talvez estivesse compensando por ter sido excluído dela, impossibilitando que os presentes o ignorassem. – Um convite desses é altamente irregular. “Líderes de negócios”? Será que preciso lembrá-la da natureza dos “negócios” conduzidos em Bastatha? A maioria é, no mínimo, desagradável, e na pior das hipóteses, criminosa. Eles até pediram que trouxéssemos apenas uma nave na escolta. Suspeito, não acha? Se houver qualquer verdade nas alegações do emissário Yendor, e esse tal Rinnrivin Di tiver um cartel baseado neste planeta, então existe até a possibilidade de violência.

– Eu não acredito que irão atacar uma delegação senatorial. – A princesa Leia não fez contato visual com Casterfo. Ele podia muito bem ser um dos móveis na sala. *Ai*, pensou Greer. Ela não gostava do sujeito tanto quanto a princesa, mas não pôde evitar ter pena de alguém que basicamente

tinha acabado de ser enterrado até o pescoço em gelo.

– A senhora não *acredita*. E com base nisso, vai marchar para uma situação de perigo mortal. – Casterfo fez um gesto para o céu, depois suspirou. – Presumo que nada do que eu diga fará qualquer diferença. Por que a senhora começaria a me ouvir agora?

A princesa deu de ombros.

– Como eu disse, você pode ficar aqui, são e salvo.

Casterfo recuperou o autocontrole com uma fungada.

– Eu não assumirei nenhuma responsabilidade pela sua segurança.

– Tudo bem. Mais alguma coisa? – A princesa Leia tomou outro gole. A essa altura, a tensão na sala havia subido tanto que o café de Greer parecia estar se revirando em seu estômago. Korr olhava fixamente para os próprios pés, e o torso de C-3PO girava de um senador para o outro em aparente confusão.

– Boa sorte – disse Casterfo. – Vai precisar.

Com isso, ele saiu pisando duro de volta para seu alojamento.

O silêncio que se seguiu durou até Korrie finalmente se arriscar a dizer:

– Não é como se ele estivesse errado.

Greer e Joph trocaram um olhar. Será que a princesa Leia estouraria ao ouvir aquilo? Ela reconheceria que Korrie, assim como Casterfo, tinha certa razão?

Ela não fez nenhum dos dois. A princesa continuou olhando para o corredor no qual Casterfo havia desaparecido enquanto dizia:

– Ele é do tipo que eles gostavam de recrutar. O Império, digo. Casterfo é exatamente o tipo de pessoa que eles promoviam em suas fileiras. Privilegiado, respeitável, arrogante.

Ninguém falou nada. Greer pensou que os outros, como ela, não faziam ideia do que dizer.

– Posso vê-lo em um uniforme imperial – prosseguiu Leia. – E acho que é assim que ele gosta de se ver.

– Certamente que não! – C-3PO soou tão incansavelmente alegre como sempre. – Oras, quem é que gostaria de se imaginar fazendo parte do Império?

Os olhos escuros de Leia continuavam a olhar para um ponto além deles, na direção de um horizonte que apenas ela podia ver.

– Muita gente. Gente demais.

Quando os “empresários” chegaram – Niktos amarelo-esverdeados com cabeças baixas e olhos brilhantes, flanqueando os dois lados do magistrado Tosta –, Leia saiu da *Espelho Brilhante* para recebê-los. Usava uma pesada gargantilha de prata ao redor do pescoço como pequena parte do luxo com que se vestira para a ocasião. O pálido vestido prateado que usava, com o colarinho alto e mangas muito amplas, era formal o bastante para a câmara do Senado, e ela estava naquele momento

colocando seu manto mais fino – um toque que eles notariam e ficariam satisfeitos.

– A honrada senadora será nossa única convidada hoje? – Um dos Niktos gesticulou para a nave. – Recebemos um pedido de desculpas do senador Casterfo, mas sua equipe de segurança se juntará a nós, certamente.

– Não, nenhum segurança. – Leia sorriu calorosamente. – Esta é uma missão diplomática, de grande importância para nós. Se eu não confiasse no povo de Bastatha, não teria me dado o trabalho de vir até aqui.

O sorriso amplo dado pelos Niktos lhe disse o quanto tinham gostado de sua resposta.

– Junte-se a nós, senadora Organa. Temos muito a lhe mostrar.

Eles a escoltaram em algo semelhante a um speeder, com uma base ampla e de alimentação variável que permitia ao veículo flutuar acima de superfícies irregulares. Na parte superior do veículo havia uma espécie de cabine transparente que dava a Leia uma bela vista das cavernas, particularmente enquanto se dirigiam mais para as profundezas daquele mundo, para longe do complexo translúcido de cassinos. Ali, ela via pequenas formações rochosas que tinham sido transformadas em prédios residenciais, talvez para abrigar os Niktos e seus empregados. Ao contrário das elegantes estruturas lá de cima, essas residências pareciam quase escondidas – resguardadas na escuridão, bem acobertadas.

Qualquer um que trabalhasse ali sentiria que o resto da galáxia estava muito longe. E facilmente acharia que quem detivesse o poder em Bastatha seria a única fonte de autoridade no mundo.

Leia estremeceu enquanto juntava as mãos para cobri-las e aquecê-las com as amplas mangas. Embora ela concordasse fortemente com a maioria dos aspectos da filosofia populista, não podia negar que a abordagem de seu partido tinha suas falhas. Uma delas era que planetas similares a Bastatha, sem muito poder independente ou uma economia forte, tendiam a ser deixados para trás. *Apenas nós mesmos podemos administrar nossos assuntos*, os mundos populistas diziam; o que, no fundo, significava *Nós administramos apenas nossos próprios assuntos*. Quando cada planeta estava concentrado apenas em seus próprios interesses, os problemas em outros mundos eram ignorados.

O fracasso em ajudar aqueles que precisavam era ruim o bastante para um governo que afirmava representar e proteger a todos. Porém até aqueles míopes demais para compreender isso deviam perceber que as dificuldades de um mundo com frequência se espalhavam para fora dele e se ampliavam exponencialmente. A epidemia de um mundo se tornava a pandemia de um sistema. A facção dissidente de um mundo podia se transformar em terrorismo interplanetário – *do tipo verdadeiro*, pensou, azeda, mal conseguindo conter seu escárnio ao pensar na ignorância de Ransolm Casterfo.

E um mestre do crime de um mundo poderia se transformar em um chefe de cartel capaz de deformar o poder econômico e político de dúzias de sistemas, assim como os Hutts haviam feito há não muito tempo.

Com o canto dos olhos, Leia percebeu um leve movimento e se assustou. Virou-se rapidamente e viu um hoversled subindo e se aproximando deles, pilotado por um único Nikto – que mirava sua pistola de raios diretamente no piloto deles.

O magistrado Tosta sussurrou algo em seu próprio idioma, baixo e sibilante. Leia voltou-se para ele e viu dois outros hoversleds se aproximando pelas laterais. Um dos pilotos gesticulou para alguém atrás deles, sem dúvida cobrindo-os por trás. O poder de fogo que esses Niktos tinham nas mãos e nos coldres era suficiente para explodir todos eles umas dez vezes.

– Peço perdão, princesa Leia – disse Tosta, fazendo o melhor que podia para soar realmente pesaroso. Não havia necessidade; ambos sabiam que ele havia preparado uma emboscada para ela. – Parece que estamos cercados.



Enquanto seus captores embarcavam no hovercraft, Leia permaneceu onde estava sentada, em uma postura régia.

– Vocês estão me sequestrando pelo dinheiro do resgate ou isso é um assassinato?

– Nenhum dos dois, senadora Organa. – O atacante Nikto com a pistola de raios maior sorriu amplamente para ela. – Nós vamos levá-la para uma reunião importante. Não é preciso resistir.

Ou seja, eles vão me machucar se eu resistir, pensou Leia. Mas ela jamais planejara resistir. Simplesmente cruzou os braços sobre o peito.

– Então parece que eu vou para uma reunião.

Seus supostos anfitriões – o magistrado Tosta e os “empresários” que a conduziram ao perigo – foram baixados a um dos penhascos mais próximos e instruídos a caminhar até um lugar seguro. Leia só ficou surpresa com isso porque era difícil acreditar que eles continuariam com esse engodo, fingindo que ela não havia sido engambelada desde o começo.

Por outro lado, ela podia culpá-los? Ela também estava fingindo estar temerosa ou, no mínimo, insegura. Leia tinha suspeitado que algo assim ocorreria desde que lera o “convite dos líderes de negócios”.

Na verdade, ela tinha *contado* com uma emboscada.

O speeder mergulhou muito mais fundo nas cavernas de Bastatha, tanto que a *Espelho Brilhante* devia estar a alguns quilômetros acima deles. Túneis mais amplos deram lugar a passagens estreitas que mal tinham largura suficiente para que a nave deles atravessasse. Embora Leia não possuísse tendência à claustrofobia, flagrou-se agudamente ciente do peso das rochas acima deles. Logo estavam quase totalmente imersos na escuridão. A única coisa visível era o débil brilho das janelas de uma pequena estrutura abobadada que se assentava em cima de um platô nas profundezas da caverna. Quando o hovercraft encostou lateralmente na borda do platô, Leia levou uma das mãos à garganta como se consternada – e pressionou os dedos com força no pingente central de sua gargantilha.

Aquele pingente, largo e chamativo, escondia perfeitamente o sensor e transmissor em miniatura que Greer colocara ali logo cedo naquele dia. Naquele momento estavam sendo enviados sinais para a *Espelho Brilhante*, transmitindo não apenas a exata localização de Leia mas também os escâneres das pessoas mais próximas a ela, ou seja, seus captores. A equipe de Leia entraria em contato com as autoridades locais imediatamente. Claro que os magistrados Niktos não iriam querer prender os chefões do crime, mas o sequestro de uma senadora exigiria que eles tomassem alguma atitude.

Tudo o que Leia precisava fazer era se manter firme e continuar viva.

Por um momento, a nave simplesmente flutuou ali na escuridão; o abismo profundo da fenda

parecia infinito abaixo deles. Acima, Leia ouviu guinchos e o som de asas batendo – mynocks, talvez. O único sinal de civilização era a estrutura abobadada em cima do platô. Quando a porta se abriu, uma fatia de claridade cortou a escuridão e ela viu a silhueta de seu captor.

Ele caminhou em direção a ela, e suas feições foram tomando forma quando os olhos de Leia se ajustaram. Ele era mais baixo do que os outros, sua pele coriácea, mais vermelha. A calça e o casaco brancos que vestia pareciam brilhar na escuridão, e exibiam um corte tão elegante que Ransolm Casterfo ficaria orgulhoso de possuí-los. O captor se portava com tanta dignidade quanto qualquer membro das Casas Anciãs, a despeito de haver algo em sua postura que fez Leia sentir que Rinnrivin estava imitando humanos – para quê, ela não pôde adivinhar. Quando ele alcançou a borda do platô, Leia ergueu bem a cabeça.

– Rinnrivin Di, eu presumo?

– Princesa Leia Organa. – Rinnrivin falou calorosamente, como se desse as boas-vindas a uma velha amiga. Ele estendeu a mão para ajudá-la a descer do hovercraft. – Peço desculpas pela sua jornada nada ortodoxa até aqui. Contudo, pensei que fosse improvável a senhora aceitar um convite direto.

– Eu teria apreciado a oportunidade de dizer sim ou não. – Leia pegou a mão de Rinnrivin e pisou com tranquilidade no platô; seu manto balançava com a brisa. Se ele podia fingir que aquela era uma visita formal como qualquer outra, ela também podia.

Ele a conduziu na direção do domo com dignidade e cortesia, como se fosse um ministro da corte.

– Deixe-me ver se consigo compensar o transtorno. Temos tanto a discutir, a senhora e eu, inclusive assuntos que creio que serão de grande interesse e benefício para nós dois.

– Sendo assim, por favor, vamos conversar.

O propósito de Leia ao aceitar o “convite” duvidoso que a trouxera até ali era duplo. Primeiro, ela pretendia aprender mais sobre Rinnrivin Di, para determinar por sua própria conta como ele operava. Se ela quisesse compreender quais eram os riscos que ele oferecia, precisava entender melhor quem era ele. Ela sabia como descobrir o verdadeiro caráter de um indivíduo: observando o que ele fazia a alguém que acreditava estar à sua mercê.

Segundo, ela pretendia colocar Rinnrivin na cadeia. Lógico que a tentativa de sequestrar uma senadora era apenas o mais recente e mais leve de seus crimes, mas naquele momento, isso serviria. Mesmo um breve período de encarceramento daria à Nova República tempo de ir atrás do cartel dele. Assim, Leia precisava falar longamente com seu captor, tanto para descobrir sua verdadeira natureza como para enrolá-lo por tempo suficiente para que as forças de segurança de Bastatha chegassem.

O interior do quartel general de Rinnrivin era de dar vergonha aos cassinos de Bastatha. A mesa era ladrilhada em um mosaico sutil de branco e dourado, o teto abobadado era coberto por um revestimento opalino, e havia uma linda paisagem marinha holográfica agitando-se gentilmente em

sua moldura. Aquilo não era uma imitação brega de elegância, mas sua essência. Leia se ajeitou em uma cadeira com entalhes e ornamentos, e amplamente estofada, que estava do outro lado da mesa, diante do lugar que ela compreendeu instintivamente ser o de Rinnrivin; era o único lugar a partir do qual ninguém seria capaz de abordá-lo por trás.

– Deixe-me lhe oferecer um drinque. – Rinnrivin gesticulou para que um droide se aproximasse com uma garrafa de vinho, aparentemente gelada. Leia estava prestes a recusar quando Rinnrivin continuou: – Toniray, uma safra excelente. Um ano maravilhoso. Infelizmente, um dos últimos.

Toniray tinha sido um dos vinhos de Alderaan. Os olhos de Leia se arregalaram quando ela percebeu a cor verde-azulada, o formato característico da garrafa. Não podia ser real, podia? Todas as garrafas exportadas tinham sido consumidas há muito tempo.

No entanto, quando o droide serviu o vinho na taça esguia correta, Leia reconheceu o cheiro. Súbito, ela estava de volta a um banquete real, sentada à direita de seu pai, tomando cuidado para beber lentamente a única taça que havia recebido. Ignorando o interesse ávido de Rinnrivin em sua reação, ela tomou um gole. Sim. Era Toniray, Toniray de verdade. No primeiro momento em que o vinho frio tocou sua língua, ela fechou os olhos para saborear melhor a sensação.

Leia podia imaginar o vale onde a fruta teria sido cultivada, ver as folhas das vinhas de um verde profundo – por um instante, ela podia sentir o próprio solo de Alderaan mais uma vez.

Lar.

A intensa onda de emoções que Leia sentia não alterou a expressão em seu rosto. Leia permitiu que as lembranças viessem, em seguida, deixou que passassem.

Quando tornou a abrir os olhos, viu Rinnrivin analisando-a, embora não parecesse estar procurando por um sinal de fraqueza. Em vez disso, ele parecia apenas um anfitrião qualquer torcendo para agradar seu convidado.

– Obrigada. – Leia podia dizer isso com sinceridade total. – Faz muito tempo desde que alguém me deu um presente desses.

– Levei algum tempo para encontrar a safra. Os colecionadores valorizam os poucos tonéis restantes, como a senhora pode com certeza imaginar. Mas quando fiquei sabendo que a senhora visitaria Bastatha, percebi que precisava encontrar uma maneira apropriada de lhe dar as boas-vindas. Queria muito que nosso relacionamento começasse bem. – Rinnrivin recostou-se em sua poltrona luxuosa; ele parecia mais à vontade em seu esconderijo finamente mobiliado do que devia se sentir nos locais normalmente rústicos dos Niktos. – De fato, deixe-me tranquilizá-la logo de início. – Com isso, ele falou aos guardas postados junto à porta. – Não temos mais necessidade de vocês. A senadora Organa e eu estamos conversando civilizadamente. Vão cuidar de seus negócios; nós precisamos apenas de um piloto para levá-la de volta à nave dela quando terminarmos.

Os guardas Niktos claramente não tinham previsto isso. Houve certa inquietação e alguns murmúrios, mas logo todos, exceto um deles, partiram nos hoversleds. O único guarda que restou saiu

e foi se sentar no hovercraft, com os braços cruzados sobre o peito, mal-humorado. Quando Rinnrivin voltou-se de novo para Leia, ela fez uma medida com a cabeça e sorriu.

– Sua cortesia é muito apreciada, Rinnrivin.

E você obviamente não acha que uma mulher sozinha chegando aos 50 possa apresentar uma grande ameaça.

– Eu falei sério. – Rinnrivin se ajeitou em sua cadeira e não tomou nada do Toniray, deixando tudo para ela. – Minha apresentação nada ortodoxa pode ter causado alguma confusão, porém eu genuinamente gostaria de estabelecer entre nós um relacionamento mutuamente benéfico. Veja, sou um grande admirador seu já há algum tempo. E não sou o único. Muitos entre os Niktos a reverenciam, e não pelo mesmo motivo que o resto da galáxia. Ah, é claro, seu trabalho durante a Rebelião foi importante, senadora, assim como seus esforços políticos o são agora, mas eu pessoalmente acho algumas de suas outras realizações muito mais impressionantes.

Leia tomou outro gole do precioso Toniray.

– Não sei se estou entendendo.

– Estou prestes a lhe dar outro presente. Um muito mais valioso para mim do que o vinho. Na verdade, este tem sido um dos meus bens mais queridos por muitos anos, um que sempre mantive comigo. Porém, quando a senhora o vir, e souber o que ele significa para mim e para tantos dos Niktos, finalmente compreenderá. – Rinnrivin retirou um pequeno holocubo do bolso; as laterais brilharam de leve na luz limitada. – Meu povo tem suas razões para odiar os Hutts. Nós odiamos Jabba, o Hutt, mais que todos os outros. Portanto, quando os Hutts vasculharam os destroços da barça a vela de Jabba em Tatoonie, procurando por evidência quanto à natureza precisa de sua morte para resolver um de seus intermináveis debates sobre o testamento, a senhora sabe como eles são, bem... O que emergiu foi um trecho de filmagem comercializado apenas nos círculos mais exclusivos.

O holocubo tremulou e a seu redor projetou-se a imagem de Jabba reclinado em sua plataforma, com Leia em sua fantasia de dançarina acorrentada ao lado dele. Eles estavam na barça a vela e aqueles eram os últimos momentos da vida de Jabba, o Hutt. Leia se recordou do calor, do fedor, da sensação da areia contra sua pele e do terrível, nauseante medo que sentira por Han e Luke. Os riscos que tinham corrido... Será que eram malucos? Não. Eram apenas jovens e corajosos. Certos de sua própria invencibilidade.

Fazia muito tempo desde que Leia se sentira tão intocável.

Jabba ordenou que Luke fosse jogado no Grande Poço de Carkoon. Momentos depois, tudo se tornou caos. Com algo semelhante ao fascínio, Leia assistiu a si mesma lançar as pesadas correntes ao redor do pescoço de Jabba. A pura força necessária para comprimir o pescoço de um Hutt até o ponto da asfixia – ela invocara isso de algum ponto no fundo de seu próprio ser, lembrava de ter feito isso, mas achava quase inacreditável testemunhar. O puro ódio a impulsionara. Seus braços pareciam doer com o esforço.

É claro que ela tinha sido incapaz de ver o rosto de Jabba enquanto ele morria. Leia o observou agora, absorvendo cada detalhe: a protuberância de seus olhos de pálpebras semicerradas, a saliência de sua língua gosmenta. Não sentiu repugnância nem triunfo, apenas o eco de seu próprio desespero. A morte de Jabba tinha sido gratificante para ela na época; agora, era irrelevante. Apenas uma coisa feia que precisara ser feita. Quando Jabba emitiu seu último grunhido, o holograma se apagou.

– Exterminadora de Hutts – suspirou Rinnrivin, com reverência genuína. – É assim que a chamamos entre nós, e esse é um título muito maior do que *senadora* ou *princesa*. Os Niktos a conhecem pela guerreira que a senhora é, Exterminadora de Hutts, e a senhora sempre terá amigos entre nós.

Leia tomou o holocubo, enfiando-o no bolso de seu manto. A filmagem de um assassinato cometido por ela... bem, ou isso era o presente diplomático mais esquisito que ela já recebera, ou chegava bem perto.

– Existem outros registros disso por aí?

– Apenas um punhado. Os Hutts destruíram a maioria das cópias e caçaram seus vendedores. Eles não queriam a prova de sua vulnerabilidade circulando por aí. Entretanto, como pode ver, eu tenho modos de conseguir o que desejo.

– Sem dúvida – disse Leia, seca. Todavia, Rinnrivin não era um chefe criminoso comum, interessado no poder do tipo mais rápido e brutal. Ele se considerava culto. Intelectual. Não queria apenas riqueza, queria *respeito*.

Se Rinnrivin tivesse nascido humano na era do Império, talvez tivesse se transformado em uma figura muito semelhante ao grão-moff Tarkin. E se Tarkin tivesse nascido um Nikto, teria sido *exatamente* igual a Rinnrivin.

Ele não é um bandido, resolveu Leia. Ele é muito mais perigoso do que isso. E seus objetivos são muito maiores do que um mero cartel de especiarias.

Rinnrivin inclinou-se adiante, colocando os cotovelos sobre a mesa e cruzando as mãos, como se estivesse suplicando a Leia.

– Nós a honramos, Exterminadora de Hutts. Sempre a honraremos por livrar a galáxia de Jabba, o Hutt. Peço apenas que a senhora nos honre em troca.

Finalmente, ele estava chegando ao assunto.

– E qual a forma que essa “honra” deve assumir?

– Queremos apenas as mesmas oportunidades de que outros povos desfrutam, para comerciar livremente e crescer, obtendo mais prosperidade e influência por toda a galáxia.

Leia ergueu uma sobrancelha. *Por toda a galáxia*. Ou a ambição de Rinnrivin Di era grande... ou seu cartel era ainda maior do que eles temiam.

– A Nova República não permite o livre-comércio da maioria das especiarias – disse ela. As versões mais fracas podiam ser mineradas ou cultivadas em vários planetas, com elas, ninguém se preocupava.

E, é claro, não havia muito dinheiro nelas. Mas os cartéis exploravam as variedades mais fortes. – E coagir devedores com violência, exigir dinheiro de extorsão... isso não é permitido, não importa o que a pessoa esteja vendendo.

Ela esperava que Rinnrivin Di negasse essas alegações, mas ele a surpreendeu.

– As regras instituídas em Hosnian Prime com frequência falham em alcançar os outros mundos da Nova República. Além disso, Exterminadora de Hutts, como a senhora obviamente sabe, às vezes a violência é necessária. A senhora não chamou a segurança de Mos Eisley para lidar com Jabba, não é? Não. – Ele sorriu, com satisfação evidente. – A senhora confiou em suas próprias mãos. Assim como eu.

– No passado, eu combati a ilegalidade com ilegalidade, é fato – disse ela. – Mas acredito no Estado de direito e passei a maior parte da minha vida tentando devolvê-lo à galáxia. Em outras palavras, Rinnrivin, eu cheguei até aqui sem aceitar propinas. Não pretendo começar agora.

Rinnrivin chacoalhou a cabeça e riu, como se ela tivesse contado uma boa piada.

– Um belo discurso para a tribuna do Senado. Mas a senhora não pode ser tão rígida quanto afirma. Senão, jamais poderia ter se casado com um contrabandista. Transporte de especiarias, colaboração com os Hutt, apostas altas? O histórico de Han Solo rivaliza com o meu.

– Isso foi há muito tempo – disse Leia, pega desprevenida. Ninguém jamais jogara o passado de Han em sua cara de forma tão franca antes. – Antes de ele se juntar à Rebelião.

– A senhora acredita que fazer parte da Aliança Rebelde lavou todos os pecados dele? – Rinnrivin balançou a cabeça, achando graça. – Confie em mim nisso, Exterminadora de Hutts. Uma vez pirata, sempre pirata.

Houve um tempo em que Leia teria concordado com Rinnrivin – e isso, mais do que qualquer outra coisa, despertou seu mau gênio.

– Você não sabe do que está falando.

– Não?

Qualquer coisa que Rinnrivin tenha dito foi cortada pelo som de um disparo de pistola de raios.

Leia virou-se, alarmada. Com certeza a segurança de Bastatha não começaria a disparar às cegas em uma situação com reféns. Atrás dela, escutou Rinnrivin sibilar uma praga Nikto enquanto ambos viam o que acontecia lá fora...

... Ransolm Casterfo, enfrentando os guardas.

Leia ofegou quando o guarda lançou uma de suas facas de várias pontas em Casterfo; eles lutavam muito próximos um do outro para utilizar pistolas. Rápido e ágil, Casterfo se desviou do golpe, depois girou para bater com a parte de baixo da palma da mão no queixo do Nikto. A cabeça do guarda estalou para trás e, enquanto ele tropeçava para o lado, tonto, Casterfo acertou-lhe uma joelhada na barriga, empurrando o guarda Nikto para trás e para dentro do hovercraft.

Em seguida, Casterfo correu para a porta e Leia mal teve tempo de sair do caminho antes que ele

entrasse, apressado.

– Princesa Leia! – gritou ele, apontando a pistola de raios para Rinnrivin. – Venha comigo, agora!

O que ele está fazendo, O QUE ELE ESTÁ FAZENDO? Mas Leia não podia argumentar, não sem entregar o que ela havia planejado em primeiro lugar. Ela só podia ficar ali, dividida igualmente entre o espanto e a raiva, enquanto Casterfo agarrava sua mão.

Rinnrivin parecia um tanto espantado. Ele havia planejado aquela reunião seguindo seus códigos próprios de etiqueta, e provavelmente tinha preparado uma equipe de apoio que poderia ser convocada rapidamente no caso de um ataque; mas não sabia o que fazer com aquele único senador armado e de olhos selvagens. Ele nem sequer se levantou de sua cadeira elegante de espaldar alto, dizendo apenas:

– Até nosso próximo encontro, Exterminadora de Hutts.

Casterfo não deu a Leia uma chance de responder. Simplesmente arrastou-a para fora do domo na direção de um hoversled. Enquanto corriam para a nave, Leia gritou:

– Como foi que você chegou aqui?

– Eu coloquei um rastreador no seu manto, só para o caso de a senhora se desviar da rota planejada do voo! – Casterfo soava triunfante enquanto saltava para dentro do hoversled de 2 metros de comprimento e segurava as manoplas do alto console de direção. – Quando a senhora saiu da rota, eu soube o que tinha acontecido. Eu sabia que era encrenca.

– *Eu* sabia que era encrenca! Eu tinha o meu próprio rastreador em mim o tempo todo. A segurança de Bastatha teria chegado aqui em alguns minutos! – Leia também saltou para dentro do hoversled; como seu plano fora arruinado, podia muito bem fugir com Casterfo. – Você honestamente pensou que eu fosse estúpida o suficiente para entrar em uma armadilha tão óbvia sem ao menos preparar alguns guardas e um plano?

– Um plano? Isso fazia parte de *um plano*? – O sorriso convencido de Casterfo se desmanchou em perplexidade. – Por que a senhora não me contou que havia um plano?

– Porque não confio em você!

– Acabo de arriscar a minha vida para salvá-la de uma situação perigosa que se revelou não passar de uma mentira, uma que a senhora mesma preparou, e é *a senhora* que não confia em *mim*?

O argumento não era ruim. Leia praguejou baixinho.

– Podemos discutir isso quando estivermos na nave. Por agora, temos que sair daqui.

Ela já podia ouvir o guarda Nikto se movendo no hovercraft.

Casterfo colocou as mãos nos controles, deslizando o polegar ao longo da barra que levou o motor a brilhar com força total. Enquanto fazia isso, contudo, Leia escutou o zumbido de outros motores, quase perdidos nos vendavais das cavernas de Bastatha, mas que se tornavam mais altos a cada instante.

– Estamos prestes a ter companhia – disse ela, exatamente quando uma dúzia ou mais dos homens

de Rinnrivin saíram voando das sombras e desceram como aves de rapina prontas para atacar. – *Vai!*



Quando Ransolm Casterfo se deu conta de que Leia Organa estava em perigo, não hesitou em ir a seu resgate. Sim, ela o tinha insultado, tornara tudo mais difícil, provara-se melindrosa e defensiva – mas era sua parceira na delegação e um membro do Senado. Precisava de ajuda. Isso era tudo o que importava.

Ele estava estudando algumas das novas construções com um hoversled quando seu monitor o informou de que o sinal que ele vinha rastreando havia se desviado abruptamente do suposto itinerário dos “empresários”. Casterfo pausara apenas por tempo suficiente para enviar um aviso à *Espelho Brillhante* de que todas as coisas tinham dado terrivelmente errado. Ele não pedira reforço porque as cavernas lá embaixo eram estreitas demais para que as naves que os acompanhavam navegassem em segurança. Pretendia apenas avisar sobre o perigo que corriam para que as autoridades pudessem ser alertadas, e as pessoas soubessem o que acontecera com ele e a princesa Leia se ambos não sobrevivessem. Em seguida, guiou o hoversled para baixo, diretamente para o perigo.

Ransolm sentia que tinha sido corajoso. Decisivo. Possivelmente até heroico.

Sua recompensa? Descobrir que havia acabado de arruinar uma armadilha sobre a qual ninguém se incomodara em lhe informar. Maravilha.

Enquanto os capangas do mafioso se aproximavam, Ransolm acelerou os motores do sled e partiu. O súbito impacto causado pelo aumento da velocidade fez a princesa Leia ofegar e ele gritou:

– Segure-se em mim!

Com um dos braços, Leia se agarrou na cintura do senador. Com o outro, ela puxou a pistola de raios do cinto dele. Enquanto se agarrava a Ransolm, ela gritou sobre o rugido do vento:

– Aí vêm eles!

Ransolm não podia se dar ao luxo de olhar com atenção para os atacantes que se aproximavam. Precisava se livrar deles. Livrar-se deles significava voar depressa através de cavernas em que os outros não iriam querer entrar. O que significava que ele precisava manter os olhos fixos adiante.

Disparos verdes de raios cortaram o ar diretamente à frente deles, e Ransolm se preparou para ser atingido – mas a princesa Leia disparou para cima e as cavernas se acenderam com o lampejo brilhante de uma explosão. Quando ela disparou de novo, outro dos sleds que os perseguiam colidiu com a parede; Ransolm viu a chama pelo canto dos olhos.

Tenho que admitir, pensou ele, ela não perde a calma.

A oportunidade se apresentou na forma de uma passagem estreita salpicada de estalactites. Ransolm virou o sled diretamente para lá e acelerou à velocidade máxima. Ele esperava que a princesa gritasse alarmada. Em vez disso, ela apenas se segurou com mais força na cintura dele e começou a

atirar para trás.

As estalactites esculpiam o espaço da caverna em um labirinto no qual ele precisava encontrar o caminho, onde um único erro seria a morte. A rocha vermelha e fosca os engoliria como mandíbulas de pedra. Ransolm se esqueceu dos riscos – abriu mão de qualquer preocupação. Se pensasse em qualquer outra coisa além dos controles daquele sled, sofreria uma colisão em instantes.

Curva à esquerda, subida, curva à esquerda de novo, à direita com tudo, subindo, agora descendo, rápido! Ele só pensava no movimento seguinte, no segundo seguinte. Pilotar um sled significava inclinar seu corpo junto com a máquina, sentindo como se estivesse unido a ela. As estalactites surgiam abruptamente em seu campo de visão apenas quando ele já estava quase colidindo nelas, várias e várias vezes, e a cada vez ele se curvava e guinava bem a tempo. Ransolm começou a sentir uma onda de puro êxtase que sufocava seu medo.

– Eles estão chegando perto demais! – gritou Leia. Ela disparou uma série de tiros curtos para trás deles, e a rocha rangeu. Será que ela tinha causado um desmoronamento? O medo de Ransolm transformou-se em satisfação quando ele percebeu que Leia havia acertado algumas das estalactites, fazendo com que elas desmoronassem na frente de seus perseguidores. Uma explosão atrás deles iluminou os barrancos que estavam à frente e a bocarra escura que indicava a saída daquela caverna.

– Vamos subir. – Ele segurou os controles com força. – Prepare-se!

Eles emergiram da fenda em um fosso maior e Ransolm deixou o sled totalmente na vertical. O impulso lhes permitiu manter a posição, mas por pouco.

– Ainda temos dois atrás de nós. – Leia tornou a xingar. – Vê algum outro lugar em que poderíamos nos livrar deles?

– Ainda não.

Será que acabariam levando um tiro apesar de tudo?

Ransolm escutou o ronco de motores, então percebeu vários disparos de raio lhes dando cobertura. Ficou boquiaberto ao perceber o que voava acima deles – um caça X-wing dardejava pelas galerias da caverna, que eram pouco mais largas do que ele. A nave atravessou rapidamente uma abertura estreita na rocha e espiralou por cima deles, atirando raios de energia sobre seus perseguidores Niktos. Quando estava quase colidindo contra as rochas, o X-wing se ergueu de novo, virando-se agilmente de lado e recolhendo suas chapas de metal para escorregar entre as estalactites.

– O que raios o Seastriker está fazendo aqui? – perguntou Leia.

– Não faço ideia. Mas parece que ele salvou a nossa pele.

E havia salvado mesmo. O último dos perseguidores não passava de destroços brilhantes entre as rochas lá embaixo. Seastriker abaixou as asas para o hoversled, sem dúvida sinalizando para que Ransolm e Leia retornassem à *Espelho Brilhante* enquanto ele oferecia cobertura.

Ransolm interrompeu a subida árdua do sled, deixando-o numa posição mais estável. O braço de Leia escorregou da cintura do senador, soltando-o, enquanto ele diminuía a velocidade a uma mais

gerenciável. A respiração de Ransolm desacelerou quando ele se deu conta de que a perseguição realmente tinha terminado. A missão de resgate havia sido bem-sucedida.

Desnecessária, mas bem-sucedida.

E então Leia disse:

– Sabe... você não é um mau piloto.

Ele se virou para ela. Para sua surpresa, ela sorria.

Ransolm começou a sorrir também.

– E a senhora não é má atiradora.

O magistrado Xun desculpou-se profusamente com Leia pelo sequestro e pelo fracasso das autoridades de Bastatha em capturar Rinnrivin Di. Ela aceitou as desculpas enquanto se perguntava vagamente se eles ao menos pretendiam persegui-lo. De alguma forma, ela conseguiu soar pesarosa ao explicar que Bastatha se encontrava agora sob aconselhamento provisório condicional da Nova República. Esta era uma punição bastante branda em si. Era o máximo que poderiam impor sobre um mundo não membro; mas isso daria à Nova República o direito de observar e rastrear as atividades em Bastatha por algum tempo. Ela e Casterfo podiam não estar com o líder do cartel nas mãos, mas teriam a oportunidade de rastrear o próprio cartel.

Isto é, se o cartel não diminuísse seus negócios em Bastatha por algum tempo, o que certamente faria...

– Preparando para decolagem – disse Greer da cabine, enquanto Leia desligava sua comunicação com as autoridades de Bastatha. – Pronta?

– Só mais uma coisa. – Leia entrou na cabine de comando e clicou o comlink. – Tenente Seastriker, você está ciente de que operou fora dos protocolos padrão de segurança hoje, não?

As ordens que ele tinha lhe diziam para convocar ajuda – não para pilotar um X-wing em espaços que levariam a maioria dos pilotos a um rápido fim.

– Sim, senhora. – A voz de Joph estalou de leve no autofalante. – Vou receber alguma ação disciplinar?

– Não. Mas da próxima vez, cuidado. Os regulamentos existem para protegê-lo e eu sabia dos riscos que corria. Entendido?

– Absolutamente, senhora. – Seastriker não parecia nem um pouco arrependido, porém Leia balançou a cabeça e deixou passar.

Greer hesitou antes de dizer:

– Joph realmente mergulhou naquela caverna?

– Sim. – Leia reconhecia agora a expressão no rosto de Greer; lembrava-a da expressão de Han sempre que via uma nave de corrida novinha em folha: anseio puro. Com mais suavidade, ela perguntou: – Você sente falta? De voar assim?

O sorriso de Greer desvaneceu enquanto ela colocava as mãos nos controles para a partida.

– Só queria tê-lo visto. Apenas isso.

Leia não insistiu, simplesmente deu alguns tapinhas carinhos no ombro de Greer enquanto voltava para trás, para a área principal de convivência da nave. Korrie já tinha ido para sua cabine preparar os relatórios que Leia arquivaria em seu retorno, o que significava que Ransolm Casterfo estava ali sentado sozinho, tomando seu chá gatalentano. Àquela altura, seu belo manto azul estava manchado e rasgado, fazendo uma paródia de si mesmo, mas a julgar pelo sorriso em seu rosto, ele não se importava. Sua expressão lembrou a Leia um pouco a de Ben quando ele era pequeno e entrava correndo depois de passar a tarde brincando com seus amigos, o cabelo emaranhado, absolutamente imundo, e orgulhoso de si mesmo.

Ela gesticulou para suas próprias túnica e calça.

– Agora você vê por que eu sempre venho preparada.

– Muito prudente – disse Casterfo, assentindo. – Da próxima vez vou saber o que colocar na mala.

Ela se sentou no banco ao lado do dele.

– Você demonstrou coragem de verdade hoje. Também foi imprudente, mas eu gosto disso nas pessoas.

– Eu a subestimei – admitiu ele. – Este é um erro que não vou cometer de novo.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Está dizendo que subestimou minha inteligência ou minha astúcia?

O sorriso de Casterfo se ampliou.

– Está subestimando *a minha* inteligência se espera que eu responda.

Leia teve que rir. Esse sujeito se sairia muito bem na política.

Encorajado, ele disse:

– Se Rinnrivin não a estava ameaçando, o que ele esperava conseguir?

– Ele esperava que eu fosse aceitar propinas para acobertar as operações de seu cartel.

Casterfo apurou sua postura, como se tivesse sido ele a ser insultado.

– Ele não poderia de fato esperar que a senhora fosse ceder a algo assim. Com o seu histórico de serviço à Nova República...

– Meu histórico é um pouco mais complicado do que você pensa. – Quando Casterfo franziu a testa, confuso, Leia apanhou seu manto do banco onde o jogara e retirou o holocubo do bolso. – Os Niktos odeiam os Hutts, e... digamos que eu tive um confronto com um dos Hutts algumas décadas atrás. Não terminou bem para ele.

Ela colocou o cubo na mesa baixa entre eles; Casterfo o apanhou.

– A senhora quer que eu assista a isso?

– Não muito. Não é bonito.

– Acha que eu não vou saber lidar com isso?

Leia se deu conta de que, até aquela manhã, ela teria pensado exatamente isso. Porém, Ransolm Casterfo era muito mais do que o terno oco que ela presumira.

– Você decide.

Ele apertou o controle, em seguida fitou fixamente a pequena imagem tremulante de Leia e Jabba. Casterfo não disse nem uma palavra enquanto o assassinato se desenrolava na imagem. Leia estudou cuidadosamente sua expressão, aguardando para ver sinais de repugnância ou, pior, alegria. Em vez disso, o rosto de Casterfo revelou que ele compreendia minuciosamente o perigo em que ela se colocara – e também entendia exatamente por que Jabba, o Hutt, teve que morrer.

Quando o holo terminou, Casterfo respirou fundo.

– Eu não teria acreditado que alguém podia escapar dos grilhões de um Hutt com vida, muito menos tirar a vida do Hutt.

– Eu também não acreditaria, mas foi o que fizemos.

– Esses eram a senhora e o seu irmão, certo? O famoso Luke Skywalker? – Casterfo agora parecia tão ansioso quanto uma criança que queria ouvir de novo sua história favorita. – Como vocês bolaram o seu plano de ataque?

Leia nunca havia contado a história em detalhes, mas quando percebeu, estava se animando com o relato: Luke “presenteando” os droides, a disposição de Chewbacca em fingir sua própria captura, o disfarce dela como caçadora de recompensas. Casterfo escutava tudo, encantado.

Ela nunca tinha sido um desses antigos soldados que gostavam de ficar recontando suas antigas histórias de guerra. Porém, ela finalmente entendia a graça em fazer isso.

– Espetacular – disse ele quando ela terminou. – Tão ousada quanto qualquer missão rebelde de que eu já tenha ouvido falar.

– Então você admite que os rebeldes eram audaciosos? Não apenas terroristas?

– Não. Não apenas.

Isso ainda estava longe de ser uma retratação, mas Leia achou que podia dar uma colher de chá ao rapaz.

– Você não é de todo ruim, Casterfo.

Ele lhe lançou um olhar divertidamente superior.

– Elogios tão elevados.

– Estou falando sério. Você é corajoso, e esperto, e voa tão bem que vou ter que impedir meu marido de recrutá-lo para uma de suas equipes de corrida. Você tem muita coisa a seu favor, para um centrista.

Ele ficou um pouco ofendido.

– A senhora acha que somos todos tão terríveis?

– Pelo visto, não – admitiu ela. – Mas o modo como você pensa sobre o Império, honrando-o, admirando-o, isso eu não consigo compreender.

– Não é o Império em si que eu honro. O governo de Palpatine gerou corrupção e desumanidade, como eu bem me lembro. – Os olhos azuis de Casterfo encontraram os dela por apenas um instante. – Eu havia acabado de completar 6 anos na época da Batalha de Endor, mas posso lhe garantir, princesa, que já tinha idade suficiente para ter experimentado pessoalmente os males do Império.

Parecia que tinha mais nessa história, mas Leia sabia que aquele não era o momento para se intrometer na vida pessoal do sujeito. Ela se recostou em seu banco, estudando cada pequeno movimento e sombra do rosto dele.

– Então como você pode exibir orgulhosamente capacetes de stormtroopers em seu escritório? E como pode enlaçar uma filosofia política tão semelhante à do imperador?

– Ah, os artefatos, eles são apenas uma questão de história, não? – Casterfo fez um gesto distraído, como se dispensasse um droide servindo um banquete que chegara a seu prato cedo demais. A irritação de Leia durou apenas um instante até que Casterfo prosseguiu: – Quanto à filosofia política, tudo o que nós, centristas, queremos é um olhar justo sobre os aspectos do Império que funcionavam de fato. Centralizar o poder, criar eficiência máxima, manter os mundos da galáxia unidos; você pode honestamente dizer que ele não gerou nenhum benefício?

– Qualquer benefício advindo do Império veio a um preço alto demais.

– Concordo totalmente. Mas e se pudéssemos alcançar alguns desses mesmos benefícios sem repetir os erros de Palpatine? – Casterfo debruçou-se adiante. – Você certamente não nega que a Nova República está cometendo seus próprios erros.

– Não os erros da tirania e do controle.

– Não. Os erros da ausência e da negligência.

Leia não discutiu. Não podia. As palavras de Casterfo definiam as dúvidas que ela mesma tinha sobre a direção que a Nova República estava seguindo – ou seja, para baixo.

Casterfo pareceu encorajado pelo silêncio dela.

– A abordagem populista não é tanto ideal quanto idealista. Ela requer um líder que exerça o poder por meio de carisma e consenso, em vez de pela autoridade legal. Com Mon Mothma, nós tínhamos isso. Mas ela se foi, possivelmente para sempre, e a galáxia não pode sustentar a desorganização que se seguiu. Temos que encontrar outro caminho.

Leia vinha discutindo com Han por anos sobre as mesmas falhas críticas do governo que Casterfo estava agora apontando. O que a deixou mais abalada no discurso de Casterfo, no entanto, não foi o quanto eles concordavam. Foi a paixão com que ele falava. Ela havia praticamente desistido da ideia de fazer alguma diferença através de seu trabalho no Senado. Casterfo ainda acreditava.

Ela deveria se apiedar da ingenuidade dele ou respeitar sua convicção? Leia descobriu que podia fazer ambos.

– Acho que vocês, centristas, querem ir longe demais na outra direção... mas você não está errado sobre a debilidade de nossa constituição – disse ela, retirando o minúsculo rastreador de seu manto;

ele estava no fecho metálico do pescoço. Esperto. – Vemos o mesmo problema, mas soluções diferentes.

Ao menos, ela e Casterfo viam. Leia tinha suas dúvidas sobre a maioria da equipe centrista.

Casterfo bebericou seu chá com uma expressão pensativa.

– Uma pena a senhora nunca ter se candidatado a chanceler. É uma líder poderosa, alguém com uma autoridade moral duradoura. Mais do que isso, a senhora sabe quando parar de debater e entrar em ação. Se mais populistas fossem assim, o Senado e a Nova República estariam melhores.

– Não posso votar em Riosa, sabe. Não precisa me lisonjear pelo meu voto. – Leia deixou um sorriso escapar ao dizer isso.

Ele sorriu de volta, levando o gracejo no espírito que ela pretendia.

– Estou falando sério, cada palavra.

Mesmo depois de décadas na política terem lhe ensinado a não confiar em quase ninguém, Leia se deu conta de que acreditava nele. Se restava aos populistas qualquer esperança de uma reconciliação honesta com os centristas à procura de um meio-termo, seria através de políticos como Casterfo. Talvez ela pudesse apresentá-lo a Tai-Lin Garr e Varish Vicly antes de renunciar, construir algumas pontes entre eles, e colocar o início desse processo em movimento.

Antes que pudesse pensar no futuro, porém, ela ainda precisava lidar com o presente.

– Você percebe que essa missão não acabou, não é?

Franzindo a testa, Casterfo disse:

– Nós não capturamos Rinnrivin Di, mas certamente isso é apenas uma questão de tempo.

– A galáxia é muito maior e mais sombria do que você pensa. O dinheiro de Rinnrivin comprará o silêncio, e sua reputação criará medo. Ele não vai sair de debaixo da rocha em que se esconde por um bom tempo ainda. – Ela suspirou. – Mas não é disso que estou falando. Nós ainda não compreendemos por completo as operações de Rinnrivin.

– É uma máfia padrão...

– Mas numa escala grande demais. Ryloth nem é tão perto assim de Bastatha, e sua economia está com problemas. Não é um planeta que valha a pena ser saqueado. O único motivo para o cartel de Rinnrivin ter voltado sua atenção para Ryloth é tentar chegar às propriedades dos poucos Hutts que ainda estão no poder. E qualquer um que esteja indo atrás dos Hutts está caçando uma grande fortuna.

O olhar de Casterfo voltou-se para dentro, processando a informação.

– Você disse que ele odiava os Hutts. Será que isso é também sobre vingança, não apenas lucros?

– É possível. Ou outros fatores podem estar em jogo.

– Outros fatores?

– Nós conseguimos baixar algumas informações dos droides que Rinnrivin deixou para trás ao fugir – disse Leia. Nem todos os droides eram serviçais entregando drinques; alguns continham dados

financeiros importantes. – Korrie rodou uma análise preliminar de dados. Embora não contenham todas as operações de Rinnrivin, sugerem uma rede maior do que qualquer coisa que já tenhamos visto, mesmo com os Hutts.

Ela digitou seu código de segurança no terminal mais próximo; hologramas surgiram, exibindo as tabelas de suas descobertas. Uma luz levemente esverdeada brincou pelo rosto de Casterfo enquanto ele absorvia as informações.

– Rinnrivin não está nem *ficando* com a maior parte do dinheiro – disse ele, incrédulo. – Ele está sendo canalizado para empresas fantasma em vários mundos na Orla Exterior. Mas é claro que ele também deve controlar essas empresas.

– Este também foi o meu primeiro pensamento. E teremos que escavar muito mais antes de podermos ter certeza. Contudo, parece que Rinnrivin está simplesmente... dando todo esse dinheiro. Estamos falando de fortunas. Meu palpite é que ele não está doando para caridade.

Casterfo se endireitou de súbito, como se tivesse sido atingido por um disparo em vez de ter tido uma nova ideia.

– O cartel de Rinnrivin é novo. Novo demais para ter construído esse tipo de alcance do zero, a menos que ele tenha recebido ajuda para começar. Um patrocinador.

Ele captava as coisas depressa. Bom.

– Alguém o ajudou a se estabelecer – disse ela – e, em troca, Rinnrivin faz o trabalho sujo por eles e retira lucro mais do que suficiente para manter a si e a seus capangas felizes.

– Mas quem faria isso em tal escala? – Casterfo balançou a cabeça. – Chefes do crime normalmente não confiam em outros chefes do crime para cuidar de suas operações. Seja quem for que estiver por trás, deve ter motivos extraordinários para querer ficar fora das vistas.

Leia hesitou. Ela não tinha nenhuma prova, apenas suspeitas. Suas observações lhe diziam algo, mas não eram sólidas o bastante para que ela pudesse agir com base nelas. Contudo, Leia sentia que, se contasse a Casterfo o que vira, e nada mais, ele iria ao menos escutar.

– Eu observei um grupo de humanos no cassino na noite passada. – Como ela poderia descrevê-los? Nada havia se destacado em especial, exceto a líder deles. – Uma mulher especificamente, mais velha, bronzeada, cabelo com faixas prateadas, o rosto com algumas cicatrizes leves. Ela fez questão de *não* nos olhar. Como se quisesse que os outros acreditassem que não se importava. Mas era evidente demais. Óbvio demais. Aquela mulher estava extremamente ciente de nossa presença e não queria ser notada.

– Eu me lembro dela – respondeu Casterfo, surpreendendo Leia. – Não reparei nessa evasão que você observou, mas não a olhei por muito tempo. Ela tinha um ar de autoridade. Eu me perguntei se ela havia prestado serviço militar. As pessoas junto dela agiam como se ela tivesse sido sua comandante em algum momento.

– Você já ouviu falar do planeta Daxam IV?

– Não... Espere. Um planeta meio deserto, não é? Um dos mais frios, na Orla Exterior. – Então ele entendeu. – O tipo de lugar em que essas empresas fantasma podem fincar um pé.

– Também não é um planeta que muitas pessoas estejam ansiosas por visitar. Em outras palavras, um lugar ideal para se esconder. – Leia consultou sua memória do rosto da mulher, forçando-se a lembrar cada detalhe. – Eu descobri que essas pessoas que vimos no cassino eram visitantes, vindos de Daxam IV. Até o Nikto que cuidava do local parecia intimidado por elas.

– Você acha que elas têm ligação com o cartel? Será que poderiam ser o poder por trás das operações de Rinnrivin? – O rosto de Casterfo se iluminou, e mais uma vez Leia pôde ver sua juventude e sua ansiedade. Mas aquilo não mais fazia com que ela o olhasse com desprezo. Em vez disso, via alguém que há muito merecia uma tarefa à altura de suas ambições.

Talvez ela pudesse providenciar isso.

– Não sei se eles têm a menor relação – admitiu Leia. – Daxam IV não aparece no primeiro conjunto de planetas para onde rastreei o caminho do dinheiro, mas isso pode ser simplesmente a primeira camada da cobertura falsa. Talvez não passe de um palpite, mas é um palpite que nós dois compartilhamos. Quer segui-lo?

O sorriso de Casterfo se ampliou.

– Até onde ele nos levar.

Como se aquela fosse uma aventura, em vez de uma missão muito perigosa...

... mas Leia havia finalmente voltado a experimentar o gosto da aventura. Tinha algo expressivo a fazer. Recuperara seu senso de propósito, depois de muito tempo.

Um pouco de perigo era um preço baixo a se pagar.



– Uma missão não é o suficiente.

A voz de Ransolm ressoou no Senado enquanto ele se postava diante de seu console. Para esse discurso, ele não estava sozinho. A princesa Leia também estava de pé, com os holos e câmeras sincronizados para mostrá-los juntos, apesar de estarem separados por quase toda a largura da imensa câmara do Senado. Eles encaravam sentidos opostos, para que ao menos um deles parecesse se dirigir diretamente à outra metade do recinto. A camisa e a capa pretas que ele usava contrastavam com as túnicas azul-gelo dela, como se fossem tanto espelho quanto o oposto um do outro.

– Nós provamos que Rinnrivin é um homem perigoso – prosseguiu ele. – Vimos que seu cartel tem um alcance pelo menos tão grande quanto os cartéis dos Hutts no passado. As alegações do emissário Yendor provaram-se legítimas, mas nossa investigação deve continuar.

Até aquele momento, Ransolm havia se dirigido a todo o Senado apenas algumas vezes. Ainda achava a experiência atordoante – milhares de rostos e espécies o fitando, escutando cada palavra sua, analisando seus argumentos por meio de racionalizações que ele não podia prever ou controlar. Sentia que jamais se acostumaria a isso.

O que tornava ainda mais impressionante ouvir a voz calma e confiante da princesa Leia.

– Durante o reinado do Império, a corrupção permitiu que o crime organizado expandisse sua influência muito além de qualquer coisa que a galáxia já tivesse visto antes. A cooperação de muitos mundos nos permitiu reverter essa maré e reestabelecer o Estado de direito. Porém, não podemos nos dar ao luxo de sermos complacentes. É minha crença, e também do senador Casterfo, que a organização de Rinnrivin pode representar o ressurgimento do crime organizado, um ressurgimento que devemos barrar *agora mesmo*.

Ransolm argumentara que ele e a princesa Leia deveriam apresentar ao Senado a possibilidade de um poder por trás da ascensão de Rinnrivin. Eles debateram esse ponto desde a viagem de volta para casa, na *Espelho Brilhante*, até aquela manhã, quando se encontraram uma última vez para repassar o discurso que fariam. Se Rinnrivin estava em conluio com alguém ainda mais poderoso e mais obscuro, o Senado sem dúvida deveria tomar conhecimento desse perigo maior. A princesa Leia, entretanto, permanecera irreduzível. *Temos que nos ater o máximo possível às informações mais concretas que possuímos. Se começarmos a especular, perderemos o apoio dos centristas de imediato*, dissera ela. Um sorriso puxava seus lábios. *E se você apresentar uma teoria de conspiração ao Senado, eles vão achar que eu o transformei em um populista*.

Ransolm sabia que o curso de ação adotado por ela era o mais prudente, mas levantar-se diante do Senado e reter informações que poderiam ter importância crucial parecia desonesto. Ele havia jurado

não se tornar um daqueles bajuladores traiçoeiros da política, jurado continuar leal a suas convicções. Agora aqui estava ele, mentindo...

Meramente sendo cauteloso, ele lembrou. Seu objetivo era incitar o Senado a uma investigação mais profunda. Depois disso, ele poderia apresentar não meras suspeitas, e sim, fatos comprovados.

Ele e a princesa Leia não estavam escondendo a verdade; estavam lutando para trazê-la à luz.

Ela tinha começado o discurso e lhe dera a chance de concluí-lo. Ele cruzou as mãos nas costas e empinou o queixo.

– Honrados membros do Senado, nós apresentamos neste momento uma proposta conjunta: uma investigação extensa sobre o cartel de Rinnrivin Di deveria começar imediatamente e ser apoiada por todos os recursos do Senado. A senadora Organa e eu estamos dispostos a liderar essa investigação, trabalhando juntos. Nós os instamos a agir sem demora.

Pronto. Ele fora cortês mas incisivo, claro e conciso. Embora tivesse se sentido nervoso uma ou duas vezes, achava que sua voz não o traía.

Ransolm se sentiu bem com seu discurso até o momento em que o droide moderador disse:

– A tribuna está aberta para as réplicas.

Luzes sinalizando o desejo de falar piscaram por todo o recinto, fazendo os holodroides zarparem em uma dúzia de direções diferentes ao mesmo tempo. O senador Anib Ney, de Sullust, foi o primeiro a se levantar, o codificador de voz traduzindo suas palavras:

– A vida da senadora Organa foi posta em perigo pelas ações justiceiras de um político centrista, e espera-se que nós simplesmente ignoremos esse fato? Podemos confiar uma investigação importante a um renegado?

Atônito, Ransolm mal conseguiu manter o queixo no lugar, estupefato. Renegado? Em outras circunstâncias o adjetivo poderia até ter soado lisonjeiro, mas *justiceiro*?

Em seguida, vestindo um traje espalhafatoso, o senador centrista Mortan de Comra bradou:

– A senadora Organa reteve informações críticas do senador Casterfo! Ela foi imprudente ao arriscar a própria vida, e talvez a de toda a delegação!

A princesa Leia tentou responder.

– Eu admito prontamente que cometi certos erros de julgamento...

– Assim como eu. – Casterfo não permitiria que ela assumisse a culpa sozinha, apesar de continuar razoavelmente certo de que a culpa *era* só dela. Eles estavam deixando isso para trás e se concentrando no que realmente importava.

Todavia, o Senado não conseguia se concentrar em nada. Os droides continuavam catalogando debate após debate, com incontáveis senadores gritando em seus amplificadores sem ouvir nem uma palavra.

Ransolm espiou a tela do console e viu a princesa Leia de pé, com as duas mãos cruzadas diante de si e o rosto completamente composto. Sua imobilidade calma e o azul-claro de sua túnica quase o

faziam acreditar que ela tinha sido esculpida em gelo – porém, ele já a conhecia o suficiente para detectar a irritação nos seus olhos castanhos, e suspeitava que ela via o mesmo refletido nos dele. A compreensão entre eles foi imediata; era como se ela tivesse se inclinado para perto dele e sussurrado: “Dá para acreditar nesses idiotas?”.

Isso é temporário, disse ele a si mesmo. Apenas pose. Quando os senadores tiverem tempo para analisar nossas evidências, vão entrar em ação.

Ele se recusava a desistir do processo político, como suspeitava que Leia havia feito. Embora Ransolm tivesse aprendido a respeitá-la, não copiaria seu engano. Desistir do governo não era uma opção.

Mas ele desejava muito que suas palavras tivessem sido ouvidas, que ele realmente conseguisse trazer algum benefício e fazer a diferença.

Lady Carise Sindian era considerada pela maioria dos que a conheciam como vaidosa, superficial e frívola. Ela fazia questão de cultivar essa reputação sempre que podia.

Aqueles que subestimavam suas ambições na verdade estavam superestimando a si mesmos. E isso os tornava vulneráveis, e ainda que ela nunca fosse usar essas vulnerabilidades, sempre conheceria o ponto mais fraco, a fratura não cicatrizada, o lugar ideal a atacar. Uma vez que se conheciam as fraquezas de alguém, era sempre possível descobrir qualquer outra coisa sobre essa pessoa.

Enquanto isso, os outros jamais a entenderiam.

(Bem, a parte vaidosa de sua reputação era precisa. Lady Carise era autoconsciente o bastante para reconhecer. Mas sentia que havia falhas piores do que se orgulhar de beleza e status.)

Ela estava sentada em seu posto, ouvindo o Senado botar para fora todo seu ultraje a respeito da missão a Bastatha. Provavelmente a maioria das pessoas naquele recinto pensava que este seria o maior ponto de controvérsia daquele dia. Estavam muito enganados.

Ter ido daqui até Bastatha para descobrir tão pouca coisa, pensou, enquanto olhava para a princesa Leia e Ransolm Casterfo. Lady Carise gostava do pouco que conhecia sobre Casterfo, e quanto à princesa... bem, ela podia não se importar com seu próprio status, mas lady Carise tentava respeitar Leia Organa como uma colega, filha de uma das Casas Anciãs. Era preciso respeitar títulos e linhagens. Sem isso, a realeza não significaria nada.

Finalmente, o representante Ithoriano apresentou uma moção para “agendar a discussão” de maiores investigações sobre Rinnrivin Di. Na verdade, isso significava que ninguém jamais voltaria a fazer qualquer coisa a respeito. Os ombros de Casterfo desabaram em óbvia decepção, enquanto a princesa Leia simplesmente afundou de volta em seu lugar sem nem um franzir de testa. Lady Carise soube então que a princesa jamais esperara nenhum resultado vindo de seu discurso, desde o começo.

Talvez o próximo orador se provasse mais eficaz.

– A tribuna agora reconhece a honorável senadora de Arkanis, lady Carise Sindian.

Ela ficou de pé, pronta para seu momento. Suas túnicas vermelhas e cintilantes refletiam as minúsculas luzes das câmeras dos holodroides, e seus cabelos compridos e escuros estavam decorados com presilhas incrustadas de joias de seu mundo natal. Até aqueles que não esperavam ouvir com cuidado se sentiriam compelidos a assistir. Ela tinha a atenção deles, e agora pretendia usá-la.

– Honrados membros do Senado – começou lady Carise, olhando para a enorme extensão da câmara. – Apenas três semanas se passaram desde a gloriosa cerimônia marcando a inauguração da estátua de Bail Organa.

A afirmação foi saudada com um punhado de aplausos, estalar de dedos e assovios, diferentes expressões de aprovação da audiência de todas as espécies. Lady Carise sorriu.

– O falecido vice-rei de Alderaan ajudou a forjar uma aliança que conectou centenas de mundos. A união que ele inspirou em outros nos fez lembrar do potencial de uma cooperação ainda maior dentro da galáxia. Quando olhamos para seu rosto esculpido em pedra, nos lembramos de como um indivíduo pode fazer toda a diferença quando serve de inspiração a outros. Embora me doa dizer, devo acrescentar que o Senado não tem sido tão eficiente na ausência de Mon Mothma, e que seus sucessores no gabinete do chanceler fracassaram em alcançar sua habilidade de criar consenso. Agora a Nova República começa a sofrer por causa disso. O crescimento das atividades ilegais é apenas um sintoma desse mal. Existem outros, e outros mais se desenvolverão enquanto permitirmos que esta situação se prolongue.

Uma das pouquíssimas coisas que o Senado não queria discutir em profundidade era sua própria ineficiência. Um silêncio desconfortável cercou lady Carise, mas era um silêncio que ela pretendia utilizar.

– Não podemos esperar pelo retorno de Mon Mothma para agir. Ela já salvou esta galáxia uma vez dos perigos da opressão; devemos agora salvar a nós mesmos dos perigos da fraqueza. Portanto, eu gostaria de fazer uma proposta, algo que alguns aqui considerarão radical. – Ela deixou o olhar se voltar para aquela demagoga populista, Varish Vicly, mas apenas por um momento. – Outros podem acreditar que ela não vai longe o suficiente. Entretanto, depois da devida consideração e de sugestões populares, eu estou certa de que meus colegas senadores concordarão que esta é, de longe, a melhor maneira de restaurar a vitalidade de nosso governo. Carespécies, devemos liderar novamente. Para podermos fazer isso, precisamos de um *líder*.

Como ela lutara para ser a pessoa a fazer essa declaração. Seus aliados no Senado também estavam famintos por essa glória. Ela havia vencido, porém, e este era o seu momento.

– Eu proponho, portanto, a abolição do título *chanceler*. Em seu lugar, elegeremos um “primeiro-senador”, e este primeiro-senador receberá autoridade *real* sobre assuntos militares e econômicos. Nossos soldados e políticos serão responsáveis mais uma vez. O Senado terá que cooperar. – Lady Carise ergueu a mão em punho. – E finalmente poderemos mover a Nova República adiante!

Um momento de silêncio, e então... pandemônio.

– Isso é traição! Alta traição contra os valores centrais da Nova República!

– Como sabemos se o título de primeiro-senador não vai se provar tão ineficaz quanto o de chanceler?

– Nós teríamos que refazer toda essa seção da constituição da Nova República!

– E se o primeiro-senador se transformar em outro imperador?

Lady Carise respondeu a essa pergunta de imediato.

– Quando refizermos a constituição, podemos definir a autoridade do primeiro-senador e construir defesas contra a tirania.

– Podem? – Isso veio da princesa Leia, cujo rosto estava corado. – Preciso lembrar aos honrados membros que Palpatine manteve a ilusão do Senado Imperial por quase vinte anos após a queda da Velha República? Um tirano pode fazer qualquer coisa parecer ser “a vontade do povo”.

Lady Carise levantou as mãos. Os droides mediadores obedeceram seu sinal, silenciando todos os outros senadores, gostassem eles ou não. Ela sentia como se pudesse beber a energia que rondava o salão, uma mistura inebriante de fúria e zelo.

– Honrados membros, não espero que essa transição seja fácil. Nem espero que uma votação seja feita hoje. O que eu peço é apenas que o Senado estude minha proposta seriamente e crie um plano que nos permita eleger um primeiro-senador em algum ponto neste mandato.

Pronto. Ela sabia, é claro, que os argumentos a respeito disso se estenderiam por uma eternidade. O Senado não realizava nada com rapidez, menos ainda seu próprio aprimoramento. Mas a ideia de finalmente escolher um líder poderoso tinha sido introduzida. Ela, lady Carise Sindian, tinha sido a pessoa a apresentá-la. Eles se recordariam disso, algum dia. Crianças em idade escolar aprenderiam seu nome.

Um dos droides mediadores entoou:

– A tribuna reconhece agora o honrado senador de Riosa, Ransolm Casterfo.

Lady Carise esperava ver Casterfo desanimado após seu fracasso com a investigação de Rinnrivin, mas em vez disso, ele exibia um porte orgulhoso, as mãos cruzadas às costas.

– Carespécies, este *não é* o momento para debate. Francamente, debate é o que está matando este Senado.

Houve alguns aplausos e chilreados dos senadores que concordavam. A frustração devia ser o sentimento mais compartilhado no Senado Galáctico.

Casterfo prosseguiu:

– Se continuarmos a agendar todas as questões dignas de serem debatidas, continuarmos adiando todas as moções que poderiam fazer alguma diferença, vamos apenas nos afundar mais e mais no pântano burocrático que agora define a Nova República. Estamos falhando em liderar nossos cidadãos. Estamos nos tornando *uma piada*.

A afirmação foi recebida com silêncio, mas era o silêncio da concordância. O rosto de lady Carise

ardeu enquanto ela se recordava dos exemplos de humor vulgar à custa do Senado que ouvira nos espaçopertos e lugares públicos. Ao menos ela ainda tinha um título nobre, digno de honra, um que nenhum governo jamais poderia retirar.

– O que lady Carise propôs é radical, sim – continuou Casterfo. Ele havia aderido à ideia e a eletricidade em sua voz começara a galvanizar a multidão. – Isso não faz da proposta um erro. Eu, particularmente, acredito que este Senado precisa, sim, de uma liderança com mais autoridade. Outros não acreditam nisso. Para muitos de nós, nossas convicções não mudarão não importa o quanto debatamos. Assim, proponho que votemos *agora*. Aqui, hoje. Vamos ver como pensa a maioria! Vamos nos levantar e dizer precisamente em que acreditamos, e *agir* com base nessa crença! Se o voto for não, então não desperdiçamos mais tempo e acrimônia no assunto. Porém, se o voto for sim, se outros entre vocês estiverem famintos por uma liderança decisiva novamente, então poderemos gastar nossa energia onde ela realmente deveria ser gasta, determinando a melhor forma de definir e eleger nosso primeiro-senador.

O aplauso retornou, mais alto dessa vez. Lady Carise sentia como se o holofote tivesse se voltado totalmente para Casterfo. A inveja a aguilhoou, mas ela conteve o sentimento. Se os centristas conseguissem que o assunto fosse votado naquele dia, independentemente do resultado, decerto seria uma vitória. Até mesmo levantar a ideia de um primeiro-senador despertaria uma conversa entre os povos da galáxia, preparando-os para a união e a grandeza no futuro. Além do mais, Casterfo estava se provando um aliado valoroso – um talento que valia a pena cultivar.

– Eu convoco uma votação. – Os olhos azuis de Casterfo estavam reluzentes, seus contornos esboçados pelas luzes da câmara. Ele parecia uma figura heroica em um cartaz ou um holo de propaganda. Essas imagens, sem dúvida, seriam transmitidas mais tarde. – Aqui e agora. Parem de debater. Parem de questionar. Não se preocupem com os detalhes do procedimento, que podem ser determinados depois. Digam apenas se estão ou não prontos para este Senado finalmente voltar a caminhar adiante.

– Alguma oposição à votação? – perguntou o droide moderador, sem entonação. Lady Carise sabia que a maioria dos populistas objetaria de imediato, mas era muito difícil evitar uma votação na tribuna do Senado; o governo era estruturado para permitir que todos tivessem direito à fala, sempre, o que estava finalmente funcionando a favor dos centristas.

Convocar uma votação era uma coisa. Vencê-la era outra.

Nós não tivemos tempo para fazer as pessoas verem os benefícios de uma liderança forte, pensou ela. Elas continuam temendo a sombra de Palpatine.

Mesmo assim, enquanto as objeções a uma votação fracassavam em atingir o status de veto e as preparações começavam, lady Carise percebeu o verdadeiro brilhantismo de Casterfo. Ele não baseara seu argumento em termos da aceitação de um primeiro-senador. Em vez disso, ele enfatizou a frustração que todos sentiam a respeito da inércia do Senado. Casterfo não lhes pedira para votar *em*

nada, apenas para votar contra uma burocracia desprezada e entravada.

Os votos começaram a ser contados na tela flutuando acima deles – cada indivíduo anônimo, mas deduzível. Os votos de “não” dos populistas se acendiam em verde, enquanto os “sim” dos centristas iam em amarelo. Normalmente, os planetas não comprometidos com qualquer facção se dividiam *grosso modo* meio a meio, ou se abstinham por completo.

Dessa vez, entretanto, as marcas amarelas na tela se multiplicaram até lançarem um brilho dourado. Lady Carise fitava a luz, sua mão sobre o coração. Ela e Casterfo dividiriam o crédito por isso, e haveria créditos mais do que suficientes para compartilhar. Quando os olhos dele encontraram os dela através dos holos, ele sorria, e ela sorriu de volta. A essa altura, ambos sabiam.

Dos vários autofalantes e tradutores veio o resultado final:

– A moção foi aprovada.

Leia geralmente recusava bebidas fortes em encontros com seus colegas senadores, mesmo naqueles puramente sociais. Naquela noite, quando o droide perguntou o que ela queria, ela pediu um brandy corelliano.

– Duplo, por favor.

– *Uma votação* e todo nosso sistema de governo desmorona? – Varish Vicly usou as garras para afastar a pelagem dourada de seu rosto carrancudo. – Como isso pôde acontecer?

– Aconteceu porque nosso governo foi projetado para ser flexível – apontou Leia enquanto tomava seu assento na mesa longa e esmaltada de Varish. – Nós não queríamos ser rígidos. Queríamos nos dobrar. Bem, acabamos de nos dobrar tanto que quebramos.

Ela e diversos outros populistas tinham sido convidados para este jantar vários dias antes; Leia estava ansiosa pela festa, não apenas pelo rico banquete que seria apresentado, mas também porque pretendia começar a informar os colegas de seus planos sobre deixar o Senado no final do mandato. Em vez disso, eles passariam a noite toda pelejando com o desastre político que acabara de ocorrer.

– Mas como praticamente todos os mundos neutros puderam se voltar contra nós dessa forma? – Varish estalou os dedos; Loneranos podiam estalar oito de uma vez só. – Eu não teria imaginado que isso fosse possível.

Tai-Lin Garr se ajeitou sobre as longas almofadas que davam a volta na mesa de Varish, bem ao lado de Leia. Por ser de Gatalenta, ele dava a impressão de ser mais calmo e mais estável do que qualquer outro no Senado – mas estava claro que a votação daquele dia o abalara profundamente.

– Lady Carise não convenceu ninguém. Casterfo convenceu quase todo mundo.

– Ele foi até lá e fingiu cooperar com Leia, depois vendeu a galáxia toda. Aquela cobra sedenta por poder. Sem ofensa! – acrescentou Varish, acenando para um Fillithar na outra ponta da mesa. O Fillithar sibilou que não havia se ofendido.

Leia balançou a cabeça.

– Casterfo é sincero. Errado, mas sincero. Ele também é convincente, e tem charme de sobra. Se os centristas conseguirem reunir mais alguns oradores como ele, ou mesmo um candidato, nós estaríamos em sérios problemas.

Grunhidos e pragas encheram a sala e os droides começaram a se apressar para distribuir a segunda rodada de drinques.

A maioria dos senadores mantinham casas relativamente modestas em Hosnian Prime; até Leia, que não tinha outra residência primária, vivia em um apartamento simples, mas confortável, perto dos principais prédios governamentais. Contudo, Loneranos acreditavam na opulência como uma virtude, o que significava que o conjunto de cômodos de Varish Vicly era no mínimo quatro vezes maior do que a moradia da maioria das pessoas. A despeito do quase escandaloso nível de luxo que ela mantinha – com obras de arte abstratas ardendo nas paredes em cores vibrantes e arranjos de cristais pendendo das luzes –, o lar de Varish criava uma sensação de hospitalidade e conforto que quase sempre deixava os visitantes à vontade, algo de que todos eles precisavam naquela noite.

Ainda assim, Leia não conseguia relaxar. Ela se viu pensando em sua mãe – a mãe biológica que não conheceu, Padmé Amidala. Desde que Leia descobrira a identidade da mãe, anos atrás, ela havia feito toda a pesquisa que pôde para descobrir algo mais sobre a antiga rainha e senadora. Descobriu que sua mãe estivera presente na votação que dera a Palpatine o poder total sobre o velho Senado Galáctico, e Leia podia imaginar o desespero que devia se encontrar dentro do coração dela.

Estaria acontecendo de novo, hoje? Minha mãe assistiu à velha República cair – será que agora é a minha vez de ver a Nova República desabar?

Leia tomou outro gole de brandy.

Tai-Lin se sentou mais ereto e arrumou seu manto escarlate.

– Não podemos evitar a eleição de um primeiro-senador. Tudo o que podemos fazer é nos certificar de que o primeiro-senador será um populista, para garantir que este poder não será mal utilizado.

Murmúrios de concordância percorreram a mesa, e Leia se viu assentindo. Não existia outra solução.

Varish inclinou a cabeça, os pelos dourados se espalhando por cima de um dos ombros.

– Está se nomeando, Tai-Lin? Não é má ideia.

– Eu tenho uma melhor. – Tai-Lin sorriu. – Nosso candidato deve ser mais do que um senador confiável e experiente. Deve também ser alguém conhecido por toda a galáxia. Alguém cujos amigos e familiares sejam famosos por suas contribuições à Nova República. Uma heroína de guerra que nem mesmo os centristas podem acusar de ser fraca.

Os olhos de Leia se arregalaram. *Ah, não.*

Varish bateu suas palmas peludas.

– É claro! A primeira-senadora da Nova República deve ser a princesa Leia!

Droga.



– Mas isso é incrível! – Greer sorriu enquanto soltava seu datapad, deixando de lado o profissionalismo, surpresa pelo que Leia estava contando. – Você seria uma primeira-senadora maravilhosa.

– A senhora venceria com certeza, vossa alteza. – Korrie abraçou seu datapad junto ao corpo. Era excitante para uma jovem de 16 anos descobrir que estava trabalhando para alguém que provavelmente se tornaria a pessoa mais poderosa da galáxia. Mas Greer não podia ser condescendente com a alegria de Korrie, quando ambas estavam igualmente emocionadas.

Trabalhar com política normalmente não era muito emocionante, mas isso? Uma disputa pelo cargo de primeiro-senador seria quase tão boa quanto uma corrida em um caça estelar. Nem tanto. Mas quase. Seria toda a emoção com que Greer poderia lidar, de qualquer maneira.

– Que maravilhoso – disse C-3PO. – Quando será agendada a eleição?

A princesa Leia apenas balançou a cabeça para eles antes de se recostar em sua cadeira.

– Eu já disse a vocês. Quando meu mandato terminar, eu quero renunciar.

Greer quis protestar, mas não ousou. Felizmente, o que faltava a C-3PO em tato, ele compensava em entusiasmo.

– Mas vossa alteza, a senhora não pode renunciar! Não agora, quando a galáxia precisa da senhora.

– 3PO tem razão. – Greer se perguntou se essas palavras já haviam saído de seus lábios antes. –

Você é provavelmente a candidata mais forte que os populistas poderiam propor. Isso faz de você nossa melhor chance de vencer. Se um centrista vencer essa eleição... coisas ruins podem acontecer.

Dizer que “coisas ruins” podiam acontecer era eufemismo, e Greer sabia disso. Porém, falar a verdade significaria dizer palavras como *guerra* e *tiranía*. Ela não queria tocar nesses assuntos se não fosse necessário. Certamente não seria. A princesa Leia tinha de ouvir a voz da razão, certo?

Leia suspirou enquanto se levantava e caminhava até a janela de seu gabinete. A vista revelava pouca coisa além de arbustos e as trilhas avermelhadas no exterior do complexo senatorial, porém ao menos deixava a luz entrar. Não fosse isso, Greer teria achado o escritório claustrofóbico demais para suportar.

Às vezes ela sentia falta do céu.

– Nossa missão em Bastatha me lembrou de como era estar em ação durante a Rebelião – disse Leia, sem se virar da janela. – Saber que toda a sua vida depende da velocidade e coragem, além da pistola em sua mão.

– Que terrível – disse C-3PO. – Aqueles foram dias assustadores de fato, vossa alteza.

– E também maravilhosos. – Leia olhou por cima do ombro, não para C-3PO, e sim para Greer e

Korrie, de quem ela provavelmente esperava compreensão. – Sinto falta de pôr a mão na massa. Sinto falta de lidar com os problemas pessoalmente. Sinto falta de conversar com pilotos e soldados em vez de políticos o tempo todo. Sinto falta de me sentir como... não. Sinto falta de *saber* que o que eu estou fazendo realmente importa.

Greer havia se imaginado na Aliança Rebelde antes, brincando de piloto de X-wing quando garotinha e fingindo explodir as Estrelas da Morte, às vezes as duas coisas ao mesmo tempo. Porém, é claro que era assim que uma criança pensava na guerra: como uma grande aventura, em que o bem sempre vence e o mal morria sem derramar sangue de verdade.

Ouvir a princesa Leia, que sofrera tragédias e perigos indizíveis ao longo da guerra, falar daqueles dias com nostalgia... talvez fosse a maior prova do quanto o Senado Galáctico tinha se tornado ruim.

No entanto, se o Senado estava desmoronando, Greer sabia quem ela queria ver resistindo no final.

– Você poderia ao menos continuar a investigação de Rinnrivin – aventurou-se Greer. – O Senado provavelmente lhe daria ainda mais espaço de manobra. Os populistas porque querem vê-la brilhar, os centristas porque querem vê-la estragar tudo.

Leia gemeu e riu enquanto voltava para sua escrivaninha.

– Sem dúvida.

Encorajada, Greer continuou:

– Então, não é como se você tivesse que deixar toda a ação de lado. E se fosse primeira-senadora, poderia burlar a burocracia que odeia há tanto tempo. As coisas não continuariam como estão. Tudo mudaria.

– Tudo vai mudar, com ou sem mim – destacou Leia.

Greer assentiu.

– Porém, com você, temos uma chance de mudar para melhor.

A princesa Leia tinha um jeito de olhar para as pessoas como se pudesse ver tudo dentro delas, até seus ossos. Era difícil contar alguma mentira para ela, e mais difícil ainda convencê-la de alguma coisa. Entretanto, o único segredo terrível que Greer possuía era um que a princesa conhecia e guardava. Quando a princesa Leia fixou seu olhar em Greer, não estava começando uma investigação, mas exigindo honestidade total e absoluta.

– O que você faria, se estivesse no meu lugar?

Aventura e liberdade ou dever e propósito. Greer já fizera aquela escolha uma vez. A princesa Leia estava, na verdade, lhe perguntando se ela se arrependia.

– Eu ficaria. – Greer levantou o queixo. – Eu participaria das eleições. E venceria.

A princesa recostou-se na cadeira, em profunda reflexão. Elas tinham trabalhado juntas por tempo o suficiente para que Greer soubesse o que se passava na cabeça de Leia: ela ainda não tinha escolhido ficar, mas já não estava resolvida a partir.

– Um comitê exploratório – disse a princesa, finalmente. – Só para... considerar as possibilidades.

Vou concordar apenas com isso.

– Esplêndido! – chilreou C-3PO. Korrie sorria enquanto se punha ao trabalho, sugerindo nomes para o comitê. Ambas sabiam que o debate tinha terminado e que estavam às vésperas da campanha política mais empolgante dos últimos trinta anos.

Greer sabia apenas que, pela primeira vez, havia mentido para Leia Organa.

Alguns arrependimentos jamais podiam ser ditos em voz alta.

– Eu te disse, você nunca vai sair daí. – Han balançou a cabeça e sorriu como se dissesse: *Viu? Eu estou sempre certo*. Seu sorriso arrogante teria enganado a maioria das pessoas.

Leia, contudo, podia sentir o desapontamento de Han, que era mais difícil de suportar do que o seu próprio.

– Eu não quero isso – disse ela. – Você sabe que eu não quero.

– Claro que não. É por isso que está montando o, como é que chama, “comitê exploratório”.

Ela balançou a cabeça.

– Han, a única coisa pior do que eu me tornar a primeira-senadora seria um centrista se tornar o primeiro-senador. Se eu sair agora, talvez esteja entregando a galáxia para o próximo imperador. Você sabe que não posso fazer isso.

Depois de um instante, Han suspirou.

– Eu sei.

Notícias políticas correm depressa. Por isso, assim que Leia ordenara à sua equipe que montasse o comitê exploratório, solicitou comunicar-se com Theron. Seria terrível se seu marido ficasse sabendo de uma notícia tão importante de alguma outra forma.

Contar pessoalmente? Também não seria bom.

Quando conseguiu falar com ele, Han estava em seja lá qual nave ele conduzia em Theron, metido literalmente até a cintura em fiação, numa asa revestida de preto, com suas ferramentas largadas ao redor. Ele empurrou os óculos de segurança para cima, sobre a testa, e seu cabelo grisalho ficou espetado na frente. Nos fundos, tanto os droides quanto os mecânicos continuavam trabalhando duro, fazendo algo complicado com os motores traseiros da nave.

– Reparos? – perguntou ela, torcendo para deixar a conversa mais leve. – Eu achei que você nem tinha começado a voar nas rodadas. – As primeiras fases da competição Sabres podiam ser supervisionadas a partir de plataformas no chão; a vigilância aérea só começava com as transmissões lunares.

– Isso? – Han deu de ombros como se não fosse nada, mas já começando a sorrir de novo. – Na verdade, eu pensei que podia dar uma envenenada nessa gracinha antes de levá-la para passear de novo. Dar uma forcinha a mais e ver até onde posso levar os motores. Ela é uma boa nave, ligeira, fácil

de manobrar, mas precisa de algo extra.

Han dissera virtualmente a mesma coisa sobre todas as naves que tinha comandado desde a *Millennium Falcon*. Ele continuava tentando recriar aquela magia. Contudo, Leia sabia que ele jamais conseguiria, não importava quanta velocidade ou facilidade de manobras qualquer outra nave tivesse. Alguns amores só acontecem uma vez na vida.

– O trabalho estaria indo melhor se eu não tivesse que lidar com uma equipe novata – prosseguiu ele. – Se ainda tivesse Greer na minha equipe, já teríamos terminado a esta altura.

– Eu vou falar pra ela que você disse isso.

– Ela está indo bem? – Han franziu a testa, genuinamente preocupado.

– Creio que sim. Greer está mais empolgada com a campanha política do que eu. – Leia sorriu, pesarosa. – O que não é dizer muito, na verdade. Mas ainda assim.

– Bem, dê a ela um oi por mim.

Esta era a deixa para Leia perguntar se Han tinha notícias de Ben ou Luke (embora ela soubesse que não tinha), ou para perguntar sobre como estava Chewbacca. A conversa deles se desviaria para algo mais simples e fácil, e ambos podiam fingir que tudo estava bem.

Porém, era importante ser honesta em momentos assim, mesmo que fosse difícil.

– Han? Eu sinto muito sobre a campanha. Eu realmente queria algo diferente para nós. – Ela lembrou de seus devaneios sobre os dois voando juntos pela galáxia, sem nenhuma preocupação. Mas esses sonhos já estavam se desvanecendo em sombras. – Mas nada muda, nunca.

– Ei. – Han ergueu os olhos de seu trabalho, mais solene do que em qualquer outro ponto da conversa. – Não se desculpe comigo por levar isso a sério, está bem? Você coloca o dever primeiro. Isso às vezes me deixa louco, mas é quem você é. Provavelmente também é o motivo de a Nova República ainda estar inteira.

Leia não conseguiu sorrir.

– Algum dia.

– Algum dia.

As palavras soaram como uma promessa. Todavia, Leia não conseguia se forçar a acreditar que esse dia realmente chegaria... e ela sabia que Han também não acreditava. *Algum dia* era o sol desaparecendo atrás de uma nuvem, uma manhã perdida para a escuridão muito antes da chegada da noite.

Lady Carise Sindian caminhava pelos corredores do complexo senatorial, o manto rosa ondulava atrás dela como se numa brisa. Ela acelerou os passos largos e velozes e desdenhou das calçadas móveis que carregavam tantos outros senadores. Passividade era um hábito que lady Carise não pretendia adquirir.

O dia anterior tinha sido um de seus maiores triunfos – *até o momento*, pensou ela. Entretanto, a

vitória exigia mais das pessoas do que a derrota. Em vez de se alegrar na votação bem-sucedida, lady Carise passara várias horas recebendo chamadas de inúmeros senadores centristas, equilibrando-os de modo a demonstrar favorecimento aos mais importantes sem alienar os outros. Para sua surpresa e alívio, o senador Casterfo obedeceu ao protocolo, vindo prontamente ao gabinete dela.

Se ela estivesse no lugar dele, teria sido tão rápida em ceder o crédito principal pela votação? Com certeza não. Porém Casterfo compreendia a importância da autoridade, o que significava compreender a necessidade de hierarquia. Aquilo fazia dele um patrimônio, em vez de uma ameaça. Lady Carise o convocara para seu gabinete apenas uma hora antes para sugerir que eles frequentassem as reuniões de potenciais candidatos centristas juntos, para evitar qualquer traço de sectarismo. Casterfo concordara com tudo – tinha sido inclusive muito charmoso – até o momento em que ela terminou a reunião e explicou o motivo.

– Vai visitar a senadora Organa? – Casterfo sorriu como se estivessem discutindo uma amiga mútua. – Imagino que ela não esteja muito contente comigo hoje. Mas mande lembranças minhas.

Ransolm Casterfo não pode ser tolo a ponto de achar que pode fazer amizade com uma senadora populista, pensou lady Carise enquanto passava sob a sombra da estátua de Bail Organa, espalhando um bando de Toydarianos que estava enrolando na sua frente. *Nem pode presumir que a princesa seja ingênua o bastante para encarar suas gentilezas como sinceras. Então, que jogo é esse que ele está fazendo?*

Aquilo merecia uma observação mais prolongada, mas lady Carise deixaria a questão de lado por enquanto. Iria visitar a princesa Leia não como uma colega senadora, mas como uma irmã das Casas Anciãs, o que merecia seu próprio peso e importância.

Depois que o instável droide protocolar da princesa a conduziu para dentro, lady Carise sentou-se diante da escrivaninha de Leia, cruzando as mãos no colo.

– A senhora deve saber por que estou aqui.

A princesa Leia balançou a cabeça, negando. Ela trajava um vestido cinzento simples, mais adequado a uma cidadã comum do que a uma senadora.

– Temo que eu não saiba, lady Carise. A menos que seja sobre a votação de ontem...

– É claro que não. Sem política hoje. – Lady Carise abriu um sorriso enorme. – A senhora e eu temos o luxo de considerar assuntos mais elevados, não?

Em vez de responder, a princesa encarou lady Carise com uma expressão que parecia ser de incompreensão total. Será que ela estava bem? Era possível que a senilidade já tivesse começado a se manifestar. Obviamente, a princesa Leia era um tanto jovem para esse tipo de problema, mas nunca se sabe.

Com o que ela considerou ser um exemplo de graciosidade e boas maneiras, lady Carise não forçou a princesa a adivinhar.

– Eu queria discutir o governo de Birren. Sua equipe deve estar pesquisando o assunto há semanas agora. Quando a senhora planeja viajar para lá para a cerimônia de posse?

– Ah. Sim. Certo. – A princesa Leia agia como se não tivesse pensado no assunto nem uma vez desde a última conversa entre elas. Que cínica. – Sabe, lady Carise, eu não sou realmente da linhagem de nenhuma das Casas Anciãs. Bail e Breha Organa me adotaram...

– A senhora era uma órfã de guerra. – Lady Carise sempre achava essa história extraordinariamente tocante. – E, no entanto, eles a criaram como uma filha. Pelas suas ações, os Organa mostraram que a nobreza não é apenas uma questão de sangue.

A princesa Leia sorriu diante da menção gentil a seus pais.

– Meu ponto é: eu não deveria ser a pessoa a herdar o governo de Birren, em primeiro lugar.

– Mas é claro que deveria! Nenhuma das Casas Anciãs confere a sucessão estritamente através da herança por linhagem. – Em particular, lady Carise tinha algumas reservas a respeito disso. Linhagens deviam ter alguma importância, senão o próprio conceito de realeza seria desconsiderado. Não obstante, ela acreditava que a nobreza interior podia ser demonstrada por meio de atos, e a despeito de suas discordâncias políticas com a princesa, lady Carise sentia que ninguém poderia negar que a coragem de Leia estava à altura da de qualquer monarca. – A senhora deve suceder lorde Mellowyn, assim como o seu filho deverá um dia sucedê-la.

Por um momento a princesa Leia pareceu cansada, como se tivesse envelhecido entre uma frase e a seguinte.

– Também não consigo visualizar Ben se interessando pelo governo. Realmente, seria melhor para todos os envolvidos se eu me retirasse da sucessão. Ela não recairia sobre você, nesse caso? Birren foi colonizada por exploradores de Alderaan e Arkanis, afinal.

Lady Carise conseguiu não revelar nenhuma reação além da surpresa. Por dentro, contudo, ela sentia como se cada fogo de artifício da cerimônia de inauguração estivesse novamente explodindo no céu, ainda mais luminosos do que antes. *Ela está dando isso para mim. Para mim! Um título planetário, só meu! Meu status nas Casas Anciãs se elevaria imensuravelmente, de um dia para o outro.*

Porém, sua dedicação à nobreza permanecia ainda mais forte do que sua ambição.

– Princesa Leia, a senhora me dá uma grande honra apenas por essa sugestão. No entanto, eu jamais poderia usurpar o seu trono.

– Não estará usurpando se eu lhe der o trono. – A princesa Leia agitou a mão como se estivesse espantando algo. – Honestamente, eu não vejo sentido em passar semanas longe do Senado apenas para reclamar um trono honorário que mais ninguém se importa em preencher, nem mesmo o povo de Birren. Se você não assumir o governo, enviarei um emissário para verificar pessoalmente a possibilidade de extinguir esse posto. No entanto, se estiver disposta a assumi-lo, e os cidadãos não objetarem... por favor, lady Carise, fique à vontade.

– Obrigada. – Lady Carise não podia mais manter sua alegria apenas no interior, e sorriu amplamente para a princesa. – Prometo que ficará orgulhosa de meu serviço como governadora suprema.

A princesa Leia sorriu de volta, embora meio de lado.

– Viu? Agora todo mundo está feliz.

– É claro que vou viajar para Birren imediatamente. É *tão importante* a gente pôr as mãos na massa!

A frase atingiu a princesa Leia com força. Ela se endireitou enquanto seu olhar se aguçava em intensidade máxima, como se tivesse acabado de despertar.

– Concordo totalmente.

Durante a maior parte da meia hora seguinte, lady Carise sentia-se como se flutuasse em uma nuvem de deleite. Porém, enquanto caminhava de volta a seu próprio gabinete, com a cabeça cheia de visões de si mesma em um vestido de gala dourado para combinar com seu trono, subitamente lhe ocorreu: *semanas longe do Senado*. Passar tanto tempo assim em Birren agora – em um momento tão crítico, com a probabilidade de os candidatos a primeiro-senador serem anunciados naquele mesmo mês – será que ela podia se dar a esse luxo? Estaria sacrificando seu trabalho como senadora em troca do governo supremo de Birren?

Ela teria que simplesmente encontrar um equilíbrio. O dever exigia que ela cumprisse os dois papéis com o melhor de sua habilidade. Os ventos da política mudavam de um dia para o outro, mas a nobreza era para sempre.

Joph pretendia apenas tirar uma soneca curta, mas, em vez disso, passou quase todo o seu turno dormindo. Ele xingou quando viu as horas e correu para o hangar, onde cerca de uma dúzia de pilotos de X-wing se reuniam em torno de um holotransmissor.

– Já começaram? – gritou ele, enquanto corria até o grupo.

Temmin Wexley, também conhecido como “Snap”, gesticulou para Joph se juntar à aglomeração.

– Estão prestes a começar! Mexa essas botas, Seastriker!

A segunda corrida Sabres estava quase começando: corridas curtas orbitais. Enquanto os últimos três estágios dos Cinco Sabres eram melhores de assistir na filmagem editada, mais tarde – porque duravam horas, depois dias, e então semanas –, os dois primeiros eram a melhor corrida que alguém podia acompanhar. Joph gritou até ficar rouco, torcendo para os pilotos na disputa atmosférica inicial de caças estelares, e ele esperava que as corridas curtas orbitais fossem tão empolgantes quanto ela. Até mais empolgantes, porque apenas depois da segunda corrida era possível identificar potenciais vencedores.

Joph apressou-se a se juntar ao grupo – mas fez uma pausa assim que viu uma piloto trabalhando em sua nave sem nem sequer olhar de relance para as corridas.

– Greer?

Ela olhou para ele de onde estava, embaixo da *Espelho Brillhante*. As mangas de seu macacão manchado de graxa estavam puxadas para cima de seus cotovelos.

– Oi, Joph.

– Você não vai assistir?

– Nah. – Greer encolheu um dos ombros e se debruçou mais para perto de seu trabalho. O brilho de seu escâner portátil contornou seu perfil nas sombras do hangar.

– Mas você *ganhou* as Sabres uma vez!

– Exatamente. Já estive lá, e já ganhei a corrida. – Greer não tornou a desviar o olhar da *Espelho Brilhante*, nem sequer uma vez. – De qualquer forma, eu só ganhei a versão júnior das Sabres.

O que ainda era totalmente incrível. Joph abriu a boca para protestar, mas – em um raro lampejo de tato – percebeu que seria mais esperto não dizer nada.

O negócio era: Greer tinha outro trabalho no gabinete do Senado. E a manutenção que Greer tinha feito na *Espelho Brilhante* logo depois da missão em Bastatha tinha sido tão completa, que era impossível que a nave estivesse precisando de qualquer serviço extra. Portanto, Greer tinha vindo até ali sem nenhuma necessidade real, sabendo que os outros pilotos estariam assistindo às Sabres. Ela queria assistir; só não estava se permitindo fazer isso.

Joph correu até os outros e aceitou um copo do “combustível de jato”, que descia queimando mas deixava a pessoa acesa rapidinho. No entanto, enquanto se ajeitava para assistir, não conseguia parar de olhar para onde Greer estava. *Será que ela está fazendo isso para se punir?*, ele se perguntou. *Se sim, pelo quê? Ou será que ela imagina que não conta se ela apenas escutar a corrida Sabres?*

– Parece que a corrida está boa hoje – a senadora Organa disse, por trás deles, fazendo com que todos os pilotos se aprumassem de imediato. Joph se virou com os outros e a viu ali, de pé, em uma jaqueta e calça azul-escuro, com um sorriso no rosto. Embora a consternação do grupo fosse clara, a senadora agia como se frequentemente passasse seu tempo no hangar. – O que tem nesse jarro?

– Ah, isso? – O rosto amplo e barbudo de Wexley ficou vermelho. Ele engoliu em seco antes de se arriscar. – É, hum... caf. Definitivamente. Para podermos nos manter alertas no serviço. Senhora.

– Que pena. – A senadora cruzou os braços enquanto se recostava contra o X-wing mais próximo. – No *meu* tempo, pilotos de caças estelares sabiam fazer biritá de qualidade.

Na pausa que se seguiu, vários pilotos começaram a sorrir. Snap aventurou-se:

– A senhora acreditaria que esse caf tem um gosto muito parecido com isso aí? E tem, hum, efeitos similares?

Ela sorriu e estendeu a mão.

– Deixe-me ver se é isso mesmo.

Alguém teve o bom senso de oferecer à senadora uma das cadeiras, e logo ela estava no coração do grupo, falando com eles sobre as Sabres como se fosse apenas outro piloto.

– Não desdenhem da equipe de Sullust – confidenciou ela enquanto todos se ajeitavam. – Eles não fizeram muita coisa na rodada dos caças espaciais, mas brilham nas longas distâncias. Confie em mim... eu conheço um cara.

As pessoas riram diante da referência ao capitão Solo. Pelo canto dos olhos, Joph viu Greer se aproximar. Quando a senadora a chamou com um aceno, Greer finalmente se juntou a eles – ainda desviando os olhos do holo, mas aceitando um copo do combustível de jato e ao menos começando a sorrir.

Será que tudo isso era para fazer Greer assistir à corrida?, perguntou-se Joph. Ele sentiu que não. Porém, a senadora Organa estava tramando algo que definitivamente não se limitava a ficar ali assistindo às corridas; disso, ele tinha certeza.

– Ouvi falar que a equipe de Pamarthe provavelmente está na disputa também – disse Leia.

– É claro que está – disse Joph. – Sempre estão. Todo mundo sabe que, se você é de Pamarthe, você é bom em voar, lutar ou... – Ele percebeu bem a tempo que não podia terminar aquela frase. De qualquer forma, todos compreenderam. Por várias gerações, os Pamarthenses desfrutaram de uma reputação por terem coragem, habilidade e empolgação.

A senadora Organa não deu nenhum sinal de que notara a cuidadosa omissão de Joph.

– Está torcendo por sua equipe, Greer?

– Não preciso. – Greer finalmente abriu um sorriso. – Eles vão ganhar, com ou sem mim.

Ela era de Pamarthe? E trabalhava em um *escritório*? Joph sempre pensara nos Pamarthenses marchando pelos campos, trabalhando em suas naves ou tomando barris de cerveja. O que era ridículo, porque é claro que eles não podiam fazer isso o tempo todo, apesar de a maioria das pessoas de Pamarthe parecer comprometida a tentar. Era difícil imaginar um deles lidando com facilidade com a burocracia senatorial.

A corrida começou e os pilotos começaram a torcer. Joph, porém, continuou quieto, escutando a senadora e Greer.

– Tanta gente recruta pilotos de Pamarthe – disse a princesa Leia, baixinho. Suas palavras quase se perdiam nos ruídos em torno. – Particularmente naquela área da Orla Exterior, tão perto de Daxam IV. Mundos vizinhos recrutam os pilotos de Pamarthe para corridas, para o serviço militar... para todo tipo de coisa.

Daxam IV. Joph tivera acesso a dados suficientes da missão para saber que Daxam IV estava, de alguma forma, conectado a Rinnrivin Di.

Greer captou a mensagem, assentindo devagar.

– Eu realmente deveria voltar para uma visita logo. Já faz algum tempo.

– Tem certeza de que pode cuidar disso?

– É claro que sim. É minha casa. Sei exatamente aonde ir.

Uma missão. Isso é uma missão! Greer vai descobrir se Rinnrivin está contratando pilotos de Pamarthe.

Inveja e empolgação incitaram Joph a despejar:

– Sabem, eu sempre quis conhecer Pamarthe.

Tanto a senadora quanto Greer o encararam, e foi a primeira vez que Joph se deu conta de que

estivera ouvindo escondido. E uma conversa sobre uma missão secreta, o que provavelmente era ruim. Definitivamente ruim. Quando é que ele iria aprender a manter a boca fechada?

Mas então a senadora Organa assentiu.

– Acho que, se eu checar com seus oficiais superiores, vamos descobrir que você está com um saldo de dias de folga, tenente Seastriker. Greer, você não se importaria com um pouco de companhia, não é?

Joph tomou um grande gole de sua bebida para esconder seu sorriso entusiasmado. Uma missão secreta? *Aí sim!*



As ilhas acidentadas de Pamarthe se agarravam umas às outras no vasto e agitado oceano que cobria boa parte de sua superfície. Apesar dos modernos espaçoportos esculpidos nos penhascos de basalto e das várias pequenas e resistentes naves que voavam e flutuavam entre as ilhas diariamente, os Pamarthenses mantinham muitas das antigas pontes de madeira, de pedra e de corda, restaurando-as conforme a necessidade, sem jamais substituí-las. Eles diziam que isso garantia que seu povo ainda tivesse coragem. Greer achava que, na verdade, eles só queriam assustar as pessoas de fora.

De qualquer forma, foi o que aconteceu com Joph Seastriker.

– Isto aqui segue por mais um *quilômetro*? – perguntou Joph, agarrando a balaustrada de corda com as duas mãos. Seu olhar dardejou para baixo, em direção à água que rodopiava lá longe. – Que tipo de sádico construiu esta ponte, para começo de conversa?

– Um Pamarthense de verdade. – Greer usou o sotaque puxado de seus avós, deixando os *erres* rolarem de sua língua. Puxando o xale lanoso por cima da cabeça, ela o prendeu melhor ao redor do pescoço, no meio do embrulho de túnicas e faixas que seu povo vestia em sua terra natal. – Que é o que você está fingindo ser, lembra? Se aparecer na cantina pálido e enjoado, vai acabar com seu disfarce em um instante.

Joph engoliu em seco.

– Não acho que possa evitar a parte de enjoado.

– Então continue se mexendo. Devolva um pouco de cor às suas bochechas. – A pele do rapaz era quase tão pálida quanto a da princesa Leia, o que marcaria sua família como relativamente recém-chegada ao mundo dela, mas isso podia ter ocorrido havia gerações. E a ilha para a qual estavam indo jazia na ponta mais ao norte do arquipélago, onde a maioria dos recém-chegados tinha se assentado. – Além do mais, quanto mais rápido você chegar ao próximo terminal, mais rápido vai poder descansar.

– Certo. *Certo*. – Joph respirou fundo, segurou as cordas com menos força e começou a se mover adiante. Embora a ponte balançasse sob seus pés, ele continuou andando, resoluto. As mesmas lãs pesadas que Greer vestia com tanta facilidade faziam com que ele parecesse ter de largura metade do que tinha de altura. – Por que nós simplesmente não pousamos nesta ilha, em vez de na outra?

– Aterrissagens são restritas aqui. Para manter distantes os invasores que não apareceram em cerca de trezentos anos. – Greer balançou a cabeça. Às vezes ela achava que os clãs locais ainda esperavam que os vilões aparecessem correndo por cima da colina mais próxima, ansiosos por uma luta de espadas à moda antiga.

– Acho que funciona – disse Joph. – Ninguém jamais invadiria este lugar se soubesse que isso significa cruzar estas pontes o tempo todo.

– Você pilota um caça estelar. Como pode ter medo de altura?

– Quando estou em um caça estelar, estou no controle, pilotando uma nave na qual eu mesmo faço a manutenção, então sei que ela confiável. Aqui? Parece que ninguém conserta uma destas pontes há anos. As cordas poderiam ceder a qualquer... qualquer segundo. – O rosto dele empalideceu quando eles balançaram ao vento de novo.

Divertindo-se consigo mesma, Greer disse:

– Pensei que você quisesse aventura, Seastriker.

– E quero. Mas minha ideia de aventura não envolve vomitar. Ao menos, não até o dia seguinte.

Greer balançou a cabeça.

– Agente firme.

Para ela, a ondulação das pontes de corda era quase reconfortante, como estar em um navio no mar. Como a maioria dos Pamarthenses, Greer tivera que aprender a lidar com embarcações antes que alguém lhe ensinasse como voar. “Se você não consegue conquistar o mar, jamais conquistará o ar”; era isso o que todos diziam. Alguns dos momentos mais felizes de sua jovem vida foram passados em um barco, guinchando uma vela ou procurando por uma boa baía para ancorar.

Naquele momento, enquanto encarava o vento e sentia a água do mar respingar no rosto, ela se sentiu bem. *Muito* bem. Talvez tivesse sido cautelosa demais ultimamente.

Greer virou-se para a frente de novo e olhou para onde se dirigiam. A ilha, meio envolta em neblina, erguia-se do oceano como se em desafio às ondas. Quando ela viu o brilho suave das luzes dos prédios na linha costeira, a sensação de nostalgia que a dominou foi poderosa demais para negar. A apenas algumas horas de voo dali, amigos de seus avós estariam confraternizando e preparando fartas porções de caldeirada de peixe – se ela estivesse lá, eles lhe dariam as boas-vindas em um instante, com sorrisos amplos e braços abertos...

Você não veio até aqui para participar de confraternizações, ela se lembrou. *E a missão só vai dar certo se ninguém te reconhecer.*

Felizmente, pilotos eram identificados mais pela nave do que pelo rosto. Quando eles desceram os degraus que levavam à antiga cantina, ninguém que olhou para Greer mostrou sinais de reconhecimento, embora o cabelo loiro claro de Joph atraísse alguns olhares. Eles deslizaram em um espaço vago na ponta de um dos bancos junto às mesas compridas, e foi aí que o taberneiro se aproximou.

– Nunca vi vocês dois por aqui.

– Estivemos longe por um tempo – disse Joph.

Seu tom soou casual o bastante para Greer, mas o taberneiro não deve ter gostado do que ouviu. De seu avental, ele tirou um frasco de algo de cor âmbar avermelhado que fez os fregueses mais próximos começarem a rir.

Porto na tempestade. Greer reconheceria aquilo a vinte passos de distância.

O taberneiro colocou um copo baixo e quadrado diante de Joph.

– Se você ficou longe por tempo demais, não é mais um Pamarthense de verdade. Ficou frouxo feito um forasteiro?

Joph tentou:

– Não, eu...

– Não? É melhor provar que ainda tem buddo, então. – O taberneiro serviu um copo cheio de porto na tempestade, depois o empurrou para a frente dos dois. – Quero ver vocês tomarem isso aí.

– Ele é só um moleque. Deixe comigo. – Greer estendeu a mão e pegou o copo destinado a Joph e virou-o de uma só vez e tomou tudo. Parecia que o fogo se espalhava zunindo tanto para o topo de sua cabeça quanto para o meio de seu estômago, mas ela sabia como aguentar. Três goles e tinha terminado. Greer sorriu para o taberneiro, virou o copo de boca para baixo e bateu com ele na mesa. – Que tal isso como buddo?

– *Esta é uma mulher de Pamarthe!* – o taberneiro gritou enquanto aplausos enchiam o recinto.

Simples assim, eles foram aceitos. Depois de algumas congratulações e apertos de mão, a agitação diminuiu e Greer e Joph eram apenas mais dois entre dezenas de pilotos e lutadores calejados, aguardando pela próxima caneca de cerveja. A conversa fluía livre, incontida por suspeitas.

– Tem pilotos demais por Kessel esses dias. Podiam muito bem colocar uma rede sobre o planeta todo e acabar logo com isso.

–... ouça bem o que estou dizendo, a frota imperial está todinha lá, só esperando, ouça o que estou dizendo, nós não vimos aquelas naves pela última vez ainda...

– E aí ele disse, eu não me importo se você gosta dos meus amigos, e eu disse, bem, você compartilha todas as suas opiniões sobre os *meus* amigos, e ele disse...

– Dá para acreditar que a equipe de Sullust ganhou as orbitais?

Greer mal olhou na direção de onde a última frase veio enquanto respondia:

– Dizem por aí que Sullust é a favorita este ano.

– Sullust? O que é isso... Eles vão ser mandados de volta para casa chorando pela equipe de Coruscant!

– E a nossa equipe? Já está desdenhando dos Pamarthenses?

– Depois do jeito como eles se despedaçaram nas orbitais? Eles não têm mais nenhuma chance. Voaram como um bando de forasteiros.

E assim seguiu a conversa, girando e turbilhonando ao redor deles. Greer falava com frequência suficiente para parecer normal, nada mais, e, exceto por essas ocasiões, escutava com atenção sem parecer estar nem ouvindo. Ela aprendera a fazer isso com os senadores; podia dar conta de pilotos, que tinham uma linguagem pior que a dos políticos, mas eram mais educados. Joph estava envolvido *demais* em uma conversa sobre torta, um assunto aparentemente muito querido para ele, mas aquilo era inofensivo, um entretenimento para aqueles ao seu redor.

Greer absorvia tudo sem reagir até o momento, algumas horas depois, em que ouviu exatamente o tipo de coisa que estava procurando.

–... não há pilotos suficientes que compreendam o que é discricção, hoje em dia.

– Discricção? – repetiu ela, voltando-se para a piloto que estava falando, uma mulher grisalha que usava algumas de suas ferramentas menores em cordões de couro ao redor do pescoço.

Contudo, a piloto vinha fazendo isso havia tempo demais para não ser cautelosa.

– E o que você tem com isso?

– Estamos de folga, esperando o próximo trabalho. – Greer indicou Joph com um gesto da cabeça, e ele se revelou muito bom em aparentar inocência. – Estamos procurando serviço nessa área, e precisamos de dinheiro bem depressa. Por isso não estamos fazendo muitas perguntas. Se alguém fizer perguntas *para nós...*

Joph completou para ela.

– Nós não responderíamos.

– Serviço existe – disse a piloto. Seus olhos azuis leitosos os estudaram, procurando por sinais de encrenca e aparentemente não encontrando nenhum. – Isto é, se vocês tiverem uma nave boa e a coragem.

– Coragem? Escute aqui, nós temos... – A indignação de Joph foi facilmente silenciada por Greer dando-lhe tapinhas amistosos no ombro. A performance dele tinha sido tão convincente que nem ela percebeu que era fingida até ele se aquietar com tanta facilidade.

Greer inclinou-se para mais perto da piloto.

– Ouça. Seria realmente útil para nós uma ou duas corridas. Se você tiver alguma dica, nós apreciamos muito. Risco não é problema.

A piloto deu de ombros, talvez resolvendo que, se eles não fossem o que pareciam, era problema de outra pessoa.

– Muitas corridas indo e vindo de Daxam IV por esses dias. Eles pagam bem por velocidade e silêncio. Há dinheiro rápido a ser ganho ali, se você tiver a coragem. Deslize para dentro da órbita deles e sinalize os hangares centrais; parece que os Amaxines têm algumas fontes lá para informá-los sobre naves cargueiras de passagem. As chances são altas de que você receba uma chamada sobre um serviço antes que tenha tempo de tirar os trajes de voo.

– Daxam IV – repetiu Joph, com um sorriso. Eles tinham acertado no alvo. – Obrigado, senhora. Não tem ideia do quanto nos ajudou.

Apesar de a piloto parecer contente por receber agradecimentos, ela fez um ruído de desprezo.

– Agradeça depois que lidar com os Amaxines. Não antes.

Greer e Joph trocaram um olhar. *Os Amaxines?*

A piloto riu enquanto levantava sua cerveja.

– Ah, vocês vão ver.

Greer havia mudado com sucesso a conversa para outros tópicos e se certificara de continuar no lugar um bom tempo depois que a velha piloto partiu. Isso quer dizer que tomaram mais cerveja e, embora ela e Joph tivessem cuidado para controlar sua ingestão, quando finalmente saíram da cantina, o amanhecer começara a clarear o horizonte a leste. Mas ainda era apenas uma pálida linha fina que subia do mar.

Joph entrou na ponte sem hesitar. A coragem líquida pareceu ajudá-lo. Greer o seguiu, olhando para baixo sem medo das ondas arrebatando, brancas, contra a costa pedregosa. Embora não tivesse se virado, seus ouvidos eram aguçados o suficiente para saber que não estavam sendo seguidos. Outra coisa boa dessas pontes de corda: elas permaneciam resolutamente distantes da tecnologia, o que significava que não haveria registro da visita deles ali. Poderiam sair voando limpos, despercebidos e com uma pista promissora.

– Eu poderia ter tomado aquele negócio – insistiu ele.

– Eu vou trazer uma garrafa alguma hora e deixar você experimentar. Mas confie em mim: a última coisa que nós iríamos querer é que toda nossa missão dependesse da primeira vez em que você provou o porto na tempestade.

– Está bem, então. – Ele suspirou. – Ei, posso te perguntar uma coisa?

– Claro. Mas não garanto que eu vá responder. – Greer falou isso com leveza, presumindo que ele só queria alguma distração do balanço da ponte de corda.

– Por que é que a senadora Organa te perguntou sobre esta missão no hangar? Você é assistente dela; ela poderia ter levantado o assunto no trabalho.

Greer compreendera isso desde o momento em que a princesa Leia falara.

– O juramento senatorial exige uma promessa de que eles “não usarão os gabinetes do Senado para propósitos de espionagem”. Provavelmente o juramento usa “gabinete” mais em termos da posição geral de senador, e menos em termos da própria sala onde os negócios políticos são conduzidos. Mas o juramento não especifica isso. Assim, se algum dia perguntarem à princesa Leia se ela violou seu juramento, ela pode honestamente jurar que não... devido a um detalhe técnico.

Joph voltou-se para sorrir para ela, boquiaberto.

– Estamos envolvidos em *espionagem*.

– Só se você não ficar dizendo isso em voz alta.

Ele cochichou *espionagem* de novo antes de acrescentar:

– Espere aí. Por que não é, sabe, igual a Bastatha?

– O Senado tinha autorizado Bastatha. Eles não autorizaram isto aqui.

– Não autorizado. Eu gosto de como soa. Agora, sim. – Joph voltou a caminhar adiante, em seguida cometeu o erro de olhar para baixo. – Ah, rapaz. Esta ponte... ela ficou mais alta enquanto a gente comia?

– Não. Mas a maré está baixando. Assim, você tem uma distância maior para cair. – Quando Joph

empalideceu, Greer riu e deu o braço para ele. – Vamos. Ande mais rápido. Eu estou com você.

Quando uma onda de tontura a dominou também, ela a ignorou e seguiu adiante. Provavelmente era só o porto na tempestade.

Se quando eu realmente for a candidata populista, passar por só metade da irritação que estou passando agora, decidi Leia, essa campanha vai ser insuportável.

Ela duvidava que Tai-Lin Garr ou qualquer outro dos demais senadores que estiveram na casa de Varish naquela noite tivesse dito uma palavra sequer a alguém além de seus conselheiros mais próximos. Mas eles não precisaram fazê-lo. Tai-Lin estava correto quando disse que Leia era a candidata óbvia; todos tinham previsto isso, exceto a própria Leia.

– Vossa alteza? – C-3PO entrou no escritório dela arrastando os pés. – Mais visitantes. Temos os líderes da Associação de Pequenos Fabricantes de Artesanato ansiosos para vê-la!

Leia ergueu os olhos de sua lista de comunicados, que estava no mínimo três vezes maior do que o normal.

– Eles deram algum motivo em especial?

– Ora, não, vossa alteza. Eu imaginaria que é uma atividade normal de lobistas. Totalmente prevista nos regulamentos. – O droide parecia ficar radiante toda vez que citava regras. – Portanto, é altamente apropriado que eles a visitem, embora eu suponha que a ausência de um agendamento seja irregular. Eu poderia pedir a eles para agendarem...

– Deixa para lá, 3PO. – Leia colocou os comunicados de lado por um momento. – Traga-os para cá.

– Agora mesmo, vossa alteza! – 3PO chilreou enquanto voltava para o escritório principal. *Ao menos o droide está gostando disso, pensou ela. Alguém devia.*

Leia bateu papo educadamente com os pequenos fabricantes de artesanato, depois com os comerciantes de minério de Gad, depois com um grupo de senadores juniores de mundos populistas da Orla Exterior. Nenhum deles podia declarar abertamente que esperavam que ela se lembrasse deles se fosse eleita primeira-senadora; podiam, contudo, insinuar o tipo de promessas de campanha que julgavam tornar mais provável aquela eleição. Sem nenhuma surpresa, todas essas promessas beneficiavam os bolsos de seus visitantes.

Ela se forçou a pensar em Tai-Lin, cujas intenções ao nomeá-la eram puras, ela sabia. Se Leia fosse obrigada a concorrer ao cargo de primeiro-senador, ela pretendia vencer – e se vencesse, pretendia realizar bem seu trabalho. Impor o precedente correto seria importante. Alguns anos de uma liderança forte, desinteressada e justa poderiam finalmente mostrar ao povo como o governo deveria funcionar.

Mas quantos anos?

A extensão e os limites do mandato ainda estavam sendo debatidos pelos comitês, mas um mandato de sete anos parecia o mais provável. Sete anos – quase o dobro das principais campanhas

militares na guerra contra o Império. Aqueles anos tinham sido os mais apavorantes, penosos, expressivos e jubilosos da vida de Leia. Como ela passaria o dobro do tempo presa atrás de uma escrivaninha?

Assim que os últimos visitantes do dia partiram, Leia se recostou na cadeira e inclinou-a tanto que estava praticamente deitada. Quando Korrie entrou e a viu, sorriu.

– Quer que eu traga uma almofada para a senhora poder colocar os pés para cima?

– Se você fizer isso, vou pegar no sono. E se eu pegar no sono, vou passar um dia inteiro aqui. Não, obrigada.

– Foi um dia corrido, acho.

– O primeiro de vários. Tem certeza de que está pronta?

– Se a senhora estiver – respondeu Korrie, obviamente em sinal de solidariedade. Leia, entretanto, teve que se perguntar novamente se estava pronta para isso, ou se algum dia estaria.

Ainda assim, ela sabia em seu coração que a guerra só parecia maravilhosamente emocionante em retrospecto. Muitas das façanhas que ela lembrava agora como “aventuras” tinham sido, na época, terrores. A descoberta da base de Hoth pelo Império – a emboscada na lua de Endor, cheia de florestas – o ataque à primeira Estrela da Morte... Leia não abriria mão de suas lembranças dessa época, mas com certeza não gostaria de revivê-la nem um único segundo.

(Bem. Talvez aquela vez que Han correria pelos túneis de gelo de Hoth para resgatá-la.)

Ela disse a si mesma que o que havia feito naquela época era muito parecido com o que faria como primeira-senadora se fosse eleita, porque estaria cumprindo seu papel. Se alguém cumprisse seu papel apenas quando lhe fosse conveniente, não estaria colocando o dever em primeiro lugar, de forma alguma. Leia sabia disso, acreditava e aceitava esse fato.

O que não tornava seu dever nem um pouco mais agradável.

– Vossa alteza? – C-3PO olhou pela porta. Leia estava prestes a lhe pedir que dissesse aos visitantes para voltarem amanhã quando ele acrescentou: – Lady Carise Sindian deseja vê-la.

– Certo. Os documentos sobre o governo de Birren. Mande-a entrar. – Leia se endireitou bem a tempo de lady Carise entrar vestindo seu mais recente vestido ornamentado. – Lady Carise. Já está de partida?

– Como a senhora disse, princesa Leia, a cerimônia de posse leva algum tempo. Portanto, melhor começar cedo. – Lady Carise preparou os holos para serem verificados pela digital de Leia, sua satisfação tão óbvia que deu uma comichão em Leia.

Melhor aproveitar e me divertir um pouco com isto, decidiu ela.

– O momento é bem propício para se estar longe do Senado. – Leia falou distraída, quase à toa, enquanto legitimava as verificações. – Parece que os centristas não terão um candidato para fazer campanha ainda por algum tempo.

A pele de um dourado profundo de lady Carise não corava com facilidade, mas um leve

avermelhado de suas bochechas foi o bastante para Leia saber que havia acertado em cheio.

– Eu confio que nossos senadores logo alcançarão um consenso.

– Eu partilho de sua confiança. Não é como se cinco, seis ou até dez centristas estivessem disputando para ser o candidato. – Leia sabia que o número era pelo menos esse, e provavelmente cresceria. Os centristas eram tão famintos pelo poder que nenhum de seus líderes dispensaria a oportunidade de exercer o cargo mais importante da galáxia. – Afinal, é o seu partido que valoriza o controle. Que melhor prova disso pode existir do que o autocontrole?

Dessa vez, lady Carise não conseguiu nem responder, fosse por embaraço ou exasperação. Com certeza ela via a ironia. Os populistas briguentos haviam, instantânea e silenciosamente, concordado com uma nomeação, enquanto os centristas não conseguiam encontrar seu próprio centro.

– Quanto mais eu penso nisso, mais acho que um primeiro-senador pode não ser uma ideia terrível – concluiu Leia, enquanto verificava o último documento, empurrava-o para lady Carise e sorria. – De outra forma, nossos colegas senadores poderiam girar em círculos inúteis para sempre. Não é?

– Certamente está na hora de uma mudança. – Isso foi o máximo que lady Carise conseguiu dizer. – Obrigada, vossa alteza.

– O prazer foi meu. – Leia deu-lhe um pequeno aceno enquanto ela saía.

– Destino, senhora? – perguntou o piloto. A indagação era uma cortesia, não uma necessidade, já que ele já tinha preenchido seu histórico de curso dias atrás. Lady Carise aprovava formalidades.

– Birren, o espaçoporto da capital.

– Sim, senhora.

Normalmente, lady Carise teria ido direto para sua cabine, mas, naquele dia, acompanhou o piloto até a sala de controle. Ele foi educado o suficiente para não transparecer se estava surpreso ou não com a visita. Aquela era uma nave de primeira linha, adequada à realeza, e, como tal, todas as áreas da nave exibiam uma elegância aerodinâmica. Até na sala de controle, os controles do piloto haviam sido reduzidos a painéis finos e brilhantes. A bolha transparente que os cercava revelava todo um hemisfério do céu estrelado mais além. Lady Carise conseguia se imaginar saindo para o ar, entrando no próprio espaço, flutuando, livre.

Se eu não fosse da realeza e uma senadora, talvez gostasse de ser um piloto.

Contudo, lady Carise se conteve. Que coisa mais boba de se desejar. Qualquer um escolheria ser da realeza, se pudesse.

Isto é, qualquer um, exceto a princesa Leia Organa.

Como a princesa podia dar tão pouco valor a sua posição? Dado que ela fora adotada pela nobreza, para começo de conversa, não deveria ser ainda mais agradecida, mais honrada, não menos?

Certamente seu comportamento havia se tornado comum, zombando do processo político

perfeitamente ordinário para a escolha de um candidato. Os centristas não estavam se comportando mal; eles estavam se comportando *normalmente*.

Então como os populistas haviam conseguido se comportar bem?

Não tinham nenhum outro líder digno da nomeação, é claro. Os populistas perceberam que seus assentos estavam cheios de gente mesquinha e turbulenta, e prontamente saltaram sobre Leia Organa como sua única opção viável. Os centristas, contudo, tinham uma ampla gama de potenciais candidatos. Em breve o mais forte se destacaria e a corrida poderia começar com tudo.

A nave penetrou mais profundamente no espaço, libertando-se da atração gravitacional de Hosnian Prime. Enquanto a lua distante saía de vista, o piloto disse:

– Preparar para o salto no hiperespaço após a contagem. Três, dois, um, e...

A nave estremeceu. As estrelas se alongaram. Lady Carise prendeu o fôlego enquanto eles deslizavam para o hiperespaço e deixavam tudo mais para trás. Não importava a frequência com que viajasse pelo espaço, aquela emoção nunca a deixara.

Animada, ela assentiu para o piloto e se dirigiu para seus alojamentos luxuosos, onde o droide já estaria preparando chá. Nem mesmo a atitude da princesa Leia arruinaria essa viagem gloriosa para ela, ou seu amor pelo processo político. Que os populistas desfrutassem seu momento, rindo e apontando. Outro dia estava chegando, mais claro e melhor. Um dia em que a galáxia seria outra vez governada corretamente, e a força dos mundos centristas seria revelada como uma espada finalmente sendo retirada da bainha.

E lady Carise seria uma das pessoas responsáveis pelo raiar desse dia.



Sem espionagem nos gabinetes do Senado, *confere*.

Portanto, Joph fingiu uma leve surpresa quando seu oficial superior lhe disse que a senadora Organa o requisitara para um voo de rotina na *Espelho Brillhante*, talvez para treinar como piloto reserva. Mais surpreendente foi quando ele e Greer chegaram a levar a nave para a órbita – mas é claro que fazia sentido. A história deles tinha que se sustentar.

Assim que a *Espelho Brillhante* entrou na atmosfera superior, contudo, a princesa disse:

– Certo, vamos ouvir tudo. – Joph achou que eles iriam para a sala principal; em vez disso, a senadora Organa se sentou na poltrona auxiliar e ficou com ele nos controles. – O que você descobriu?

As palavras escaparam de Joph antes que ele pudesse sequer pensar em controlá-las.

– Daxam IV é o lugar, com certeza. Na Orla Exterior. Há um grupo lá chamado de os Amaxines que estão envolvidos nisso tudo de alguma forma, e... – A voz dele foi sumindo quando ele percebeu que, em seu entusiasmo, havia passado por cima do relatório de Greer. Ela arqueou uma de suas sobrancelhas angulares para ele, que pensou: *você tem que parar de se esforçar tanto*. – Hum, você explica o resto, Greer.

– Não há muito mais o que explicar – disse Greer, seca –, exceto que, sejam lá quem forem esses Amaxines, não são coisa boa. Pilotos que passaram toda a carreira transportando especiarias não gostam de se meter com eles. Eles supervisionam carregamentos chegando e saindo de Daxam IV. Não pude confirmar qual a carga provável, mas definitivamente é algo ilegal, e que opera em uma escala que sugere o envolvimento de Rinnrivin Di. Quem mais poderia estar movimentando tanta carga através de um planeta longínquo feito Daxam IV?

– Amaxines – disse a princesa, pensativa. As luzes do painel de controle a iluminavam de baixo para cima em dourado e verde. – Que estranho.

Pego desprevenido, Joph disse:

– Espere aí. A senhora já ouviu falar deles?

– Já ouvi a lenda dos Amaxines. É uma história antiga, do início da Velha República, algo que minha mãe me contou. – Os olhos da princesa Leia fitavam uma distância invisível. – Supostamente eles eram um povo guerreiro e toda sua cultura era baseada em batalhas. Em vez de moeda, eles trocavam armas por bens e serviços. Reza a lenda que eles se recusaram a fazer um acordo de paz com a Velha República, mas sabiam que jamais poderiam derrotar tal inimigo. Então, em vez disso, viraram suas naves rumo à galáxia além da nossa e partiram para sempre, procurando por outra guerra em que lutar.

– O que significa que eles passaram a eternidade vagando por aí no vazio do espaço – disse Joph. –

Quem é que adotaria o nome desses caras?

– Não muita gente, e é por isso que eu consegui rastreá-los tão depressa.

Greer apertou alguns botões em seu monitor principal e o arco verde da órbita deles acima de Hosnian Prime desapareceu, substituído por uma tabela que parecia uma teia de aranha – numerosas conexões, todas levando a um ponto central. Ele se inclinou por cima do ombro direito de Greer enquanto a princesa se inclinou sobre o esquerdo, e Greer começou a traçar os caminhos com o dedo.

– Não existe registro desse grupo, ao menos não em qualquer grade pública de informação. No entanto, eu consegui rastrear menções da palavra *Amaxine* acima de qualquer contagem típica.

Por mais fascinado que estivesse com tudo isso, Joph não conseguiu evitar perguntar:

– Como você descobriu uma “contagem típica” para esta palavra obscura?

Greer suspirou.

– Perguntei ao 3PO.

Joph só tinha trabalhado com o droide uma vez, mas já sabia que C-3PO teria pesquisado exaustivamente o equivalente a meses de comunicação galáctica apenas para responder à pergunta de Greer.

– Certo, então a contagem é precisa.

– Os Amaxines, ou guerreiros Amaxines são mencionados apenas em algumas poucas áreas específicas. Certos mundos, principalmente agrupados em uma seção da galáxia, têm uma contagem muito acima da média. E o mundo com mais citações de todos é, vocês já adivinharam, Daxam IV. – Greer apontou o dedo para o centro de sua tabela holográfica, a seção da teia onde a aranha podia ser encontrada.

– Temos alguma informação sobre esses Amaxines? – A senadora cruzou os braços. – Qualquer menção de exatamente que tipo de negócio eles estão operando que exige tanta “discrição”?

– Não muita – admitiu Greer. – Pelo visto, eles pagam o bastante para manter a boca das pessoas fechada. Entretanto, pelo que pude observar, são um tipo de milícia planetária local.

Milícias planetárias não eram incomuns. Contudo, Joph sabia que não fazia sentido Daxam IV dispor de uma; o planeta não era um alvo de criminosos nem fazia fronteira com inimigos conhecidos. E a quantia de dinheiro que os Amaxines pareciam estar recebendo de Rinnrivin Di era mais do que qualquer milícia precisaria para defender um planeta de invasores. A senadora Organa disse:

– Que tipo de mundo é Daxam IV?

Joph podia responder a isso, mas esperou que Greer lhe desse um sinal com a cabeça antes de começar.

– Orla Exterior, clima de deserto subártico, primariamente autossustentável. Eles limitam as exportações para fora do planeta, o que é meio esquisito, considerando-se que é um planeta centrista. Normalmente eles que defendem que todo mundo compre e venda de todo mundo. Nós poderíamos ter ido lá fazer o carregamento, pois descobrimos como pegar esse tipo de serviço, mas imaginamos

que isso iria mudar o status de nossa missão de “não autorizada” para “ilegal”.

– Está desenvolvendo sua cautela, Seastriker. – A senadora Organa sorriu para ele, apenas por um momento.

– Falando em mundos centristas – prosseguiu Greer enquanto gesticulava para a tabela –, quanto você quer apostar no que cada um desses planetas tem em comum?

Os olhos de Joph se arregalaram.

– São todos mundos centristas?

– Não todos, mas quase. Os outros são, em sua maioria, planetas neutros, conhecidos por serem vetores importantes no comércio de especiarias. – Greer se recostou, obviamente satisfeita com suas conclusões. – Acho que alguns senadores centristas podem estar simplesmente recebendo propina para esconder o que deve ser o maior cartel de drogas dos últimos vinte anos.

A princesa balançou a cabeça, em negação.

– Não é o que eu sinto.

Joph franziu a testa. *Sentir?* O que isso tinha a ver com qualquer coisa? Ele sabia que não devia perguntar em voz alta.

Greer, contudo, pareceu compreender.

– É mesmo? Você não acha que isso seja um complô centrista? Esta é a interpretação mais óbvia.

– E é por isso que não podemos nos dar ao luxo de tirar conclusões precipitadas – continuou a senadora Organa, soando lógica novamente. – Temos apenas uma pequena parte do quebra-cabeça, então não podemos achar que já sabemos a solução. Além disso, não confio em uma porção dos centristas, mas a maioria de seus líderes é tediosa demais para algum dia pensar em ganhar dinheiro em cima do comércio de especiarias, se é que é isso o que está acontecendo.

– Você ficaria surpresa com o que as pessoas fazem por dinheiro – disse Greer, sombria. Ela levantou os olhos da tabela para espiar através da transparência. A vista além deles era a escuridão do espaço lá em cima e o azul pálido da atmosfera lá embaixo. Era como se estivessem suspensos entre o solo e o céu.

– Não existe muita coisa que me surpreenda. – A princesa franziu a testa ao analisar novamente a tabela. – Isso pode ser menos uma questão de crenças políticas em comum e mais uma questão dos guerreiros Amaxines estarem ativos apenas nesta área do espaço.

– Então vamos lá investigar? – Joph mal podia esperar por outra missão. Talvez ela dissesse que eles podiam começar naquele momento.

– Talvez, mas antes eu quero ouvir o conselho de outra pessoa a respeito disso – falou a senadora Organa.

Greer lhe lançou um olhar.

– Você está falando de Casterfo?

Joph se perguntou como aquele sujeito tinha passado tão rapidamente de obstáculo para aliado,

mas pelo visto, era o que havia acontecido, porque a princesa Leia assentiu e disse:

– Ele é o único centrista em quem eu confio. Além do mais, é alguém em ascensão no partido deles. Isso significa que ele tem conexões e influência naqueles mundos, algo de que eu não disponho, e ele pode fazer perguntas sem chamar tanta atenção quanto eu chamaria. E mais, se ele estivesse envolvido nesse esquema, não teria saltado para aquela situação em Bastatha, quase nos matando.

– Só é estranho ouvir você aprovar um centrista – retorquiu Greer, mas a essa altura ela sorria. – Nunca pensei que veria esse dia.

A senadora Organa suspirou.

– Honestamente, nem eu.

Quando Ransolm Casterfo recebeu a mensagem da princesa Leia, rapidamente concordou com a reunião, e com o pedido para que se encontrassem fora do Senado. Se ele fosse ao gabinete dela, isso sinalizaria seu status inferior, o que seria apropriado, mas não conduzia ao tipo de parceria que esperava construir com Leia Organa.

E obviamente nunca mais vamos nos reunir aqui, pensou ele, olhando para o escritório ao seu redor e sorrindo de leve ao ver sua mais recente aquisição, um capacete de um piloto de TIE em condições tão boas que ainda brilhava. *Minha coleção a deixa agitada para além da razão.*

Em vez disso, combinaram de se encontrar nos jardins suspensos, uma das genuínas delícias que Hosnian Prime tinha a oferecer. Um enorme prédio de arenito fora construído no formato de uma pirâmide escalonada, cada andar vazio no centro. Ele ficava na fronteira da vasta megalópole da capital, para que os visitantes pudessem desfrutar do contorno cintilante dos prédios ou do horizonte distante, dependendo de onde se encontrassem. Lindas plantas de todas as espécies brotavam de vasos, tanto dentro quanto fora, e no interior cresciam árvores altas e esguias, frequentemente desabrochando em flores azul-claras. Elas recebiam a luz de que precisavam pelos amplos espaços entre cada andar, que permitiam a passagem dos raios de sol. A serenidade no interior dos jardins suspensos contrastava com a atividade do lado de fora, um redemoinho constante de tráfego aéreo nas áreas mais baixas.

– E aquela área, ali embaixo? – Ele apontou enquanto se sentava na cadeira perto da princesa Leia. Seu gesto indicava algumas dúzias de naves que flutuavam perto do chão, posicionadas para obter uma vista privilegiada tanto dos jardins quanto do pôr do sol. – Imagino que seja para lá que jovens namorados vão enquanto dizem estar em outro lugar.

A princesa Leia sorriu para eles lá embaixo – mas com tristeza, Ransolm pensou. Ela disse:

– Eles estão tirando algum tempo para serem jovens. Bom para eles.

A princípio, ele não soube como interpretar o humor melancólico de Leia, mas quando ela lhe mostrou o datapad com as descobertas de Greer Sonnel, Ransolm achou ter compreendido.

– A senhora suspeita de uma conspiração centrista?

– Não. Na verdade, tenho quase certeza de que não é isso. – A princesa Leia chacoalhou a cabeça.

– Mas acho que esses guerreiros Amaxines, sejam lá quem forem, parecem estar se escondendo em território centrista. Eles estão lidando com quase toda a carga que entra ou sai daquele planeta. E a única pessoa que conhecemos fazendo negócios ali em uma escala tão grande é Rinnrivin Di.

Ransolm ficou agradavelmente surpreso pela resposta calma e racional dela. Outros populistas teriam se agarrado a qualquer indício, por mais inconsistente que fosse, que apoiasse suas teorias implausíveis de corrupção e escândalo. Entretanto, estava começando a descobrir que a princesa Leia tinha suas próprias ideias, ideias que valia a pena ouvir.

– Obrigado por trazer isto até mim. A senhora tem razão; os elos para Daxam IV não podem ser mera coincidência. Devemos investigar imediatamente.

– Concordo. E você está numa posição melhor para isso do que eu. Você sabe que perguntas fazer, e para quem.

– Eu vou fazer perguntas – prometeu Ransolm –, mas também pretendo examinar essa questão pessoalmente.

Princesa Leia sorriu para ele; a luz do pôr do sol pintava seu vestido branco de um tom quase dourado.

– Acho que você está começando a gostar de ação.

Ele inclinou-se adiante, sorrindo de modo conspiratório.

– A senhora é uma má influência.

Aquilo a fez rir alto.

– Sabe, esse é o melhor elogio que me fazem em muito tempo!

– Então não lhe estão elogiando o bastante. – Ransolm decidiu se arriscar. – Obviamente, a candidata populista para primeira-senadora pode esperar muitas lisonjas no futuro.

Ela ergueu as duas mãos como se pudesse evitar a eleição.

– Nada é oficial. Nem perto de oficial. E, por favor, vamos nos concentrar no problema em questão. Eu preciso de uma folga do Senado por algum tempo.

A princesa estava escondendo o jogo, pensou Ransolm. Depois de ver a habilidade com que ela jogava sabacc, deveria ter antecipado isso.

– Então eu repito meu agradecimento. A senhora me deu informação valiosa, com a qual posso agir sem demora. A incursão de tais elementos criminosos ameaça esses mundos e, como sabe, nós centristas acreditamos em lei e ordem.

– E como – disse ela, seca, mas seu bom humor parecia estar de volta.

– Na verdade, eu acabo de ceder meu apoio a uma campanha para restaurar a pena de morte em Riosa. Mais sistemas estão seguindo essa tendência, sabe.

– Mais sistemas centristas, você quer dizer.

– Sim – disse ele. – A maioria dos populistas é mole demais para tais medidas. Porém eu mesmo vi

a senhora estrangular um Hutt até a morte com satisfação. A senhora não é uma das molengas, senadora.

– Dois elogios em um dia só? Se não tomar cuidado, vão te expulsar dos centristas.

– Eu vou correr o risco. – Ele se deu conta, com leve surpresa, de que a reunião deles não era meramente utilitária; quando a princesa não estava sendo combativa, ela era uma companhia agradável. O Senado precisava de mais cooperação entre centristas e populistas, e certamente a cooperação poderia ser ampliada por meio de boas relações... até mesmo pela amizade. Ransolm perguntou: – Já que estamos por aqui, aceitaria jantar?

A julgar pelas sobancelhas erguidas dela, o convite foi uma surpresa, mas das agradáveis. Ela gesticulou para um droide garçom próximo deles.

– Por que não?

Em momentos mais quietos durante o jantar, Leia tentou imaginar a consternação de Varish Vicly se visse a senadora Leia Organa voluntariamente partilhando uma refeição com “o inimigo”. Era provável que a pelagem dela se arrepiasse espontaneamente. Tai-Lin Garr aceitaria o fato em silêncio, mas sofreria mais, balançando a cabeça de tristeza. E os centristas? Ah, as reações deles seriam *impagáveis*.

Todavia, houve poucos momentos quietos. Leia achou surpreendentemente fácil conversar com Ransolm Casterfo. Ele era inteligente, culto e até sagaz. Também era jovem o suficiente para ela não precisar se preocupar com mal-entendidos românticos – mas não tão jovem que ela precisasse se sentir culpada ao apreciar a vista.

– Estamos trabalhando duro para restaurar Riosa como um centro galáctico de produção – disse Casterfo, sinceramente. Seu casaco cor de água marinha deixava seus olhos em um tom de azul ainda mais vívido. – Tem sido difícil, é claro, mas com as novas fábricas, a economia está finalmente se levantando.

Leia se perguntou se devia arriscar sua pergunta seguinte. Ela podia fazer Casterfo se fechar por completo, mas resolveu que o perigo valia a pena. Se fosse continuar trabalhando com ele, precisava entendê-lo melhor.

– A economia de Riosa foi arruinada pelo Império, não? Isso torna mais difícil para mim compreender a sua... digamos, fascinação.

Para sua surpresa, Casterfo assentiu.

– Sim, fomos arruinados. Deliberadamente, até maliciosamente. Nossas fábricas e nosso povo foram levados até o limite, e além dele, para fabricar componentes para as duas Estrelas da Morte, e quando não pudemos entregar mais nada, eles nos deixaram para trás para morrer de fome. – Ele tomou um gole do suco rosa que lhes fora servido. – Minha crença em um império não é uma crença *no* Império. Jamais poderia ser, não depois do que ocorreu com meu mundo.

– Acho que não consigo superar a contradição.

– Não é uma contradição. – Casterfo continuou em silêncio por alguns momentos, pesando suas palavras. A noite já havia caído e as naves passavam zunindo como estrelas cadentes no céu azul cobalto do início da noite. – A senhora sabe, presumo, que as fábricas em Riosa eram assiduamente supervisionadas pelo próprio Lorde Vader?

Leia se retesou. Era como se pudesse ouvir aquela respiração pesada, metálica. Como se a mera menção do nome dele o fizesse ressuscitar. Quando confiou em si mesma para responder, disse:

– Não. Eu não sabia.

– Vader visitava Riosa com frequência. A cada vez, ele apertava seu punho ainda mais. – O olhar de Casterfo se tornou distante. – As cotas ficaram mais altas. As horas, mais longas. O que havia sido um emprego pago se tornou serviço obrigatório, e depois escravidão, exceto no nome. Trabalhadores com experiência em manufatura eram conduzidos a campos de trabalho com condições de vida deploráveis. Sem comida suficiente, apenas o abrigo mais elementar... e sempre, sempre mais trabalho. Uma pessoa podia continuar trabalhando até os dedos sangrarem e ainda não era o bastante.

Ela o encarou, começando a entender.

– Você esteve em um desses campos.

Casterfo expirou rapidamente.

– Tecnicamente, sim. Foram os meus pais que tiveram a experiência mais miserável, meus pais que foram levados para trás dos muros do campo para trabalhar até morrer. – Ele tentou rir, mas o som saiu estrangulado. – A senhora acreditaria que me levar com eles foi um “privilégio especial” dado a meus pais? Que eles tiveram *sorte* de ter a permissão de levar seu filho para sofrer ao lado deles? Outros tiveram que deixar os filhos para trás, para morrer de fome ou virarem escravos ou sabe lá que outro tormento.

Leia tinha ouvido histórias assim de outros mundos, outros sobreviventes. Ainda assim era difícil ver Ransolm Casterfo lutar para controlar as emoções enquanto pensava nos pais. Ela pousou a mão sobre o antebraço de Casterfo, esperando que ele aceitasse isso como um conforto, não como piedade.

Ele sequer reparou.

– Meus pais sobreviveram à guerra, mas por pouco. Eles tinham sido forçados a trabalhar sem os filtros de segurança apropriados; as toxinas em seus pulmões os mataram menos de um ano depois do início da Nova República. Tudo porque Lorde Vader achava que eles podiam trabalhar mais. – Casterfo voltou a olhar nos olhos de Leia, e nem tentou disfarçar a intensidade de sua dor. – Eu acredito em uma liderança forte de bons homens. Mas conheço o dano que homens maus podem causar. Aprendi isso pelo exemplo de Darth Vader. Eu o vi cortar pessoas inocentes com meus próprios olhos. Portanto, confie em mim quando digo que posso admirar a estrutura central do Império e mesmo assim condenar Palpatine, Vader e todas as suas obras.

– Sim, eu confio em você. – O que a comoveu, tanto quanto a história de Casterfo, foi a fé que ele

demonstrara ter nela ao lhe contar tudo. – O que aconteceu depois?

Casterfo respirou fundo, então sorriu, como se seu humor estivesse menos sombrio. Não era o caso, mas ele estava se esforçando.

– Passei por alguns anos difíceis, aí fui adotado por um casal que tinha alguma riqueza gerada em outros mundos. Eles não me adotaram como filho, exatamente, mas eu fui uma das várias crianças que eles abrigaram, alimentaram e educaram. Se não fosse por eles, talvez tivesse morrido à míngua.

– Não é de se espantar que tenha ficado bravo quando eu te chamei de mimado – disse Leia. – Eu sinto muito, de verdade.

– A senhora não sabia. Enquanto eu, por minha vez, sabia sobre Alderaan, e insultei a senhora mesmo assim. Não foi nosso melhor momento. Vamos deixar por isso mesmo. – Ele ergueu o copo para outro gole e viu que estava vazio. Um droide se aproximou imediatamente. – A senhora chegou a ver Darth Vader com seus próprios olhos? Suponho que, no Senado Galáctico, deve ter visto.

– Eu... sim, eu vi.

Casterfo franziu a testa.

– Princesa Leia?

Ele havia ousado lhe contar sua verdade mais dolorosa. Ela jamais poderia revelar a sua, não para alguém que não a conhecesse de antemão; Leia compreendia isso. Contudo, talvez pudesse encontrar a coragem para contrapor a honestidade dele com um pouco da sua.

– No início da guerra contra o Império, assim que o Senado Imperial foi dissolvido... – Ela engoliu em seco. – Minha nave foi capturada pela *Devastador*. Essa era a nau-capitânia de Darth Vader na época. Ele me trouxe pessoalmente até a Estrela da Morte, onde ele... onde me interrogou.

A compreensão surgiu nos olhos de Casterfo.

– A senhora quer dizer...

Apenas diga.

– Quero dizer que ele me torturou por horas. Enquanto alguns de seus stormtroopers imperiais assistiam. – Às vezes aquilo a tocava, quando nada mais conseguia. Os troopers eram soldados das fileiras. Alguns deles haviam honestamente acreditado que faziam a coisa certa, ou era o que ela dizia para si mesma.

Porém como alguém poderia acreditar, depois de assistir a uma garota de 19 anos se retorcendo no chão e gritando por piedade que nunca vinha? Como alguém poderia ficar ali, assistindo àquela garota convulsionar em uma agonia indefesa sem fazer nada, sem fazer algo para ajudar?

Aparentemente, algumas pessoas conseguiam.

– Em seguida ele me levou para testemunhar a destruição de Alderaan. A mão de Vader agarrou meu ombro logo depois que vi meu planeta morrer. Ele me fez sofrer de todos os modos que um ser humano pode sofrer, tudo pelo amor dele ao imperador.

Casterfo puxou seu braço de onde estava, embaixo da mão dela – ela havia ficado totalmente

imóvel – e segurou os dedos dela nos seus. Por sua idade, pelo modo como havia se tornado cínica, Leia jamais teria adivinhado que um gesto assim ainda pudesse comovê-la, mas comoveu.

– Eu o odiava tanto – sussurrou ela. A brisa soprava por eles, agitando as árvores de flores azuis no interior dos jardins suspensos. Era como se elas estivessem ajudando a camuflar as palavras dolorosas. – Às vezes eu sentia que a única coisa que me mantinha de pé depois de Alderaan era a força do meu ódio por Vader.

Por meu pai.

Como sempre, quando Leia pensava nisso, ela se recordava do que Luke lhe dissera sobre as últimas horas do pai deles. Ele havia renunciado ao lado sombrio, salvado Luke e se tornado Anakin Skywalker de novo. Sempre que Luke contava a história, um sorriso beatífico iluminava o rosto dele; suas memórias daquele evento lhe davam um nível de conforto e até alegria que o sustentavam. Aquelas eram memórias que Leia não podia partilhar.

– Então temos isso em comum – disse Casterfo. – Ambos sabemos o monstro que Lorde Vader era, e não temos nenhum desejo de ver alguém como ele ganhar poder na galáxia outra vez. Mas a senhora acha que ele vai emergir da ordem, enquanto eu acho que ele vai emergir do caos.

Leia não conseguia reunir coragem para outro debate.

– Vamos torcer para jamais descobrirmos.

– Tomara, tomara.

Eles soltaram um ao outro no mesmo momento e se recostaram, mas Leia sabia que a conexão que haviam forjado não seria quebrada com tanta rapidez. Apenas algumas curtas horas antes, Ransolm Casterfo tinha sido um aliado um tanto incômodo. Agora, para o melhor ou o pior, eles haviam se tornado amigos.

Quando o droide garçom passou por eles de novo, Casterfo apanhou dois copos de cerveja corelliana para eles sem perguntar se Leia queria; parece que ele teve o bom senso de saber que ela precisava daquilo. Após os primeiros goles e muitos momentos de silêncio, Leia resolveu mudar de assunto. Sem graça, mas certamente qualquer assunto teria que ser mais agradável do que os males de Vader.

– Alguma aposta em quem vai ser o candidato centrista?

Casterfo balançou a cabeça.

– Há pelo menos uma dúzia de possibilidades, senadora...

– Acho que já temos intimidade suficiente para usarmos nossos primeiros nomes, não, Ransolm?

Ele concordou com um gesto rápido.

– Como eu dizia, Leia, há pelo menos uma dúzia de potenciais nomeações até o momento, e podem surgir outras.

– Quem sabe? – Ela conseguiu dar um sorriso. – Você ainda pode acabar votando em mim.

– Votarei com meu partido, é claro, mas posso dizer uma coisa: você é a única populista em quem

eu confiaria para esse cargo.

– Uma pena que Riosa não seja um mundo mais influente – disse Leia. – Eu me sentiria muito melhor se você fosse o candidato centrista.

Ransolm tentou não sorrir, mas o resultado só fez com que ele parecesse travesso.

– Então somos dois.

– Acho que podemos brindar a isso – disse Leia. Eles ergueram os copos e brindaram, e a escuridão do passado que carregavam pareceu muito distante.



Na manhã seguinte, Leia se perguntou se havia tomado cerveja demais – mas não. Sua fadiga e mau humor eram o resultado natural daquelas lembranças tão sombrias nas quais ela sempre tinha evitado pensar, quanto mais contá-las em voz alta.

Pense na sua conversa com Casterfo como um ensaio, ela disse a si mesma. Um dia, ela teria que revelar tudo ao filho. A verdade sobre a identidade de Vader a despedaçara; ela não conseguia imaginar o que isso significaria para Ben. Ao menos Luke podia contar a Ben a parte mais importante: que Vader tinha, no final, se redimido. Anakin Skywalker havia retornado, o lado sombrio fora derrotado pela luz.

Leia sabia disso. Ela acreditava nisso. Mas ainda não *compreendia*.

– Você está calada de um modo incomum esta manhã – disse Tai-Lin Garr, que caminhava com ela pelo complexo senatorial. – E não está animada, acho.

– Estou... rabugenta. De mau humor. Isso é tudo. – Ela procurou uma justificativa plausível e encontrou uma no horário. – Que tipo de sádico planeja uma reunião durante o café da manhã?

Tai-Lin, sempre paciente, balançou a cabeça, afetuoso.

– Você nunca se incomodou de ter que acordar cedo. E sabe como nossas agendas são ocupadas.

– Se a alternativa é uma reunião durante o café, eu posso arranjar tempo. – Leia respirou fundo e tentou deixar para trás o mau humor. – Bem, se acabar me tornando a primeira-senadora, sei qual é a primeira coisa que vou proibir.

Rindo, Tai-Lin disse:

– Você vai mudar de ideia quando nos sentarmos para comer e você tiver tomado um pouco de caf.

– Caf normalmente ajuda – ela concordou.

Tai-Lin, assim como Leia, havia iniciado seu mandato no primeiro Senado da Nova República. Ele era um dos poucos que servira desde aquela época até o presente. Embora possuísse uma calma quase sobrenatural, como a maioria das pessoas de Gatalenta, a serenidade parecia estar profundamente ancorada em Tai-Lin. Leia achava que nunca o tinha visto erguer a voz em todos aqueles anos, apesar das razões que os políticos centristas haviam lhe dado. Ele era um homem atraente, um ou dois anos mais novo que ela, e os cabelos de suas têmporas estavam passando de pretos para grisalhos. O manto escarlate que vestia, típico de seu planeta, exibia uma bela figura. Uma figura fácil de imaginar em, digamos, um holo de campanha.

– Sabe, ainda dá tempo de você tentar uma nomeação – aventurou-se Leia. – Você seria um primeiro-senador muito melhor do que eu.

Ele balançou a cabeça.

– Sejam realistas. Você é a única candidata populista capaz de vencer. E se você perder, todo esse experimento estará fadado ao fracasso.

Leia fez uma pausa e ele parou ao seu lado. Eles ficaram de pé, no meio da praça do complexo, sobre um padrão intrincado de azulejos azuis e brancos, que parecia um tabuleiro de um jogo de estratégia.

– Fadado ao fracasso? Mesmo que outro populista seja o primeiro-senador?

Tai-Lin assentiu, gravemente.

– Os centristas são forçados a respeitá-la por causa de seu papel na guerra. Mesmo assim, eles serão intransigentes; vão combater cada passo que você der. Mas pelo menos vamos ter um mínimo de civilidade. Você será capaz de fazer algumas coisas serem aprovadas. Se qualquer outra pessoa ficar no cargo, estaremos ainda mais travados do que estamos hoje.

Embora Leia não gostasse muito do conceito de um primeiro-senador, ela não podia acreditar que era a única com qualquer chance de tornar o papel eficaz. Sim, os centristas podiam ser difíceis, mas os populistas também podiam, e os centristas pelo menos respeitariam a ideia de hierarquia.

Ele está basicamente declarando que uma política de nível galáctico não pode funcionar, percebeu ela. Uma inquietação despertou no interior de Leia. *Se muitos senadores populistas concordarem com ele, isso vai se tornar uma profecia autorrealizável.*

Tai-Lin cruzou as mãos diante do corpo e se aproximou dela no momento em que algumas naves civis passavam pelo céu acima deles, como se quisesse esconder suas palavras com o som prateado dos motores.

– Leia? Você não pretende abandonar a disputa, não é? Se você abandonar a causa populista...

– Não vou abandonar nada. – Tecnicamente, ela nem estava *oficialmente* na disputa ainda, mas não fazia diferença. Leia pensou de novo em seu sonho de voar pela galáxia com Han, sem responsabilidades ou preocupações, com todo o tempo do mundo. – Mas antes disso tudo, eu estava cogitando seriamente a aposentadoria. Eu queria passar mais tempo com minha família.

– É claro. – Tai-Lin inclinou a cabeça. – Você queria se unir a seu irmão e seu filho, imagino.

– Eu sinto falta deles, sim. Contudo, eu tinha pensado em viver com meu marido de novo. Faz algum tempo desde que moramos juntos mais do que meio ano.

Tai-Lin hesitou antes de se aproximar mais.

– Tem uma coisa que eu queria lhe perguntar há muito tempo, e finalmente sinto que a conheço o bastante para ousar. Se eu estiver abusando de minhas liberdades, por favor, me avise.

O-oh, pensou Leia. Será que isso era algum tipo de abordagem romântica? Certamente que não. Ela parecia estar um pouco paranoica naquela manhã. Mas compreendia por que um observador externo poderia acreditar que estava disponível, o que era uma prova de que Han *definitivamente* tinha ficado distante por tempo demais.

– Eu vou lhe responder, Tai-Lin. Vá em frente, pergunte.

– Você nunca considerou seguir o caminho de seu irmão e se tornar uma Jedi?

Leia foi pega desprevenida.

– Por que me pergunta isso?

– Dizem no meu mundo que a Força às vezes corre nas veias de algumas famílias.

Muita coisa da tradição Jedi tinha se perdido – mas em Gatalenta, a velha religião permanecera forte. A história havia se transformado em lenda, mas algumas das antigas lendas ainda eram contadas. Gatalenta fora um dos primeiros destinos de Luke quando ele começou sua pesquisa sobre os cavaleiros Jedi de antigamente. Tai-Lin continuou:

– Se isso for verdade, então talvez você tenha o potencial, como seu irmão.

E meu filho, pensou ela, mas não disse.

– Se você tiver essa habilidade, não consigo imaginar por que não treinaria para se tornar uma Jedi também – completou Tai-Lin. – Com certeza conheci poucas pessoas que seriam uma cavaleira Jedi melhor do que você.

Leia inclinou a cabeça agradecendo o elogio, mas não pôde responder de imediato, porque não podia contar toda a verdade. A Força era um assunto importante demais para ser compartilhado sem consideração, mesmo com Tai-Lin, seu aliado e amigo.

Sua resposta foi segura, razoável e, até onde era possível, honesta:

– Meu dever sempre esteve aqui, trabalhando para criar um governo novo e melhor.

Ele suspirou, um pouco pesaroso.

– Apenas você pode determinar qual é seu destino correto.

Será que era verdade? Para Leia, era como se seu destino já não estivesse em suas mãos há muito tempo.

Juntos eles andaram o resto do caminho até o prédio da conferência num silêncio interrompido apenas pelos pássaros da neve migrando lá em cima e pelo murmúrio do tráfego de pedestres, que aumentava regularmente ao redor do Senado enquanto os funcionários entravam para começar o dia. Em algum lugar, provavelmente não muito distante dali, Greer e Korrie estariam chegando; C-3PO já devia estar no gabinete, separando comunicados, muito feliz. A estátua de Bail Organa cintilava, translúcida, sob a luz do sol, protegendo-a. O clima agradável e o céu limpo fizeram Leia sentir que teria desfrutado da manhã, não fosse pela reunião no desjejum. E as perguntas de Tai-Lin sobre seu passado. E as lembranças trazidas pela conversa com Ransolm na noite anterior... talvez a crescente sensação de temor dentro de Leia fosse culpa delas...

Preciso de café, pensou. Ela podia lidar com todo o resto mais tarde.

O centro de conferências do complexo senatorial da Nova República continha múltiplas salas apropriadas a todo tipo de função auxiliar imaginável, desde concertos memoriais até cerimônias de premiação. Leia e Tai-Lin se dirigiram ao menor salão de banquetes. A reunião de desjejum tinha

sido organizada por Varish Vicly, que não conseguia imaginar um momento ruim para uma festa.

Varish surgiu, trotando até eles sobre quatro membros.

– Aí estão vocês! Eu estava preocupada, achei que se atrasariam.

– Ainda chegamos adiantados – protestou Leia, enquanto ela e Tai-Lin eram envolvidos em rápidos abraços pelos membros compridos de Varish.

– Sim, mas eu me preocupo. Você sabe como eles ficam.

“Eles” eram os representantes ilustres tanto da extrema esquerda quanto da extrema direita da facção populista. Os da extrema direita queriam dissolver o Senado para que cada mundo pudesse voltar a ser uma entidade totalmente separada. Já os de extrema esquerda planejavam abrir as votações à população geral, de modo que, em vez de a galáxia ter centenas de senadores discordando sobre como fazer algo, pudesse ter inúmeros cidadãos discordando sobre o mesmo assunto. A única coisa que esses senadores tinham em comum era, ao que parecia, a disposição de apoiar a candidatura de Leia para primeira-senadora.

– Agora venha comigo para ser apresentada a todos – insistiu Varish. Logo Leia se viu apertando mãos, patas e sussurrando saudações. Graças a alguns holos que Korrie lhe preparara de antemão, ela conseguiu reconhecer cada senador presente e pôde até fazer algumas perguntas pertinentes sobre seus mundos e suas famílias.

Em outras palavras, pensou Leia, enquanto ouvia alguém falar muito contente sobre os netos, *está tudo indo maravilhosamente bem para todos, menos para mim*. Foi só naquele momento que ela se deu conta do quanto temia sua candidatura – ou talvez apenas a discussão de sua candidatura. De qualquer forma, a ideia de concorrer ao posto de primeira-senadora a deixava bastante desconfortável.

Eles entraram no salão de banquetes juntos, o grupo todo andando de dois em dois. Leia sabia que a cadeira na ponta mais distante da mesa seria a sua, como convidada de honra, na ponta oposta à da anfitriã. Portanto, caminhou por toda a extensão da sala, prestando atenção ao senador a seu lado, antes de dar uma espiada na decoração da mesa, suntuosa até pelos padrões de Varish. Um centro de veludo e fitas de papel atravessava a mesa, debaixo de guardanapos dobrados com capricho. Leia teve que rir.

– Francamente, Varish. Para o café da manhã?

A observação foi recebida na sala com risos bem-humorados; as tendências de Varish Vicly à ostentação eram bem conhecidas, uma característica de que ela mesma troçava. Hoje, no entanto, ela apenas deu de ombros:

– Se essa é a minha reputação... sabe, eu posso viver com isso.

Leia ajeitou-se na cadeira, apanhou seu guardanapo... e parou.

Algo estava escrito na fita de papel em seu prato. Escrito de verdade. Praticamente ninguém mais escrevia; já fazia anos desde que Leia vira palavras de verdade escritas à mão com tinta sobre qualquer coisa, exceto documentos históricos.

Naquele dia, entretanto, alguém deixara aquela mensagem em seu prato, com apenas uma palavra: *FUJA*.

Leia empurrou a cadeira para trás, instantaneamente ficando de pé.

– Temos que sair daqui – disse ela, para os senadores espantados na mesa. – Agora. Corram!

Porém, eles não se moveram, mesmo quando ela disparou para a porta. Varish disse:

– Leia? O que raios...

– Vocês não me ouviram? – Os tolos senadores nunca haviam estado na guerra, não conheciam um aviso urgente quando recebiam um. Leia levantou o papel para que eles pudessem ver. – Fugam!

Todo mundo, levantem e corram!

Com isso, ela saiu correndo, indo o mais depressa que podia, finalmente ouvindo os outros se movimentarem atrás dela. Talvez eles achassem que o bilhete era apenas uma pegadinha, mas Leia não. O medo incipiente que se agitara dentro dela a manhã toda havia se solidificado; era sobre *aquele momento* que seus sentimentos a alertaram.

Enquanto chispavam pelos corredores do centro de conferências, Leia vislumbrou um painel de alerta e guinou para apertá-lo. Uma voz robótica disse:

– Nenhum perigo detectado nesse...

– Ignorar! Alerta de evacuação *agora!* – Leia voltou a correr ao mesmo tempo em que luzes de alerta começaram a piscar e o uivo da sirene soou. Imediatamente, pessoas começaram a sair de várias outras salas, a maioria resmungando, mas pelo menos se movendo em direção às saídas. E quando a viram, também começaram a correr. A sensação de urgência crescia atrás dela como uma onda atingindo seu auge, preparando-se para arrebentar.

O fôlego de Leia estava entalado em sua garganta enquanto ela se esforçava cada vez mais, correndo a toda velocidade em direção às portas, tão depressa que eles quase não tiveram tempo de abri-las para ela. Na praça mais além, droides de segurança haviam começado a guiar as pessoas para longe do prédio, mas muitas continuavam ainda a vagar por ali, fitando a cena, consternadas. Os outros evacuando fluíram pelas portas atrás e ao redor dela, mas assim que estavam fora da estrutura, metade deles parou, permanecendo estupidamente ao alcance.

Ao alcance do quê? Ela ainda não sabia. Mas todos os instintos dentro dela – a própria Força – gritavam que o desastre estava próximo.

Leia não parou. Ela continuou correndo o mais depressa que pôde, sem olhar para trás, até que...

Uma luz brilhante. Um rugido tão alto que ressoou dentro do crânio. E ar quente e destroços chocando-se contra ela, derrubando-a, fazendo-a rolar, apagando o mundo.

Greer só sabia que, em um momento ela estava caminhando pelo Senado, não muito longe do salão de conferências, com Korrie a seu lado, tentando arranjar uma desculpa para sua ida vespertina à medbaia – e no seguinte, estava caída, tonta, entre destroços fumegantes, com seus pensamentos

nublados e o corpo dolorido.

Mas que... Ela se sentou, depressa demais, e sua cabeça girou. Greer colocou a mão na testa, respirou fundo algumas vezes, e forçou a imagem de devastação ao seu redor a fazer sentido.

Metade do centro de conferências senatorial tinha desaparecido, deixando apenas ruínas; a outra metade soltava uma fumaça sinistra, de um preto retinto. Por toda a sua volta, as pessoas ou jaziam no chão ou caminhavam, vacilantes, cuidando de seus ferimentos; pele, escamas e pelos, todos manchados de sangue. O cheiro acre em suas narinas testemunhava o uso de explosivos.

Alguém bombardeou o prédio do Senado, pensou Greer.

Aquele primeiro momento de raciocínio concreto fez seu cérebro recobrar o foco. Greer olhou em torno, procurando por algum indício do manto verde-claro que Korrie estava usando.

– Korrie? Você pode me ouvir? Korrie?

– Você está bem! – Greer se virou e viu Korrie correndo até ela, com o cabelo encaracolado todo desarrumado, o vestido rasgado, mas, fora isso, perfeitamente bem. – Eu não consegui te ver por um segundo. Foi como... como se a explosão roubasse toda a luz por um instante. O mundo ficou preto, depois virou de ponta-cabeça...

A voz de Korrie se partiu em um soluço. Ela ainda era apenas uma menina. Greer segurou sua mão, tentando oferecer algum conforto. Porém viu naquele momento que havia perdido uma unha, arrancada pela raiz, e o sangue que escorreu sobre Korrie não ajudou nem um pouco.

Um droide de triagem zuniu no ar, descendo para flutuar ao lado de Korrie, estendendo um escâner; raios azuis passaram sobre o corpo de Greer.

– Concussão leve, sem hemorragia interna. Sem ossos quebrados. Apenas ferimentos externos e condições médicas preexistentes. Não crítica.

Em seguida, escaneou Korrie, sem encontrar nada digno de relato em voz alta. Depois disso ele partiu, procurando pessoas com ferimentos mais graves.

– Ajude-me a me levantar – grasnou Greer. Korrie passou um dos braços de Greer sobre seu ombro e conseguiu colocar ambas de pé. Agora que Greer podia ver melhor seus arredores, a escala do desastre a chocou. Embora a equipe de segurança e os droides médicos se movessem pela multidão com urgência e propósito, dúzias, se não centenas de pessoas deviam estar feridas, e elas jaziam no meio de uma ampla cena de devastação.

– A reunião de desjejum. – Korrie engoliu em seco. – A princesa Leia estava lá dentro quando houve a explosão.

Todo o corpo de Greer gelou, exceto pelo dedo, quente pelo sangue que escorria.

– Temos que encontrá-la. Agora. Vá buscar alguém para nos ajudar a procurar. Joph Seastriker, talvez... os alojamentos não devem ter sido atingidos...

– Greer, todo mundo já está procurando.

É claro que os soldados deveriam ter sido chamados de imediato. Mas ela não podia ficar sentada

sem fazer nada.

– Nem todo mundo, porque nós não estamos. Eu não me importo se tivermos que vasculhar tudo aqui, tijolo por tijolo. *Vamos encontrar a princesa Leia.*

Korrie assentiu. Ter um objetivo ajudava.

Levou pelo menos mais um minuto para que Greer conseguisse ficar de pé sozinha. Sua túnica azul-escura e a saia tinham sido rasgadas pelos destroços, os retalhos e farrapos revelavam a pele de sua barriga e coxas. Um pó branco-acinzentado cobria seu cabelo de maneira tão espessa que cada vez que ela virava a cabeça, alguns flocos se soltavam. No entanto, ela seguiu em frente, olhando cada ferido, convocando droides médicos quando necessário, ignorando a própria tontura. Ela não iria parar até encontrar a princesa Leia e se certificar de que ela estava bem. Greer se recusava a considerar qualquer outra possibilidade.

Enquanto seguia em frente, reconheceu outras pessoas: a chefe de gabinete do conde Jogurner, com sangue manchando seu cabelo platinado, enquanto dr. Kalonia a ajudava a se levantar. Andrithal Robb-Voti, de Taris, intacto e entorpecido, apoiado contra uma parede. Ransolm Casterfo ajudando uma mulher Togruta a chegar até o medcentro. Zygli Bruss, de Candovant, sendo erguido até uma maca. Aquele era, inquestionavelmente, o maior ataque ao governo desde as batalhas finais com as últimas naves sobreviventes do Império, mais de vinte anos antes.

Foi Korrie quem finalmente chamou:

– Aqui!

Greer se virou e viu a princesa Leia se levantando na parte mais distante da praça, uma mão segurando a de Korrie, a outra em sua têmpora, como se sua cabeça doesse muito. Greer mancou até elas, apenas para ser imediatamente abraçada pela princesa.

– Graças aos céus – disse a princesa. Ela soava como se tivesse passado muito tempo gritando ou chorando. O terror e as cinzas no ar estavam roubando a voz de todos. – Eu estava tão preocupada com vocês duas.

– O que aconteceu? – Greer não esperava que Leia soubesse, mas sua mente ficava voltando à pergunta, analisando-a sem parar, como se dessa vez uma resposta fosse surgir. – Quem poderia querer destruir o prédio?

O olhar de Leia voltou-se para o alto, para a estátua de Bail Organa. A despeito da luz do sol, ela parecia cinzenta devido à camada de sujeira e pó, e seu braço estendido tinha se quebrado entre a mão e o cotovelo. Greer conseguia ver os dedos estilhaçados caídos entre o resto dos destroços.

A princesa disse:

– Essa bomba destruiu algo muito mais importante do que um prédio. Ela pode ter destruído o próprio Senado.

Quem poderia ter feito isso?, pensou Greer. Muitos candidatos vieram a sua mente: o crime organizado, fossem capangas de Rinnrivin Di ou uma tentativa desesperada dos Hutts de reclamar

seu antigo poder. Facções extremistas dos populistas, furiosos pela própria existência do Senado Galáctico. Radicais centristas tentando criar um clima de medo que justificasse sua investida sobre a autoridade absoluta. Algum solitário maluco com uma mágoa que alguém racional jamais compreenderia.

Ela só tinha certeza de uma coisa – assim que o choque imediato se dissipasse, acusações voariam em todas as direções. O torpor do Senado se inflamaria em conflito – e o destino da própria galáxia poderia seguir essa ordem.



Leia se recusou a aceitar tratamento para sua concussão até que todos os feridos com mais gravidade tivessem sido atendidos. Em dado momento, a dra. Kalonia disse a ela para deixar de ser tão nobre e arranjar ajuda logo, mas nobreza não tinha nada a ver com isso. O tratamento normalmente incluía sedativos, o que significava que ela perderia a consciência uma hora após recebê-lo e era muito provável que não acordasse por no mínimo metade de um dia. Leia queria continuar com a mente alerta enquanto tentava compreender o que acontecera.

Em primeiro lugar, ela gravou uma mensagem apenas de voz para Han, dizendo que estava bem e que ele não precisava vir para Hosnian Prime por causa dela. Embora a presença dele a confortasse, Leia também sabia que, assim que pudesse, ela teria que ir a fundo para descobrir quem era o responsável por esse atentado. Não sobraria tempo para reuniões sentimentais.

Para seu espanto e gratidão, parecia que ninguém havia morrido. Embora algumas centenas de pessoas tivessem se ferido, algumas gravemente, os droides médicos relataram que ninguém estava em condições críticas. Porém certamente haveria uma taxa de mortalidade bem alta se não fosse o alerta que Leia recebera.

A fita de papel ainda estava em sua mão quando ela voltara a si, e ela a tinha entregado a um supervisor de segurança assim que encontrara um após a explosão. *FUJA*. Obviamente, o aviso havia sido plantado por alguém que sabia sobre a bomba, talvez até mesmo pela própria pessoa que colocara a bomba ou algum infiltrado da mesma organização.

Havia motivos para plantar uma bomba e garantir que ela tivesse apenas danos materiais. Leia sabia que, normalmente, aquele tipo de atentado era responsabilidade de alguma organização terrorista buscando respeito ou no mínimo, propaganda. Tais ataques tinham a intenção de demonstrar poder letal e, ao mesmo tempo, respeito pela vida – por mais hipócrita que isso fosse.

Mas ninguém assumira ainda a responsabilidade por aquele ato, um elemento necessário para o propósito de propaganda. Aquele crime permanecia anônimo e desnorteante.

– Talvez amanhã – disse Greer, quando finalmente as duas foram ao medcentro. Sua mão descansava em uma vasilha rasa de bacta, só o suficiente para permitir que sua unha crescesse; ela recebera uma rodada de soro logo de cara. – Provavelmente chegará uma mensagem reclamando a responsabilidade esta noite ou amanhã.

Leia, enquanto isso, havia se despido, mantendo apenas o básico, e já tinha se sentado em cima do tanque, com o aparato respiratório em mãos.

– Eu acho que não. Se quisessem que soubéssemos, a esta altura já saberíamos.

– Vocês acham que o aviso veio de outra pessoa? – arriscou Korrie. Ela estava sentada no chão

com as pernas cruzadas, um pouco distraída pelo adesivo de sintetipele que fundia-se rapidamente ao corte em sua testa. – Ou será que um dos terroristas mudou de ideia no último instante, e tudo o que pôde fazer foi nos dar um aviso?

– Possível, mas improvável. Seja lá quem tenha sido, queriam nos ver confusos e com raiva. E vão se certificar de que continuemos assim. – Leia suspirou quando a doutora se aproximou. – Você vai me dizer que eu preciso parar de falar imediatamente, não vai?

– Na verdade, não. – A fala fria e precisa de Harter Kalonia mal conseguia disfarçar sua compaixão e seu humor seco. – Vou dizer que você já deveria ter parado de falar há um bom tempo.

– Certo, certo. – Leia prendeu algumas mechas soltas de cabelo de volta na trança, colocou a máscara respiratória no rosto e mergulhou no bacta.

Coisa nojenta, bacta – sua viscosidade estava exatamente entre “líquido” e “limo”. Os olhos de Leia permaneciam fechados com força, e a temperatura do fluido era morna, mas ela não conseguia evitar a sensação de que estava sendo engolida viva.

Muitos dos pacientes tratados com bacta reagiam assim, e era por isso que os médicos injetavam sedativos primeiro. E realmente, enquanto Leia flutuava no tanque, com uma mecha do cabelo oscilando ao seu redor como alga marinha, ela sentiu a primeira onda de relaxamento a dominar.

Continue focada, ela disse a si mesma. *Você precisa examinar isso a fundo, passo a passo. Lembra-se de ter visto alguém suspeito?* No entanto, o apelo tranquilizador das drogas era mais forte do que a gravidade da situação. Leia sentia como se vagasse para um reino sem dor, sem medo. Talvez fosse essa a sensação de estar dentro do útero. *Mas eu não estava sozinha lá dentro. Luke estava comigo. Onde está o Luke?*

Ela permanecia consciente enquanto eles a levantavam do tanque, envolviam seu longo cabelo em toalhas, e a colocavam em um hovercot. Leia se lembrava até de olhar para cima, para a dra. Kalonia e um droide médico, enquanto eles a levavam para dentro de um transporte. E se a memória lhe era útil, ela conseguira até ficar de pé e entrar em seu próprio alojamento com apenas um pouco de assistência da doutora.

Em seguida veio o momento em que ela desabou em sua própria cama e, depois disso, não soube de mais nada, por um longo tempo.

Leia acordou com a boca seca e os pensamentos nebulosos. Seu corpo estava leve, totalmente livre de dor, e o sedativo ainda não libertara sua mente por completo. Naqueles primeiros instantes ela apenas desfrutou da experiência de se abandonar em um transe em que o medo jamais poderia tocá-la.

Porém a memória exigiu o que lhe era devido – isso, e as luzes vermelhas piscando em seu painel de comunicação.

Gemendo, ela se levantou apoiada nos cotovelos e olhou para a tela mais próxima. Projetada ali

estava a informação de que ela sofrera uma concussão, danos moderados aos órgãos internos, e quebrara algumas costelas. Tudo isso tinha sido reparado pelo bacta. Durante os próximos dias, ela poderia fazer apenas esforços físicos limitados. Um droide médico retornaria aquela noite para confirmar o sucesso do tratamento.

– Ótimo – resmungou Leia. – Mas não é com esses danos que estou preocupada.

Em seguida, ela examinou os holos que tinha recebido. Seus filtros tinham sido pré-programados para dividi-los de acordo com as prioridades específicas de Leia, o que significava que as mensagens políticas estariam lá embaixo. A primeira imagem que surgiu foi o rosto de Han, e ele parecia extremamente abalado.

– Leia, docinho, Greer me contou que você está dormindo por causa do bacta. Mas quando eu ouvi falar que alguém tinha bombardeado o Senado, e vi aquelas imagens... – Ele balançou a cabeça, como se tentasse expulsar as imagens de sua mente. – Se eu não tivesse recebido a sua mensagem, teria ficado louco. Apenas estou feliz por você estar bem. Entre em contato comigo quando estiver de pé outra vez, e se mudar de ideia sobre eu ir até Hosnian Prime, é só dizer. – Han lhe deu o sorriso que nunca falhava em fazer seu coração parar. – Eu te amo.

A imagem de Han se apagou. Leia esperava que a próxima mensagem fosse de Ben ou Luke mas, em vez disso, Chewbacca apareceu na tela, rosnando seu desejo de uma recuperação rápida para ela e seus planos de violência com quem quer que fosse identificado como o responsável. Leia sorriu diante da algazarra típica do Wookiee, tentando superar seu desapontamento. As seis mensagens seguintes pareciam ser de figuras políticas repetindo frases prontas sobre choque, ultraje, gratidão pela sobrevivência dela e esperanças de uma rápida recuperação. Leia clicou nelas tão depressa quanto pôde, pausando apenas para as atualizações que lhe informaram que o membro quebrado de Varish estaria como novo amanhã, e que Tai-Lin tinha escapado apenas com um arranhão. Ransolm Casterfo enviou uma das últimas mensagens, e a sua era a única que parecia vir de um humano, não de um político.

– Eu tento me forçar a acreditar, e não consigo, mesmo tendo estado lá. Graças à Força não foi nada pior. Sua equipe me disse que pela manhã você estará bem, mas se precisar de alguma coisa, é só me dizer.

Ele ofereceu seu apoio como amigo, não como um favor político. Leia se divertiu com a ideia de pedir-lhe que trouxesse um pouco de sopa, mas suspeitava que ele fosse mesmo cumprir seu pedido.

A seguir, ela deu uma espiada nos canais informativos, pegando uma amostragem de notícias orgânicas e oficiais. A essa altura, a maioria das pessoas estava expressando choque e preocupação genuínos. Quanto tempo fazia desde que ela ouvira mundos centristas e populistas dizendo a mesma coisa? Fazia quanto tempo desde que eles haviam compartilhado o mesmo sentimento em união?

Se ao menos pudéssemos usar esse incidente para unir nossos planetas, pensou Leia. Porém, sabia que eles não seriam tão sortudos.

Dali a um dia as acusações teriam início.

– Não é óbvio? – disse Orris Madmund, o senador júnior de Coruscant, enquanto caminhava pelos salões do prédio principal do Senado ao lado de Ransolm Casterfo. – O bombardeio de ontem foi serviço dos populistas.

– Desculpe, como é? – Ransolm encarou Madmund, que empinou o peito, indignado por ter sido sequer questionado.

– Os populistas colocaram a bomba eles mesmos para poderem se retratar como as vítimas heroicas, e para lançar suspeitas sobre nós. Um crime tão vil quanto transparente. Sério, Casterfo, você deve deixar de ser tão ingênuo.

Será que todo mundo havia enlouquecido?

– Não seja absurdo. Não são os populistas os supostos viciados em teorias da conspiração? O risco era extremo demais para todos os envolvidos para que alguém no Senado tenha feito isso. Só pode ser alguma facção terrorista desconhecida.

Madmund respondeu:

– Diga isso aos populistas que já estão nos culpando! Eles estão apontando seus dedos para nós agora mesmo. Abra seus olhos.

O medo e a desconfiança governaram o Senado durante todo o dia. Alertas de segurança dispararam cinco vezes antes mesmo do almoço. Funcionários trocavam olhares inquietos e apressados entre os gabinetes, como se os corredores fossem, de alguma forma, inerentemente mais perigosos. Mensagens chegavam a todo momento enquanto Ransolm atendia às inúmeras visitas que estava recebendo, e assim que ele respondia a uma delas, a fila prontamente duplicava.

Casterfo ficou o dia todo chocado pelas acusações feitas por Madmund. Não porque acreditasse nelas; era ridículo pensar que mesmo os populistas mais extremos chegariam a esse ponto. Ransolm não presumia a inocência deles por ingenuidade, e sim por dois fatos inquestionáveis: um, os populistas não teriam arriscado a vida de sua provável candidata a primeira-senadora; e dois, os populistas eram muito divididos e brigavam demais entre si, dificilmente teriam levado a cabo uma conspiração. Às vezes ele julgava um milagre o fato de eles concordarem sobre onde se sentar.

Vou me dedicar a trazer os centristas de volta à razão, decidiu Ransolm, mas os populistas só darão ouvidos a um dos seus. E não havia dúvida em sua mente sobre quem seria essa pessoa.

Portanto, pouco tempo depois de deixar seu gabinete no final do dia, ele visitou a casa da princesa Leia pela primeira vez.

– O que é isso? – perguntou Leia, de pé na porta de entrada em um vestido azul simples, o cabelo em sua habitual trança frouxa.

Ele estendeu a caixa que tinha dado um jeito de comprar.

– Uma dúzia de folheados doces. Para curar o que lhe aflige.

Ela riu enquanto olhava para a caixinha de doces.

– Isso é ainda melhor do que sopa.

– O quê?

– Nada. – Leia pegou a caixinha da mão dele e fez um gesto indicando seus aposentos. – Por favor, entre.

Ransolm já sabia que a princesa Leia não fazia cerimônia nem exigia luxos. Ainda assim, a simplicidade de seus alojamentos o pegou de surpresa. Ela possuía poucas coisas, todas atraentes, mas funcionais, e quase tudo em tons suaves de branco e cinza. Na parede pendia o único ornamento da sala, uma elegante pintura de origem gatalemana, audaciosa, em brilhantes faixas vermelhas.

Ela reparou que ele observava a pintura.

– Um presente de aniversário de Tai-Lin Garr, alguns anos atrás. Talvez meu presente favorito de todos os tempos. Pelo menos, até esse. – Colocando a caixa de folheados na mesa, ela fez um gesto para que Ransolm também se sentasse.

– Você tem um lar adorável – disse ele.

Leia riu.

– Você diz isso agora. Volte depois de o meu marido ter ficado aqui por algumas semanas. Meias para todo lado.

Embora ela estivesse fazendo uma piada, Ransolm reconheceu naquele momento que ela sentia muita saudade do marido.

Em um canto, os noticiários oficiais de ao menos uma dúzia de mundos rodavam, alternando-se em rápida sucessão; Leia devia ter pré-programado a seleção, e um autotradutor projetava legendas escuras na parte de baixo das imagens.

SUSPEITA CRESCE ENQUANTO A INVESTIGAÇÃO SOBRE
EXPLOSÃO DE BOMBA NO SENADO CONTINUA

ALEGA-SE QUE O CHAMADO “ATENTADO DO GUARDANAPO”
SEJA OBRA DE LÍDERES CENTRISTAS

ARMAÇÃO?

ATÉ ONDE OS POPULISTAS IRÃO PARA DESACREDITAR OS CENTRISTAS?

A litania se estendia, paranoia em cima de paranoia. Na maior parte dos noticiários, a culpa era jogada de um lado para o outro entre os dois partidos políticos, exceto nos noticiários ithorianos, que pareciam inexplicavelmente convencidos de que os Hutts estavam por trás de tudo.

– Eu confio que você tenha bom senso suficiente para saber disso – começou Ransolm –, mas com tanta gente tonta falando hoje, eu devo ser claro. Isso não foi obra dos centristas.

– Eu acredito em você – disse Leia, sem desviar o olhar dos noticiários enquanto abria a caixinha que ele trouxera. – Também não foram os populistas. Temos alguns tolos em nossas fileiras, mas

ninguém chegaria a esse ponto.

– Você acha que pode convencer os populistas de nossa inocência?

– Não através de lógica, ou bom senso, ou mesmo decência comum, se é por isso que você está esperando. O único jeito para cobrirmos essa distância seria desvendando quem é o verdadeiro responsável. – Ela suspirou e deu uma mordida em seu doce.

Ransolm sentiu seu ânimo desabar. Não era como se ele não soubesse disso antes mesmo de falar com ela; simplesmente torcera para que ela, com sua experiência e suas conexões, pudesse apontar para uma solução que ele ainda não vira. Mas não, o pântano era tão profundo quanto ele temera.

– Suponho que investigadores ainda não tenham encontrado nenhuma evidência real.

– Você não viu? Espere aí. – Leia passou pelos holos mais depressa até chegar em um que mostrava um vídeo de segurança de uma Twi'lek dardejando por uma porta do centro de conferências, depois saindo rapidamente. Seu sobretudo escuro lembrava o da equipe do bufê; os óculos escuros que usava não teriam parecido estranhos a ninguém, não em um dia tão ensolarado como o anterior.

– Ryloth? Não pode ser. Eles não possuem recursos nem motivos. – Ransolm cruzou os braços enquanto considerava as possibilidades. – Qualquer um poderia contratar uma mercenária Twi'lek.

– Concordo. Esse vídeo só surgiu há umas duas horas, mas ainda espero ver Ryloth acusado na tribuna do Senado. E depois os Hutts, e sabe-se lá quem mais. Mas o grosso da suspeita vai recair sobre extremistas de nossos dois partidos. Pode contar com isso.

Ransolm podia imaginar os debates intermináveis que resultariam daí. Será que o atentado colocaria em perigo a eleição que se aproximava? Apenas um primeiro-senador poderia guiá-los através dessa crise; a galáxia precisava de liderança, agora mais do que nunca.

– Quem você acha que fez isso?

– Não sei – disse Leia pensativa. – Entretanto... não é curioso que isso tenha acontecido justamente quando começamos a investigar um imenso cartel criminoso?

– Você suspeita de Rinnrivin Di? – A ideia não tinha passado pela cabeça de Ransolm, e ele não a julgava persuasiva. – Gente do tipo dele tenta evitar a atenção do governo, não provocá-la. Ele teria pouco a ganhar explodindo uma bomba em um prédio do Senado e muito a perder. Além disso, se ele fosse colocar uma bomba, não seria do tipo de avisar ninguém.

– Concordo. Não é Rinnrivin Di. Mas seja lá quem estiver ganhando todo aquele dinheiro, a pessoa que o colocou lá, para começo de conversa... *essa pessoa* pode ser outra história.

O holo tremulou, mostrando imagens da suposta terrorista Twi'lek várias vezes. O rosto dela estava irreconhecível na gravação, e sem dúvida ela havia viajado até Hosnian Prime sob uma identidade falsa. Contudo, a imagem seria repetida infinitamente, porque dava a ilusão de uma descoberta, a sombra de uma resposta que talvez eles jamais fossem descobrir.

– Isso é possível – disse Ransolm, finalmente. – Admito que o timing seria bastante conveniente. Mas ainda é apenas um palpite nosso.

Leia olhou para ele.

– Que bom que já estamos investigando isso mesmo, não?

– Pois é. – Ele começou a gostar da ideia de uma caçada. Talvez o cartel que procuravam não tivesse nada a ver com essa bomba, mas fazia muito tempo que Ransolm havia se sentido tão indefeso como se sentira no dia anterior, quando ouviu a explosão. Correr para o lado de fora e ver as ruínas, inspirar o ar tingido de um odor acre e químico, lhe havia trazido lembranças terríveis de Riosa depois que o Império esvaziara seu mundo e o jogara fora. Por um instante ele tinha voltado a ser aquele menino jovem e esquelético, um órfão recente, perdido e faminto entre a devastação.

Pelo menos essa investigação lhes permitia fazer algo significativo, algo útil. E se no processo chegassem ao fundo da trama desse bombardeio, melhor.

– Eu deveria arranjar uma viagem para Daxam IV imediatamente – disse Ransolm; ele tinha lido, pouco tempo após a explosão, o último comunicado enviado por Leia sobre as informações coletadas por Greer e Joph. – Procurar por aqueles guerreiros Amaxines, seja lá quem ou o que eles sejam. Na verdade, eu já tenho um pretexto convincente para uma visita pessoal.

Leia inclinou a cabeça.

– E qual é o pretexto?

– Ele toca em um assunto delicado...

– Agora você *tem* que me contar.

– Minha coleção de artefatos históricos. – Deixar de fora a palavra *imperiais* pareceu dar conta do recado; ao menos, Leia não reagiu. – Recentemente, alguém nos círculos de colecionadores começou a alardear um objeto muito raro para venda, e chamou minha atenção... no mínimo porque o vendedor mora em Daxam IV. Eu iniciei algumas discussões preliminares e acredito que possa arranjar as coisas para comprar o item pessoalmente.

Assentindo, Leia perguntou:

– Você acha que o vendedor pode estar conectado aos Amaxines? Não há nada que ligue especificamente essa lenda antiga ao Império.

– Não tenho motivos para isso, mas se esse indivíduo não estiver conectado, talvez possa nos fornecer informações úteis. De qualquer forma, isso deve ser uma cobertura convincente para eu bisbilhotar pela superfície do planeta. – Ele sorriu. – Acho que estou pegando jeito desse negócio de espionagem.

– Tenha cuidado – alertou ela. – Geralmente, quando você acha que entendeu tudo é que seus planos vão para o inferno.

Ransolm já havia descoberto que isso era verdade para muitas coisas, além da espionagem. Ele assentiu em silêncio.

E então Leia acrescentou:

– Faça-me um favor. Leve Greer com você.

Bem quando ele pensava que estavam virando amigos.

– Você realmente sente a necessidade de me manter sob vigilância? Ainda?

– O quê? Não! – Leia parecia genuinamente indignada. – Você preferiria entrar numa situação perigosa sem reforços? Se for assim, fique à vontade. Além do mais, acho que este é o tipo de missão de que ela daria conta e se divertiria.

A paranoia daquele dia devia ter começado a infectar o cérebro dele.

– Mil perdões. Uma companheira de viagem seria bem-vinda. Mas você deve precisar da sua assistente. Eu poderia pedir a Seastriker...

– Na verdade, Joph Seastriker está vindo comigo para Ryloth, assim que o Senado enviar alguém para investigar aquele planeta. – O sorriso de Leia era tenso. – Nem ele, nem o Senado sabem disso ainda. Mas espere alguns dias.

Ransolm balançou a cabeça, maravilhado.

– Você está sempre um passo adiante, não é?

O olhar dela voltou-se para os holos, que agora mostravam outra vez os detritos fumegantes do prédio do Senado.

– Bem que eu queria.



Ransolm Casterfo tinha acreditado em Leia quando ela afirmou que Greer o acompanharia até Daxam IV para servir de reforço, não para sinalizar desconfiança. Mas parece que Greer não sabia disso.

– Sairemos do hiperespaço em cinco – informou ela com frieza. Eram as primeiras palavras que dizia desde pouco depois de deixarem Hosnian Prime. Seu espesso cabelo preto caía livremente por suas costas, e era o único elemento do corpo e da personalidade dela que não aparentava estar sob estrito controle. – Aperte os cintos.

Greer estava na direção da nave que haviam alugado para esta viagem, uma pequena courier jeconne. Após ter pensado um pouco, Ransolm escolhera essa nave porque ela era moderna e estilosa – ele estava viajando sob sua verdadeira identidade, afinal de contas, e tinha que manter as aparências –, mas ela também era comum e provavelmente não chamaria atenção por si só. Ele esperara que uma piloto experiente como Greer tivesse alguma opinião sobre o assunto, mas tinha a distinta impressão de que para ela tanto fazia se ele tivesse trazido um saltador de órbitas com lugar para duas pessoas ou um destróier classe Super Star.

– Suponho que não esteja à sua altura – disse ele.

Aquilo lhe valeu um rápido olhar de esguelha.

– O que você quer dizer com isso?

Ransolm gesticulou para a cabine de comando elegante em preto com suas mãos de dedos longos, claramente se referindo à nave toda.

– A jeconne. Comum demais para alguém que foi piloto em corridas de elite?

– É boa – disse ela, secamente. Após mais alguns momentos de silêncio, Ransolm desistiu de tentar conversar. E aí ela acrescentou: – Eu não diria que fui “elite”.

– Bobagem. A senadora Organa comentou sobre seu currículo antes dessa missão começar, sabe. – Se Greer Sonnel presumia que era a única com quem Leia conversava, estava na hora de descobrir o contrário. – Vencedora de uma Sabres Júnior, uma piloto de corrida profissional na equipe Crystal Cairn por dois anos, até se aposentar repentinamente, três anos atrás. Uma carreira curta, mas ilustre, dadas as corridas em que você competiu. E você se aposentou invicta.

Greer não contestou nenhuma daquelas informações, mas encarou o painel com atenção inabalável, até mais do que o exigido para quem estava deixando o hiperespaço.

– Dois anos não colocam ninguém na elite.

Embora Ransolm não se considerasse um homem vaidoso, havia aprendido durante sua infância ingrata em Riosa que precisava usar todos os recursos que possuía se quisesse avançar. Gente fraca não

deveria receber admiração nem assistência e, assim, ele fazia de tudo para provar que não era fraco. Ele comprava as melhores roupas que podia bancar, fazia conexões influentes e permitia que outros ficassem sabendo sobre elas, e enfatizava cada habilidade que honestamente possuía.

Então por que alguém desprezaria suas próprias habilidades? Abandonaria sua própria fama? Não fazia sentido para ele. Cansado de tentar se entender com Greer, Ransolm recostou-se em seu assento.

– Como queira.

A mão dela se fechou sobre a alavanca para o hiperdrive.

– Saindo em três, dois, um... agora.

A courier estremeceu enquanto as estrelas voltavam a congelar em seus lugares. Abaixo deles estava Daxam IV, vívido entre a escuridão do espaço com seus desertos alaranjados e pequenos oceanos azuis-esverdeados. Quase nenhuma nuvem resguardava o mundo ou oferecia alguma promessa de chuva. Contudo, naquela área rigorosa e amplamente inabitada do espaço, o terreno áspero de Daxam IV era praticamente um oásis.

– Certo. – Greer apertou alguns controles, inclusive o que enviava um sinal automático requisitando um atracadouro no espaçoporto da capital. – Como vão ser as coisas?

– Está interessada agora? – Ransolm podia ouvir como sua voz soava pedante, e em certo nível se detestava por isso. Mas a essa altura, ele sabia que Greer Sonnel não reagiria a simpatia. Teria que ser ela a quebrar o gelo entre eles.

O comentário lhe rendeu uma sobrelanceira arqueada, mas ela ao menos girou sua poltrona de frente para a dele.

– Eu sou o seu reforço. Se eu não souber para onde você está indo e quando, não serei muito eficiente em mantê-lo vivo.

– Mas se você me seguir, provavelmente vai espantar o tipo de gente que estamos procurando. – Ransolm enfiou a mão no bolso de seu casaco vermelho escuro e retirou seu aparelho comunicador para mostrar a ela as mensagens que recebera e enviara. – Colecionadores de artefatos imperiais tendem a ter uma visão... desiludida de oficiais da Nova República.

Greer pegou o aparelho na mão, encarando a telinha.

– Você vai comprar um dos capacetes da guarda pessoal do imperador?

– Exatamente. – O que era, na verdade, muito empolgante. Ransolm já havia selecionado mentalmente um lugar de honra para ele em sua parede, presumindo, claro, que o artefato fosse genuíno. Mas isso não vinha ao caso. – Eu já sou conhecido nesses círculos e consegui arranjar uma potencial transação. Um vendedor que atende pelo nome de Espada Escarlate...

– O quê? – Greer franziu a testa. – Esse é o nome verdadeiro dele?

– Ah. Não. – Ransolm quis se esquivar. – No mundinho dos colecionadores, nós com frequência operamos sob outros nomes. *Eu* ajo sob minha identidade verdadeira, mas outros preferem termos mais... exuberantes.

Ira do Imperador. Fogo Interceptador. Vingador de Jakku. Ridículos, todos eles. Ransolm sabia que isso era só faz de conta, assumir um papel que eles poderiam retomar em simulações, mas não confiava que alguém de fora pudesse compreender.

Felizmente, Greer não demonstrou nenhum interesse.

– Então você não tem ideia de quem realmente seja esse vendedor.

– Não importa, porque afinal ele tem um desses capacetes, uma relíquia valiosa o bastante para garantir uma visita pessoal. Ele pode muito bem estar conectado aos grupos que procuramos; se não estiver, deve conhecer alguns indivíduos que estejam. Assim que eu estabelecer uma conexão com ele, posso tentar investigar a partir daí.

Greer refletiu sobre o assunto em silêncio por alguns momentos antes de devolver o aparelho dele, franzindo os lábios como se dissesse *nada mal*.

– E eu suponho que serei sua piloto?

Como se ele precisasse de um piloto.

– Vamos fingir que você é integrante da minha equipe, não da senadora Organa. Se eles conferirem, podemos fazer parecer que eu acabei de te roubar da equipe de Leia duas semanas atrás, e que o Atentado do Guardanapo impediu que os registros fossem devidamente atualizados.

Greer assentiu enquanto o console começava a piscar com as coordenadas e o horário aprovados para aterrissagem.

– Esperto.

– Isso foi um elogio? Não. Não pode ser. Você falou a palavra em voz alta sem nem explodir em chamas.

– Me poupe – disse ela. Seria aquilo um traço de sorriso em seus lábios carnudos? Com certeza devia ser só a imaginação de Ransolm.

De alguma forma, Daxam IV parecia ainda mais ameaçador na superfície. As areias de um laranja profundo se estendiam por quilômetros sem fim e faziam Ransolm se lembrar de outros mundos desertos que visitara, onde o sol martelava impiedosamente. Na época, ele detestara o calor, mas agora quase sentia falta dele.

Apesar dos dois sóis de Daxam IV, o planeta orbitava a extremidade de seu sistema solar, longe o bastante para que o frio fosse penetrante mesmo ao meio-dia duplo. Quando decidira levar um casaco de peles, Ransolm tinha a intenção de ostentar, mas agora não estava nem aí se alguém acharia suas roupas grandiosas ou não. Talvez estivesse todo duro e congelado agora, se não fosse pelo casaco.

Greer, é claro, não demonstrava nenhum sinal de desconforto, apesar de usar apenas lãs. No entanto, os trajes pamarthenses eram famosos por seu calor, e ela colocara camadas de mantos bege e azuis, fechando-os com um cinto e jogando os dois capuzes sobre a cabeça. Juntos, eles caminharam pelas ruas da cidade...

... *correção*, pensou ele. *Pelo que pensam ser uma cidade nessa rocha estéril.*

Apenas algumas ruas formavam o centro da cidade, cada uma contornada por casas ou lojas baixas e raquíticas. Ele achou difícil distinguir umas das outras, já que a maioria das estruturas tinha saído do mesmo molde: cubos achatados de tijolos crus ou estuque, com suas superfícies esbranquiçadas manchadas de vermelho pela areia.

– Uma pergunta – disse Greer. – Esse capacete da guarda é caro, certo?

– Consideravelmente. – Por mais que Ransolm quisesse adicioná-lo à sua coleção, jamais poderia ter justificado essa despesa se não fosse parte daquela missão.

– Então, seja lá quem for o dono dele, deve possuir bastante dinheiro. – O olhar de Greer subiu e desceu a rua desolada. – Se eu tivesse bastante dinheiro, eu moraria em outro lugar.

Era um bom argumento. O “Espada Escarlata” devia ter certa riqueza, e ainda assim escolhera continuar em Daxam IV, um planeta que possuía apenas uma vantagem aos olhos de Ransolm: ser obscuro e raramente visitado, e ficar, portanto, fora das vistas. E também...

– Grandes somas do dinheiro do cartel de Rinnrivin Di estão sendo injetadas neste mundo. É difícil imaginar no que eles estão gastando.

Greer concordou.

– Definitivamente não na vida noturna.

Será que havia armazéns de especiarias por ali? Cofres cheios de mercadorias valiosas aguardando para serem trocadas rapidamente por créditos lavados? Esconder algo do tipo em um mundo como Daxam IV dava uma segurança razoável de que tudo continuaria escondido.

Até agora, pensou ele, com certo orgulho.

Seu encontro era em uma casa de chá, que provou ser um estabelecimento pequeno e deteriorado com iluminação ruim e cabines baratas. Pequenas lanternas pendiam do teto, lançando uma suave luz dourada que não penetrava as sombras. Ransolm examinou o salão e reconheceu seu alvo à primeira vista.

Ela teria se destacado em qualquer recinto. Com talvez 60 anos, ela tinha cabelo comprido e eriçado que descia até a metade das costas em cachos pretos manchados de grisalho. Magra e angulosa, dava a impressão de ter sido esculpida pelo tempo em sua forma mais pura e simples – como se toda a suavidade tivesse sido removida. Pequenas cicatrizes esbranquiçadas marcavam áreas de sua testa, bochecha direita e garganta. Seus olhos escuros já estavam focados neles, e ela se sentara em um canto que não permitia a ninguém se aproximar dela por trás. Porém, não foi por nada disso que Ransolm a reconheceu de imediato.

Ela era a mulher do cassino em Bastatha, aquela que não quisera ser notada.

Ransolm olhou de relance para Greer e indicou com a cabeça o balcão do outro lado do salão, onde fregueses solitários podiam se sentar em bancos baixos de madeira e tomar seu chá. Embora ele pudesse ver que Greer estava incomodada em receber ordens de maneira tão casual, ela sabia que sua

obediência era necessária para que acreditassem na história deles. Enquanto ela se afastava, ele se voltou para “Espada Escarlate”.

Ele sabia que era melhor não mentir descaradamente.

– Nós já nos encontramos antes? – disse ele, enquanto se sentava diante dela. – A senhorita me parece muito familiar.

– Sou Arliz Hadrassian, e não, não nos encontramos. – Sua voz baixa e rouca soava como a de alguém muito mais velha, ou uma viciada de longa data em especiarias. Ransolm, entretanto, suspeitava que aquela rouquidão tivesse mais a ver com as cicatrizes em sua garganta. – Porém, nós visitamos Bastatha ao mesmo tempo, recentemente. Eu notei a delegação senatorial.

Cuidado, Ransolm disse a si mesmo. Ela devia saber que ele estava investigando Rinnrivin Di, e estaria prevenida. Porém Hadrassian tinha concordado em vender para ele, mesmo sabendo de sua verdadeira identidade. O que significava que ela pensava nele mais como amigo do que inimigo. Ele teria que seguir uma trilha muito cautelosa para reduzir a suspeita dela e alimentar suas esperanças.

– Quando estávamos cumprindo tarefas para Ryloth – disse ele, sombrio. – Provavelmente algo inadequado a um senador. Mas expusemos alguns mafiosos locais para as autoridades, então suponho que não tenha sido um desperdício total.

– O senhor não gosta muito de mafiosos, pelo que entendi. – Hadrassian disse isso como se também não gostasse.

Ransolm resolveu ser totalmente honesto em sua resposta, já que não conseguia pensar em nenhuma mentira que lhe servisse melhor.

– Sempre arrancando créditos, tirando dinheiro de viciados, que tipo de negócio é esse? Que tipo de *vida*?

– Eu concordo, senador Casterfo. Nós fomos feitos para coisas melhores. – O sorriso de Hadrassian cortou seu rosto como uma lâmina. – Algumas rodadas de sabacc em um cassino podem servir ao propósito de uma noite, mas as recompensas reais não vêm de meros jogos de azar.

– Concordo. – *Eu montei essa compra para analisá-la. Ela só pode ter concordado com isso para poder me analisar, por sua vez. O que ela espera descobrir?*

Ele fez um sinal para o garçom que havia se aproximado da mesa – um humano de verdade, e não um droide, evidência da pobreza do planeta – e escolheu um dos chás do cardápio de modo aleatório. O chá provou ser perfumado e doce, e a xícara de cerâmica aqueceu suas mãos. Ransolm ficou grato, até porque o chá lhe ofereceu um momento para ordenar seus pensamentos.

– Então – começou ele. – Como a senhora conseguiu o capacete?

Ele esperava uma história como as outras: o capacete havia sido comprado de outro colecionador, e assim por diante, ou até uma lenda nebulosa sobre um amigo ou ancestral heroico que tomara pessoalmente os artefatos imperiais como troféus de guerra. Porém Hadrassian o surpreendeu de novo.

– Eu servi na Frota Estelar Imperial, senador Casterfo. Assim como muitos membros da minha família e muitos amigos. O capacete pertencia a meu irmão mais velho. – Ela abaixou os olhos para sua xícara de chá, e pela primeira vez sua atenção foi um pouco menos focada que um laser. – Ele ficou gravemente doente um dia antes de Palpatine partir para a segunda Estrela da Morte, e assim perdeu a chance de acompanhar o imperador em sua jornada final. Se ele tivesse ido junto... quem sabe? Talvez a história tivesse sido reescrita.

Como precisamente um único guarda imperial teria vencido toda a frota rebelde? Não obstante, as pessoas se convenciam de coisas mais estranhas que isso para acreditarem que conseguiriam alterar o destino.

– Seu irmão concordou em se separar do capacete? Eu imaginaria que ele o guardaria para sempre.

– Ele retornou ao serviço depois da morte de Palpatine, e foi um dos que tombaram em Jakku.

Este capacete é uma das poucas coisas que me restam dele.

– Então fico ainda mais surpreso que esteja disposta a vender uma lembrança assim – disse Ransolm.

– Eu não o venderia para qualquer um. Você era exatamente o tipo de cliente que eu esperava. – Os olhos dela se enrugaram nos cantos, sugerindo o sorriso que ela suprimiu.

Todo esse tempo, pensei que eu havia arranjado essa transação. Mas a armadilha não foi minha. Foi dela.

Normalmente, Ransolm ficaria decepcionado por ter caído em uma armadilha com tanta tranquilidade. Em vez disso, ele foi invadido pelo alívio. Já que havia sido Hadrassian a orquestrar o encontro, a probabilidade de ela suspeitar dos motivos dele eram bem menores.

Ele se perguntou como teria agido se realmente estivesse ali apenas como comprador. Debruçando-se sobre a mesa, ele disse:

– Diga, o que a senhora fazia na Frota Estelar Imperial?

Hadrassian sorriu mais abertamente dessa vez.

– O senhor quer ouvir histórias de guerra? Seu interesse na história do Império é famoso, senador Casterfo, mas duvido que um homem tão importante disponha de tempo.

– Eu arranjo o tempo.

As duas horas seguintes foram preenchidas com narrativas da Frota Estelar Imperial, particularmente com as tarefas da jovem Hadrassian como piloto de TIE. Mais tarde ela se tornou uma oficial do Departamento de Segurança Imperial, o DSI:

– Era mais interessante – confidenciou ela –, mas apenas para mim, que estava trabalhando lá. As histórias não são tão boas para contar.

Ransolm tomou nota disso; qualquer um que fosse admitido pela força de segurança interna era considerado leal até o cerne. Porém continuou a conversa, concentrando-se na época em que ela perseguia traficantes de especiaria por Kessel e Kerev Doi.

Ele não precisou fingir fascínio. As histórias de Hadrassian eram incríveis.

Eles se separaram em bons termos, com uma reunião marcada para o dia seguinte para a compra do capacete.

– Não aqui – disse Hadrassian. – Vou lhe mandar as coordenadas para o meu território nos Ermos Ocidentais. Uma hora de voo, muito rápido, não mais que isso. Mas por favor, peça à sua funcionária... – Ela indicou com a cabeça para Greer, que tinha permanecido em seu lugar no balcão –... para ficar para trás. Eu prefiro manter minhas transações confidenciais.

Seria esse o mesmo tipo de armação que Leia enfrentara em Bastatha? Ransolm duvidava. Hadrassian tinha feito aquela primeira reunião para estudá-lo, e ele tinha certeza de que fora aprovado no teste dela. Qualquer confiança que ele tivesse conquistado seria arruinada se ele insistisse na presença de Greer.

– Compreensível – disse ele. – Estou ansioso para vê-la novamente. A senhora terá mais histórias para mim?

Hadrassian inclinou a cabeça.

– Muitas, senador Casterfo.

Apesar de conseguir conter sua euforia até que ele e Greer estivessem bem longe da casa de chás, assim que estavam fora de alcance, Ransolm começou a contar cada detalhe de sua conversa com Arliz Hadrassian. Greer não parecia compartilhar de seu entusiasmo, mas ele prosseguiu, falando o caminho todo até o hangar do espaçoporto.

–... e ainda é completamente leal ao Império. Como se tivesse feito seu juramento ontem mesmo, juro.

– Deve ser legal para você – disse Greer.

Ransolm levou um momento para processar aquilo.

– Como é que é?

– Encontrar alguém que partilha de tantos dos seus interesses. Como, por exemplo, idolatrar o Império.

Ele teria ficado menos ofendido se ela o tivesse estapeado.

– Eu não *idolatro* o Império. Você não estava escutando? Não percebe que isso significa que estamos na trilha certa?

– Eu percebo que estamos chegando mais perto de descobrir o que está havendo em Daxam IV – disse Greer. – Mas ainda não tenho certeza em que trilha você está.

Ransolm recusou-se a dignificar aquilo com uma resposta. Passou por ela pisando duro, determinado a pegar o que precisava de dentro da nave e dirigir-se aos quartos que havia alugado para aquela noite. Toda sua conversa cuidadosa, todo seu planejamento, e ainda assim, só conquistara expressões de desprezo. Será que nada do que ele fizesse jamais seria bom o bastante para a equipe presunçosa de Leia?

Naquela noite, muito depois de escurecer, Greer levou a courier jeconne para dar uma volta.

Eu me pergunto se Casterfo vai ver e pensar que o estou abandonando, pensou ela. A essa altura, era quase certo que ele estava dormindo. No entanto, ela não conseguiu deixar de pensar nisso, em grande parte porque se sentia culpada.

Ser grossa com o sujeito não fazia bem a ninguém. A princesa Leia escolhera confiar em Ransolm Casterfo; aquilo fazia com que ajudá-lo fosse um trabalho para Greer. Ele havia dado respostas boas aquele dia mais cedo, e pensara rápido. Se não tivesse pensado, Hadrassian talvez percebesse que não os estava enganando tão bem quanto esperava. Além do mais, ele demonstrara coragem quando foi “resgatar” Leia de Rinnrivin Di, e pelo visto até visitara a princesa após o bombardeio.

Entretanto, Casterfo ainda deixava Greer bastante irritada. Ela não conseguia esquecer o que a princesa Leia dissera em Bastatha: *Posso vê-lo em um uniforme imperial*.

A relação de Pamarthe com o Império tinha sido complexa. Nos primeiros anos do reinado de Palpatine, seus cidadãos correram para se juntar à Frota Estelar Imperial como pilotos e fuzileiros, escoando seu espírito marcial para os exércitos do imperador. Ninguém em Pamarthe jamais conseguira entender o uso de soldados clone pela República no lugar de cidadãos guerreiros, e estavam ansiosos por novas batalhas, novas conquistas.

Porém tudo mudou depois que a Estrela da Morte destruiu Alderaan. A ideia de disparar igualmente sobre civis e soldados, a distância, sem correr o menor risco pessoal – todo guerreiro verdadeiro de Pamarthe sabia que esse era o tipo mais sujo de covardia. Muitos desertaram imediatamente, e em um ano centenas haviam se juntado à Aliança Rebelde, inclusive os pais de Greer. Ela havia crescido ouvindo as histórias deles de batalhas contra o Império.

Casterfo dizia que não era admirador do Império, mas agia como um. Com certeza era isso o que a aborrecia tanto nele.

Ou talvez, admitiu para si mesma, *você só esteja com inveja de como ele pode ser despreocupado. O quanto ele é otimista. Como ele pode levar uma vida sem limitações, enquanto você...*

Greer suspirou com força, frustrada, enquanto guinava a courier, elevando-se subitamente na noite. A cada metro que se afastava do chão, ela se sentia mais livre. A atmosfera sem nuvens de Daxam IV trazia uma vista ampla das estrelas estendendo-se diante dela, de modo que ela mal podia dizer se estava no espaço ou no céu. Gradualmente, ela relaxou, entrando em um voo alto que traçaria um amplo círculo ao redor da cidade.

Ventos baixos, atmosfera leve – o voo era fácil, e os pensamentos de Greer tinham começado a divagar quando sinais começaram a piscar na extremidade oeste da tela de seu plano de voo. Franzindo a testa, ela se concentrou neles para conseguir boa leitura. De acordo com seus registros, ela estava muito distante das principais vias de tráfego aéreo, e Daxam IV era tão deserto que ela não tinha esperado ver muitas naves ali. *Talvez sejam semeadores de nuvens, ou sentinelas padrão*, pensou ela.

Mas as naves eram velozes demais para isso; só podiam ser caças estelares. O que queria dizer que

ela encontrara os guerreiros Amaxines.

Greer rapidamente abafou seus próprios sinais e desceu para mais perto do solo para ficar mais difícil detectá-la. Em pouco tempo ela estava deslizando apenas alguns metros acima do chão. A poeira rodopiava abaixo da courier enquanto ela estudava as leituras em sua tela. Quinze... vinte e dois... não, quase trinta caças estelares sobrevoavam os longínquos Ermos Ocidentais, e em formação militar. Ela colocou o alcance de seu escâner no máximo e seus olhos se arregalaram quando se deu conta de que ao menos cinco outros esquadrões estavam praticando manobras idênticas.

Poucas milícias eram tão grandes. Menos ainda voavam com tanta precisão. E quase nenhuma tinha uma frota de caças estelares tão rápidos e bem armados quanto os da frota da Nova República.

Aquilo respondia tudo. Os Amaxines eram muito mais do que um grupo de patrulha entusiasmado demais. Eles eram uma organização paramilitar, uma que dispunha de fundos consideráveis, eles com o crime organizado, um líder que sem dúvida revelaria ser alguém próximo a Arliz Hadrassian, se não a própria Hadrassian...

... e uma reunião marcada com Ransolm Casterfo, logo cedo.

Greer resmungou:

– É melhor torcermos para ele estar do nosso lado.



– Senadora Organa, bem-vinda a Lessu e a Ryloth.

O emissário Yendor caminhou até a *Espelho Brilhante* com seu cajado na mão. Embora ele vestisse a longa capa bege que o caracterizava como um oficial, havia trocado seus mantos formais por uma simples jaqueta marrom e calça. Tiras de couro se enrolavam em torno de seu lekku. Os trajes casuais indicavam que ele havia cumprido o pedido de Leia para que sua chegada fosse discreta – isso, e o amplo sorriso no rosto azul.

Leia correspondeu ao sorriso.

– Em Hoth, era princesa Leia.

– Não estamos em Hoth – disse Yendor, bem-humorado. – Ainda bem! Não quero passar um frio daqueles nunca mais. E só consegui me livrar do fedor dos tauntauns mais ou menos no ano passado.

– Eles não fediam *tanto assim*.

– Com todo o respeito, vossa alteza, a senhora nunca precisou limpar os estábulos onde eram mantidos.

– Tem razão. – Leia estendeu a mão e, enquanto ele a apertava, ela deu uma rápida espiada ao redor. Aquele era o único espaçoporto em Lessu, a principal capital de Ryloth, e mesmo assim parecia que não havia nada acontecendo. As naves permaneciam inertes; não havia carga sendo carregada ou descarregada; o tráfego de pedestres parecia mínimo. Normalmente Leia teria atribuído isso à chegada de um senador, mas, seguindo suas instruções, nenhuma cerimônia fora organizada. Apenas o emissário e um pequeno grupo de segurança local vieram recebê-los. O espaçoporto de Lessu estava quieto assim porque simplesmente não havia tráfego suficiente para lotar a área.

Ryloth está se esforçando para reconstruir-se depois de séculos de opressão, percebeu ela, mas eles ainda têm um longo caminho a seguir.

Para o emissário Yendor, ela disse apenas:

– Pode ser princesa Leia agora também. Qualquer amigo da Rebelião é um amigo para a vida toda. Você voou com o esquadrão Corona, não foi?

– Sim, vossa alteza. – O sorriso de Yendor se tornou menos formal, mais orgulhoso. Todo soldado reservista gostava de ser lembrado. Ele olhou para além dela e para os outros vindo logo atrás. – Por favor, me apresente ao restante de sua equipe.

– C-3PO, droide de relações humanas. – O droide executou uma pequena mesura. – Embora já tenhamos nos encontrado antes, emissário Yendor. Nós trabalhamos juntos para recalibrar as unidades termais da Base Eco uma tarde, precisamente cinco dias depois da nossa chegada a Hoth. Posso dizer que é um prazer vê-lo novamente?

– Como eu poderia esquecer aquele dia? – disse Yendor, conseguindo soar sincero.

Leia apresentou o restante do pessoal.

– Esta é minha estagiária, Korr Sella, e meu piloto, tenente Joph Seastriker.

– É um prazer conhecer vocês dois – disse Yendor –, mesmo que não tenham direito nenhum de serem tão jovens.

Korrie e Joph trocaram um olhar. Leia conseguiu não reagir ao desalento deles; contudo, outra vez foi atingida por como ambos pareciam tão jovens. Mais jovens até do que Ben, com suas bochechas gordinhas como de bebês e rostos sem linhas de expressão. Contudo, Leia já era uma senadora na idade de Korrie, e nem tinha a idade de Joph quando a Rebelião venceu a Batalha de Endor. Yendor só podia ter cinco ou seis anos a mais do que a própria Leia.

E se Joph e Korrie pareciam tão jovens para ela, como ela devia parecer velha para eles... Eles deviam se sentir como se estivessem pastoreando uma peça de museu pela galáxia. A julgar pela expressão de Yendor, ele estava pensando a mesma coisa. *Nós pertencemos a outra era*, pensou ela, suspirando. *Mas temos que trilhar nosso caminho nesta.*

Contudo, o resto de seu dia pareceu se passar em uma era tão distante que devia pré-datar inclusive a Velha República.

– Está *tudo* escrito em papel? – Korrie disse, em desespero, cerca de três horas depois de começarem a trabalhar nos arquivos de Ryloth.

– Exceto o que está em couro curtido. – Leia colocou o velino antigo de lado, franzindo o nariz. – Ou nos tabletes de madeira ou nos rolos. Mas sim, está tudo escrito ou impresso.

Só era possível ver o cabelo loiro e espesso de Joph Seastriker por trás da pilha alta de volumes encadernados em couro que era de sua responsabilidade.

– Eles realmente não podiam pagar por hologramas normais ou computadores ou algo assim? Nunca?

– Não, tenente Seastriker, não podiam. – Leia manteve um tom educado, mas seus funcionários precisavam tentar compreender. – Ryloth nunca dispôs de muitos recursos, e qualquer coisa que tivessem era tradicionalmente tirada deles seja pelos Niktos, seja pelos Hutts. Eles aprenderam que, se quisessem preservar sua própria versão da história, esse era o único jeito. Temos que respeitar isso, ainda que dificulte nosso serviço.

O que era verdade. Imensamente. Mas ninguém havia dito que ser um membro do Senado Galáctico era divertido.

Leia, Korrie, Joph e C-3PO estavam amontoados ao redor de uma mesa de arenito no coração dos arquivos de Ryloth – uma área subterrânea vasta e cavernosa onde eram mantidos todos os registros do planeta, retrocedendo até o que parecia ser o princípio dos tempos. Droides velas flutuavam por perto, dando a Leia luz suficiente para trabalhar, mas deixando o resto do espaço ainda mais frio e

escuro por contraste.

– Aqui tem mais coisa a acrescentar no dossiê, vossa alteza! – C-3PO bateu com a mão de metal de leve na página de um livro aberto. – Outra menção a Rinnrivin Di, essa de aproximadamente quinze anos atrás.

Korrie se inclinou para a página, estreitando seus olhos enquanto tentava entender as palavras manuscritas.

– É uma lista dos vendedores de especiarias dos Hutts. Rinnrivin estava no mais baixo escalão da operação, pelo menos até onde o pessoal de Ryloth sabia.

– Eu estaria disposta a apostar que essa informação está correta. – Leia cruzou os braços enquanto recostava-se na cadeira. Ela vestira um macacão leve para a viagem; apropriado para o clima moderado de Lessu, mas não para o frio úmido dos arquivos. – A julgar pelo que vimos do dossiê de Rinnrivin até agora, até sete ou dez anos atrás ele não era ninguém. Pouco dinheiro, pouquíssimo poder, de forma alguma uma organização independente. E agora? Desencavamos informação suficiente para saber que Rinnrivin tem um dos maiores empreendimentos criminosos da galáxia.

C-3PO girou o torso para ela, inclinando a cabeça como um humano curioso.

– Talvez nossa informação seja imprecisa, vossa alteza. Ela vem de humanos e outras criaturas sencientes, não máquinas, e poderia, portanto, ser defeituosa.

Leia chacoalhou a cabeça.

– Não. Apesar de ainda não sabermos tudo sobre as operações de Rinnrivin, já vimos demais para duvidar que ele seja, no mínimo, tão poderoso quanto os Twi'leks nos disseram, provavelmente até mais.

– Bem, e que tal isso? – Joph empurrou os livros diante dele para o lado para poder fazer contato visual com os outros. – Talvez outro cartel tenha desmoronado por volta dessa época. Um dos Hutts tenha morrido sem um herdeiro, algo assim. Rinnrivin pode ter visto uma oportunidade, aproveitado, e partido do ponto em que o outro cartel havia parado.

Leia considerou essa ideia por um longo momento antes de dizer:

– Seria plausível. O único problema é que não temos nenhum registro de um cartel assim. Nem aqui, nem em Hosnian Prime, em lugar nenhum.

– Rinnrivin ficou fora das vistas por um bom tempo – Korrie apontou. – Talvez não tenhamos ficado sabendo que o outro cartel existiu. Certamente existem outros por aí de que nunca ouvimos falar, mesmo agora.

– É verdade. Mas se Rinnrivin estivesse meramente ocupando um vácuo no poder, a esta altura já teríamos encontrado traços de seja lá quem ele estivesse substituindo. E não encontramos. – Ela queria que fosse diferente. Quanto mais pensava na origem misteriosa das operações de Rinnrivin, mais profundamente ficava alarmada.

Segundo ela e Casterfo haviam especulado, outra pessoa havia patrocinado Rinnrivin Di. Em seu

único encontro com o Nikto, Leia aprendera que o sujeito não era nenhum tolo, e não era do tipo a aceitar prontamente um status secundário diante de qualquer um. Não importa qual fosse o poder por trás do cartel de Rinnrivin, seu alcance devia ultrapassar qualquer coisa que Leia pudesse imaginar...

– Ainda está certa de que isso não tem conexão com os centristas? – arriscou Korrie, gesticulando para as pilhas de livros-razão na mesa. – Porque tudo isso sugere que o dinheiro de Rinnrivin vai para mundos centristas. Isso me faz pensar que o dinheiro original também deve ter vindo de lá.

– Um planeta se alinhar politicamente com os centristas não diz nada sobre o que qualquer um de seus cidadãos faz ou acredita individualmente – Leia estava falando sério, mas por dentro sentia uma pontada inexorável lhe dizendo que havia *algo* de muito errado ali.

Mundos centristas se orgulham da lei e da ordem, pensou ela, relembrando as palavras de Ransolm Casterfo sobre a pena de morte em Riosa. *Logo eles teriam maior probabilidade de detectar um empreendimento criminoso operando em seu meio. Será que cada um dos mundos centristas tocado pelo cartel de Rinnrivin podia realmente ignorar seu poder e alcance?* Era possível. Poucos povos tinham tanto motivo para rastrear os Niktos quanto os Twi'leks. Porém, Leia agora começava a formar uma imagem do que poderia estar acontecendo, ainda que muito difusa: um perigo imenso à espreita, fora das vistas, mas que se aproximava o tempo todo.

Pilotar uma nave topo de linha como a *Espelho Brillhante* para um mundo independente como Ryloth como parte de uma missão secreta: aventura de alta qualidade. Nota máxima. Placar de excitação de... sete, talvez sete e meio.

Passar horas sentado em um porão bolorento lendo palavras escritas em papel de verdade, tentando traçar registros financeiros: zero aventura. Placar de excitação tão baixo que havia realmente drenado a emoção de outras partes da vida de Joph, como um buraco negro sugando toda a luz e o calor.

– Isso é uma droga – confidenciou ele para seu único companheiro na nave naquela noite.

– Eu não detecto nenhum componente químico intenso na atmosfera de bordo – retrucou C-3PO –, embora, é claro, isso não faça parte de minha programação primária. Poderíamos localizar uma unidade astromec para um exame mais completo dos sistemas de ventilação da nave...

– Eu não falei literalmente. – Joph se recostou no assento do piloto, olhando com desalento para a imobilidade silenciosa do espaçoporto. – Eu quis dizer que isso é chato.

– Entendo, senhor. – A polidez do droide nunca diminuía. Joph se perguntou se a programação do droide o impedia de se entediar ou se, talvez, para C-3PO, os humanos fossem tão lentos e burros que o tédio era tudo o que conhecia.

A princesa Leia fora convidada para algum tipo de jantar. Se o evento fosse um banquete incrível, Joph também teria sido convidado a comparecer. Entretanto, este era um evento mais humilde, uma reunião particular que o emissário Yendor preparara para a princesa e alguns outros que se

conheceram durante a guerra. Korrie, enquanto isso, estava terminando o trabalho nos arquivos. Até ela voltar, Joph não tinha nada a fazer exceto “proteger a nave”.

Ei, ao menos você teve uma chance de pilotá-la, Joph se lembrou enquanto olhava para o painel elegante da *Espelho Brilhante*. Não que isso servisse de muito consolo, mas era o que havia para aquele momento.

De repente, a unidade de comunicações começou a piscar na frequência que indicava “mensagem de alta prioridade”. Joph apertou seu corpo na cadeira. Só alguém do Senado ou outro alto oficial da Nova República podia enviar esse tipo de mensagem. Era algo tão raro que seu treinamento nunca havia lhe dito o que fazer nessa situação. Será que ele deveria responder no lugar da senadora Organa? Ou estaria violando protocolos de segurança só de ver a mensagem?

Ele tinha que tentar. Joph apertou o sinal apropriado.

– *Espelho Brilhante* recebendo. Aqui é o tenente Seastriker.

– Joph? – O rosto do senador Casterfo tomou forma na tela. – Presumo que Leia não esteja a bordo, então.

– Banquete. – Será que ele deveria ter elaborado a frase com mais cuidado? Não importava. Joph continuou: – Eu posso, hum, passar um recado. Ou ir buscá-la, se for urgente...

– Nada tão urgente assim, mas devemos agir em breve. – Casterfo se aproximou da tela do projetor, de modo que seu holo pareceu flutuar dentro da cabine. – Greer descobriu evidências de que os Amaxines são muito mais do que uma milícia; eles parecem ser uma substancial força de combate em treinamento.

– Em treinamento para o quê? – perguntou Joph. Atrás dele, Korrie entrou na nave e a porta da *Espelho Brilhante* se fechou. Ela franziu a testa ao se aproximar, escutando a chamada.

Casterfo prosseguiu:

– Essa é a questão. Mas o negócio é: precisamos ligar de maneira conclusiva Rinnrivin Di aos Amaxines, o mais rápido possível. Se não conseguirmos derrubá-los junto com Rinnrivin, isso quer dizer que essa questão vai muito além do crime organizado. Os Amaxines podem defendê-lo ou vingá-lo. Dada a escala em que estão operando, isso poderia significar até um conflito aberto entre sistemas.

Joph endireitou-se na cadeira.

– Certo. O que podemos fazer daqui?

– Greer apontou que Rinnrivin dificilmente deixaria de monitorar uma força de combate dessa magnitude. Fizemos algumas varreduras com nosso escâner e encontramos satélites espíões enviando atualizações periódicas de Daxam IV para alguns mundos, inclusive Ryloth.

– Vocês acham que Rinnrivin está se escondendo aqui? – indagou Korrie.

Casterfo não pareceu achar estranho que Korrie agora fizesse parte da conversa.

– Não. Eu acho que Ryloth é algo como uma estação de retransmissão. Rinnrivin tem influência suficiente por aí para subornar oficiais locais para que simplesmente “não detectem” seus satélites

orbitando Ryloth. O que precisamos descobrir é para onde os satélites de Ryloth estão enviando seus sinais.

A peça final no quebra-cabeça se encaixou no lugar.

– Porque isso vai nos dizer onde está Rinnrivin Di.

O senador Casterfo assentiu, ou foi Joph que assentiu; o sinal oscilou, dissolvendo a imagem do rosto dele por um momento.

– É muito provável. Estamos transmitindo as especificações pelas quais vocês devem procurar agora mesmo. Se puderem encontrar e conectar esses satélites, nossa investigação dará um grande salto adiante.

– Estamos cuidando disso – prometeu Joph, enquanto o computador começava a processar os dados recebidos.

Qualquer outra coisa que Casterfo quisesse adicionar se perdeu quando o sinal do holo deu um branco total. Após um momento de silêncio, ficou claro que ele não iria ou não podia reconectar.

Joph batucou os dedos contra o console.

– Temos uma missão. Não. Temos uma missão secreta. Agora, sim!

– Espere, você vai agora? – disse Korrie. – Tipo, nesse exato momento?

– Ei, você ouviu o senador. É importante.

– Nós nem avisamos a senadora Organa!

– Ela está ocupada, e outro membro do Senado Galáctico acaba de nos dar ordens.

Korrie se sentou na cadeira do copiloto com o datapad agarrado junto ao peito. Seu cabelo solto e cacheado emoldurava um rosto preocupado.

– Você quer fazer isso agora porque acha que é tão crítico que não deveríamos esperar, ou porque está simplesmente entediado?

Joph sorriu.

– Sim.

– Mas, senhor! – 3PO veio dos fundos, onde estivera desligado por um tempo muito curto, arrastando os pés. – Isso é altamente irregular. A princesa Leia sem dúvida desejaria ser consultada.

Provavelmente. Contudo, quanto mais Joph pensava a respeito, mais ele tinha certeza de que aquele era o momento certo – e esperava que esse sentimento não fosse apenas uma ilusão sua.

– Se Rinnrivin tiver espiões aqui em Ryloth, e provavelmente tem, é mais plausível que ele esteja vigiando a própria senadora Organa. Não nós. O que significa que nossa melhor chance de fazer algo sem sermos observados é agindo agora, enquanto a senadora está em outro lugar.

Embora a expressão de Korrie ainda revelasse dúvida, ela finalmente concordou. C-3PO disse:

– Tenho certeza de que estamos cometendo um erro terrível.

– Só se eu estragar tudo. – Joph ligou os motores e sentiu a *Espelho Brillhante* estremecer ao redor deles, pronta para entrar em ação. – E não vou estragar tudo.

Eles dispararam para longe de Ryloth, deixando uma faixa brilhante no céu noturno, abandonando o nebuloso cobertor da atmosfera do planeta para roçar a órbita. Normalmente, as naves mantinham distância da estreita faixa de satélites circulando o equador, mas Joph se aproximou enquanto Korrie checava duas vezes as especificações que os ajudariam a identificar os prováveis alvos. Em minutos, o visor começou a piscar com múltiplos pontinhos vermelhos – satélites que poderiam estar trabalhando para Rinnrivin.

Joph deslizou para perto do primeiro, sentindo como se estivesse passando a nave por um cinturão de asteroides. Satélites prateados pintalgavam o espaço ao redor deles enquanto ele equiparava a velocidade da nave à velocidade de órbita.

– 3PO, você pode processar os dados vindos de um desses se eu sequestrar o sinal por alguns segundos, certo?

C-3PO inclinou sua cabeça dourada.

– Eu funciono primariamente como um droide protocolar e tradutor, aconselhando a princesa Leia em questões da mais alta importância diplomática...

– Mas você fala com outras máquinas, então pode compreender esses satélites. – Se não, o dia de Joph estava prestes a ficar muito mais difícil.

Se o droide pudesse bufar, teria bufado.

– Se o senhor requisitar isso, senhor.

– Eu requesito. – Joph chegou ainda mais perto, até o satélite quase tocar o casco branco e cintilante da *Espelho Brilhante*. Exatamente quando ele estava prestes a dizer a C-3PO que começasse, contudo, uma ideia surgiu em sua mente.

Os satélites devem enviar informação para Rinnrivin regularmente. Mas de jeito nenhum Rinnrivin está ficando em um lugar só – não enquanto estiver sendo procurado desse jeito. Nós não precisamos apenas recuperar os dados; precisamos de acesso permanente a eles.

Pensando rápido, Joph disse:

– Ei, 3PO. Se você puder fazer o satélite nos passar esses dados agora, pode também reprogramá-lo para nos enviar esses dados daqui por diante? Incluindo o destino primário para o sinal?

– Eu poderia, senhor, mas isso será muito mais demorado.

Korrie interrompeu:

– Se ficarmos muito tempo por aqui, podemos ser detectados. Isso acabaria com a coisa toda.

– É, mas esse é o único jeito de ter certeza de que estamos rastreando Rinnrivin Di.

Ela assentiu, mas sua expressão continuou preocupada.

– O senador Casterfo nos deu ordens específicas.

– Só porque ele não tinha pensado nisso ainda!

– Nós deveríamos nos ater ao plano por enquanto e depois perguntar à senadora Organa sobre a sua ideia...

– Interagir com os satélites duas vezes teria muito mais probabilidade de disparar qualquer alarme, certo, 3PO? – Joph voltou-se para o droide.

– Sim, senhor, mas as ordens do senador Casterfo foram bem claras – insistiu C-3PO. – Nós não deveríamos desobedecê-las.

Joph teria dado um tapa naquela cabeça de metal, se não fosse machucar a mão no processo.

– Não estamos desobedecendo as ordens dele. Estamos... *aprimorando-as*.

– Joph, não – pediu Korrie. Ele adquirira o hábito de pensar nela como alguém próximo de sua própria idade, mas o alarme na voz dela o lembrou de que só tinha 16 anos. – É um risco grande demais.

– É uma oportunidade boa demais para desperdiçar. – Joph se convenceu. – Nós vamos fazer isso. Vou deixar registrado que eu segui em frente contra as objeções de vocês dois. Se algo der errado, a responsabilidade é minha.

C-3PO parecia a ponto de estourar um circuito.

– Se formos capturados pelos capangas de Rinnrivin, estamos acabados!

– Eles não vão voar até aqui em cima e nos pegar no ato – disse Joph, acrescentando mentalmente: *ao menos, eu espero que não*. – Tem algum tipo de... modo de repouso, algo assim, em que você possa colocar os satélites? Isso atrasaria a ativação de qualquer alarme.

Resignado, o droide disse:

– Vou fazer o melhor que posso, senhor.

O trabalho acabou se provando nos limites das capacidades de C-3PO, mas ele deu conta. Várias vezes, Joph levou a *Espelho Brilhante* até um satélite, voando com a precisão necessária para trazê-los perto o bastante para estar ao alcance dos sinais, e permitir que C-3PO persuadisse os satélites a entrar em modo de repouso. Em seguida, enquanto os dados estavam sendo baixados, eles podiam inserir códigos sugerindo que os satélites fizessem um trabalhinho extra na próxima vez em que emitissem seus sinais. Apesar de trabalharem o mais rápido possível, o voo delicado e a tarefa complexa de C-3PO significavam que cada um dos satélites ficava a segundos de ativar os alarmes automáticos antes que eles pudessem se desprender. O suspense estava deixando Korrie mareada, e as reclamações de 3PO só eram interrompidas por seu pânico, mas Joph se divertia imensamente.

Um desafio para suas habilidades, uma missão com real impacto, e o uso de sua intuição para solucionar problemas da melhor maneira – era com *isso* que Joph sonhara em Gatalenta. Ele não se divertia tanto desde que pilotara seu X-wing nas cavernas de Bastatha.

Aquela sensação de júbilo durou só até mais tarde naquela noite, depois que eles tinham pousado, e a princesa Leia descobriu o que haviam feito.

– Deixe-me ver se entendi direito. – Leia andava de um lado para o outro na frente de Joph, que se mantinha em rígida posição de sentido na frente da cabine de comando da nave. No canto mais distante da sala principal, Korrie e C-3PO aguardavam em silêncio. A compaixão e empatia de Korrie

eram tão óbvias quanto o *eu avisei* que o droide não chegava a dizer. – Você assumiu a responsabilidade de aprimorar as ordens de Casterfo.

– Sim, senhora. A ideia me veio em... em um momento de inspiração. Eu senti que a senhora teria permitido minhas ações se estivesse presente.

A princesa parou no meio de um passo e lhe lançou um olhar metálico.

– Porém, eu não estava presente, tenente Seastriker, e você não deveria presumir o que eu aprovaria ou não.

– Sim, senhora. Eu sei. Mas... – Talvez ela não tivesse percebido o que eles tinham conseguido fazer lá em cima. – Nós vamos receber atualizações sobre a localização de Rinnrivin Di daqui por diante. Isso deve valer o risco, certo?

– Essa decisão não é sua, tenente. Você poderia ter exposto toda a operação.

– Sim, senhora. – Joph se perguntou quantos deméritos receberia por isso. Certamente ela não o derrubaria de novo a cadete, ou será que sim?

Ela prosseguiu:

– Você está aqui para trabalhar comigo, nessa missão, conforme eu comandar. Fui perfeitamente clara?

A essa altura, o ânimo de Joph já havia afundado até a sola de suas botas.

– Sim, senhora.

Passaram-se alguns momentos de silêncio, durante os quais Joph aguardou por suas ordens para levar seu traseiro de volta à cabine – até que a princesa Leia disse:

– *Foi mesmo* uma boa ideia.

Joph sorria quando levantou a cabeça. Embora a princesa tivesse cruzado os braços, sua expressão não demonstrava mais severidade; ela parecia estar intrigada. Ele aventurou-se a dizer:

– Sim, senhora. Digo, obrigado.

– Da próxima vez que tiver um “momento de inspiração” parecido, cheque comigo primeiro. Você tem bons instintos, mas eles não vão te ajudar muito se você não aprender a trabalhar como parte de uma equipe. – A princesa Leia indicou a cabine com a cabeça. – Você desviou a rede para nós, Seastriker. Vamos ver se já captamos alguma coisa.

Joph sentou ansiosamente na poltrona do piloto e acessou os sinais dos satélites. A princesa Leia assumiu o lugar do navegador e Korrie e C-3PO vieram logo atrás. Algumas linhas de letrinhas verdes começaram a surgir na tela.

– Não é muito ainda, mas podemos localizar o ponto para onde o sinal está sendo enviado.

– Excelente – disse a princesa.

– Ah, não foi nada. Apenas um pouco de programação complexa executada muito rapidamente – disse C-3PO, com evidente orgulho. – Sempre fico feliz em ser útil.

Lançando um olhar de raiva por cima do ombro, Joph se forçou a concentrar-se no trabalho diante

dele. Quando conseguiu os dados, os inseriu no computador de navegação para ver qual localização ele expeliria. Em instantes, surgiu um planeta, um do qual Joph nunca tinha ouvido falar antes.

– Sibensko. Região da Expansão, em um espaço principalmente centrista. A senhora conhece, senadora?

– Não – disse Leia. – Mas tenho a sensação de que vamos conhecê-lo em breve.



Ransolm Casterfo ficou aliviado ao descobrir que o clima de Daxam IV estava um pouco mais quente em seu segundo dia. A claridade dos sóis ajudou a acalmar o leve nervosismo dentro dele – um nervosismo que Greer Sonnel parecia determinada a aumentar.

– Você não deveria ter concordado com uma reunião sem mim – disse Greer, não pela primeira vez naquela manhã, enquanto eles atravessavam o espaçoporto em direção às speeder bikes de aluguel. – Eu deveria ser sua chefe de gabinete, se lembra? Por que não usar seu cargo para tirar vantagem? Insistir em levar alguém com você? Você não me parece do tipo que se esquece de seus privilégios senatoriais.

– Arliz Hadrassian não me parece ser do tipo que aprova alguém que tire vantagem de seu cargo, especialmente em uma situação na qual ela considera ser a maior autoridade. – Ransolm deu uma olhada para trás, para a courier jeconne. – Voe longe o bastante para eles te perderem de vista, mas perto o bastante para me alcançar rapidamente se eu te chamar. Isso é precaução suficiente.

Os olhos escuros de Greer analisaram o rosto dele – procurando pelo quê, Ransolm não pôde adivinhar.

– Você realmente confia tanto assim nesse pessoal?

– Eu não confio nem um pouco neles – disse Ransolm. – Mas acredito que posso fazê-los confiar em mim.

– E se você estiver enganado?

– Aí você vai poder ficar jogando na minha cara que estava certa, e eu vou poder descobrir a que velocidade essas speeder bikes podem chegar.

Ele alugara um modelo topo de linha outra vez, agora escolhendo uma esportiva, pintada de um vermelho vivo. Ransolm queria chamar atenção hoje; ele queria passar a impressão de ser jovem, bem-sucedido, entusiasmado, inocente – e alguém que via a aquisição de um artefato imperial como razão para celebrar. E se isso envolvesse pilotar uma speeder bike muito chamativa...

Dever, pensou ele com um sorriso sardônico. Sempre o dever.

Enquanto ele passava a perna por cima da bike e ajustava seus óculos protetores, Greer disse:

– Se os pilotos que vi na noite passada estiverem ligados à organização de Hadrassian, você pode estar se enfiando nisso até para lá do pescoço.

– E como é que eu vou aprender a nadar, se não for assim? – Ransolm suspirou. – Eu não quero soar descuidado. Não importa se estou indo além das minhas capacidades ou não. Eu pretendo seguir esta missão até onde ela nos levar.

– Certo. – O tom de Greer soava diferente naquele momento, quase respeitoso, mas Ransolm não

tinha tempo para analisar melhor. Ele tinha um encontro marcado. Acelerou o motor, inclinou-se adiante, e disparou para os Ermos Ocidentais. A areia alaranjada rodopiava atrás dele.

O complexo de Hadrassian erguia-se solitário nos ermos, um conjunto de prédios pelo menos 40 quilômetros distante de qualquer outra estrutura humana. Várias dúzias de pessoas trabalhavam ao redor de espaçonaves pessoais – caças estelares modernos e sofisticados, diferentes da frota das milícias comuns. Todos vestiam macacões pretos combinando, e nenhum deles prestou muita atenção na chegada de Casterfo... ou pelo menos fingiram que não. Enquanto Ransolm estacionava sua nave, Arliz Hadrassian saiu do prédio mais alto. Seu cabelo entremeado de grisalho estava preso em um coque apertado que acentuava a perspicácia de suas feições. Seu sorriso parecia mostrar os dentes expostos de um predador com a caça entre as mandíbulas.

– Senador Casterfo. O senhor nos honra com sua presença.

– A honra é toda minha, srta. Hadrassian, desde que o capacete também seja. – Ransolm lançou para ela seu melhor sorriso. Era, ele sabia, um dos bons, altamente eficaz na maioria das mulheres e em mais do que alguns homens. Embora ele não fosse mulherengo, compreendia muito bem como ser charmoso quando necessário.

Hadrassian riu.

– Ávido por seu prêmio. Bem, venha vê-lo, então.

Ao entrarem no prédio, os olhos de Ransolm precisaram de um momento para se ajustar à relativa escuridão. Lá dentro, na ponta mais distante de uma longa mesa preta, estavam outras doze pessoas, todas aparentemente esperando por ele. No centro da mesa encontrava-se o capacete.

Ransolm aproximou-se dele com reverência. O vermelho brilhante era apenas um tom mais claro do que sangue, e cintilava de forma tão imaculada quanto devia tê-lo feito na câmara real de Palpatine. Ele retirou suas luvas de pilotagem, mas não estendeu a mão para o capacete. Hadrassian tinha de ser a pessoa a lhe passar o objeto; ele havia pertencido a seu irmão falecido. A transferência devia parecer tão sagrada para ele quanto era para ela.

Ela ficou ao lado dele, com as mãos cruzadas às costas.

– Magnífico, não é?

– De tirar o fôlego. – Ransolm já podia vê-lo na parede de seu escritório.

– Imagine com que frequência essa máscara esteve na presença do próprio imperador.

Palpatine estivera próximo daquela máscara, a vira com os próprios olhos. Ransolm sentiu uma náusea desagradável surgindo dentro de si. Ele preferia pensar nos oficiais de escalão mais baixo, nos soldados comuns cujo valor não podia ser questionado, ainda que sua causa fosse injusta. Quando ele pensava no imperador e em Vader, pensava neles não como a coluna do Império, mas como sua degradação. Sua queda.

– Aqui. – Hadrassian tomou o capacete em suas mãos e o segurou por um momento silencioso e

reverente, antes de se virar para Ransolm. – Coloque-o.

Ransolm fez uma pausa longa o suficiente para sentir o volume do capacete, seu peso surpreendente. Em seguida, deslizou-o por cima da cabeça para ver o mundo através dele.

Seu primeiro pensamento foi de que as aberturas para os olhos eram enganosamente estreitas; a visibilidade era muito melhor dentro da máscara do que qualquer observador pensaria a princípio. Talvez o projetista esperasse instilar uma falsa sensação de segurança naqueles que buscavam prejudicar o Império.

– Imagine, senador Casterfo. – A voz de Hadrassian tinha se tornado baixa e doce, como uma mãe encorajando o filho a devanear. – Você está de pé, à mão direita do imperador. O próprio Lorde Vader está com vocês, e todos os moffs. Você está a bordo da Estrela da Morte, e dessa vez não haverá nenhum erro, nenhum acidente, nenhuma deslealdade. Você vai compartilhar do poder e da glória do Império para sempre. Qual é a sensação?

As altas muralhas de pedra cercando o campo de trabalhos forçados. O ar espesso com cinzas e fumaça das chaminés das fábricas. As mãozinhas de Ransolm em carne viva, rachadas de tanto polir os estojos das armas de raios, o fedor dos produtos químicos absorvidos por sua pele. A fome rasgando sua barriga. Seu pai tentando explicar a Lorde Vader a impossibilidade das cotas estabelecidas para eles.

Aquela respiração áspera, metálica. O terror mortal que fez Ransolm vomitar, bem ali, no chão – e ele pensou que aquele era o fim; com certeza, agora Vader o mataria.

Mas Vader não se importava com o medo de um menininho. Ele só ligava para as cotas.

A mão dele ao redor da garganta de Papai. O jeito como ele fez Ransolm assistir seu pai ofegar e engasgar e implorar. Como Vader jogara Papai no chão como se fosse lixo.

Como ele odiara Vader naquele momento. Se tivesse um pique de força como um dos guardas do imperador, ele o teria golpeado com toda sua força e clamado a cabeça de Vader para si.

– Glorioso – sussurrou Ransolm. – Teria sido glorioso.

– Ah, sim. – O sorriso de Hadrassian se ampliou. – Vejo que o capacete de meu irmão encontrou um lar de verdade.

– De fato, encontrou. – Ele retirou a máscara, grato por ser liberado de seu peso. – Se ao menos eu tivesse um pique de força, a imagem estaria completa.

Hadrassian arqueou uma sobrancelha enquanto olhava a seu redor para os outros reunidos na mesa; a essa altura, os outros também sorriam.

– Se o senhor quiser um pique de força, senador...

– A senhora tem um dos piques de força da Guarda Real? – Ransolm mal podia acreditar que um item tão valioso ainda existisse.

Hadrassian balançou a cabeça em um gesto negativo.

– Eu gostaria de poder lhe oferecer algo tão excelente. Mas temos outros piques de força. Nós treinamos com eles aqui, eu e meus colegas, guerreiros Amaxines, como parte de nossas simulações,

entende.

– Fascinante. – Ransolm sabia que algumas pessoas se reuniam para simular treinamentos e batalhas imperiais, mas também sabia que armas reais eram proibidas em tais eventos. Se Hadrassian estava falando de um pique de força em funcionamento, não uma imitação... então os guerreiros Amaxines não estavam simulando batalhas.

Estavam treinando para batalhas.

– Venha – disse ela, gesticulando para a porta. – Se não estiver com pressa para levar seu capacete de volta para Hosnian Prime, temos muito a lhe mostrar.

– Pressa nenhuma. – Seu coração bateu mais forte. A situação tinha começado a mudar ao seu redor, e ele não conseguia adivinhar que rumo ela tomaria.

Quando ele e Hadrassian chegaram à clareira no centro do acampamento dos guerreiros Amaxines, todos os outros se reuniram ao redor, abandonando qualquer fingimento de desatenção. Em meio a todos os macacões utilitários pretos, o casaco e a calça verdes sob medida de Ransolm pareciam bregas, frívolos, urbanizados. Certamente alguns dos guerreiros Amaxines pensavam assim. A maneira como olhavam para ele parecia mais entretida do que desafiadora.

Hadrassian foi até um longo armário de metal canelado e abriu a tampa.

– Piques de força – disse ela, apanhando dois do armário. – Em seu nível mais forte, são capazes de atravessar hiperaço. No mais baixo, podem causar dor excruciante.

Ela jogou um dos piques para Ransolm, que o apanhou em sua mão dominante, a esquerda. Felizmente, o pique ainda não havia sido ativado, mas ele permaneceu vividamente ciente de seu poder e seu legado sombrios. Piques de força tinham sido usados para torturar. Seus choques podiam causar paralisia e até a morte; pesquisadores não tinham certeza se as mortes eram causadas pela voltagem elétrica ou pela pura intensidade da dor.

– O senhor sabe lutar com piques de força, senador Casterfo?

Hadrassian entregou o outro pique para um jovem com pele bronzeada e cabelo curtíssimo.

– Estudei as técnicas em holos antigos, esse tipo de coisa. Mas nunca tive a oportunidade de segurar um antes.

– Então permita que sejamos nós a ensiná-lo. – Com isso, Hadrassian assentiu para o outro jovem, que imediatamente ativou seu pique. Ransolm fez o mesmo. O zumbido baixo do pique de força pareceu abrir caminho até a areia debaixo dos pés dele quando Hadrassian disse: – Comecem.

E agora ele vai acabar se matando.

Greer praguejou baixinho enquanto via a cena através da holocâmera da speeder bike, que ela ligara aos sistemas de comunicação da courier. Enquanto ela acelerava, zunindo na direção do acampamento Amaxine, continuava de olho nas imagens da holocâmera. Casterfo estava sendo levado ao centro de uma ampla área cercada, junto com alguém que provavelmente seria seu oponente ou

seu carrasco.

Eu pensei que ele poderia ser tomado como refém. Pensei que eles poderiam tentar fazer uma lavagem cerebral nele. Mas nunca imaginei que ele seria desafiado para um duelo. Esse cara tem um talento raro para o suicídio.

Ela conseguiria chegar lá em cinco minutos, voar baixo, disparar pelo perímetro todo o pouco fogo defensivo que a courier jeconne podia reunir. Será que a equipe de ataque que ela vira praticando na noite anterior correria para defender o acampamento? Se sim, eles a superariam em números e armas. Ela sentia o coração martelar no peito. Greer morreria antes de abandonar o senador que jurara proteger, mas seu sacrifício não o salvaria. Sua única vantagem seria tomar os guerreiros Amaxines de surpresa. Com sorte, Casterfo conseguiria se manter vivo por tempo suficiente para que ela o alcançasse...

A holotela continuou a tremular. Enquanto ela assistia pelo canto dos olhos, Greer percebeu que Casterfo mantinha-se ereto. Seu queixo estava erguido. E suas mãos estavam na posição ideal de combate no cabo do pique de força. Ele realmente queria ir até o final com o combate.

Aquilo a deixava com uma decisão: ir até lá e salvar a vida dele, quisesse Casterfo ou não – ou deixar que ele tentasse, preservando o disfarce que conseguira criar entre os guerreiros Amaxines, e correr o risco de permitir que um senador fosse morto.

Será que ele tinha chances? Haveria alguma possibilidade de que Ransolm Casterfo pudesse sobreviver?

Greer reduziu a velocidade dos motores e virou a courier de volta a seu ciclo original. Ela podia ser uma tola, e uma tola que em breve teria sangue senatorial nas mãos, mas daria a Casterfo o que ele tão obviamente queria: a chance de salvar a própria pele.

Cercado por uma roda de espectadores com macacões pretos e sorrisos assassinos, Ransolm tirou o manto, passando o pique de força de uma mão para a outra. Enquanto se acostumava ao zumbido da vibração, ele analisou o campo de batalha. *Areia, compactada, bastante seca. Topografia quase completamente achatada. Sol batendo quase diretamente de cima, de modo que nenhum de nós pode usar o reflexo para cegar o oponente. Oponente 3 ou 4 centímetros mais baixo que eu... excelente.*

Hadrassian cruzou as mãos às costas, como uma mãe orgulhosamente assistindo seus filhos vencerem uma competição.

– Só até acertarem o primeiro golpe, acho. Não queremos que nenhum dos dois se machuque.

Um golpe de um pique de força seria suficiente para derrubar um homem. Porém, seria rápido. Ransolm já sentia que o propósito da luta não era ameaçá-lo ou matá-lo – tudo não passava de um teste. Se ele provasse que não era mole, se pudesse simplesmente se defender, teria conquistado o respeito e a confiança dos guerreiros Amaxines. Não importava se vencesse ou perdesse.

Assim, ele resolveu acabar com o outro cara só por diversão.

Ransolm estudara holos antigos de batalhas com piques de força; essa parte do que contara a Hadrassian era verdade. Mas ele simplesmente não tinha mencionado suas aulas de artes marciais hosnianas e combate com bastões. Também não falou do ano entre a morte de seus pais e sua adoção, durante o qual ele aprendeu o quanto se podia lutar por uma casca de pão quando ela era a diferença entre a vida e a morte.

Ele assumiu a posição de duelo, com os olhos travados em seu oponente Amaxine enquanto pensava: *agora vocês vão me conhecer.*

Hadrassian disse:

– Comecem.

O Amaxine saltou para a frente, numa tentativa tola de intimidação. Ransolm o evitou com facilidade. Embora o pique de força zumbisse insistentemente em sua mão, ele se conteve. *Observe os movimentos dele. Aprenda seus truques.*

Um golpe alto na diagonal visando o ombro de Ransolm foi aparado por uma investida bruta o suficiente para jogar o Amaxine para trás, mas sem revelar muito sobre o modo como Ransolm lutava. O chiado elétrico abafava a reação da multidão, se houve alguma. Ransolm não se importava nem um pouco com eles, apenas com a pessoa com que estava lutando. Seu oponente parecia simples de interpretar. Era um homem impulsivo, inclinado a se exhibir.

Por que não lhe dar essa chance?

Ransolm recuou para outra das posições formais de duelo – um joelho à frente, a outra perna estendida para trás – e segurou seu pique de força em uma linha horizontal diante do peito. O Amaxine sorriu, imitando seu movimento.

O passo seguinte da técnica formal de duelo os levaria a executar alguns golpes lentos em espiral, como forma de julgar elegância e mira. Como o previsto por Ransolm, o Amaxine partiu diretamente para essa parte, ansioso por sua oportunidade de mostrar o quanto sabia.

E *aquilo* ofereceu uma abertura.

No momento exato em que o Amaxine terminou seu movimento, Ransolm girou o pique para o alto com força, um movimento grosseiro que quase derrubou o pique de força da mão de seu oponente. O Amaxine compensou rápido o suficiente para se segurar, mas ele fora surpreendido, abandonando sua formação. Assim, Ransolm continuou golpeando forte repetidas vezes, sem dar ao oponente um momento para se reajustar. O jovem estava encurralado, na defensiva. Ransolm sabia o que fazer quando o oponente estava naquela posição: não demonstrar nenhuma piedade.

De novo. E de novo. Ransolm continuou golpeando por baixo, sem jamais abrir seu torso para o ataque. Ele atingiu o outro pique de força tão duramente que o impacto da vibração abalou seus ossos, mas ele não parou. Como sempre fazia durante seu treinamento, Ransolm invocou os rostos daqueles que ele desejava que estivessem diante de sua lâmina naquele instante.

O supervisor no campo de trabalhos forçados...

Aquele menino que roubou a caixinha de carne seca que Ransolm vinha escondendo no cantinho onde dormia...

Darth Vader, sempre Lorde Vader, se ao menos o destino tivesse lhe dado a chance de arrancar a cabeça daquele vilão...

A última pancada veio com tanta força que arrancou o pique da mão do Amaxine. Ransolm golpeou adiante, quase cego pela nuvem de raiva e pelo passado – mas se conteve. Sua última investida parou talvez um centímetro antes do pescoço de seu oponente.

– A senhora disse até o primeiro golpe, srta. Hadrassian. – Ransolm não afastou os olhos do Amaxine, que o encarava com óbvio temor. – Mas eu preferiria não causar nenhum dano a um de seus guerreiros. Acredito que eles tenham outro propósito a cumprir.

Com isso ele deu um passo para trás, desativou o pique de força e fez uma mesura. Depois de um intervalo longo o bastante para fazer Ransolm se perguntar se eles insistiriam em um golpe, finalmente Hadrassian começou a aplaudir. Os outros a acompanharam, abrindo sorrisos no rosto, e até o Amaxine derrotado assentiu em aparente admiração.

– O senhor continua a me surpreender, senador Casterfo. – Hadrassian se aproximou e colocou uma mão sobre seu ombro. – Dizem que o ar em Hosnian Prime é refinado, que enfraquece o sangue. Mas não o seu.

– Não. – Ransolm respirou fundo e olhou para cima, para o céu pálido de Daxam. – O meu, não.

– Hadrassian diz que eles têm pelo menos cinquenta caças estelares só nesse local, com no mínimo dois pilotos totalmente capacitados para voar com cada um deles. – Ransolm Casterfo estava sentado na cabine de comando da courier jeconne, repassando a lista pré-voos para Greer, enquanto ela escrevia apressada tudo o que ele dizia. Ele insistira que precisava anotar tudo naquele momento, ou podia se esquecer de algum detalhe. – Ela não deu números exatos, mas a julgar pelos exercícios que mencionou, as manobras e treinos que executaram, eu estimaria que algo em torno de mil guerreiros Amaxines estão ligados à base de Daxam IV. Mas eles são apenas uma fração do total.

Greer xingou baixinho.

– Quantas bases eles possuem?

Era uma pergunta retórica, mas Casterfo tinha conseguido descobrir a resposta.

– Apenas um punhado, cinco ou seis, e todas, exceto uma, menores do que a de Daxam IV. Porém uma dessas bases é o centro real deles, o cerne de suas atividades... e o lugar de onde vão atacar.

Até ali, Greer havia torcido para que os pressentimentos que tivera na noite anterior não passassem de paranoia. Contudo, o que ela vira era verdade, e Casterfo também sabia disso: os guerreiros Amaxines pretendiam derramar sangue. De quem era o sangue que eles queriam?

– Você conseguiu a localização da base?

– Algum planeta obscuro na Região da Expansão chamado Sibensko. Eu nunca ouvi falar dele.

– Eu já – disse Greer. Casterfo levantou os olhos do console ao ouvir aquilo, deixando a mão pausada sobre o medidor de combustível. Quando ele arqueou uma sobrancelha, ela continuou: – Comerciantes livres de Pamarthe costumavam voar por lá às vezes. É um mundo aquático, sem nenhuma massa de terra que valha a pena mencionar, mas há vastas áreas onde o oceano não é muito profundo. Comerciantes construíram cidades submarinas para servir de base para o tipo de comércio que as pessoas preferem manter em segredo.

Casterfo se endireitou, parecendo puritano outra vez.

– Atividades criminosas, você quer dizer.

– Não originalmente. A menos que você considere que qualquer negócio não monitorado pelo Império fosse “criminoso”. Tenho certeza de que alguns pilotos rebeldes adquiriam suprimentos por lá de tempos em tempos; era um lugar onde você podia ter certeza de que continuaria escondido. – Greer vasculhou a memória para mais detalhes, mas o pouco que sabia vinha de antigas histórias contadas junto a fogueiras. – Desde a queda do Império, o tráfego legítimo saiu de Sibensko.

– Deixando para trás só a escória. – Casterfo se recostou na poltrona alta e estreita do piloto, claramente mergulhado em pensamentos. – Sibensko parece o tipo de lugar onde um certo mafioso poderia encontrar um certo chefe de guerra.

– Exatamente.

Casterfo se levantou da poltrona do piloto, gesticulando para que Greer retomasse sua posição.

– A equipe da princesa Leia continua em Ryloth, não?

– Até onde eu sei – disse Greer. – Mas não conseguimos fazer contato com eles de novo, e eles ainda não nos enviaram qualquer informação sobre os satélites espões. A interferência da radiação deve continuar muito forte.

– Então esperaremos. – Ele assentiu para ela e virou-se para retornar à sua cabine. A reunião tinha acabado.

Mas Greer não podia deixar que ela terminasse assim.

– Eu vi o duelo.

Casterfo parou, apoiando as mãos nas laterais da passagem que levava ao resto da nave.

– Viu?

– Assisti ao início pelo monitor da holocâmera. Pensei em voar até lá para salvá-lo, mas aí pareceu que você sabia o que estava fazendo. – Greer se deu conta de que estava sorrindo. – E sabia mesmo. Casterfo, aquela foi uma belíssima luta.

Ele olhou por cima do ombro para ela, inesperadamente vulnerável a um elogio tão simples.

– Você acha?

– Você luta como um homem de Pamarthe. – Aquele era o melhor elogio que Greer conseguia dar, embora provavelmente Casterfo não compreendesse. – Eu lutaria com você, se pudesse.

Ele entendeu. Seu sorriso foi mais genuíno do que qualquer um que ela vira antes.

– Fico honrado.

Primeira prioridade: informar alguém do Senado sobre o que ele havia descoberto. Leia merecia ser a primeira pessoa a ouvir a verdade, mas ela permanecia incomunicável em Ryloth.

Além do mais, Ransolm raciocinou, enquanto se sentava em seu catre estreito na courier, outro senador centrista precisava ouvir falar disso. A julgar pelas tabelas estelares que ele havia acabado de consultar, Sibensko também ficava dentro de uma área do espaço com mundos em grande parte centristas. Quando os populistas ficassem sabendo, a maioria não seria tão criteriosa quanto Leia; eles começariam a gritar “conspiração”, e a situação política podia se desintegrar rapidamente. Porém, se ele pudesse formar uma pequena coalisão de senadores centristas que apoiassem essas descobertas, então poderia ser criada uma oportunidade para união, em vez de dissensão.

Entretanto, quem ele deveria procurar? Qualquer um mais poderoso do que ele poderia muito bem tentar clamar a investigação para si mesmo – era improvável, dado o papel da princesa Leia, mas nada impossível. Qualquer um menos poderoso que ele seria inútil. Ele precisava de alguém à sua altura a quem pudesse convencer. De preferência, alguém que lhe devesse um favor...

Lady Carise Sindian. É claro. Ransolm sorriu enquanto a ideia tomava forma. Seu discurso em apoio à moção dela para eleger um primeiro-senador ajudara a vencer o dia, e ele tinha certeza de que lady Carise sabia disso tão bem quanto ele. Seu planeta, Arkanis, era rico e influente. Ela tinha todos os motivos para apoiá-lo e acreditar nele, e a ambição para levar isso até o fim.

Convicto, ele enviou uma solicitação de comunicação. Presumindo que levaria no mínimo algumas horas até que um sinal de resposta chegasse, ele começou a se preparar para finalmente descansar, tirando suas botas e as meias – e então a luz começou a piscar. Quando ele atendeu, o rosto de lady Carise surgiu. Ela exibia uma tiara elaborada e uma testa franzida.

– Senador Casterfo?

– Lady Carise! Eu nem sonhava em conseguir contatá-la em Hosnian Prime tão rápido...

– Eu não estou em Hosnian Prime. Estou em Birren, e um tanto ocupada no momento. – Ela gesticulou para trás de si, onde o cintilar de metais preciosos contornava uma grade elaborada sobre janelas em arco. – O terceiro estágio de minha investidura está prestes a ser iniciado. A unção vai começar a qualquer momento!

Ransolm se perguntou se queria saber, decidiu que não, e seguiu em frente.

– Então vou ser breve. Nossa investigação sobre o cartel de Rinnrivin Di nos levou a suspeitar de uma conexão com um grupo militar conhecido como os guerreiros Amaxines, que pode apresentar uma ameaça real.

– Um grupo paramilitar? Uns poucos homens belicosos se sentindo corajosos ao atirar em alvos inanimados que jamais vão atirar de volta? Senador Casterfo, o senhor está se ouvindo? – Ela balançou a cabeça, como se estivesse com dó. – Tenho certeza de que algumas pessoas estão dispostas a ir

contra a lei para comprar um velho X-wing acabado ou algo do tipo. Sempre houve alguns que resistissem aos esforços de desmilitarização após a guerra, mas nunca tantos a ponto de despertar qualquer preocupação. Afirmar que esse grupo de soldados de brinquedo apresentam qualquer ameaça à Nova República, uma organização de milhares de mundos... você soa ridículo. Ninguém mais lhe disse isso?

Quando ela colocava as coisas dessa forma, parecia pior do que ridículo, mas Ransolm confiava em seus instintos.

– Você é a primeira com quem eu falei.

– Bem, senador Casterfo, estou realmente lisonjeada. E para ser honesta, aliviada. Odiaria ver você sabotar sua carreira política antes mesmo de ela ter propriamente começado. E se você desperdiçar mais tempo nisso, nunca vai conseguir fazer mais nada. Preciso lembrá-lo de que temos uma eleição importante se aproximando?

– Não, não precisa. – Ele deu ênfase suficiente às palavras para lembrá-la que a eleição não aconteceria sem ele.

Todavia, lady Carise parecia envolvida demais em seja lá qual cerimônia que estava prestes a começar para reparar demais nisso.

– Aí vêm os guardiões do santuário com os óleos ungidos. Eu devo ir. Tente seguir adiante, sim? Gente assim nunca age. Eles só falam. – A mão enluvada dela passou pela tela quando ela cortou a comunicação.

Assim que a tela ficou escura, Ransolm suspirou e caiu no colchão fino. Será que algum outro senador centrista responderia de forma mais eficaz? Ele começava a duvidar. Apatia e inação haviam infectado os dois lados do Senado. Apenas ele e Leia pareciam enxergar o potencial desastre assomando no horizonte.



Enquanto a *Espelho Brilhante* abandonava a gravidade de Ryloth, Joph conseguia sentir as asas da nave deslizando mais livremente devido à ausência da fricção atmosférica que os segurava. Ele adorava esse momento em que a nave entendia que estava no espaço outra vez.

E a *Espelho Brilhante* era uma beleza de nave. Joph sabia que provavelmente nunca teria outra chance de pilotá-la novamente – Greer reclamaria seu assento na primeira chance que tivesse –, portanto queria desfrutar enquanto podia.

– Estamos fora de Ryloth, madame – ele avisou a princesa Leia. – Prontos para retornar a Hosnian Prime.

A princesa disse:

– Ainda não.

– Ainda não? – C-3PO arrastou os pés mais para perto da cabine. – Mas, vossa alteza! Nós prometemos comparecer ao próximo baile de gala da senadora Vicly, e é óbvio que a sua campanha vai exigir a devida preparação...

– Eu disse ainda não. – A princesa Leia deu a volta em C-3PO e se colocou ao lado de Joph. As várias luzes do console iluminavam suas feições em vagas sombras vermelhas e douradas. – Escaneie os satélites que você sequestrou no outro dia, tenente. Vejamos se Rinnrivin Di ainda está em Sibensko. Eu suspeito que ele esteja em movimento nestes últimos dias.

Joph conectou-se ao sinal dos satélites, se esforçando para conter seu orgulho. Está certo, ele realmente devia ter esclarecido as coisas com ela primeiro, mas o que importava era que ele tivera uma boa ideia, e ela *sabia* que tinha sido uma boa ideia, e a investigação finalmente estava chegando a algum lugar.

– Estamos recebendo algo... ceeeerto, ele definitivamente já mudou de localização... os últimos sinais foram para... espere aí. Isso não pode estar correto. – Ele franziu a testa. – Harloff Menor?

– Mas certamente você deve conhecer Harloff Menor! – insistiu C-3PO. – Oras, é bem perto de Coruscant. Um centro de comércio e cultura...

– Eu conheço Harloff Menor – disse Joph. – É só que não me parece o tipo de lugar onde o líder de um cartel se esconderia.

A princesa Leia balançou a cabeça.

– Na verdade, faz todo o sentido. Rinnrivin Di ainda não foi acusado de nenhum crime muito grave. Mundos grandes e de tráfego pesado como Harloff Menor? Claro, os oficiais não estariam atentos para a visita dele. Os alertas sobre meu quase sequestro em Bastatha nem registrariam nos escâneres deles. – Ela batucou os dedos no console, muito pensativa. – Não é lá que Rinnrivin conduz

seus negócios. É para onde ele vai quando quer parecer respeitável. Legítimo.

– Então, enquanto ele estiver lá, não estará fazendo nada de ilegal? – disse Joph. Quando a princesa concordou, ele deu de ombros. – Acho que teremos que esperar até que os satélites nos digam algo mais interessante.

– Isso é interessante o suficiente. – A princesa se levantou. – Tenente Seastriker, coloque-nos em curso para Harloff Menor.

Essa missão estava sendo muito melhor do que ele tinha esperado. Joph mal pôde evitar um sorriso.

– Harloff Menor? – C-3PO protestou. – Mas o que é que vamos fazer lá?

A princesa Leia sorriu para ambos enquanto voltava para sua cabine.

– Vamos convidar Rinnrivin Di para jantar.

Harloff Menor oferecia uma variedade de climas e cidades que agradavam os viajantes mais exigentes, o que significava que qualquer guia galáctico podia recomendar bons restaurantes. Leia escolheu um lugar sofisticado, mas informal, em uma das maiores cidades equatoriais, tanto por causa de sua culinária excelente como porque ele oferecia mesas particulares em pequenos terraços. Qualquer convidado ficaria impressionado pela vista.

– Esplêndido – disse Rinnrivin enquanto saía para o terraço naquela noite, usando trajes pretos tão refinados que lady Carise Sindian talvez pedisse o nome de seu alfaiate. – Totalmente esplêndido. Seu gosto é impecável, Exterminadora de Hutts.

– Fico contente por concordarmos, ao menos nisso. – Leia se levantou de sua cadeira para cumprimentá-lo. A brisa fazia ondular as leves camadas de seu longo vestido verde.

Rinnrivin tomou a mão que ela oferecia, abaixou-se e a beijou. Os lábios dos Niktos eram um tanto borrachudos, mas ele estava fazendo o melhor que podia.

– Em outras coisas além disso, espero.

– Suponho que veremos.

– É um grande alívio saber que você não foi ferida naquele incidente terrível. Estão chamando aquele desastre de Atentado do Guardanapo, ouvi falar. Pavoroso. – Estranhamente, Rinnrivin não soava apenas sincero. Ele soava raivoso, como se os terroristas o tivessem insultado pessoalmente. – Um ato tão imprudente, infantil. Jamais se deveria usar a força quando a persuasão é adequada.

Leia arqueou uma sobrancelha.

– E sobre o que você acha que os terroristas queriam nos persuadir?

– Sobre o poderio deles – disse Rinnrivin, com repulsa. – Sua determinação de tomar o poder, começando por destruir o Senado. E no final, isso foi algo além de um incômodo? O maior dano foi a uma mera estátua.

A atitude dele em relação à bomba e aos responsáveis por ela merecia consideração, mas Leia

precisava guiá-lo para outros tópicos agora.

– Vamos mudar de assunto. Você não acha que seria uma vergonha desperdiçar uma noite tão linda?

– Tem razão, é claro. – Ele deu seu sorriso fino e polido, aquele que fazia Leia se lembrar de Tarkin. – Tais pessoas não são dignas de nossa preocupação.

Leia gesticulou em direção à mesa deles.

– Por favor, sente-se.

O terraço do restaurante tinha uma bela vista da cidade. Sua arquitetura ornamentada brilhava quase dourada sob o luar cálido. Um rio vasto serpenteava lá embaixo, capturando aquela luz e refletindo-a. A noite havia caído, e as janelas iluminadas dos prédios vizinhos pareciam pender na escuridão como lanternas.

– Escolhi o cardápio – disse Leia –, embora não tenha nada a lhe oferecer que seja tão refinado quanto o vinho Toniray.

Rinnrivin inclinou sua cabeça coriácea.

– Se algum dia eu encontrar outra garrafa, prometo que será sua.

– Não. Uma única taça foi o bastante. Não devemos ficar obcecados com o passado. – Leia sempre soubera disso, sempre esteve ciente de que não podia nunca olhar para trás.

Os droides garçons apresentaram a refeição: carnes macias cozidas em molhos delicados, saladas frescas como o ar frio, e sopas espessas à perfeição. Ela havia pedido que trouxessem alguns espetos de besouros niktos, que ela sabia serem um dos pratos favoritos no planeta de Rinnrivin, e estava confiante de que ele não insistiria para que ela provasse um.

Outros assuntos o interessavam mais.

– A que eu devo esse prazer inesperado, Exterminadora de Hutts?

– Existem tantos assuntos a discutir, Rinnrivin, que eu nem sei por onde começar. – Leia sabia até que fração de segundo devia estender sua pausa. – Você se dá conta, é claro, de que eu não fazia ideia de que o senador Casterfo fosse chegar naquele dia.

– Você parecia tão atônita quanto eu. – A risada de Rinnrivin não disfarçou sua irritação. – Mas conheço o tipo. Jovem. Faminto por glória. Sem se importar com quem entra em seu caminho.

Algumas semanas atrás, eu teria concordado com você, pensou Leia. Pelo visto, não importa nossa idade, sempre faremos o papel de tolos.

– Ele ainda está colado à investigação como um mynock... exceto pelo fato de que mynocks são fáceis de retirar. Então, pensei em aproveitar a chance de falar com você sem, digamos, interferência senatorial.

– Muito prudente de sua parte. – Rinnrivin assentiu.

– Você se tornou proeminente muito depressa. Tão depressa que algumas pessoas diriam que deve ter recebido ajuda.

Ela decidiu jogar aquela pergunta – precisa o suficiente para deixá-lo nervoso, mas ainda distante do que eles tinham descoberto até o momento – para que Rinnrivin se sentisse seguro. A resposta óbvia seria um protesto de que ele era um empreendedor, esperto e capaz, alguém que podia construir seu império tão rapidamente quanto quisesse.

Em vez disso, ele encolheu os ombros e se serviu de outro copo do brandy corelliano.

– O que posso dizer? Muitos desejam ficar ricos, mas poucos estão dispostos a correr os riscos necessários. Para aqueles que não temem os riscos, as oportunidades estão à espera. Oportunidades cedidas por aqueles mais tímidos, que facilmente aceitam menos do que poderiam receber, apenas para continuarem a salvo. – Ele pronunciou a última palavra como se fosse uma obscenidade.

– Então você... entrou em contato com indivíduos que pensam como você. E conseguiu o bastante para começar.

– Não foi tão simples assim. Levou tempo, Exterminadora de Hutts. Tempo e cuidado. O que para você parece uma rápida ascensão foi, para mim, o resultado de muitos anos de trabalho.

Sua explicação era lógica e plausível. Ele a entregou com tranquilidade, até com charme. Sob certas circunstâncias, Leia poderia ter se perguntado se ele estava contando ao menos uma parte da verdade. Em vez disso, ela sabia que ele ensaiara muitas vezes, começando muito tempo atrás – bem antes de ela sequer ter iniciado sua investigação.

Eu me pergunto quem o ajudou a ensaiar...

Rinnrivin segurava sua taça em uma de suas mãos coriáceas, como se deixando o luar afundar no vinho.

– Meu trabalho traz benefícios para todos os meus parceiros, Exterminadora de Hutts, sejam eles antigos ou novos. Seria muito ousado esperar que o seu convite esteja insinuando uma nova parceria em potencial?

– Eu não aceito propinas – disse Leia. A pausa seguinte foi ainda mais delicada que a última, mas ela sabia como torcê-la a seu favor. – Entretanto... eu questiono se o Senado Galáctico continuará a sobreviver em sua forma atual. O Atentado do Guardanapo foi profundamente desestabilizador. Quando saí, o Senado havia se degenerado em caos.

– Ah, nós sabemos que o Senado se encontra prestes a mudar. – O sorriso de um Nikto era uma coisa terrível, cheio de presas e brilhante demais. – Um primeiro-senador está para ser escolhido. Uma única pessoa com autoridade real. E correm rumores de que você é a mais provável vencedora.

– Não acredite muito em rumores, Rinnrivin. Eu nem mesmo disse oficialmente que concorreria.

– Ambos sabemos que sua candidatura é inevitável.

– Talvez, mas minha vitória não é.

– Ah. Agora entendo. Todos nós precisamos de amigos poderosos, não é? – Os olhos de Rinnrivin cintilaram. – Talvez mais do que um tipo de influência seja necessário para vencer essa eleição.

Leia nem mesmo tinha pensado em blefar sobre isso. Mas aproveitou a chance dessa boa desculpa,

uma em que Rinnrivin acreditaria totalmente porque era uma conclusão a que ele mesmo chegara.

– Estamos nos precipitando aqui. Essa é uma discussão para o futuro. O objetivo desta noite é simplesmente... reconstruir pontes.

Ele assentiu, satisfeito.

– Excelente. Mas eu ainda estou curioso, contudo. Como foi que você me encontrou aqui?

Essa era uma pergunta para a qual ela estava preparada.

– Você não é o único com contatos, sabe. Eu sabia que você era um homem de preferências refinadas, por isso deixei algumas pessoas de sobreaviso, em alguns lugares que eu achei que você pudesse visitar. Disse a elas que eu adoraria ficar sabendo se você estivesse por perto. Para que isso acontecesse tão depressa, entretanto... bem. Prova que temos gostos similares em, no mínimo, algumas coisas. – Ela estendeu a mão, gesticulando para a vista.

Realmente, era espetacular. Ela sempre quisera trazer Han até ali, mas eles nunca tinham conseguido fazer com que isso acontecesse. *Algum dia*, ela se prometeu. *Algum dia em breve*.

– Você me deu um presente na última vez que nos encontramos – prosseguiu ela. – Eu agradeço sua consideração, e espero que compreenda por que senti a necessidade de devolver o favor.

Leia procurou em seu bolso e retirou de lá o holocubo documentando seu assassinato de Jabba, o Hutt. Ela o ligou, ativando a cena pela última vez.

Rinnrivin inclinou a cabeça, como se farejasse a presa.

– Com certeza você não pode abrir mão de tal tesouro.

– Como eu disse antes, Rinnrivin, não devemos ficar obcecados com o passado. Eu, pelo menos, não posso. E odiaria privar você da visão da morte de seu pior inimigo. – Enquanto as imagens translúcidas se retorciam acima do cubo, a cauda de Jabba se revirando, os braços dela fazendo força, Leia colocou o objeto diante de Rinnrivin Di. – Além do mais, não preciso do holograma. Eu tenho a lembrança.

– Sinto inveja de você por isso, Exterminadora de Hutts. – Rinnrivin inclinou-se mais para perto, assistindo avidamente a morte de Jabba outra vez.

Leia suspeitava que essa era a primeira coisa totalmente honesta que Rinnrivin dizia naquela noite.

Em sua mente, ela reviu o que ele dissera sobre “amigos poderosos”. O ego de Rinnrivin não lhe permitiria admitir que ele havia recebido patrocínio para chegar a sua posição atual, mas com aquelas duas palavrinhas, ele admitira ter recebido ajuda. Agora, era só descobrir quem o ajudara.

Ele prosseguiu:

– Consideração é o sinal de um bom aliado.

– É, sim. – Silenciosamente, ela acrescentou: *E o sinal de um inimigo terrível*.

Leia sabia que o Senado Galáctico ainda estaria se recuperando do terror, da raiva e do clima de

suspeita causados pelo Atentado do Guardanapo. Porém, não estava preparada para uma situação ainda pior.

– Estive examinando os comunicados desde que entramos no alcance de Hosnian Prime, mas não consigo separá-los. – Os dedos de Korrie voavam por seu datapad, entretanto ela não tinha a eficiência de Greer. – Assim que eu os separo por prioridade, chega mais uma dúzia.

– Temo que a srta. Sella esteja correta. – C-3PO soava tão pesaroso quanto podia. – Os pedidos em disputa passam pelo cruzamento de tantas referências, não temos como dizer qual é mais importante.

– Não se preocupem com isso. – Leia se ajeitou em um dos longos bancos almofadados da *Espelho Brilhante*. – Apenas comecem a enviar alguns dos de maior prioridade para mim. Certifiquem-se de obter o carimbo com data e horário. Vamos vendo o resto no caminho.

Primeiro apareceu o rosto de Tai-Lin. Sua serenidade usual estava tingida pelo cansaço e pela dúvida.

– Princesa Leia, eu percebo que você considera a missão a Ryloth da maior importância, mas este é um momento em que o candidato populista para primeiro-senador deveria estar em evidência. As pessoas ficariam mais tranquilas com sua presença; elas precisam saber que você é a rocha em quem podemos confiar em tempos tão conturbados. Por favor, volte assim que puder.

Ele enviara isso dois dias depois da partida dela. Bem, e aí se vai a rocha da galáxia. Leia suspirou e seguiu em frente.

Em seguida veio Varish, que estava recostada no que parecia ser uma cama no medcentro, embora decorada com almofadas de veludo e uma colcha de seda.

– Leia! Três dias aqui e eu ainda estou recriando os ossos do meu braço. Ainda! Eles continuam falando sobre melhorias na terapia bacta, mas eu tenho que dizer, só acredito vendo, e decididamente não estou vendo. – Varish tornou a afundar em suas almofadas suntuosas, só então revelando um pouco da dor que ela escondia por trás de sua aparência animada. – Venha me visitar assim que voltar, sim? Estou morrendo de tédio.

Depois disso veio uma série de arquivos jornalísticos de várias fontes em toda a galáxia, arranjadas em uma das sequências auto-organizadas que Leia havia pré-programado. As sequências mudavam aleatoriamente, garantindo que ela sempre veria um amplo espectro da opinião galáctica.

Ao menos, era assim que sempre tinha funcionado antes. Mas agora havia apenas dois lados, duas teorias, duas opiniões diametralmente opostas, e nenhum meio-termo.

Coruscant: “Embora não tenha sido estabelecida nenhuma ligação entre o atentado e a facção populista, fontes relatam diversas reuniões clandestinas entre senadores populistas nas semanas anteriores ao Atentado do Guardanapo. Especialistas notaram que o alerta foi dado apenas a uma senadora populista...”.

Gatalenta: “Conflito e discórdia dividem o Senado há muito tempo, mas poucas questões foram mais perniciosas que esse atentado. Esforços centristas para jogar a culpa sobre os próprios senadores

populistas mais ameaçados pela explosão continuam, desafiando qualquer lógica.”

Arkanis: “Por quanto tempo devemos participar da farsa de cooperação com pessoas tão depravadas a ponto de arriscar a vida de milhares apenas para se colocarem como vítimas?”

Naboo: “Os centristas se recusam a se contentar com discussões para aumentar a militarização. Não, eles cometem atos de violência de modo a assustar a população para votar neles, dando-lhes o poder absoluto.”

Leia parou de assistir às notícias. Ela agora sabia o quanto a questão estava polarizada; além disso, nada que aqueles noticiários diziam tinha probabilidade de ser inteligente ou útil.

Acessar a mensagem seguinte a fez sorrir quando o rosto de Han tomou forma.

– Leia. Parece que você ainda não voltou de Ryloth... Espero que seu “projeto paralelo” esteja indo bem. – Esse era o jeito de eles se referirem à investigação que ela estava empreendendo. Han conhecia apenas os fatos básicos, tanto para sua segurança quanto para a da missão. – Você provavelmente sabe que estamos no quarto estágio das Sabres. A rodada de revezamento subglaz vai me deixar fora de alcance por algum tempo.

Agora Han ficaria tão silencioso quanto Luke e Ben. Leia sentiu uma pontada de solidão, e esperou que ela não tivesse transparecido em seu rosto.

– Se cuide, está bem? Vai demorar um pouco até que eu possa voltar para cuidar de você, e eu sei como você é boa em se meter em enrascadas. – O sorriso meio torto de Han lembrou, apenas por um momento, o do atraente jovem contrabandista que ela tinha conhecido há tanto tempo. – É o que eu mais gosto em você, sabe.

A mensagem dele se apagou e foi substituída por noticiários – pelos quais Leia navegou depressa com irritação crescente –, vários memorandos do Senado sobre debates convocados, cancelados e reconvocados, e outra mensagem de Varish, agora de volta em casa, mas com uma tipoia e ansiosa por companhia. Em vez de distração, Varish agora queria conversar sobre a iniquidade dos centristas; ela parecia certa de que as duas, sozinhas, podiam dar conta de encontrar o autor do atentado.

C-3PO se intrometeu.

– Vossa alteza, temos uma mensagem chegando do senador Casterfo. Uma gravada, não ao vivo...

O desânimo de Leia se dissolveu em um instante.

– Acesse-a agora.

Uma estática azulada se transformou no rosto de Ransolm.

– Princesa Leia, nossa missão se provou bem-sucedida para além de nossas esperanças mais loucas. Os detalhes devem aguardar até que possamos nos encontrar pessoalmente, ou ao menos conversar em um canal seguro, mas eu queria que você soubesse de imediato que nossa investigação deu um dramático salto à frente. – Ele estava sentado à beira de seu assento, extremamente eufórico. Seja lá o que tivesse acontecido em Daxam IV, não havia sido apenas útil para a investigação, mas também servira para que Ransolm se divertisse imensamente. Ao menos alguém estava se divertindo.

Enquanto a imagem dele se apagava, Leia murmurou:

– Teremos muito sobre o que conversar.

– Devo enfileirar mais mensagens para a senhora, princesa Leia? – perguntou C-3PO. – Temos mais, ó céus, quase quatro dúzias.

– Eu já ouvi o suficiente por enquanto. – Ela se levantou, ciente de cada músculo doendo em suas costas. Tudo o que queria era voltar a sua cama e dormir a maior parte do caminho de volta até Hosnian Prime.

Contudo, ela percebeu que Joph e Korrie estavam sentados na cabine de comando em silêncio. Korrie abraçava a si mesma; Joph ficava mexendo em instrumentos que ele já havia programado e checado. A confiança juvenil parecia ter sido drenada de ambos.

Leia foi até a passagem.

– Tudo certo por aqui?

– Sim, vossa alteza. – Korrie soava mais inexpressiva que um droide primitivo, e Joph apenas assentiu.

– Ei – disse Leia. – O que está acontecendo? Qual é o problema? Se algo sobre nossas descobertas está incomodando vocês, ou qualquer parte da missão...

– Não é isso, madame. – Joph nunca soara tão sério antes. – É só que, ouvindo aqueles noticiários, bem, as coisas parecem bem mal.

Korrie acrescentou:

– Elas estavam ruins antes. Mas agora... princesa Leia... a senhora acha que a Nova República pode desmoronar?

Leia se perguntara se o Senado fracassaria, se eles chegariam a uma crise institucional. Ela se perguntara se o Atentado do Guardanapo provocaria algum tipo de conflito em uma escala menor. Mas não acreditara, não conscientemente, que o colapso total do governo poderia ocorrer...

... e se ocorresse, que a guerra viria com ele. Só agora Leia compreendia que vinha calculando aquele risco o tempo todo, aproximando-o cada vez mais do reino do possível em sua própria mente.

O medo de Korrie não chocou Leia tanto quanto a percepção de que ela mesma havia chegado a essa conclusão.

– Não vou mentir para vocês. – Leia olhou para baixo, para Joph e Korrie, reconhecendo mais uma vez como ambos eram jovens. Já que ela não podia agir como uma mãe para seu próprio filho naquele momento, podia pelo menos ajudar aqueles dois a atravessar os dias difíceis que viriam. – Se as duas facções dentro do Senado continuarem a se atacar desse jeito, o cisma é uma possibilidade. Mas só porque é possível, não significa que seja provável. Ainda temos tempo para resolver as coisas.

– Mas vamos resolver? – perguntou Korrie, com uma voz tímida.

– Espero que sim – disse Leia.

O que ela sentia, na verdade, era mais próximo de determinação do que de esperança. A

devastação da guerra, as inúmeras vidas perdidas em combate, o puro e terrível desperdício: eles não podiam permitir que aquilo acontecesse mais uma vez. Certamente os outros senadores do resto da galáxia também se sentiam assim.

Certamente.

Tem que existir uma saída para isso, pensou Leia. E sou eu quem precisa encontrá-la.



Leia assistiu o duelo de piques de força se desenrolar na tela, a imagem brilhante em seu escritório escuro. Ransolm estava a seu lado e, embora estivesse obviamente tentando ser modesto, era quase possível sentir a satisfação que irradiava dele.

Mas se ele podia lutar daquele jeito, tinha todos os motivos para ficar orgulhoso.

Quando a gravação do duelo terminou, Leia olhou para ele por cima do ombro.

– Estou contente por estarmos do mesmo lado.

Ransolm não pôde conter totalmente seu sorriso.

– Agora você sabe como me senti quando te vi derrubando Jabba, o Hutt.

Apesar de eles terem chegado em Hosnian Prime tarde da noite, quiseram se reunir de imediato.

O complexo do Senado era perto do hangar que utilizaram, então foram para o gabinete dela. A despeito da urgência, Leia estava faminta e ansiosa por algo além das rações disponíveis a bordo da *Espelho Brilhante*, então parou em um restaurante ivarujari que fazia entregas e comprou algumas caixas de macarrão apimentado. Ransolm também se revelara um fã de comida ivarujari, e ambos transformaram a escrivaninha do escritório em algo parecido com uma mesa de piquenique, comendo enquanto trabalhavam à luz de alguns droides-vela. Os dois vestiam roupas simples de viagem em cinza ou bege, e Ransolm não estava com seu habitual manto esvoaçante. Toda a pompa inútil do Senado Galáctico tinha sido desbastada, liberando-os para pôr mãos à obra de verdade.

– Os guerreiros Amaxines confiam em você. Eles até acham que te recrutaram. – Leia apanhou sua caixa de macarrão. – Temos que usar isso a nosso favor.

Ransolm voltou a se sentar.

– Concordo. Mas como, e quando? Se nos movermos muito depressa, ficarão desconfiados.

O momento em que isso tudo ocorria deixava Leia confusa e intrigada.

– Quando você se encontrou com os guerreiros Amaxines, eles estavam confiantes. Até triunfantes. Mas Rinnrivin Di havia viajado a um mundo onde ele está quase totalmente separado de suas atividades criminosas, e o Atentado do Guardanapo o deixou furioso. Ele se orgulha de controlar seu temperamento, mas isso o atingiu.

– Você acredita que os guerreiros Amaxines e Rinnrivin estão se desentendendo? Tínhamos tanta certeza de que eles conspiravam juntos...

– As duas coisas não são mutuamente excludentes. – As peças de informação que eles haviam reunido rodopiavam nos pensamentos de Leia como mariposas. Ela tinha que reunir as pontas do complô, tecer uma teia que pudesse capturar todos em seus devidos lugares. – Sabemos que o cartel de Rinnrivin é ligado aos guerreiros Amaxine. Ou os guerreiros Amaxine patrocinaram Rinnrivin no

começo, ou a mesma entidade está financiando ambos.

Ransolm pesou as palavras dela, enquanto segurava a caixa de macarrão e o talher em suas mãos.

– O Atentado do Guardanapo afetou a cada um de maneiras diferentes. Os guerreiros Amaxine se sentiram encorajados, enquanto Rinnrivin se sentiu ameaçado. Você acredita que os próprios Amaxines foram responsáveis?

– Este seria o momento mais propício para um atentado. E minha *intuição* diz que foram eles. – Leia sentia como se estivesse sendo atraída para aquela conclusão, tão precisamente quanto a agulha de uma bússola era atraída por um polo magnético. Contudo, precisava sustentar seus instintos com lógica. – Mas o que os guerreiros Amaxine têm a ganhar com o atentado? E por que se dar ao trabalho de plantar uma bomba e então alertar as vítimas, quando eles nem mesmo assumiram a responsabilidade? Eles correram o risco de se expor, apesar de quererem continuar escondidos.

– Escondidos *por enquanto* – interpôs Ransolm. – Eu duvido que Hadrassian teria se dado ao trabalho de me atrair até Daxam IV se não planejasse encontrar outros aliados no Senado, e logo. Porém, ainda que os guerreiros Amaxine estejam quase preparados para se revelarem, não consigo entender o que eles teriam a ganhar com o atentado. Os únicos resultados foram danos à estrutura do Senado e uma grande confusão.

As pontas se uniram, finalmente tecendo uma teia. Leia se aprumou.

– É isso. Confusão. Era isso que eles estavam querendo.

Ransolm engoliu.

– Como assim?

– Nossa investigação de Rinnrivin era oficial, pública. Os guerreiros Amaxine a devem ter acompanhado de perto desde o início. Rinnrivin tentou comprar minha complacência com propinas em Bastatha, e falhou.

Ransolm estava compreendendo, e assentiu ao dizer:

– Não foi coincidência termos visto Hadrassian pela primeira vez em Bastatha. Ela estava lá para nos vigiar. Talvez para orquestrar a tentativa de sequestro de Rinnrivin.

– Exatamente. Aí você e eu nos dirigimos ao Senado de forma conjunta, uma populista e um centrista. Apesar de quase ninguém ter nos escutado, nós dois estávamos publicamente insistindo em uma investigação mais ampla. E por último, vaza a informação de que é provável que eu seja a candidata populista para primeira-senadora, o que me daria a autoridade para chegar ao fundo disso bem depressa. – Leia tentou se imaginar como Arliz Hadrassian, uma legalista imperial assistindo a uma heroína da Rebelião à beira de tomar o poder. – Eles precisavam de uma distração. Algo que paralisasse totalmente o Senado. E conseguiram o que queriam.

– Isso também explicaria a raiva de Rinnrivin. – Ransolm inclinou-se adiante, apoiando o antebraço na escrivaninha dela. – O cartel dele só prospera se continuar escondido. Se o Atentado do Guardanapo for conectado aos guerreiros Amaxine, Rinnrivin vai ser arrastado a público junto com

eles.

Ela suspirou de alívio e resignação.

– Acho que encontramos o maior suspeito. A questão é, como provamos isso?

Até esse ponto, Ransolm estivera totalmente com ela, mas agora seu olhar desceu até a mesa, sem graça ou envergonhado. Leia não pôde compreender essa reação até ele dizer baixinho:

– Também temos que saber se os guerreiros Amaxine estão recebendo ajuda. Os elos com os mundos centristas podem ser uma coincidência, mas talvez não sejam. Se alguém da minha própria facção está sendo cúmplice desse tipo de violência, devemos expô-los.

Leia tomou cuidado com suas próximas palavras.

– Então eu tentarei guiar a investigação oficial do atentado na direção certa, enquanto você se certifica de que nenhum senador centrista esteja envolvido.

Ela pessoalmente não podia demonstrar nenhuma suspeita dos centristas, não sem provas sólidas. Se fizesse isso, Ransolm adotaria uma atitude defensiva. Ele colocava a integridade acima da lealdade partidária, isso ela já sabia a seu respeito, mas também sabia a facilidade com que o orgulho dele era ferido.

Leia havia acertado na escolha das palavras, porque Ransolm assentiu.

– Um bom plano. Nesse meio-tempo, presumo que devamos descobrir o máximo possível sobre esse planeta misterioso que é tão importante para os guerreiros Amaxine e Rinnrivin Di.

– Exatamente – disse Leia. – Em breve, teremos que descobrir o que há em Sibensko. O quê, ou quem.

Vários senadores centristas eram ávidos compradores de artefatos imperiais; a coleção de Ransolm estava longe de ser a mais impressionante entre os gabinetes do Senado. Contudo, uma máscara da Guarda Real do imperador seria considerada uma relíquia por qualquer um nos círculos de colecionadores.

Isso daria a Ransolm a desculpa que ele precisava para fazer uma festa.

Uma recepção, na verdade – Ransolm supunha que uma reunião com algumas dúzias de senadores em seu próprio gabinete mal podia contar como uma festa. Alguns copos de brandy corelliano faziam as rondas enquanto as pessoas olhavam para os artefatos históricos: aquilo não estava à altura da louca indulgência de alguns dos anfitriões mais famosos de Hosnian Prime, como Varish Vicly. Mas servia ao propósito de Ransolm, reunindo cerca de trinta senadores centristas soltando as línguas.

– Como novo – disse o grisalho senador Apolin de Kuat, com grande satisfação. Ele segurava seu segundo copo de brandy em uma das mãos. – Eu me lembro de ver a Guarda Real pessoalmente uma vez, quando visitei Coruscant. Imagine como isso era imponente em vida.

Ransolm murmurou as coisas corretas enquanto tomava nota: *Visitou Coruscant durante o reinado imperial. Aproximou-se o suficiente de Palpatine para ver a Guarda Real. Suas conexões com o Império devem*

ter sido mais fortes do que ele admite publicamente.

A senadora Fatil de Orinda, uma loira mais ou menos da idade de Ransolm, não ficou contente em apenas admirar o capacete; precisou inspecionar e elogiar cada item em sua coleção.

– Até os uniformes sugerem poder – murmurou ela, postando-se muito próxima de Ransolm enquanto traçava a máscara negra de um piloto de TIE. – Eles exigem respeito. Reverência. Submissão.

Ou ela quer trazer o Império de volta, ou quer me levar para a cama, pensou Ransolm. É possível que as duas coisas.

O brandy continuou fluindo e a conversa ficou mais franca:

“Não se ouvia tanta reclamação naquele tempo. Os mundos sabiam que eram responsáveis por suas próprias confusões. Não vinham choramingar para o imperador a cada coisinha, cada ciclone ou seca.”

“As Academias nos mundos populistas? Se tornaram piadas. Pobres imitações do que as Academias eram há uma geração, onde os melhores e mais brilhantes treinavam para servir a seu líder. Agora, em mundos centristas, estamos reconstruindo os antigos programas de estudo. Reestabelecendo padrões. E já estava na hora.”

“Se o desejo da galáxia fosse realmente tão anti-Império, de jeito nenhum uma parte tão grande da frota imperial poderia ter escapado. De jeito nenhum eles teriam deixado de ser caçados, não importa o quanto tentassem se esconder. Ainda há amigos do Império por aí.”

“Até hoje, eles nunca explicaram de forma adequada o que aconteceu com a primeira Estrela da Morte. Sim, todos nós conhecemos a grande história, o único caça estelar de Luke Skywalker e blá-blá-blá, mas honestamente, aquilo parece crível para você? O Império tinha os maiores engenheiros da galáxia, e a Estrela da Morte era a maior realização deles. De jeito nenhum ela estaria vulnerável a esse tipo de ataque. O imperador deve ter sido traído por alguém lá de dentro.”

Ransolm não ouviu nada que apontasse diretamente para os guerreiros Amaxine, nem que indicasse conhecimento sobre uma milícia pró-Império. Se algum daqueles senadores fosse ligado à organização de Hadrassian, era esperto demais para falar sobre o assunto, mesmo de forma indireta, mesmo levemente bêbado.

Todavia, o que ele escutou o preocupou ainda mais.

Aquelas pessoas, seus aliados políticos, não estavam meramente interessadas em maior centralização e eficiência. Sentiam nostalgia do próprio Império. De Palpatine. Do medo e da obediência que os planetas demonstraram após a destruição de Alderaan. Os piores aspectos do Império, as próprias coisas que Ransolm esperava apagar em uma nova ordem, eram os elementos de controle que essas pessoas mais queriam trazer de volta.

Um homem, que servia como chefe de gabinete para lady Carise Sindian, chegou a dizer:

– Lorde Vader era quase um segundo imperador. Totalmente leal a Palpatine, mas capaz de exercer a autoridade total por seu próprio direito. Pode imaginar algum líder hoje exigindo tamanha obediência?

Ransolm havia se virado de costas para ele, como se fosse encher seu copo, porque não estava conseguindo disfarçar o desprezo em seu rosto. *Falar de Vader como se ele fosse admirável. Elogiar o modo como Vader seguia ordens, mesmo quando essas ordens eram para fazer as pessoas trabalharem até a morte nas fábricas, enquanto suas crianças famintas assistiam...*

Ele respirou fundo, se recompôs e voltou à reunião com um sorriso no rosto. As pequenas hipocrisias da política tinham que ser dominadas.

Assim que todos haviam partido e os droides de limpeza estavam trabalhando duro, Ransolm sentou-se a sua escrivaninha por algum tempo, fitando a coleção. Ela estava tão bonita agora, com a máscara vermelha da Guarda Real no centro da parede oposta. Ele trabalhara por anos para reunir todas aquelas peças, e ainda sentia orgulho delas.

Entretanto, já não se orgulhava de estar entre aqueles que valorizavam esses artefatos. Para ele, as relíquias imperiais representavam força. Para os outros, elas representavam a dominação.

Finalmente, pensou lady Carise enquanto o manto dourado era colocado sobre seus ombros. *Finalmente, eu tenho meu próprio título.*

Ela se ajoelhou no Grande Salão de Birren, na frente de uma multidão de milhares, diante do Árbitro deles. Após semanas de rituais e cerimônias, ela finalmente recebia os atributos simbólicos da liderança: manto e cetro, para mostrar que iria ao mesmo tempo abrigar e defender seu povo.

Em espírito, pelo menos. Lady Carise não tinha intenção alguma de se retirar da posição central no Senado Galáctico para administrar um mundo lá nos cafundós como Birren. Mas os birreneses não esperavam isso dela; na verdade, pareciam considerar a cerimônia quase como um incômodo. Insolente, pensou ela, mas irrelevante.

Quando ela passou pelo corredor central com o manto nos ombros e o cetro nas mãos, o aplauso ressoou no Grande Salão – a nova governante havia finalmente completado o ritual. Ela planejava uma grande festa para a noite com muitos fogos de artifício e música, e pretendia chegar em grande estilo.

– Não é preciso fazer isso hoje, milady governadora. – A Guardiã dos Tesouros era uma mulher robusta de meia-idade, respeitosa, mas curiosa pela insistência de lady Carise. – A senhora terá tempo de sobra para avaliar as coisas de lorde Mellowyn.

– O baile só terá início daqui a algumas horas. – Os ombros de lady Carise doíam sob o peso do manto. – Podemos muito bem começar.

Resignada, a guardiã consentiu, mudando todas as trancas para se alinharem com as impressões digitais e escâneres da retina de lady Carise. A mulher mais velha fez uma mesura enquanto recuava, deixando lady Carise sozinha.

Inclinando-se adiante, lady Carise permitiu que os escâneres checassem seus olhos e suas mãos, embora a impaciência tornasse difícil ficar imóvel. A conexão de Birren com as Casas Anciãs vinha de

muitos séculos. Quem sabia que itens inestimáveis a esperavam lá dentro? Ela não tiraria nenhum deles de Birren; levava a sério seu papel como governante, e não abandonaria sua honra por algumas joias ou um pouco de ouro. Mas ela podia usar qualquer dessas coisas enquanto estivesse ali. E se houvesse alguma gargantilha de pedras preciosas especialmente encantadora, ou uma tiara cintilante, ali na câmara... não seria uma vergonha deixá-las ali, negligenciadas, quando podia usá-las naquela noite?

Engrenagens pesadas giraram e clicaram dentro da imensa fechadura, gemendo como cantos de baleia. As altas portas de bronze se abriram enfim, e na escuridão apenas vagas sombras eram visíveis. Fascinada, lady Carise gesticulou para que os droides-vela se adiantassem, entrou correndo depois deles, e parou.

É isso?

Os tesouros de Birren se resumiam a nada mais do que um par de velhos baús mofados, alguns móveis cobertos de ouro que já tinham visto dias melhores, três ou quatro droides obsoletos esperando para ser despertados e algumas peças de joalheria que tinham mais brilho que substância. Lady Carise apanhou um dos braceletes, cheirou, e o deixou cair de novo. Era o fim de suas aspirações de grandeza.

Aborrecida e entediada, sem nada para fazer até se preparar para o baile, lady Carise começou a vasculhar os “tesouros”, tentando adivinhar por que eles teriam sido guardados. Será que os droides tinham algum valor sentimental? Será que alguém achava que aquele estilo atroz de mobiliário voltaria à moda? Improvável, na opinião dela.

No instante em que ela começava a ir embora, levantou uma caixinha de madeira entalhada e notou uma frase gravada nela: PARA A PRINCESA LEIA ORGANA DE ALDERAAN.

Lady Carise se animou. Lorde Mellowyn deve ter desejado dar algum tipo de presente a sua sucessora, que ele teria presumido ser a princesa Leia. Entregando essa caixa à princesa, lady Carise cumpriria seu dever sagrado como governadora e, talvez, finalmente ganharia algum respeito de Leia. Já estava na hora.

E se por acaso houvesse lá dentro uma joia digna de ser usada... bem... a princesa não se importaria se lady Carise a pegasse emprestada só uma vez, para uma ocasião especial.

Ela se sentou em uma das poltronas douradas e abriu a caixa. Franzindo o nariz, começou a esmiuçar entre as coisas inúteis lá dentro: uma bonequinha não muito maior que a sua mão, um cobertorzinho macio de penugem de gillen, uma caixinha de música hexagonal espelhada, um anel para um dedo minúsculo, e uma mecha de cabelo castanho-escuro amarrada nas extremidades com fita. Eram lembranças de infância, nada mais.

Nada de joias, mas após um momento de reflexão, lady Carise resolveu que isso era ainda melhor. A princesa Leia sem dúvida ficaria emocionada ao receber a caixinha. Ficaria ainda mais grata a lady Carise. Sim, isso funcionaria muito bem.

À toa, lady Carise pegou a caixa de música e a abriu. Reconheceu a música de imediato; era uma canção de ninar de Alderaan, uma que a avó de Carise cantava quando sentia saudades de seu mundo natal. As palavras surgiram em sua memória:

Como um espelho, brilha a lua, cintilando como uma brasa
Quando a lua brilha como um espelho, aproveite para lembrar
Aqueles a quem você amou, mas que se foram
Aqueles que te deram proteção e abrigo
A lua brilhante como um espelho te deixa ver
Aqueles que deixaram de viver
Como um espelho, brilha a lua, enquanto o fogo morre em brasa
Aqueles a quem você amou ainda estão contigo...
A lua vai te ajudar a lembrar de casa

Era uma canção mais triste do que lady Carise se lembrava. Mas que coisa para se cantar para as crianças. Alderaan nem tinha uma lua. Provavelmente era simbólico, pensou. Poético. O tipo de baboseira de que alderaanianos gostavam tanto.

A música baixou um pouco de volume, o que normalmente queria dizer que uma voz começaria a cantar junto. Em vez disso, um homem começou a falar.

“Minha filha amada”, disse ele. “O governante supremo de Birren, em quem eu confio totalmente, disse que guardaria isso aqui para quando você um dia herdasse o título dele. Minha esperança é que essa gravação não contenha nenhuma informação nova, que eu tenha tido a chance de te explicar tudo pessoalmente.”

Lady Carise percebeu que a voz só podia ser a de Bail Organa. Ela cobriu a boca com a mão, os olhos arregalados, enquanto escutava a voz de um homem morto há trinta anos, falando apenas para os ouvidos de sua filha.

Organa prosseguiu: *“Contudo, faço essa gravação durante uma época de perigo crescente para nossa Rebelião. Eu sei muito bem que posso não sobreviver à guerra que certamente virá. Ao esconder informação aqui, em um mundo sem nenhuma relevância para o Império, eu espero mantê-la longe das mãos erradas e entregá-la às suas. Pois este é um conhecimento que você, e apenas você, tem o direito de possuir.”*

Agora ele provavelmente começaria a despejar segredos de guerra, não mais secretos, sobre uma guerra que terminara décadas atrás. Lady Carise revirou os olhos, resolvendo que a princesa Leia provavelmente gostaria ainda mais disso. Não havia nada de que ela gostasse mais do que lembrar a galáxia de como tinha sido uma heroína de guerra. Uma gravação como essa de seu pai seria um material de propaganda maravilhoso. Quanto tempo levaria até que fosse tocado para o público como parte da campanha da princesa Leia para primeira-senadora?

“Você nunca demonstrou muito interesse em saber sobre seus pais biológicos”, disse Organa. “Tantas vezes

“você disse para mim e para sua mãe que nós somos os únicos pai e mãe de que você precisava – e nunca duvide do quanto isso significou para nós dois. Mas Leia, a história das suas origens é algo que você deve saber. Você foi escondida conosco para sua própria segurança, e para a de seu irmão. Sim, você tem um irmão gêmeo, embora não deva procurá-lo até depois de a guerra ter acabado, e tanto Palpatine quanto Lorde Vader terem sido derrotados.”

O irmão de Leia era Luke Skywalker, o Jedi. Por que Bail Organa teria proibido sua filha de procurar Skywalker? E qual era essa misteriosa história de origem? Lady Carise debruçou-se mais para perto, e a luz cintilante da superfície espelhada da caixinha de música refletiu-se em seu rosto.

Organa disse: “Obi-Wan Kenobi pegou seu irmão para protegê-lo, e eu peguei você. Nós escondemos os dois um do outro, e do seu pai, que não podia saber que algum filho seu havia nascido com vida. Sabe, Leia, eu sempre te contei a verdade sobre sua mãe e como ela morreu. Mas nunca te contei que ela era Padmé Amidala, antiga rainha e senadora do planeta Naboo.”

Uma órfã de guerra e, mesmo assim, nascida na realeza? Por mais que lady Carise estivesse surpresa, resolveu que aquilo fazia sentido. A nobreza de Leia estava, de fato, em seu sangue.

Porém, Bail Organa continuou: *“Também não podia dizer que seu pai era Anakin Skywalker, um dos últimos cavaleiros Jedi e um grande herói das Guerras Clônicas. Mas agora devo lhe contar o pior, e você precisa ser forte. Devo lhe dizer o que aconteceu com Anakin Skywalker.”*

A mão de lady Carise apertou-se mais em torno da caixinha de música enquanto ela escutava aos segundos seguintes, seu espanto se fundindo em temor enquanto Bail Organa revelava toda a verdade da descida de um homem para a escuridão – e ainda assim, ela estava despreparada para o momento em que ouviu as palavras:

“Seu pai se tornou Darth Vader.”

Ela fechou a caixinha de música, silenciando a voz de Organa. Então soltou a caixinha de volta ao pequeno baú, depois fechou o baú também. Lady Carise colocou o baú no chão, chutando-o para longe de si, decidiu que não era longe o bastante, e saiu de sua poltrona para se afastar daquilo até que suas escápulas colidiram com a parede de pedra da câmara. Atordoada, quase tonta, ela continuava encarando o pequeno baú de madeira que continha um segredo com o poder de mudar o curso da galáxia.

Darth Vader era o pai da princesa Leia.

De Luke Skywalker também, mas esse detalhe era quase irrelevante para lady Carise. Skywalker estava distante há tanto tempo na sua estranha jornada em busca das tradições dos Jedi que não tinha mais muita influência, fora entre seus próprios acólitos. Ele era uma figura mitológica, mais do que de carne e osso.

A princesa Leia, entretanto... ela tinha poder. Se fosse eleita primeira- -senadora, podia se tornar a maior autoridade em toda a galáxia.

Mas a filha de uma figura tão amplamente odiada como Darth Vader jamais poderia vencer

aquela eleição.

Lady Carise percebeu que havia ganhado a única coisa que podia garantir a vitória para os centristas. A intocável, irrepreensível heroína, Leia Organa, podia ser derrubada de seu pedestal para sempre, apenas tocando essa gravação em público.

Contudo, ela havia feito todos os votos sagrados do governante de Birren. Esses votos combinavam com aqueles compartilhados pela maioria das Casas Anciãs, e incluíam manter qualquer segredo sob o selo real – e toda a câmara do tesouro estava sob esse selo. Se lady Carise expusesse a gravação e permitisse que os verdadeiros pais da princesa Leia viessem a público, quebraria seu voto sagrado. Ela trairia o selo real. Seria o mesmo que dizer que a nobreza não significava nada.

Mas a princesa Leia é uma mentirosa e uma fraude! Ela escondeu esse segredo de todo mundo por todos esses anos. Nós não merecemos saber?

Por outro lado, talvez a princesa nem soubesse da verdade. Bail Organa provavelmente nunca teve a chance de contar à filha nada disso, já que a gravação deixava claro que ele pensava que seria perigoso para ela procurar seu irmão antes do fim da guerra. De alguma forma a princesa Leia descobrira a identidade dele, e também a de sua mãe – o que implicava que ela também sabia a verdade sobre seu pai – mas essa implicação estava longe de ser uma prova.

Apenas alguns momentos foram necessários para lady Carise tomar sua decisão. Nobreza era mais importante do que demagogia. O selo real tinha que permanecer inviolado. Ela podia cumprir seu voto e manter esse segredo, talvez até da própria princesa Leia.

No entanto, pretendia manter consigo o baú e seu conteúdo.

Só por precaução.



– Eu poderia me acostumar a isso – disse Joph.

Greer lançou um olhar de esguelha enquanto colocava a antiga Y-wing em órbita em torno da estação espacial.

– A quê? A correr por aí sob um pseudônimo? A não contar a ninguém aonde estamos realmente indo? A seguir ordens que a princesa Leia talvez nem tenha autoridade legal para dar?

– *Exatamente.* – Ele cruzou as mãos atrás da cabeça enquanto se recostava na poltrona. Seu espesso cabelo dourado formava uma auréola bem pouco convincente. Joph Seastriker gostava tanto de se meter em encrencas que, às vezes, apesar de sua juventude e boa disposição, ele parecia mais um potencial contrabandista do que um piloto da Nova República.

– Você ainda está querendo emoção. – Greer balançou a cabeça enquanto começava a sinalizar por uma doca de atracação. – Espere até conseguir.

– Ah, que é isso! Estamos em uma missão secreta, já salvamos a princesa de um sequestro, e eu até hackeei os satélites de um mafioso. Isso conta como emoção, absolutamente, cem por cento. – Seus olhos azuis se estreitaram, por um instante menos inocentes, mais questionadores. – Sabe, tem uma coisa que eu não entendo. A esta altura, você provou mais de mil vezes que não é de evitar riscos. Então, por que continua fingindo que é assim?

Greer se lembrou do dia em que se afastara de sua nave de corrida, do jeito como as mãos de Han Solo se fecharam sobre as suas enquanto ele lhe dizia um adeus áspero que permitia a ambos fingirem que não havia lágrimas nos olhos dela.

– Você ainda é uma criança, não é? Ainda acha que imprudência é uma virtude, ou que só pode provar a bravura ao arriscar sua vida. Ficarmos vivos o máximo que pudermos para fazer o bem não é evitar riscos... – A palavra ficou presa na garganta de Greer, mas ela se forçou a prosseguir. – É nosso *trabalho*.

Joph se sentou, repentinamente sério, com a expressão mais gentil que ela já havia visto. Ele finalmente vislumbrara alguma sombra da verdade que ela se esforçava tanto para esconder.

– Ei, se tiver algo que eu deva saber... ou algo sobre o que precisamos conversar, seja lá o que for... você sabe que pode me contar, certo?

– Não tem nada que valha a pena contar. – Uma luz verde começou a piscar no console; a permissão para entrar nas docas havia sido concedida. – Vamos entrar – disse Greer, concentrando-se na tarefa diante de si e, esperava ela, mudando de assunto.

Ela e Joph tinham conseguido uma nave usada, a mais barata que puderam encontrar, tão maltratada que comprá-la era mais barato do que alugar qualquer outra coisa. O palpite de Greer era

que a nave havia sido arreventada durante as Guerras Clônicas e consertada várias vezes nos anos seguintes para que pudesse voltar a funcionar. Quaisquer pilotos jovens voando por aí em uma nave tão acabada obviamente estariam famintos por trabalho de qualquer tipo, a qualquer preço.

Quando foram a Pamarthe, queriam passar a impressão de que eram pilotos procurando por trabalho. Agora eles precisavam realmente *arranjar* um trabalho – um que os levasse até Sibensko.

Estações espaciais geralmente serviam como postos militares avançados há gerações. Alguns planetas também mantinham em operação suas próprias estações civis, primariamente para o uso de naves de lazer. Aquela estação, entretanto, à deriva no espaço profundo, era única. Abandonada por mineradores de asteroides há mais de um século, ela fora tomada por contrabandistas, traficantes de escravos e outros tipos que valorizavam fazer negócios em um ambiente onde nenhuma lei planetária se aplicava. Todos os reparos e atualizações eram realizados por traficantes de especiarias e pilotos da ralé, quando – e se – notassem, por acaso, que algo precisava de conserto, quando e se eles tivessem o tempo, dinheiro e vontade para chegar a fazer algo a respeito.

Logo, a estação espacial Fortaleza de Cromo parecia que iria se despedaçar a qualquer momento.

Os reparos pareciam ter sido feitos de maneira fragmentada, no máximo. O casco da Fortaleza de Cromo, um cone rudimentar, tinha sido remendado com diferentes tipos de metal em diferentes tons. A superfície brilhante que lhe rendera o nome estava havia muito enterrada sob camadas de material mais apagado, e muitos sensores que normalmente estariam protegidos dentro da atmosfera da estação haviam sido, em vez disso, simplesmente parafusados em qualquer lugar onde coubessem. Mesmo com o serviço inconsistente e ordinário, de alguma forma vinha sendo suficiente para manter o negócio funcionando, apesar da precariedade.

Só pessoas desesperadas viriam aqui, pensou Greer, enquanto levava a nave deles para a doca.

Quaisquer outras manteriam distância.

Joph olhou desconfiado para um pedaço particularmente suspeito de remendo perto de uma das saídas principais de ventilação.

– Estamos seguros sobre os controles atmosféricos aqui? Porque esse negócio parece prestes a ventilar todo o ar a qualquer segundo.

Greer deu de ombros.

– Só tem um jeito de descobrir.

Dentro da Fortaleza de Cromo, o caos dominava. Após Joph e Greer saírem de sua doca, se misturaram ao pesado tráfego de pedestres de algumas dúzias de espécies, cada um deles um piloto ou comerciante. Vários deles estrelavam holos de PROCURADO em espaçoportos respeitáveis, a maioria provavelmente era muito perigosa. Cada corredor era forrado com bancas improvisadas vendendo de tudo, desde rações desidratadas para o espaço profundo até lenços muito elegantes para a cabeça. Greer comprou um vermelho e o amarrou em torno de seu espesso cabelo preto como tinha visto alguns pilotos independentes fazerem. Embora ela e Joph usassem macacões soltos e amarrotados,

ainda pareciam por demais arrumados e respeitáveis se comparados ao pessoal rústico daquele lugar.

Joph também tinha notado que eles se destacavam na multidão, e ambos rapidamente pararam em uma das bancas mais próximas.

– O que você acha que eles fariam se descobrissem? – murmurou ele, fechando o cinto de ferramentas de couro que acabara de comprar.

Depois de uma longa olhada na multidão díspar de humanos e não humanos, todos armados, Greer disse:

– Se soubessem, seríamos jogados pela saída de ar mais próxima.

Ele indicou uma com o queixo, um pouco mais adiante no corredor, que parecia ter recebido dúzias de camadas de tinta e esmalte desde que fora aberta pela última vez.

– Bom, pelo menos parece que a maioria das saídas de ar não funciona.

Greer suspirou.

– Temos isso a nosso favor, então.

Um grupo de Otteganos passou gingando por eles, cheirando levemente a especiarias. Humanos com cabelos ruivos presos por cordões discutiam com um vendedor androide sobre o preço de uma solda nova. Uma mulher Hassk mantinha a mão peluda em sua pistola de raios, seus olhos dardejavam sobre cada passagem e cantinho, sem baixar sua guarda nem por um momento.

– Ei – murmurou Joph, cutucando o ombro de Greer. – Dá só uma olhada.

Ele indicou com olhar uma banca que ficava no final do corredor onde estavam. Entre os estandes que ofereciam garrafas de brandy corelliano falsificado e contêineres à prova de escaneamento, havia um que vendia bugigangas decorativas – bandeiras, holocubos, amuletos de boa sorte, decalques e coisas do tipo.

E pendurado entre as bandeiras, bem no meio e com destaque, estava um pôster do Império.

Havia também outros emblemas imperiais: um holo de Palpatine sorrindo, benevolente, tirado de alguma antiga mensagem de propaganda, e decalques no formato da insígnia imperial. Mas eles eram apenas um punhado entre itens em exibição, amontoados entre personagens populares de holocomédias ou folclore galáctico, estampas abstratas coloridas e até insígnias da Nova República e da antiga Aliança Rebelde. Greer tentou colocar as coisas em perspectiva.

– São itens de decoração *kitsch*. Coisas que nossos pais e avós possuíam, então as pessoas as compram ironicamente. Mais como piada do que qualquer outra coisa.

– Sei lá. – Joph balançou a cabeça. – Faz o Império parecer como... algo saído de uma história. Algo que não foi real. Acho que comprar coisas assim e exhibir como se não fossem nada demais é um desrespeito com os antigos pilotos rebeldes, sabe? Eles enfrentaram as Estrelas da Morte em *X-wings*. E o que fazemos? Devolvemos o favor tratando Palpatine como se fosse apenas um bicho-papão de história infantil?

Na maioria dos mundos, a cantina mais sórdida era onde se podiam encontrar os trabalhos mais

lucrativos e legalmente duvidosos. Na Fortaleza de Cromo, a cantina era quase o único lugar onde as pessoas *não procuravam* trabalho. O local era apenas para beber, dançar e flertar com qualquer membro do gênero e espécie que lhe fosse mais atraente. Em vez disso, os trabalhos eram oferecidos abertamente no ponto mais alto da estação, na ponta do cone, por meio de um mercado de mensagens abertas.

– Faça cara de confiante – murmurou Greer, enquanto entrava com Joph na sala, onde várias mensagens brilhantes rolavam rapidamente em placares eletrônicos, fileiras e fileiras delas, cada uma prometendo serviço por certo nível de pagamento. Vários pilotos estavam espalhados pela sala, postados em frente a pequenos consoles que batiam na altura da cintura e possuíam controles de digitação rápida. Greer já vira alguns deles em algumas das áreas menos salutares de Pamarthe, onde as pessoas procuravam os ousados pilotos de seu mundo natal. – Os serviços vão para quem apertar o botão primeiro.

Joph franziu a testa.

– Quem é que postaria trabalho aqui, em vez de sondar os pilotos pessoalmente? O que procuramos é coisa séria, certo? O tipo de coisa que ninguém quer ser pego fazendo?

– Exatamente. – Ela manteve os olhos concentrados na tela, tentando analisar o máximo de mensagens possível. – O tipo de coisa que você não quer ser pego contratando gente para fazer, pois é muito mais ilegal do que qualquer coisa que anunciariam em Pamarthe. Salas de mensagem como essa transferem o risco e a responsabilidade para os pilotos, e isso garante que os trabalhos oferecidos aqui sejam os mais perigosos.

Em outras palavras, era exatamente verossímil que eles fossem encontrar ali serviços conectados a Arliz Hadrassian, Rinnrivin Di ou aos guerreiros Amaxine.

CARGA VIVA PARA NAL HUTTA, SEM PERGUNTAS – devia ser uma chamada para um traficante de escravos. O lábio de Greer se contorceu em repulsa.

200 QUILOS BS DE KEREV DOI PARA TATOOINE – sem dúvida BS significava “brilhestim”.

RECOMPENSA PELA CAPTURA DE UM CONTRABANDISTA COM VIDA POR ATRASO DE PAGAMENTO, IDENTIDADE E IMAGENS DO PROCURADO APENAS APÓS ACEITAR O SERVIÇO – *caçadores de recompensa também?* Greer estremeceu.

A mão de Joph disparou para atingir o console, marcando um dos serviços. Só quando a mensagem desapareceu das telas rolantes e surgiu no console diante deles ela viu qual era o anúncio: TRANSPORTE DE MUNIÇÃO DE DAXAM IV PARA SIBENSKO, APRECIA-SE DISCRIÇÃO.

– Olho ligeiro – disse ela para Joph.

– Obrigado. – Ele estava se esforçando bastante para não soar muito orgulhoso de si mesmo, mas não estava conseguindo.

O brilho do console passou para vermelho e outra mensagem apareceu na parte de baixo da tela. ACEITE OU RECUSE PARA LIBERAR O SERVIÇO. Rapidamente, Greer apertou o botão que dizia

ACEITAR.

Leia havia passado por horas de debate na reunião populista daquela noite. A maior parte do tempo havia sido desperdiçada culpando energicamente os ministros centristas pelo Atentado do Guardanapo, embora ninguém tivesse oferecido provas. Leia estava irritada, com enxaqueca e um forte desejo de não fazer nada além de colocar a cabeça no travesseiro. Contudo, logo após ter vestido sua camisola, no momento em que estendia a mão para puxar as cobertas e se deitar, sua unidade de comunicação piscou com uma nova mensagem.

Ela pensou que talvez fosse de Han, mas, em vez disso, descobriu que a mensagem estava codificada. Assim que C-3PO foi despertado de sua estação de recarga e fez a tradução, toda a decepção sentida pela mensagem não ser do marido foi embora, e ela foi tomada pelo entusiasmo.

– Não podíamos pedir por nada melhor – disse ela, enquanto caminhava de um lado para o outro em seu quarto; a barra comprida de sua camisola rodopiava ao redor de seus pés. – Isso nos dá uma ligação direta entre Daxam IV e Sibensko.

– Sim, vossa alteza. – C-3PO, sempre ansioso para agradar, teve de servir como interlocutor. – A senhora acha que a senhorita Sonnel e o tenente Seastriker vão carregar uma carga que é, digamos, incriminadora?

– O serviço especificava *munição*, ou seja, armamentos, explosivos, itens necessários para ação militar. – Leia fez uma pausa, batucando com a mão contra as costas do longo sofá. – É possível que o trabalho seja totalmente legal. Os guerreiros Amaxine podem estar contratando dessa forma apenas porque querem manter tudo em segredo. Contudo, não importa. Não precisamos apanhá-los cometendo um crime... pelo menos, ainda não. Só precisamos entrar em Sibensko, e esse serviço pode fazer isso.

– Com licença, vossa alteza, mas parece que... – A pausa de C-3PO foi quebrada apenas pelo som de suas engrenagens internas funcionando enquanto ele se virava para ela. –... ora, soa quase como se a senhora quisesse acompanhar a senhorita Sonnel e o tenente Seastriker na missão deles.

Leia não tinha se dado conta disso. Ela não havia conscientemente tomado uma decisão, positiva ou negativa, e nem tinha parado para pensar se havia uma decisão a ser tomada. Entretanto, a programação do droide analisava a linguagem humana tão minuciosamente que ele às vezes apontava sutilezas que passavam despercebidas para ela.

– Acho que soa assim mesmo – disse ela, lentamente. – Acho que vou me juntar a eles.

– Mas, princesa Leia! – a voz de C-3PO se elevou em alarme. – A senhora não pode! A missão parece terrivelmente perigosa.

– 3PO, no quarto de século em que você me serviu, alguma vez me viu fugir do perigo?

– Bem. Não. – O droide parou para pensar no assunto por um instante antes de acrescentar, esperançoso: – Contudo, a senhora pode ter, em algum momento, desenvolvido um instinto de

sobrevivência mais forte.

Leia não pode evitar uma risada.

– Não conte com isso.

C-3PO parecia pensar mais rapidamente toda vez que tentava se manter fora de perigo.

– O capitão Solo sem dúvida ficará muito preocupado.

– O capitão Solo uma vez nos levou para um campo de asteroides, se lembra? Ele não pode dar sermão em ninguém sobre correr riscos. E de qualquer forma, minha patente é mais alta que a dele.

– Mas a senhora não pode deixar Hosnian Prime nesse ponto do processo político! Sua candidatura será anunciada oficialmente dentro de algumas semanas. E então, sua presença no Senado Galáctico será crucial. Com certeza também teremos aparições a coordenar em outros mundos.

Ele tinha razão nisso. Assim que ela se tornasse candidata oficial, a agenda de Leia estaria sempre cheia. Ela teria de fazer discursos em planetas desde o Centro Galáctico até a Região da Expansão. Noticiários clamariam por entrevistas; Greer teria que agendar algum tempo de estúdio para gravar holos que seriam distribuídos por toda a galáxia, mostrando Leia e suas propostas políticas. Acima de tudo, ela precisaria estar presente no Senado, demonstrando que era engajada, dinâmica e compromissada.

Em outras palavras, assim que se tornasse candidata, Leia não teria tempo para mais nada – especialmente missões secretas que poderiam derrubar o que provavelmente seria o maior cartel de especiarias da galáxia.

Ela fechou os olhos e respirou fundo.

– Tem razão. Assim que minha nomeação para primeira-senadora se tornar oficial, não terei tempo para isso.

C-3PO ficou empinado.

– Fico feliz por ter sido útil...

– E é por isso mesmo que temos que ir a Sibensko *antes* do anúncio.

– Ah, não – disse o droide. – Se a senhora me perdoa pela ousadia, vossa alteza, uma ausência do Senado não será vista como uma potencial falta de comprometimento? As aparências são muito importantes.

Ela balançou a cabeça.

– Eu dediquei minha vida ao dever desde que tinha 14 anos. Qualquer um que duvide do meu “comprometimento” a esta altura é um tolo cuja opinião eu posso ignorar tranquilamente.

– É claro, vossa alteza.

– Então minha viagem para Sibensko *vai acontecer*.

C-3PO fez outra pausa.

– Isso quer dizer perigo, não é?

– Pode crer. – Leia se jogou em seu sofá, sorrindo. – Traga-me os meus calendários, sim? Quero ver qual o melhor momento para nossa viagem.

Arrastando os pés até o banco de informação mais próximo, C-3PO disse, melancólico:

– É de fazer o droide voltar a programar elevadores de carga binários.

O duelo em Daxam IV tinha ido muito bem, mas também servira de lembrete a Ransolm Casterfo de que ele precisava manter suas habilidades afiadas. Pelo visto, saber como lutar lhe seria útil mesmo agora, como senador, e ele não queria ficar enferrujado.

Na câmara de treinamento imaculadamente branca, ele permanecia imóvel, em posição com o bastão na mão. Seus trajes de exercício, justos e cinzentos, tinham se encharcado de suor há muito tempo, mas Ransolm estava decidido a continuar. A maioria das pessoas negligenciava o treinamento com armas não energizadas; essas eram as mesmas pessoas que terminaram mortas porque a carga de suas pistolas de raios tinha acabado. Ele pretendia ser capaz de lutar com o que estivesse à mão, fosse algo sofisticado como o último modelo de vibropunhal ou algo rústico como um cajado longo.

Os projetores nos cantos da câmara de treinamento bruxulearam, criando a ilusão de um guerreiro Mandaloriano com uma pistola de raios na mão. No mesmo instante Ransolm deu um golpe de baixo para cima, atingindo o cano da pistola com seu bastão. Os disparos holográficos passaram acima da cabeça de Ransolm, inúteis. Embora o Mandaloriano tentasse compensar, recuando e se agachando, Ransolm estava preparado para ele. Com uma investida selvagem, ele enfiou a ponta do bastão através da cabeça da projeção – mais rápido do que o homem teria sido capaz de disparar. O holo tremeluziu e desapareceu.

Ransolm sorriu. Tinha vencido outra vez.

Após mais algumas rodadas, quando seus músculos estavam tremendo e sua barriga vazia exigia comida, Ransolm finalmente voltou para seu alojamento. Uma rápida viagem de monotrilho o levou até seu apartamento, que era bastante humilde para os padrões senatoriais. Porém, qual era o sentido de gastar muito dinheiro em um lugar onde ele morava sozinho, que usava apenas para dormir? Era um apartamento de solteiro, com a mobília utilitária que viera com o imóvel, em uma combinação das cores laranja e cinza tão na moda que chegava a ser totalmente genérica. Guardando seu bastão no armário, Ransolm começou a se preparar para descansar. Ele esfregou o cabelo úmido de suor com uma toalha, jogou-a ao redor do pescoço e começou a vasculhar a cozinha para ver se havia algo comestível.

Sua unidade de comunicação piscou; alguém o estava chamando. Ransolm rapidamente foi até a unidade para atender. Quando tocou o painel, um holo da princesa Leia tomou forma em sua sala de estar.

– Leia? – Ele sorriu enquanto se sentava pesadamente, abrindo os braços cansados sobre as costas do sofá. – A que eu devo essa honra? Está um tanto tarde para uma ligação social.

Os lábios dela se curvaram, evidência do entusiasmo que ela tentava conter.

– Você consideraria um convite para ir a Sibensko como algo “social”?

– Está brincando – ofegou ele. – Como foi que Greer e Joph conseguiram?

– Eles foram ao lugar certo, conseguiram o serviço certo. Vão transportar munição. O cronograma é um pouco flexível, parece, mas eles terão que agir em breve.

– *Excelente.*

– Eu pretendo ir com eles.

Ela sorriu para Ransolm nesse ponto, mal conseguindo disfarçar sua expectativa. Naquele momento, ocorreu-lhe que, em sua empolgação, ela o contatara vestindo apenas um casaco jogado por cima da camisola. O que será que os fofoqueiros diriam se soubessem que ele e Leia haviam conversado assim, tarde da noite? Mas os fofoqueiros eram tolos, e Ransolm apreciava a ausência de artifícios da parte dela. Leia não escondera a verdade dele nem por um instante.

Depois da primeira onda de entusiasmo, contudo, veio a dúvida.

– Eu hesito em apontar esse detalhe, Leia, mas nossa primeira missão para Bastatha foi totalmente aprovada pelo Senado. Nosso trabalho em Ryloth, Harloff Menor e Daxam IV foi autorizado ou, na prática, não oficial, e totalmente legal.

– É verdade – disse Leia, dando de ombros de forma eloquente. – Qualquer um pode ter um convidado para jantar em Harloff Menor. Qualquer um pode comprar um capacete da Guarda Real, se quiser.

Ransolm lançou um olhar sério.

– No entanto, usar pilotos e naves da Nova República para assumir um trabalho potencialmente ilegal, viajar para um mundo conhecido pelas atividades criminosas, sob o que eu presumo ser uma falsa identidade... você pode estar ultrapassando sua autoridade como senadora.

Ela continuou imperturbável.

– Isso também é verdade.

– Sinto a necessidade de apontar que uma missão assim sem dúvida será extremamente perigosa.

– Não posso negar.

Ransolm se inclinou mais para perto de seu comunicador.

– *Eu quero participar.*

O sorriso que Leia deu seria capaz de transformar a noite em dia.

– Sabe, eu tinha um pressentimento engraçado de que você diria isso.

– Você me conhece tão bem.

Ela ficou mais séria então.

– Se por algum acaso você não tivesse se oferecido, eu o teria chamado. Se uma senadora populista sair sozinha, passando dos limites, e voltar com uma prova de conspiração com base em mundos centristas... Na melhor das hipóteses, eu sairia da tribuna do Senado debaixo de risos. Na pior, eu

seria censurada. Em qualquer caso, ninguém acreditaria em mim. Mas sua presença na missão nos dá credibilidade. Se formos capazes de provar as conexões que eu creio que essa viagem a Sibensko provará, e você e eu apresentarmos nossas evidências ao Senado juntos... teremos uma chance de fazê-los escutar.

– E nós conseguiremos – disse Ransolm. – Tenho certeza disso.

Leia arqueou uma sobrancelha.

– Você tem mais confiança no Senado Galáctico do que eu.

Às vezes ela soava tão desiludida, tão cínica, mesmo tendo sido uma revolucionária idealista em sua juventude. Talvez um quarto de século na política fizesse isso com uma pessoa – ao menos, na política como ela sempre tinha sido conduzida na Nova República.

Ransolm Casterfo pretendia mudar esse jogo.



A missão para Sibensko tinha que ser mantida em segredo, e isso exigia que eles disfarçassem de alguma forma as reuniões que fariam para planejar a aventura. Ransolm achava que a solução seria se esconder em plena vista. Assim, ele reservou um pavilhão junto à margem do rio para as corridas de vela do Dia do Equinócio, uma das diversões tradicionais de Hosnian Prime.

Aparentemente, em tempos antigos o equinócio era marcado por corridas de barco, e até hoje os pilotos disputavam em um percurso que seguia o leito sinuoso do rio. As pessoas se agrupavam ao longo das margens, em pavilhões tingidos de zinabre ou em mantas espalhadas sobre a grama; a massiva silhueta dos prédios no horizonte da capital parecia mais distante do que era na verdade, e contrastava com os prazeres mais simples ofertados ali. Piqueniques eram trazidos por droides que rolavam, instáveis, sobre o chão macio, ou em hovertrays de propriedade dos mais ricos ou sábios. Alguns pods flutuantes pairavam no ar apenas um metro acima da água, cada um levando uma dúzia ou mais de espectadores ansiosos pela corrida. O outono começara oficialmente, mas naquele dia o sol ainda brilhava calorosamente. Em todos os sentidos, o dia parecia uma celebração, e em breve o show aéreo de abertura começaria.

– Como você escapou de participar do show? – Ransolm perguntou a Joph Seastriker, o primeiro de seus convidados a chegar. – Você não é um dos astros entre os pilotos?

– Pode crer. – Os olhos azuis de Joph examinaram o céu, melancólicos. – Eu disse a verdade, que a senadora Organa queria discutir alguns dos serviços que lhe prestei. Sabe, acho que meu comandante nem conferiu. Você diz o nome dela, e as pessoas se aprumam.

– Ai de quem não se aprumar – disse Ransolm, com carinho. – Quando a srta. Sonnel e a jovem Korr Sella se juntarão a nós?

Balançando a cabeça, Joph disse:

– Korrie não vem. A missão é perigosa demais para ela fazer parte. Greer e a princesa Leia acharam que não deveriam colocar Korrie em uma posição na qual poderia ser acusada de esconder informações do Senado.

– Sensato. – Em seguida, seu olhar recaiu sobre uma figura conhecida se aproximando em um vestido coral. Greer estava quase irreconhecível, tanto por causa de sua roupa inesperadamente festiva quanto pelo amplo sorriso em seu rosto. Não havia ocorrido a Ransolm antes daquele momento que mesmo quando Greer Sonnel estava satisfeita ou entusiasmada, ela raramente parecia *feliz*...

– Oi. – Greer subiu os degraus do pavilhão; seu cabelo preto e brilhante agitava-se atrás dela. Nas mãos, ela trazia um saquinho contendo algo cilíndrico e pesado. – Vamos discutir estratégia logo de cara, ou devemos primeiro fingir que estamos em uma festa?

– Imagino que iremos misturar as duas coisas. – A distância, Ransolm podia agora ver C-3PO arrastando os pés na direção deles; Leia não devia estar muito longe. – Isso é a sua contribuição para esta celebração?

O sorriso de Greer se tornou positivamente maroto.

– É só uma coisinha sobre a qual Joph estava curioso em Pamarthe. – Ela enfiou a mão no saquinho e retirou de lá uma garrafa pesada de vidro, cheia de um líquido âmbar-avermelhado. – Aqui está, colegas. Porto na tempestade pamarthense genuíno e de alta octanagem.

Presunçosamente, Joph disse:

– Você enfim se deu conta de que eu aguento, né?

Ela levantou uma sobancelha espessa e arqueada.

– Digamos que eu quero ver você provar.

Ransolm pegou a garrafa em suas mãos, surpreso com o peso. Ele ouvira falar de porto na tempestade – o famoso vinho fortificado de Pamarthe, que tinha uma reputação de levar até o mais forte a ficar de joelhos. Porém muitos mundos tinham essas histórias; o povo de cada planeta na galáxia se gabava de ter as substâncias mais inebriantes, a comida mais apimentada ou o pior clima. Todos queriam se destacar como os mais durões. Na realidade, contudo, era uma galáxia bem grande, o que significava que extremos verdadeiros eram difíceis de aparecer.

– Se o tenente Seastriker é ousado o bastante para provar disso, eu também vou tomar um copo.

– Um homem corajoso – disse Greer com um sorriso. – Quem trouxe os copos?

O pavilhão havia sido devidamente estocado com um conjunto de copos. Ransolm os colocou na mesa e Greer os encheu até a metade – talvez três dedos. Ele levantou o seu e o estendeu para os outros.

– Um brinde. À princesa Leia.

– À princesa Leia! – responderam Joph e Greer. Simultaneamente, eles viraram seus copos. Ele sentiu a doçura e a queimação em sua boca, e aí...

Ransolm nunca havia se perguntado como seria a sensação de fogos de artifício sendo disparados no interior de um corpo humano. Agora ele sabia. Seus olhos se arregalaram enquanto parecia que uma bola de fogo se expandia dentro dele, como uma estrela anã amarela se tornando uma gigante vermelha. O ruído pareceu retroceder por um instante, embora ele pudesse ouvir a tosse crepitante de Joph. O cérebro atordoado de Ransolm resolveu que gigantes vermelhas não eram quentes o bastante para descrever o que estava acontecendo dentro dele. Talvez fosse assim que as supernovas começassem.

Quando ele conseguiu voltar a falar, Ransolm chiou:

– Isso não pode ser destinado ao consumo humano.

Greer deu de ombros, bebericando seu copo de porto na tempestade como se fosse suco de frutas. Enquanto isso, Joph tinha tombado a cabeça na mesa, com o rosto para baixo, e as mãos apoiadas nas

laterais da cabeça. Ransolm colocou seu copo na mesa e o empurrou para longe; até o cheiro parecia capaz de incendiar seu nariz de dentro para fora.

– Desculpem pelo atraso. – Leia subiu os degraus do pavilhão, C-3PO seguia logo atrás dela. Porém, parou de súbito quando viu o que estava sobre a mesa. – Porto na tempestade? Vocês estão mesmo tomando isso?

– Não mais. – Ransolm fez uma careta, mas conseguiu conter um tremor.

Joph sussurrou:

– Acho que o meu crânio está derretendo.

– Esse negócio é perigoso. – Leia lançou um olhar severo para sua chefe de gabinete, mas Greer não se acovardou nem um pouquinho. – Eu só conheci uma pessoa não nativa de Pamarthe que conseguia tolerar isso aí.

– O capitão Solo? – perguntou Joph, sem levantar o rosto da mesa.

Leia balançou a cabeça.

– Chewbacca, um Wookiee amigo nosso. Han jamais tocaria nisso aí.

– Pelo contrário, vossa alteza – intrometeu-se C-3PO enquanto escalava rigidamente os degraus. – É sabido que o capitão Solo já usou porto na tempestade em algumas ocasiões.

– É mesmo? – Leia parecia tão espantada que Ransolm teria rido, se sua garganta não parecesse prestes a entrar em combustão a qualquer momento. – Han toma porto na tempestade, de verdade?

O droide colocou uma mão metálica no peito, como se implorando o perdão dela.

– Ah, não, na verdade. Contudo, o capitão Solo já o utilizou algumas vezes durante reparos nas naves como um solvente de emergência.

– Era de se imaginar. – Com isso, Leia apontou para Joph, que só agora conseguia sentar direito, com a expressão ainda atordoada. – Nem mais uma gota disso até terminarmos. Uma taça de vinho é outra coisa, mas nós precisamos nos manter afiados.

– De acordo – disse Ransolm. – Qualquer coisa para evitar tomar esse negócio mortal de novo.

Para o alívio de Leia, todos provaram-se capazes de se concentrar na tarefa diante deles, apesar das bebidas – e embora os olhos de Joph tivessem continuado levemente desfocados e suas primeiras perguntas fossem hesitantes.

– Não deveríamos ir logo, antes que Arliz Hadrassian ou Rinnrivin Di possam perceber o que está havendo?

Leia soltou um pequeno suspiro de gratidão pelo neutralizador sônico que enfiara no bolso de sua túnica malva. Assim, caso algum dos participantes do piquenique ao redor se sentisse mais inclinado a bisbilhotar o pavilhão deles do que assistir à corrida de barcos a vela solar, não conseguiria escutar nenhuma palavra dita por eles.

Greer explicou:

– Temos que seguir o cronograma que recebemos junto com o serviço.

– Mas eles são contrabandistas – disse Joph, rouco. – Ou traficantes de armas, tanto faz. Não são exatamente gente que segue as regras.

– E é por isso que ficam desconfiados tão depressa. – As histórias de Han e Chewie haviam ensinado isso a Leia. – Se um legítimo piloto aparece adiantado, é uma inconveniência menor, no máximo. Se um piloto ilegal aparece adiantado, ele está tentando alguma coisa. E todos os envolvidos sabem disso.

Greer concordou.

– Por alguma razão, os guerreiros Amaxine querem que apanhem a munição somente na semana que vem. Se aparecermos antes, vamos alertá-los.

– Falando em alerta – disse Ransolm –, Arliz Hadrassian talvez esteja em Sibensko quando nossa equipe chegar, e a essa altura ela viu cada um de nós. Ela acredita que Greer seja da minha equipe, e vai reconhecer Joph de Bastatha. Se Hadrassian estiver presente quando eles chegarem para buscar a carga, estamos encrencados.

– É aí que entram nossos disfarces. – Leia sorriu, revivendo antigas lembranças. – Uma máscara de caçador de recompensa Ubese para Joph, talvez, e algum tipo de armadura para Greer? Com identidades falsas, tintas para o cabelo e a roupa certa, eles vão passar com facilidade.

– Isso basta. – Essas duas palavras fizeram a tosse de Joph disparar outra vez; Greer deu-lhe alguns tapinhas nas costas.

Vamos torcer para que ele se recupere a tempo, pensou Leia. Acima deles, as embarcações solares passavam a toda velocidade, suas velas de um vermelho brilhante capturavam o calor e o transformavam na energia que mantinha os habilidosos pilotos no alto. Em meio aos aplausos da multidão, ela acrescentou:

– Além do mais, tenho a sensação de que Hadrassian não vai cuidar pessoalmente da transferência. Ela precisa ter algum álibi que seja pelo menos crível.

– Assim como nós – apontou Ransolm. – Você e eu nos postamos diante de todo o Senado e anunciamos a necessidade de investigar Rinnrivin Di a fundo. Suspeito que algumas línguas se agitaram sobre nossas viagens simultâneas para fora deste mundo recentemente. Se sairmos juntos de novo, as suspeitas serão anunciadas em público. Presumindo que Rinnrivin ou Hadrassian tenham uma fonte dentro do Senado, estaríamos mostrando nossas cartas.

– Uma fonte no Senado? – Joph o fitou, boquiaberto. – Ninguém faria isso. Fala sério. Ser um senador dá a alguém todo o poder e o prestígio que um contrabandista mataria para ter, sem arriscar a sua própria pele.

– Não, Ransolm tem razão. Eu estou quase certa de que eles têm alguém. – Leia havia chegado a essa conclusão sozinha. Ela temera ter de convencer o jovem e idealista Casterfo disso, mas novamente ele ultrapassara suas expectativas. – Se os guerreiros Amaxine estão ligados ao Atentado do

Guardanapo, eles devem ter recebido informação de alguém que compreende o Senado por dentro e por fora, tanto física quanto organizacionalmente. Qualquer slicer habilidoso poderia ter exposto as plantas do prédio, mas descobrir que uma reunião de ministros populistas ocorreria durante o café da manhã? Saber até qual lugar na mesa eu provavelmente ocuparia? Isso é informação interna, e apenas alguém em um alto nível poderia obtê-la.

Greer abraçou seu próprio corpo como se estivesse com frio, ainda que o sol da tarde fizesse seu cabelo preto reluzir, quase azulado.

– Portanto, não estamos enfrentando apenas um grupo de zelotes adoradores do Império, como também teremos que lidar com o aliado deles dentro do Senado. Em outras palavras, algum senador centrista que tem o poder para acabar com todos nós.

– Pelo menos, é o que parece. – Leia manteve sua atenção em Ransolm, que pressionou os lábios um contra o outro com força e desviou o olhar quando Greer falou a palavra *centrista*.

Eles repassaram o resto do plano: como chegar a Sibensko, como Leia e Ransolm poderiam acompanhá-los e quais as prováveis fontes de informação de que precisariam lá. Após a reunião terminar, entretanto, eles continuaram ali assistindo à corrida, enquanto os planadores à vela solar desciam para mais perto da água conforme a luz da tarde começava a desvanecer.

Quando veio a escuridão, começaram os fogos de artifício. Joph pediu licença para se juntar a alguns amigos e Greer declarou que precisava ir para a cama cedo.

– E por que eu não te levo para um banho de lubrificação? – Greer disse a C-3PO enquanto colocava o porto na tempestade de volta em seu saquinho. – Já passou da hora de você tomar um.

– Parece festivo. Muito cortês de sua parte, senhorita Sonnel.

– Estou me esforçando. – Greer sorriu para Leia despedindo-se.

Enquanto ela se afastava, e o coral de seu vestido e o brilho dourado de C-3PO desapareciam na multidão, Ransolm disse:

– Ela deve ter algum amante.

Leia lançou-lhe um olhar.

– Eu não achei que você fosse dos fofoqueiros.

– Não tenho interesse em rumores. Só quis dizer... ir cedo para a cama? É uma desculpa bem esfarrapada para ir embora, e por que deixar uma companhia tão agradável? Ela deve estar indo fazer algo muito mais divertido.

– Greer tem direito a uma vida pessoal. – Leia analisou o perfil de Ransolm por alguns momentos enquanto os fogos de artifício desabrochavam em dourado e branco atrás dele. – Você ficou descontente com ela, mais cedo. Quando ela disse que senadores centristas devem estar conectados aos guerreiros Amaxine.

Ransolm fitou resolutos os fogos enquanto respondia.

– Eu reconheço que é alguém dentro do partido centrista, ou afirmando ser centrista, que deve

estar por trás disso. Mas um membro desonesto não deveria ter permissão de manchar toda a nossa filosofia. O que eu ressinto é a implicação de que todos os centristas seriam simpáticos a atos terroristas de um grupo paramilitar.

– Isso obviamente não é verdade, ou você não estaria aqui. – Embora Leia se sentisse mais otimista sobre o potencial de crescimento da filosofia centrista desde que conheceu Ransolm Casterfo, ele ainda era um ponto fora da curva dentro de seu partido. – Mas suspeito que haja mais do que “um membro desonesto” simpático aos objetivos dos guerreiros Amaxine.

A afirmação de Leia provocou o temperamento cáustico de Casterfo.

– Você ainda acha que somos todos sedentos por poder.

– Eu acho que o desejo por poder pode fazer as pessoas cometerem coisas terríveis. Afastar-se do poder pode ser uma forma de força.

– Você teme a autoridade – disse Ransolm. Mais fogos de artifício estouraram lá no alto, e jatos escarlates cintilaram por todo o céu. – O governo precisa de autoridade. Mas não posso culpá-la por sua cautela, Leia. Depois do que você viveu nas mãos do Império, nas mãos de Vader, não é de se admirar que seja desconfiada. Durante a guerra, imagino que paranoia tenha sido a única coisa que a manteve viva.

– E amizade e amor. – Leia sabia que a generosidade demonstrada por Luke quando ele foi buscá-la na Estrela de Morte e a devoção silenciosa de Han provada quando ele a salvou em Hoth não apenas a mantiveram viva mas também mudaram todo o curso da galáxia para melhor. – Essas coisas também importam, talvez mais do que todo o resto.

O sorriso de Ransolm se tornou melancólico.

– Pensei que eu é que era o idealista.

Lady Carise programara seu retorno para o Dia do Equinócio em Hosnian Prime. O que seria melhor do que chegar inesperadamente no meio de uma das festas mais elegantes do calendário? No entanto, um problema com o hiperdrive de sua nave arruinara por completo seus planos, e embora tivesse se atrasado apenas meio dia, ela acabou perdendo a festa de gala. Quando finalmente chegou a Hosnian Prime, tarde da noite, toda as celebrações já estavam terminando, e ela foi cansadamente abrindo caminho pelos corredores escuros dos gabinetes do Senado, após o horário de trabalho.

O droide astromec que arrastava a bagagem dela atrás de si em um hoverflat bipou, inquisitivo. Lady Carise disparou:

– É claro que eu prefiro ir para casa primeiro. Mas um item tem que ir direto para o meu escritório.

Ela não pretendia deixar o baú de madeira de Bail Organa em um local vulnerável nem por um instante. Sua casa era bem segura, rodeada por sentinelas eletrônicas, mas lady Carise sabia que não era impenetrável. Já o cofre de hiperaço que havia em seu escritório, provavelmente não podia ser

violado nem por um buraco negro, e suas trancas acionadas por retina e digitais dificultariam bastante que qualquer um tivesse acesso a seu conteúdo.

Eu vou mostrar a caixa para ela amanhã, decidiu lady Carise, levantando com uma das mãos a barra de seu vestido vermelho-violeta enquanto subia em uma das calçadas móveis. *Assim que aquela assistente dela, a de olhar agressivo, conseguir marcar uma reunião*. Lady Carise já havia resolvido que se ausentaria da reunião antes de a princesa Leia inspecionar o conteúdo da caixa – muito antes de a caixa de música ser aberta –, mas também queria de alguma forma deixar muito claro que ela sabia absolutamente tudo sobre o que jazia escondido lá dentro. A princesa Leia tinha que compreender exatamente o quanto lady Carise sabia, senão não ficaria tão grata. Ela não se daria conta de que lady Carise tinha o poder para destruí-la em um instante...

O que eu não farei. Violar um voto real é impensável. Lady Carise assentiu, impressionada com sua nobreza interior. No entanto, sem ver nenhuma contradição, ela também permanecia totalmente ciente de que a princesa seria mais útil para ela se permanecesse no Senado, mas com uma dívida pessoal eterna para com lady Carise Sindian.

Se a princesa Leia se tornasse a primeira-senadora, lady Carise poderia se posicionar como a única centrista capaz de influenciar a líder. A única pessoa que colocaria as coisas em prática. Ela gostava de como isso soava.

– Lady Carise? – Ouvir seu nome a despertou de seu devaneio com um susto. Ela levantou os olhos e viu Ransolm Casterfo perto do final da calçada, não muito longe da porta de seu próprio gabinete. – Eu não esperava vê-la aqui a esta hora.

– Eu poderia dizer o mesmo. – Ela saiu da calçada, lépida, desviando-se com elegância de seu obediente astromec com um rodopio das saias longas. Exibindo um sorriso pretensamente encantador, ela acrescentou: – No meu caso, meu transporte de Birren se atrasou inexplicavelmente. Agora, qual a sua desculpa?

Casterfo pareceu devidamente encantado, aproximando-se para confidenciar.

– Eu decidi dar uma passadinha aqui e encomendar um pouco de licor riosano, e essas encomendas viajam mais rápido pelos canais oficiais, como tenho certeza de que você sabe.

– E você precisou encomendar licor no meio da noite?

– Ah, aqui fica no meu caminho, e eu tive um desejo repentino por licor depois das corridas a vela solar. Sabe, hoje Greer Sonnel, a chefe de gabinete da princesa Leia, ofereceu a todos nós um pouco de porto na tempestade, o que, aliás, é fatal. Fique longe. Bem, eu pensei em apresentar para ela um pouco da bebida lá de casa. Não é nem de longe tão nocivo, mas é forte o bastante para que eu possa recuperar um pouco do meu orgulho. – Casterfo sorriu, pesaroso.

Lady Carise se assegurou de manter o sorriso no rosto, tão bonito quanto antes, tão brilhante quanto antes.

– Ora, mas você parece ter uma relação muito amistosa com a equipe da princesa Leia. – Ela sabia

instintivamente a quem o “todos nós” se referia. – É algum tipo de esforço para cultivar o bipartidarismo? Ou você está estabelecendo uma boa relação com a candidata populista para primeira-senadora enquanto pode?

Casterfo franziu a testa. O comentário dela o irritara. Que bom.

– Como você sabe, a princesa Leia e eu temos trabalhado juntos com frequência ultimamente.

– Caçando fantasmas, se eu bem me recordo.

– Veremos. – Ele polidamente inclinou a cabeça em uma mesura. – Boa noite, lady Carise.

Lady Carise observou enquanto ele partia, ocupando-se com os itens em seu hoverflat, enquanto fixava sua mente em um único e desastroso fato:

Ele sabe.

Assim que ela entrou em seu escritório, o baú de madeira foi para o cofre. Em seguida, lady Carise mandou embora o droide astromec com instruções para que ele entregasse suas posses em sua casa. Assim que ficou sozinha, ela abriu a linha de comunicações mais segura que tinha – uma não oficial – e enviou uma chamada com a maior urgência.

Ela foi respondida em segundos com a aparição de um holograma revelando o rosto de Arliz Hadrassian.

– Senadora Sindian. A que eu devo esse prazer?

– Prazer? Você praticamente arruinou nossos planos várias vezes, e agora também deixou Ransolm Casterfo em alerta? O que estou sentindo no momento não lembra nem se aproxima de “prazer”.

– *Nossos planos?* – A voz rouca de Hadrassian se aguçou. – Por anos eu ergui meu exército no deserto... por anos eu trabalhei e lutei e sonhei... e você chama isso de “nossos planos”?

Lady Carise fez cara de desdém.

– Sim. Porque eu não falo apenas por mim, Hadrassian. Ou você se esqueceu de suas lealdades? *Você não deseja mais restaurar o que perdemos com o Império? Você abandonou completamente a Primeira Ordem?*

Nunca antes lady Carise havia dito aquelas palavras em voz alta em seu escritório. *A Primeira Ordem.* Algum dia, toda a galáxia as gritaria com orgulho, mas por enquanto elas eram secretas demais, sagradas demais para serem levadas na brincadeira. Aquele sonho estava muito perto de se tornar realidade – apenas alguns anos, se muito – e protegê-lo requeria discrição.

Contudo, discrição não parecia ser um dos talentos de Arliz Hadrassian.

– Eu *não vou* receber sermões sobre o Império de uma criança que não consegue sequer se lembrar dele.

– Nem eu vou receber sermões de alguém descuidada o bastante para derramar seus segredos para Ransolm Casterfo. Ele sabe que as operações de Rinnrivin Di são maiores do que parecem, e ainda está trabalhando para rastreá-las até sua fonte, e é por isso que ele foi a Daxam IV para começo de conversa. Quando disse que vocês iriam se encontrar, eu pensei que seria *nos seus* termos...

– E foi. – Os grandes olhos escuros de Hadrassian se estreitaram. – Casterfo é um aliado em potencial. Estive trabalhando para recrutá-lo.

– Ele está te enganando – disparou lady Carise. – Ele ainda está trabalhando com a princesa Leia, até socializando com ela! É praticamente certeza que ele está participando das investigações dela também.

– Não estou convencida. – Hadrassian empinou seu queixo. Os anos haviam lhe dado a aparência de alguém que havia sido purificada pela areia, até chegar à pedra mais dura. – Eu vi o amor dele pelo Império. Quando chegar o momento da Primeira Ordem, Casterfo será o primeiro a defender sua causa.

– O momento não vai chegar nunca se você continuar arruinando tudo com sua impaciência! – Ouvindo sua voz se elevar quase a um berro, lady Carise parou e respirou fundo. – O ataque ao Senado não foi o suficiente para você?

Hadrassian deu de ombros.

– Você disse que uma distração seria apropriada.

– Eu queria dizer um escândalo ou algum acidente remoto. Não *um atentado a bomba a um prédio do Senado*. – A audácia dos guerreiros Amaxine podia não ter limites, mas eles não entendiam muito sobre estratégia política.

Já lady Carise sabia como jogar no Senado. Ela passava a impressão de ser bela e frívola, uma mulher tão interessada em ser uma celebridade quanto em ser poderosa, e fazia isso muito bem. Assim, ninguém suspeitava do papel crítico que ela desempenhava em preparar a galáxia para retornar ao jugo do autoritarismo, o que aconteceria por meio de um governo ao qual ela e seus aliados se referiam como a Primeira Ordem. Foi lady Carise quem procurou por ex-oficiais imperiais e seus simpatizantes entre as várias subculturas em que eles se congregavam, ajudando a criar a rede de contatos que os conectou às naves que haviam restado da frota imperial. Tinha sido lady Carise quem os encorajara enquanto eles se organizavam, passando de meros descontentes à crescente força paramilitar conhecida como guerreiros Amaxine. E havia sido lady Carise quem convencera os líderes centristas de seu partido a usar a fachada criminoso que eles já haviam estabelecido por meio de Rinnrivin Di para esconder os fundos usados para armar e treinar os guerreiros Amaxine. Com armas e treinamento, eles poderiam, no momento certo, servir como tropas de choque nas batalhas iniciais da grande guerra que viria.

Assim que os Amaxines tivessem causado dano e confusão, a própria Primeira Ordem poderia finalmente emergir de seu esconderijo para reclamar seu lugar de direito, trazendo como verdadeira força de combate as naves perdidas da frota imperial. Mas líderes paramilitares não eram tão fáceis de manobrar quanto senadores. Arliz Hadrassian não era uma política; era uma fanática. O fogo da certeza ardia em seus olhos, incapaz de decrescer ou duvidar. Às vezes lady Carise pensava que a mulher tinha planejado o Atentado do Guardanapo menos para criar uma distração e mais pelo puro

prazer da destruição.

Se o fanatismo de Hadrassian se aproximasse demais de expor os planos centristas para a Primeira Ordem, os guerreiros Amaxine teriam de ser abatidos – e lady Carise sabia que seria arrastada com eles.

– Se você está tão insegura sobre as lealdades de Casterfo – sugeriu Hadrassian –, tome medidas para se assegurar de que ele continua do nosso lado. Convença-o. Converta-o.

– Como é que eu vou fazer isso quando ele praticamente se tornou amigo da princesa Leia... – lady Carise se interrompeu.

O reinado do Império em Riosa fora difícil. Casterfo não tinha ficado órfão? Algo assim. De qualquer forma, ele sempre deixou muito claro o seu desprezo por Palpatine... e Vader.

Hadrassian franziu a testa.

– Lady Carise?

– Eu cuidarei disso. Por enquanto, atenha-se a nossos planos. – Com um gesto, lady Carise desfez a conexão holográfica. Ela se voltou para o cofre, e lhe pareceu que podia ver através da superfície inexpugnável, através do baú de madeira cheio de lembranças em seu interior, diretamente para a caixinha de música com um segredo que podia mudar a galáxia.

Eu não posso trair o selo real, pensou ela. Lady Carise ainda sentia isso com mais força do que qualquer outra coisa.

Mas se a situação colocasse o selo real contra a ascensão da Primeira Ordem, o que ela escolheria?



Se você quisesse ser um ás dos caças estelares, não bastava amar voar. Era preciso amar tudo o que acompanhava o voo, desde o protocolo padrão até a manutenção básica. Alguns caras capazes de voar como Zephyrs eram reprovados na Academia porque não conseguiam ficar em solo por tempo suficiente para cuidar de suas naves.

Joph Seastriker amava seu X-wing até os parafusos. Ele adorava o cheiro de graxa e o eco dentro de um hangar que destacava cada estalo de metal. Ele gostava inclusive de mergulhar os braços até os cotovelos no interior do motor de seu caça estelar, tudo porque isso era parte indispensável de voar.

No momento, ele estava deitado em um carrinho de mecânico debaixo do nariz do X-wing, espiando dentro de um painel aberto para mexer em um conduíte complicado que andava interferindo com a capacidade de manobras. No meio do emaranhado de fios, ele viu uma conexão levemente desgastada. Aquele não era necessariamente o problema, mas ele repararia aquela conexão e veria o resultado.

– Tem certeza de que está tudo bem aí, Seastriker? – gritou Ledaney, que estava consertando seu próprio X-wing a alguns metros dali. – Ou precisamos buscar um refresco e um ventilador para você?

Risadas ecoaram de todos os pilotos no local. Joph tinha cometido o erro de ser honesto sobre sua reação a porto na tempestade, e agora teria que passar o dia todo ouvindo piadas vindas de sujeitos que sequer tinham tomado o negócio.

Então ele disparou de volta:

– Estou bem, Ledaney. Mas e você? Ouvi falar que tem ido fundo naquele negócio corelliano.

Desta vez a risada foi ainda mais alta. Qualquer um que não conhecesse Ledaney presumiria que Joph estava falando sobre o famoso brandy, mas todos os pilotos no esquadrão sabiam que o novo namorado de Ledaney era de Corellia.

Zari Bangel, que estava passando por ali, parou com as mãos no cinto de ferramentas, bem ao lado da plataforma de reparos de Joph.

– Você realmente está conhecendo a equipe da senadora Organa muito bem, considerando-se que eles estão dividindo suas substâncias inebriantes com você. Anda voando por toda a galáxia ultimamente.

Joph deu de ombros antes de se dar conta de que esse gesto não significava nada quando a pessoa estava deitada.

– Você sabe como é, Zari. Os senadores usam sua influência, você executa tarefas, e quando eles se acostumam com você, passam praticamente a incluí-lo em tudo.

– Na verdade, não é assim que geralmente acontece – retrucou Zari. Ela se apoiou contra o lado

metálico da plataforma dele, com os braços cruzados sobre o peito. – Você tem sido bastante requisitado.

– Você pode discutir isso com a senadora Organa – disse Joph, tão descontraído quanto pôde. Seu coração tinha começado a bater um pouco mais rápido. Se seus colegas pilotos ficassem muito curiosos sobre por onde ele andava, e por quê, os rumores começariam a se espalhar, e a missão para Sibensko estaria arruinada antes mesmo de começar.

Ledaney tornou a falar.

– Seja lá o que você estiver fazendo, provavelmente é muito mais empolgante do que se exibir nos shows aéreos.

Joph olhou sua máquina com mais atenção, esperando projetar uma impressão de concentração para desencorajar conversa à toa.

– Hummm. Acho que depende do que você considera empolgante.

– Viajar por toda a galáxia desse jeito, cuidando de negócios... – O tom de Zari se tornou melancólico. –... isso soa *importante*.

– Mais importante que o show aéreo, isso com certeza – acrescentou Ello Asty em sua voz grave e sonora.

Eles não estão desconfiados, percebeu Joph. *Eles já sabem que está acontecendo alguma coisa, e querem participar.*

Seu primeiro impulso foi inventar uma desculpa, qualquer desculpa, para sair do hangar o mais rápido possível. Mas se ele estivesse no lugar deles, ciente de que a aventura e o propósito estavam lá fora a sua espera, será que seria tão facilmente desencorajado? Não mesmo.

Joph não podia simplesmente recrutar gente para a missão de Sibensko. Ele não tinha autorização. Pessoal extra colocaria o segredo em perigo e, além do mais, até mesmo colocar quatro pessoas e um droide nas cidades submarinas seria bastante trabalhoso. Uma dúzia de pilotos extra só os atrasaria.

Mas se os guerreiros Amaxine fossem tão perigosos e bem financiados como a princesa Leia e o senador Casterfo acreditavam, talvez chegasse o dia em que mais pilotos seriam necessários para enfrentá-los. Muito mais pilotos. E alguns prováveis voluntários estavam bem ali naquele hangar.

– Eu particularmente gosto bastante de me exibir nos shows aéreos. – Joph continuou trabalhando no painel, sem olhar para ninguém, mas ciente de que seus ouvintes teriam detectado uma alteração em seu tom. – Isso é empolgante o bastante para qualquer um... certo?

– Não para mim – disse Zari, baixinho.

Ledaney acrescentou:

– Nem para mim.

Outros também se manifestaram. Joph conversou amenidades com eles, montando mentalmente uma lista de nomes. Ele compartilharia aquela lista com a princesa Leia em breve. Talvez ela se revelasse útil algum dia. Nunca se sabe.

Sob circunstâncias normais, Ransolm Casterfo precisaria servir mais dois mandatos completos no Senado Galáctico antes de ter senioridade suficiente para conduzir uma inspeção às tropas. Todavia, ele sempre podia ser convidado por outro senador, de posição mais elevada – e era por isso que ele e Leia Organa estavam caminhando pelos corredores azulejados de branco da nave de transporte *Rieekan*. Oficiais forravam as laterais, em posição rígida de sentido, com expressões faciais que iam de nervosismo a eficiência, passando por vaga diversão.

Tudo estava correto, de acordo com o regulamento. No entanto, na opinião de Ransolm, faltava à cena um certo tipo de esplendor. O casaco e a calça do uniforme dos soldados pareciam vestimentas comuns do dia a dia; os capacetes estavam presos apenas por uma simples correia de couro. Como tais soldados poderiam inspirar admiração? Como poderiam defender os outros, quando eles mesmos pareciam tão parcamente protegidos? Armaduras apropriadas, como as do Império, teriam sido muito mais eficientes. O capacete branco de um stormtrooper devia fazer o soldado dentro dele se sentir invencível...

– Sabe, Ransolm – disse Leia, enquanto caminhavam para a ponte –, agora que paro para pensar, fico surpresa por você mesmo não ter se juntado ao exército.

– Eu pensei em fazê-lo. Em vez disso, servi na força de segurança planetária de Riosa por dois anos, a partir dos meus dezoito. – Ele sorriu ao se lembrar da emoção de pilotar seu primeiro caça estelar, receber sua primeira arma de raios. – Em minha imaginação, eu me via perseguindo contrabandistas e traficantes de escravos todos os dias em uma batalha brilhante após a outra.

Leia cruzou as mãos às costas enquanto lhe lançava um olhar de soslaio.

– E na realidade?

Ransolm suspirou.

– A realidade envolvia muito menos batalhas e muito mais citações por violar procedimentos de atracagem.

Embora Leia risse, ela comentou:

– Ah, o que é isso... As forças de defesa planetária veem alguma ação de tempos em tempos.

– Víamos, mas não muita. O fato é que as instalações manufatureiras de Riosa foram praticamente abandonadas depois que o Império as exauriu. Nossos recursos naturais estavam esgotados e nossos bancos, vazios. Ninguém vinha roubar nada de nosso mundo porque não havia quase mais nada para roubar. – Eles chegaram a uma curva no corredor que os levaria até a ponte, onde nenhum soldado os esperava. Ransolm se descobriu aliviado; embora não tivesse vergonha de falar da ruína de seu mundo, ficava mais confortável dividindo isso apenas com Leia. – Na época em que eu deveria ter me inscrito para outra rodada de serviço militar ou partido para me alistar nos exércitos da Nova República, decidi que Riosa precisava mais de ajuda política e econômica do que de soldados.

– Então você abriu mão do seu sonho para cumprir seu dever. – Leia falou com suavidade, como se tocada.

Ransolm olhou para ela.

– Foi o que você fez?

– Não. Eu fui criada sabendo que levaria uma vida a serviço do povo, primeiro através de minha posição real e depois no Senado. Quando fiz quinze anos, a Rebelião já tinha começado a tomar forma, e eu sabia que queria fazer parte dela. – Seu sorriso foi pesaroso, até triste. – Assim, nunca cheguei a ter um sonho, além do meu dever.

Por impulso, ele perguntou:

– E o que teria sido? O seu sonho, digo.

Ele não tinha certeza se já a vira sem palavras antes.

– Eu... quem sabe? O modo como eu via as coisas naquela época era muito diferente da realidade que vejo agora.

– Dê um palpite. Ou se pergunte o que faria agora, nesse momento, se o dever não a atrapalhasse.

O sorriso de Leia se ampliou, tornou-se genuíno.

– Eu fugiria para vagar pela galáxia com meu marido.

Naturalmente, Ransolm ouvira falar do famoso Han Solo, e ainda assim achava difícil, de alguma forma, imaginar Leia casada com um homem daquele tipo, um ex-contrabandista.

– Você quer dizer que se juntaria a ele como piloto de corrida?

– Talvez. – Os olhos castanhos dela cintilaram, travessos. – Ou talvez nós nos tornássemos jogadores profissionais. Faríamos nossa fortuna nas mesas de sabacc.

– Depois do jeito como você quebrou a banca em Bastatha? Eu acredito. – Eles riram juntos e Ransolm ficou aliviado por sua pergunta não ter se transformado em uma conversa pessoal demais para a ocasião.

Contudo, ele sabia que Leia não se importava com o fato de ele perguntar. A parceria que eles haviam desenvolvido, a despeito do começo acidentado, era algo que ele julgava que sobreviveria à investigação do cartel de Rinnrivin e aos guerreiros Amaxine. Mais do que isso, Ransolm sabia que eles haviam verdadeiramente se tornado amigos. Ele aprendera na infância a manter suas emoções para si e, apesar de nunca lhe faltar companhia, ele raramente permitia que alguém se aproximasse.

Mas era bem característico de Leia Organa derrubar qualquer muro em seu caminho.

– Nós deveríamos nos despedir do capitão e voltar para a superfície – disse Leia. – Por outro lado, ainda não demos uma olhada na sala de máquinas principal.

– Se eu não te conhecesse, diria que está procrastinando.

– E não estaria errado. – Quando Ransolm franziu a testa para ela, surpreso, Leia explicou: – A sessão dessa tarde é o ponto irreversível, acho.

– Mas você deve ter concordado em ser a candidata populista a primeira-senadora quase no momento em que a moção foi aprovada. A nomeação na tribuna do Senado hoje é apenas uma formalidade.

Leia apurou os ombros como um lutador entrando no campo de combate.

– Eu concordei, e você tem razão, é só formalidade. Entretanto, como lhe disse antes, eu preferiria que essa honra recaísse sobre outra pessoa.

– Nenhum outro populista executaria o trabalho tão bem – insistiu Ransolm. Eles estavam de pé juntos no corredor com teto em arco, aparentemente sozinhos na vasta nave. – Dado que os centristas ainda não se acertaram sobre quem será seu candidato, você pode acabar vencendo por decreto.

– Nem me lembre disso.

Ele manteve sua voz tranquilizadora enquanto ambos retomavam o passeio até a ponte.

– Pense nas coisas por esse viés. A tarde toda não vai ser nada além de senadores se levantando para te elogiar. Vamos ouvir sobre cada batalha, cada realização. Em outras palavras, essa é a parte divertida. Tente relaxar e se deleitar na glória, hum?

Com um suspiro, Leia disse:

– Sabe, eu precisava ouvir isso. Obrigada.

– Fico feliz em ajudar.

Ransolm continuou num humor contemplativo enquanto terminavam a inspeção oficial e levavam a *Espelho Brilhante* de volta a Hosnian Prime. Ele retornou ao complexo do Senado imediatamente para poder se preparar para a sessão, enquanto Leia se dirigia para o alojamento de Varish Vicly para algum tipo de almoço pré-comemorativo com políticos populistas. Perguntando-se vagamente se Leia manteria a *Espelho Brilhante* como sua nave oficial após sua eleição, Ransolm entrou em seu gabinete...

E parou de súbito.

– Perdoe minha intromissão, senador Casterfo. – Lady Carise Sindian estava sentada na cadeira diante da escrivaninha dele, usando um elegante vestido cinza-perolado. – Mas ouvi dizer que você tinha ido inspecionar as tropas essa manhã junto com a princesa Leia.

– E daí? – Ransolm tinha começado a se cansar das insinuações de lady Carise. – Minha ida está totalmente dentro do protocolo.

Lady Carise dobrou as mãos diante do peito, como se estivesse com pena.

– Você se tornou próximo dela. Leal a ela.

– Eu continuo a ser um centrista comprometido, se é com isso que você se preocupa. – Mesmo agora, Ransolm planejava votar contra Leia na eleição que se aproximava. A menos, é claro, que os centristas nomeassem alguém totalmente abominável...

– Não. Não é com isso que estou preocupada. O que me dá medo, perturba, *enraivece*, é que a princesa Leia esteja mentindo para você. Que ela tenha te traído.

Uma sombra de dúvida se ergueu dentro dele, soprada pelas lembranças da atitude desdenhosa de Leia quando eles começaram a trabalhar juntos. Porém aquilo foi rapidamente apagado.

– Perdoe minha franqueza, mas suspeito que você esteja sendo dissimulada. Tenho certeza de que

está sendo manipuladora. E devo lhe pedir que saia.

– Ainda não – insistiu lady Carise, quase com ternura. – Não posso deixá-lo assim, inconsciente de como você está sendo usado. Eu lutei com a dúvida se deveria ou não lhe contar isso, mais do que você pode compreender, mas no final, sabia que tinha que falar. Olhe só, tem algo que você não sabe sobre a princesa Leia. Algo que ela deliberadamente manteve escondido do Senado, de você e de mim, por décadas. E esse segredo prova, sem sombras de dúvidas, que não se pode confiar nela.

Melodrama raramente o emocionava.

– Não há literalmente nada que você possa me dizer para me convencer disso.

Lady Carise balançou a cabeça.

– Apenas uma coisa, senador Casterfo. E agora você deve ouvir.

Com uma das mãos, ela gesticulou para a escrivaninha dele, e Ransolm percebeu que algo tinha sido colocado ali: um pequeno baú de madeira, esculpido à mão, o tipo de coisa que as pessoas usavam para guardar lembranças sentimentais.

– O que é isso?

Levantando-se para se postar ao lado dele, lady Carise disse apenas:

– A verdade.

– Quando a primeira Estrela da Morte foi construída, antes mesmo de a maioria da galáxia ter ficado sabendo daquela monstruosidade, a princesa Leia recebeu as plantas da estação, as mesmas que revelaram a fraqueza que levou à sua destruição! – A voz de Varish, distribuída pelos droides amplificadores, ressoou por toda a câmara do Senado. – Quando o destróier *Devastador* se aproximou para capturar a nave dela, foi a princesa Leia que teve a presença de espírito para extrair as plantas do computador principal da *Tantive IV* e escondê-las dentro de um droide que pudesse ser enviado para o planeta mais próximo sem ser detectado. Se não tivesse feito isso, sem dúvida ainda estaríamos vivendo sob a tirania imperial.

Aplausos e gritos se levantaram entre os populistas; até a maioria dos centristas bateu palmas, educadamente. Leia estava sentada em seu lugar. Seu rosto transparecia aceitação serena enquanto ouvia aquela versão da história de sua vida. Naquela versão, ela sempre fazia a escolha certa logo da primeira vez. Ela nunca sentia medo ou desespero. Ela corria, corajosamente, em direção à vitória. Não havia nenhuma imprecisão nessa versão, mas ela também não sugeria as longas e frias noites em Hoth, as horas em que chorara por Alderaan, ou as várias vezes que tinha discutido com um general ou almirante que, no final, provava ter uma ideia melhor que a sua. O lado humano de se lutar em uma guerra, o custo humano, não era reconhecido. Era como se nunca tivesse ocorrido.

Deixe para lá, ela disse a si mesma, tentando seguir o conselho de Ransolm e desfrutar do momento. *Além do mais, você realmente bolou aquele truque com o R2-D2.*

Varish prosseguia, descrevendo como atos de bravura e heroísmo os momentos que Leia lembrava

terem sido instantes de puro terror. Porém, ela se orgulhava de ouvir sobre o heroísmo de Luke e Han na Batalha de Yavin, sobre sua própria bravura em Vrogas Vas, e sobre como ela, Han e Chewie tinham desligado o gerador do escudo na lua florestal de Endor. Sim, Leia dedicara toda sua vida ao dever, mas tinha sido por uma boa causa. Graças a seu marido, seu irmão, seu filho e vários amigos, ninguém podia dizer que ela sacrificara toda sua felicidade ou seu amor. Se ela conseguira criar um pouco de estabilidade para a galáxia, e se pudesse continuar a fazê-lo como primeira-senadora, então tudo teria valido a pena, não?

Varish jogou para trás sua juba sedosa enquanto concluía:

– Portanto, é com a maior confiança e orgulho que eu nomeio neste momento a senadora Leia Organa, heroína da Rebelião, para ser a primeira-senadora da Nova República!

Os populistas aplaudiram loucamente, ficando de pé por todo o amplo anfiteatro. Leia se levantou por um instante para que todos pudessem ver a elegância com que ela se trajara para a ocasião – o vestido branco como a neve, o pesado colar – e assentiu para agradecer aos aplausos.

Enquanto ela retomava seu assento, o droide moderador passou monotonamente pelo ponto seguinte do processo.

– Alguma pessoa aqui presente sabe de algum fato que possa desqualificar a senadora Organa para o cargo mais elevado?

Ninguém, inclusive Leia, sequer se incomodou em levantar a cabeça, até que uma voz ecoou:

– Eu devo tomar a tribuna.

Perplexa, ela ergueu a cabeça e viu Ransolm Casterfo ficando de pé, e viu sua imagem projetada em cada tela e holo. O choque a fez corar, e depois lhe deu calafrios, mas Leia se recuperou em um segundo. Aquilo devia ser alguma artimanha, um jeito dissimulado de fingir objeção a Leia enquanto, ao mesmo tempo, reconhecia sua aptidão para o posto. Certamente era isso. Mas era tão sem tato, tão exibido, tão insensato...

– O primeiro-senador da Nova República só pode receber a autoridade suprema se nós, os cidadãos, sentirmos que essa pessoa merece nossa confiança. – Ransolm exibia uma aparência terrível. Seu rosto estava pálido, e ele apoiava uma das mãos contra seu console como se pudesse cair. Entretanto, sua voz não fraquejou. – Para meu mais profundo pesar, descobri que Leia Organa não merece essa confiança.

Murmúrios se espalharam pelo recinto. Tai-Lin havia começado a se levantar de sua cadeira, com uma carranca no rosto, e o pelo de Varish estava todo arrepiado. Leia mal podia acreditar que isso estivesse acontecendo de verdade. Sobre o que Ransolm poderia estar falando? O que o enfurecera tanto desde aquela manhã, e por que ele estaria declarando isso para todo o Senado?

Ransolm continuou:

– As fraudes da princesa Leia a protegeram por tempo demais. Seu embuste não pode ter permissão de colocar em perigo toda a galáxia. Se as pessoas estão considerando elegê-la como

primeira-senadora, elas têm o direito de saber exatamente em quem estão votando.

A confusão de Leia se cristalizou em um instante ao redor de seu medo mais terrível: *ele sabe*.

Não. Impossível. Ninguém jamais soubera além dela, de Luke e de Han; ela não tinha certeza nem se Han havia contado a Chewie. Eles ainda não tinham contado nem a *Ben*. Portanto, Ransolm não podia ter descoberto a verdade mais horrível da vida dela. De jeito nenhum. Ele tinha que estar falando de outra coisa.

Mas do quê? Não havia nada em que Leia pudesse pensar, nada além de...

Ransolm apontou para ela e declarou para todo o Senado Galáctico:

– A senadora Leia Organa é nada mais, nada menos do que a filha de *Darth Vader!*



O tumulto parecia girar ao redor de Leia, cercando-a. Ela mal podia ouvir os gritos, batuques, assovios e pancadas que os senadores davam nas mesas, por cima do ruído do sangue em seus próprios ouvidos. Ela estava ofegante, como se a revelação de Ransolm Casterfo tivesse se enrolado tão apertada ao seu redor que logo a sufocaria.

– Isso é uma farsa! – Varish uivou sobre a baderna. – Uma invencionice suja e escandalosa, e a senadora Organa se levantará para negar!

Me levantarei? Os pensamentos de Leia estavam envoltos por uma névoa. Seus membros tinham se tornado tão débeis e líquidos pelo choque que ela não tinha certeza se podia ficar de pé.

– Eu não vim sem provas – disse Ransolm. – Apresentarei agora minha evidência para que todos ouçam, para que todos possam saber como chegamos perto de permitir que a filha de Lorde Vader governasse todos nós.

Prova? Que prova podia existir? Leia encarou Ransolm, ciente de que deveria se sentir furiosa ou traída, mas incapaz de invocar qualquer emoção além de horror e confusão.

E então Ransolm mostrou uma caixinha – não apenas qualquer caixa, mas um baú de lembranças. Toda criança em Alderaan tinha uma. Pais e avós esculpiam os desenhos, mas apenas a criança decidia o que seria colocado lá dentro. Colocar uma de suas posses dentro do baú de lembranças significava que você estava velho demais para ela, mas reconhecia a importância daquele objeto. Na maturidade, a pessoa podia abrir o baú, olhar para trás, e ver como escolhera contar sua própria história.

Leia pensou que aquele baú de lembranças se parecia com o seu. Mas ela não o via há pelo menos trinta anos, e certamente ele devia ter sido destruído com Alderaan.

Ninguém jamais deveria abrir um baú de lembranças sem permissão, mas Ransolm abriu aquele. De seu interior, ele retirou uma caixinha de música, algo que Leia reconheceu tão instantaneamente que a memória atravessou seu coração como uma flecha. Leia não teve tempo para se perguntar como o baú havia sobrevivido ou chegado às mãos de Ransolm Casterfo; Ransolm já a abrira e a música começara a tocar. *Como um espelho, brilha a lua...*

... então Bail Organa começou a falar.

Apenas o som da voz dele trouxe lágrimas aos olhos dela, mas cada palavra dita revelava seu segredo mais profundo. Em desespero, Leia pensou: *eles estão usando meus dois pais contra mim.*

Bail Organa, que com tanta frequência falara nos senados Imperial e da Velha República, que possuía a coragem para se erguer contra Palpatine quando quase todos os outros líderes planetários se curvaram ao poder do imperador, pronunciou suas últimas palavras ao público através da caixinha de

música, tocando em todos os alto-falantes, para serem reproduzidas por cada noticiário ao redor da galáxia dentro de poucos momentos. *Seu pai se tornou Darth Vader.*

As vozes voltaram a se erguer, mais altas ainda do que antes. Leia mordeu o interior da bochecha, lutando para manter um mínimo de compostura. Seu pai, seu *verdadeiro* pai, havia tido a previdência de guardar algo fora do planeta deles. Ele dera a Leia a verdade da única forma que podia. E o Senado pagara seu serviço e seu amor usando isso para humilhar sua filha. Ela sentiu certa gratidão por Bail ao menos jamais ter ficado sabendo disso; ele nunca teria de encarar o quão terrivelmente sua mensagem fora usada contra ela.

Tai-Lin Garr de alguma forma conseguira reclamar a tribuna. A imponência de sua altura e o manto escarlate, somados à poderosa gravidade projetada por ele, trouxeram o recinto quase ao silêncio.

– Não temos prova alguma de que esse objeto seja autêntico. Nenhuma prova. Considerando o fato de que Bail Organa era uma figura pública muito conhecida, vários aparelhos de gravação ou droides poderiam ter capturado e sintetizado sua voz para dizer qualquer coisa que o programador desejasse. Certamente não podemos permitir que uma mera caixinha de música vilipendie um dos membros mais ilustres do Senado Galáctico.

– Eu tenho todos os motivos para acreditar que ela seja genuína – retrucou Ransolm. – Mas se não for, que a senadora Organa anuncie sua falsidade.

E ao perceber toda a raiva na voz dele e todo o desespero em seus olhos, Leia podia dizer que, lá no fundo, Ransolm ainda esperava que tudo isso fosse uma inverdade.

Ela poderia mentir. Ela poderia se levantar, raivosamente denunciar a caixinha de música como uma falsificação, e sair do Senado com a cabeça erguida. Nenhuma amostra biológica identificada como ANAKIN SKYWALKER ou LORDE VADER jamais surgira nos registros imperiais; sem dúvida, Palpatine se certificou de que nenhuma jamais fosse coletada, para que não houvesse a menor chance de que seu perigoso aprendiz fosse clonado. Assim, ninguém poderia provar, sem sombra de dúvidas, que Leia era filha de Vader.

Porém, a dúvida persistiria. Os cochichos a seguiriam pelo resto de seus dias. Nenhuma negativa seria forte o bastante para sobrepujar uma acusação tão sensacional e tão condenatória, em especial quando estava correta. Ela podia cair agora, sob o golpe de um machado, ou suportar ser reduzida corte após corte, rumor após rumor, ano após ano.

Leia se levantou. Embora temesse que seus joelhos fossem ceder, conseguiu encarar a todos, direta e fortemente. Os droides amplificadores a rodearam como mariposas, prontos para projetar suas palavras seguintes para a galáxia.

Ela disse:

– A acusação do senador Casterfo é verdadeira. Meu pai era Darth Vader.

– Como você descobriu? – perguntou o senador Giller, apenas um na multidão de políticos centristas que ladeavam Ransolm Casterfo enquanto ele ia da câmara do Senado, que rapidamente se esvaziava, até seu escritório. O pandemônio em torno dele quase não tinha parado desde a confissão de Leia. – Esse foi um golpe de mestre, eu lhe digo, um golpe de mestre!

– Ela não vai nem vencer uma reeleição para o Senado, presumindo que não seja forçada a renunciar de imediato – disse o senador Madmund, que sorria para Ransolm como se ambos estivessem sabendo de uma ótima piada. – A altiva princesa Leia, indefesa afinal.

– E bem a tempo! – um membro do gabinete acrescentou, apressado. – Pode imaginar se ela tivesse sido eleita? Quanto tempo levaria antes que estivéssemos nos curvando diante de outro Vader?

O senador Giller pousou a mão larga no ombro de Ransolm.

– Você salvou todos nós, Casterfo. Ninguém jamais vai se esquecer disso.

Não, não se esqueceriam. Sem dúvida Ransolm tinha acabado de dar um imenso passo adiante em sua carreira. Em um dia, ele seria um dos membros mais famosos do Senado, se não *o membro* mais famoso, logo em seguida à desonrada Leia Organa. Ele seria convidado para todas as festas com os influentes, convidado a se unir aos comitês mais importantes. Não era impossível que ele fosse até chamado a servir como o candidato centrista para primeiro-senador agora.

Entretanto, ele não sentia nenhum orgulho. Em vez disso, seu estômago se revirava, suas respostas eram curtas e vazias de sentido, e ele não queria nada mais do que escapar das pessoas que o elogiavam. Desde que escutara pela primeira vez a informação na caixinha de música, Ransolm não tivera um único momento sozinho; lady Carise permanecera com ele quase até o momento em que eles entraram na câmara do Senado. Nem um único momento para lidar com o fato de que sua amiga era, na verdade, sua inimiga. Ele tinha que fugir de tudo isso e pensar.

Finalmente, quando Ransolm alcançou a suíte de seu gabinete no Senado, conseguiu se livrar dos outros. Sua equipe e seus droides, brilhando com uma importância recém-descoberta, expulsaram a todos.

– O senador Casterfo tem assuntos importantes... vocês podem imaginar... sim, sim, vamos marcar reuniões com todo mundo imediatamente...

Ransolm entrou em seu escritório particular sozinho. Assim que a porta se fechou, ele a trancou. Aí caiu de joelhos, agarrou sua lixeira e vomitou violenta, ruidosamente.

Filha de Darth Vader. Ele caíra sob a influência da *filha de Darth Vader*. Ela escutara seus segredos. Tocara seu braço. Atraía-o para conversas íntimas tarde da noite via holo. Ransolm havia se mostrado vulnerável para a filha da pessoa que ele odiava mais do que qualquer outra no mundo...

Ele vomitou outra vez. Seu corpo se rebelava contra o conhecimento medonho de quem Leia realmente era, exaurindo-o até que não lhe restasse nada por dentro.

Enxugando a boca em sua manga de veludo, Ransolm se sentou pesadamente no chão, apoiando as costas contra a parede. Os artefatos imperiais montados ao seu redor pareciam zombar dele com

seus olhos escuros e vazios. *Imagine só*, pensou ele com o humor mais negro possível, *o resquício mais supremo do Império esteve bem aqui nesse escritório, e você nem sabia.*

Ransolm sabia que jamais superaria a repulsa que sentia ao ter, sem querer, confiado na filha de Darth Vader. Como ela poderia ter utilizado esses segredos contra ele? Ela ainda podia tentar, embora agora certamente lhe faltasse o poder político para realizar muita coisa. Ele continuava tentando descobrir por que ela o escolhera como alvo, por que ela havia fingido ser sua amiga.

Contudo, no centro da tempestade de raiva e traição que Ransolm sentia, uma imagem se recusava a minguar: a visão do rosto de Leia quando ele a denunciara.

Ele fitou os olhos dela quando falou. Ransolm nunca tivera a chance de fazer isso com Vader, então aproveitara a oportunidade para provar sua coragem. O tempo todo, enquanto os populistas proclamavam o heroísmo de Leia, ele visualizava aquele momento. Em sua imaginação, o sorriso de Leia se tornava desdenhoso quando ela empinava o queixo. Ele havia esperado que ela zombasse da ignorância dele e de todos os que tão tolamente acreditaram nela, segura no poder da escuridão que ela sem dúvida comandava.

Em vez disso, Leia apenas parecera pálida e miúda. Era fácil esquecer o quanto ela era pequena, dada a força de sua personalidade. Entretanto Ransolm a vira ali de pé, pálida e abalada, tão pequena que parecia que a cacofonia do Senado podia soprá-la para longe com a mesma facilidade com que o vento movia uma folha.

As entranhas de Ransolm se revoltaram de novo, mas seu estômago estava vazio. Assim que a ânsia passou, ele fechou os olhos e tentou não pensar. Não sentir. Ele tentou fingir que estava em uma galáxia onde não existiam Leia nem Vader.

Leia conseguiu chegar a seu gabinete sem ser despedaçada pela multidão. Sob aquelas circunstâncias, era uma vitória.

– Recuse todas as chamadas – ela disse para Greer, fingindo não reparar como Greer não a fitava nos olhos. – Não deixe que ninguém entre, a menos que seja alguém que eu conheça extremamente bem. Confio no seu julgamento. 3PO?

– Sim, vossa alteza? – Ele se aproximou arrastando os pés, ansioso para servir. Leia se sentia extremamente grata por seu rosto dourado e imutável, que jamais demonstraria desprezo ou nojo.

Ela disse:

– Prepare a holocâmera. Enviarei mensagens prioritárias muito em breve, e quero começar as gravações o mais rápido possível.

– Agora mesmo, vossa alteza. – C-3PO saiu apressado para trabalhar.

Korrie emergiu do depósito nos fundos, com o rosto evidentemente manchado de lágrimas. Com gentileza, Leia disse:

– Você não precisa ficar aqui se não quiser.

– É isso mesmo. Não preciso. – Korrie agarrou sua mochila e começou a jogar lá dentro tudo de sua escrivaninha, desordenadamente. – Porque eu me demito.

A ferroada fez Leia prender o fôlego. Assim que entrou em seu gabinete, ela se sentira... não a salvo, porque no momento ela duvidava que um dia se sentiria totalmente a salvo de novo... mas como se ao menos fosse estar cercada por amigos, não inimigos. Em vez disso, tinha que assistir a ainda mais gente de quem gostava virar as costas para ela.

Mas certamente as coisas não precisavam terminar em um tom tão terrível.

– Se isso vale de alguma coisa, Korrie, eu sinto muito por você ter descoberto desse jeito.

– Não sente, não. Você só sente muito que nós tenhamos descoberto, ponto final. – Ela fechou sua mochila, jogou-a por cima do ombro e acrescentou: – E só para constar, ninguém me chama de Korrie desde que eu era pequena. Meu nome é *Korr*. Você deveria ter me chamado assim.

Com isso, Korr Sella saiu pisando duro, desaparecendo na turba raivosa que ainda gritava e xingava.

– Minha nossa – disse C-3PO. – Se ela tivesse especificado que preferia um nome ao outro, é claro que eu teria garantido que ele fosse usado em nossos gabinetes.

Leia colocou uma das mãos em sua têmpora latejante, forçando-se a manter a compostura. Ela tinha mensagens a enviar, uma delas entre as mais importantes que enviaria na vida, e não podia se dar ao luxo de desmontar até que essa tarefa estivesse cumprida.

E depois disso... o quê? Leia não podia imaginar. Ela *não iria* imaginar. Simplesmente tinha que continuar colocando um pé diante do outro, sem nunca olhar muito adiante.

Assim que C-3PO preparou a holocâmara, Leia entrou em seu escritório e fechou a porta. O que ela estava prestes a dizer era profundamente pessoal, apesar de estar nos noticiários que naquele momento, sem dúvida, estavam disparando até as fronteiras do espaço conhecido. Ela precisava explicar a Ben que eles tinham escondido isso dele porque queriam encontrar o momento certo para contar. Ela percebeu que vinha se enganando. Luke também. Não existia momento certo para descobrir uma notícia tão devastadora assim...

A campainha da porta soou, e a voz de Greer veio através do alto-falante.

– Senadora, é Tai-Lin Garr para vê-la.

Tai-Lin era virtualmente a única pessoa com quem Leia julgava ser capaz de conversar naquele momento. Seu semblante sereno a confortaria tremendamente – a menos, é claro, que ele tivesse vindo para desfazer de forma permanente seus laços. De qualquer forma, Leia precisava saber, mesmo com o peso daquela mensagem ainda não enviada pendendo sobre ela.

– Mande-o entrar.

Quando a porta se abriu, Tai-Lin entrou, nem tão imperturbável quanto Leia esperara, nem tão indignado quanto ela temera.

– Leia. Como você está?

– Terrível. Mas obrigada por perguntar. Você deve ser a última pessoa na galáxia que ainda se importa. – Leia virou sua cadeira, afastando-se da holocâmera e na direção do pequeno sofá onde ele tinha se sentado. – Ou talvez eu esteja subestimando o Senado. Alguém lá me defendendo?

– Varish Vicly leu toda a passagem da constituição onde se declara que nenhuma pessoa deveria responder pelos crimes de um dos pais. Eu já propus uma moção ao partido todo dizendo que, independentemente de sua posição no Senado, nós lhe devemos nosso respeito e lealdade por suas realizações como indivíduo. – Tai-Lin fez uma pausa. – Ninguém mais teve tempo para formular uma resposta.

O que queria dizer que, entre os milhares de senadores, exatamente dois a haviam defendido. Aquilo era mais do que Leia esperava. Sob aquelas circunstâncias, tanto o discurso de Varish quanto a visita de Tai-Lin eram atos de grande coragem.

– Obrigada – disse ela. – Eu aprecio seu gesto mais do que posso dizer.

Tai-Lin balançou a cabeça, pesarosamente.

– Você devia ter contado a verdade a alguns de nós, Leia. Eu ou Varish, se não para mais alguém.

Leia gesticulou para a parede mais distante da suíte de seu escritório, através da qual ainda se podia ouvir o murmúrio raivoso da aglomeração lá fora.

– Imaginei que fosse óbvio por que eu não desejaria compartilhar essa notícia com a galáxia toda.

– Eu não falei da galáxia toda. Falei de seus amigos e aliados mais próximos no Senado. – Tai-Lin raramente dava broncas, o que tornava seu tom afiado e sutil mais difícil de suportar. – Ainda que sentisse a necessidade de guardar esse segredo, você jamais deveria ter permitido que a colocássemos como a nomeada dos populistas. Ao fazer isso, roubou nossa credibilidade. Não tenho certeza que qualquer candidato populista possa vencer agora.

Ela assentiu, deprimida.

– Tem razão. Eu sei que você tem razão. Mas isso ficou em segredo por tanto tempo. Acho que eu torcia para que pudesse continuar assim para sempre.

– Pelo seu bem, e o da galáxia, eu queria que tivesse continuado. – Tai-Lin se levantou para sair, mas pousou brevemente a mão larga sobre o ombro dela. – Você ainda tem amigos, Leia. Lembre-se disso.

– Obrigada – murmurou ela. Nada que Tai-Lin pudesse dizer a reconfortaria mais do que isso. E, no entanto, a ferida terrível dentro dela era vasta demais para ser curada, mesmo pela amizade.

Estranhamente, Leia sentia que deveria ter contado a Ransolm sobre o pai dela; seu cérebro sabia o que ele havia lhe feito, mas seu coração anestesiado pelo choque continuava a chamá-lo de amigo. A pessoa que a traía na tribuna do Senado parecia totalmente diferente daquele jovem exuberante que a resgatara em Bastatha. As pontes que eles tinham construído entre si haviam desabado, mas ela ainda sentia o impulso de pisar no ar onde elas anteriormente se estendiam.

Agora, porém, Leia não tinha mais ninguém com quem conversar. Sua mensagem para Ben teria

como objetivo confortá-lo, e não encontrar consolo para si mesma. Ela não podia nem enviar uma mensagem para Han. Ele ainda estaria no coração da rodada de revezamento subluz na Cinco Sabres, o que significava que estava isolado de qualquer contato. Han podia acabar sendo a última pessoa na galáxia a saber que o segredo dela tinha sido exposto; também não havia qualquer chance de que ele ouvisse isso dela. E naquele momento, ela também não suportaria mais falar no assunto. Mas sabia que ele também sofreria as consequências por ter se casado com a filha de Vader.

A porta sibilou ao abrir de novo, e dessa vez Greer surgiu, segurando o baú de lembranças de madeira nas mãos, sem graça.

– Eu fiz uma requisição, porque tudo isso legalmente é seu. Eles entregaram o baú mais rápido do que eu esperava.

Leia nem tinha pensado em recuperar seu baú de lembranças.

– Obrigada, Greer. Pela ajuda.

Greer depositou o baú sobre a escrivaninha de Leia, e então hesitou.

– Posso lhe fazer uma pergunta? Só uma?

Será que Greer agora sairia revoltada, assim como Korr Sella tinha feito? Leia se preparou.

– É claro.

– O capitão Solo sabe? Quando ele descobriu?

– Han sempre soube. Eu contei a ele no dia seguinte ao que descobri a verdade com Luke.

Greer assentiu – ainda cautelosa, mas não mais à beira de fugir.

As lembranças invadiam a cabeça de Leia outra vez, levando-a de volta à lua florestal de Endor no período após a tremenda celebração que marcou a vitória deles. Han a abraçara com muita ternura enquanto ambos descansavam sobre musgos macios; podiam sentir o perfume dos cedros e pinheiros ao redor deles. Quando ela lhe contara a história toda, estava apavorada que Han fosse abandoná-la de imediato. O romance deles era tão recente. No dia anterior, ele tinha se oferecido a recuar caso ela quisesse Luke em vez dele. Será que ele seria ainda mais rápido a ir embora quando descobrisse que ela era uma parte do próprio Vader?

Porém, Han não se encolhera nem uma vez. Ele simplesmente a embalou em seus braços, dando-lhe todo o conforto que podia. Se ao menos ela pudesse estar nos braços dele agora, talvez sentisse como se fosse possível suportar tudo o que estava acontecendo.

O baú de lembranças em sua escrivaninha parecia crescer a cada momento. Leia ficou de pé e gentilmente levantou a tampa, que rangeu. Embora sentisse uma pontada diante da visão de sua boneca e de outras lembranças, ela estendeu a mão para a caixa de música primeiro. Leia a abriu e imediatamente ouviu as notas da música: *Como um espelho, brilha a lua...*

Alderaan possuía uma lua por apenas um dia de sua existência. Quando a Estrela da Morte apareceu, as crianças pequenas devem ter olhado para o céu pasmas, acreditando que a lua de sua canção de ninar tinha vindo finalmente para o céu delas. Elas teriam sorrido para a lua, apontado seus

dedinhos minúsculos, cantado a canção. Leia fechou os olhos com força, tentando não imaginar a cena.

Aqueles a quem você amou, mas que se foram, aqueles que te deram proteção e abrigo...

A mensagem de Bail Organa recomeçou, desde o começo. Leia foi até o sofá mais próximo, afundando nele para ouvi-lo explicar tudo de novo. Às vezes ela tinha se perguntado como seu pai pudera esconder dela um segredo assim; ajudava saber que ele sempre pretendia lhe contar a verdade.

Suas palavras iniciais tinham sido tocadas no Senado, então Leia se concentrou no tom amoroso da voz dele e no simples conforto de ouvir seu pai falar mais uma vez. Contudo, em pouco tempo eles chegaram ao final da mensagem, as palavras que Ransolm Casterfo não compartilhara com o resto do Senado.

“Eu espero contar tudo isso a você pessoalmente”, disse a voz de Bail Organa. “Espero termos desfrutado de muitos outros anos felizes como uma família, que tenhamos visto o Império cair, e que tenhamos ido juntos encontrar o general Kenobi e seu irmão. Se for assim, essa gravação servirá apenas a um propósito. Você deve estar ouvindo após a minha morte, então que essa seja a minha chance para dizer mais uma vez o quanto eu te amo. Nenhuma outra filha jamais poderia ter me trazido mais alegria.”

Lágrimas surgiram nos olhos de Leia, mas ela as conteve. Se ela começasse a soluçar, não poderia mais ouvir a voz de seu pai.

Ele concluiu: “Por favor, saiba que meu amor por você, e o amor de sua mãe, vão durar muito além de nossas mortes. Estamos sempre com você, Leia. Em nossos maiores triunfos e nossos problemas mais sombrios, saiba sempre que estamos ao seu lado”.

Ela não pôde mais resistir. Finalmente, Leia colocou a cabeça sobre a escrivaninha e se permitiu chorar.



Um dia depois da revelação sobre a paternidade da princesa Leia na tribuna do Senado, Joph Seastriker e Greer Sonnel estavam no interior da *Espelho Brillhante*, esperando por ela. Nenhum dos dois fez contato visual entre si e, por um bom tempo, nenhum dos dois falou nada.

Finalmente, Joph disse:

– Eu não sei não.

Greer virou a cabeça na direção dele, uma mecha de cabelo preto caindo sobre seu ombro.

– Você não confia mais nela? Porque ela acabou se revelando a filha de Darth Vader?

– É esquisito. – Joph havia ouvido as histórias horripilantes dos malfeitos de Vader ao longo de sua vida. Sim, ele sabia que Darth Vader tinha existido de verdade; não era burro. No entanto, para Joph, Vader parecia quase como uma criatura folclórica das histórias contadas para assustar criancinhas para que elas não fugissem de casa. Ele mal podia compreender a ideia de Vader como um homem igual a qualquer outro, que devia ter se apaixonado em algum momento e gerado dois filhos.

Por outro lado, a história podia ser muito mais sombria.

– Você acha que Darth Vader atacou a rainha Amidala? – aventurou-se ele.

– Eu pensei nisso essa noite – disse Greer, em um tom carregado. – Mas não. Eu ajudei a senadora a pesquisar a rainha Amidala, então acessei alguns dados na noite passada. A rainha morreu antes que os primeiros registros de Vader aparecessem.

Então um homem chamado Anakin Skywalker tinha se tornado um cavaleiro Jedi, lutado corajosamente nas Guerras Clônicas, conquistado o amor de uma rainha senadora... e ainda assim, escolhera se tornar um monstro. Joph estremeceu.

Greer murmurou, quase para si mesma:

– O capitão Solo sempre soube. Ele sabia e se casou com ela mesmo assim. Se ele não deu as costas para ela, nós também não deveríamos.

Embora Joph não conhecesse Han Solo, muito menos tivesse sido orientado por ele como Greer, ele o idolatrava como herói a distância. Assim como virtualmente qualquer outro piloto que adorasse corridas. Mas a confiança de Solo em sua esposa não tranquilizava Joph tanto quanto o fazia com Greer. Qualquer um que tivesse visto Han Solo disputar uma corrida sabia que o sujeito adorava assumir riscos.

Grandes riscos. Riscos malucos. O tipo de coisa que matava outras pessoas.

A porta da *Espelho Brillhante* continuava aberta ao hangar, de modo que Joph e Greer podiam ouvir o leve estalar de uma solda e a conversa de pilotos e mecânicos que estavam por perto. Ele não havia

de fato notado esses ruídos até que, de repente, como se em uma deixa bem ensaiada, todos silenciaram.

A princesa Leia devia ter acabado de chegar.

Ele e Greer trocaram olhares antes de se levantarem. Joph colocou-se na postura padrão de descansar, com as mãos atrás das costas. Seu coração martelava como se os passos na rampa fossem os do próprio Darth Vader.

Mas aí a princesa Leia entrou na *Espelho Brilhante*. Sua palidez era chocante; de um dia para o outro, a pele de Leia parecia ter perdido a lividez, e estava tão branca quanto a calça e a jaqueta que vestia. Joph reparou, como não fizera antes, como o grisalho havia penetrado nos cabelos castanhos dela, e as linhas finas nos cantos de sua boca e seus olhos. Não era que ela parecesse mais velha, mas a poderosa vitalidade que sempre fizera parte dela parecia ter se esgotado durante a noite. Ele se perguntou se ela tinha sequer conseguido dormir. Provavelmente não.

Responda ao sofrimento com bondade – era o que suas mães sempre lhe haviam dito, um dos princípios que o povo de Gatalenta tentava seguir. Joph sempre achara aquele ditado banal e, na verdade, quase nunca pensava nele. Contudo, seu primeiro instinto agora era não o de rejeitar a princesa Leia, e sim ajudá-la e protegê-la.

– Tenente Seastriker. – A voz da princesa soava espessa e áspera, como se ela estivesse gripada. – Greer. Obrigada por terem vindo hoje. Eu... percebo que não deve ter sido fácil.

– É uma caminhada bem curta do alojamento para cá. – Joph manteve seu tom leve; todos eles sabiam a verdade que pendia sobre eles como uma nuvem tempestuosa, mas ele achou que reconhecê-la só deixaria todos deprimidos. – Cheguei aqui mais rápido até do que o costume. Sem problemas. Digo, sem problemas, madame.

A sombra de um sorriso passou pelo rosto de Leia.

– Tudo bem, então.

Greer disse:

– Estamos prontos para fazer o que for necessário, vossa alteza. Se estiver planejando... deixar Hosnian Prime, talvez viajar para se encontrar com o capitão Solo no sistema Theron, é só dizer.

– Digo o mesmo. – Todavia, Joph se perguntava se essa era uma promessa que ele podia manter. Ele tinha sido designado para trabalhar com a princesa Leia por seus oficiais superiores. Será que eles retirariam aquelas ordens agora?

A princesa Leia balançou a cabeça negativamente.

– Não vamos a lugar nenhum até depois de nossa viagem a Sibensko. Que, aliás, continua de pé, até onde me consta. Eu chamei vocês dois aqui hoje apenas para me certificar de que ambos continuam dispostos a assumir essa missão.

– É claro que estou, vossa alteza, mas... – Greer fez uma pausa, o olhar baixando para o chão por um instante antes de voltar a fixar a princesa Leia. – Tem certeza de que você pode participar da

missão? As consequências de tudo o que aconteceu... me perdoe, mas haverá consequências. Talvez este não seja o melhor momento.

– Rinnrivin Di está movimentando grandes quantidades de especiarias e uma quantia ainda maior de dinheiro pela galáxia, injetando tudo em mundos centristas – replicou a princesa Leia. Um pouco da luz havia retornado aos olhos dela. – Uma organização paramilitar começou a se armar e a se preparar para a guerra, e pode já ser a responsável por um ataque terrorista sobre o Senado Galáctico. O que está acontecendo comigo, pessoalmente, não vem ao caso. Temos que agir agora. Se este não é o momento ideal, bem, é o único de que dispomos.

– Sim, senhora. – Greer se aprumou, dissipando sua incerteza. – A *Espelho Brilhante* estará pronta para partir assim que a senhora avisar.

Joph acrescentou:

– E nós também.

– Eu sempre achei que poderia contar com vocês dois, mas isso é muito importante para mim, saber disso com certeza. – A voz de Leia soou como antes. Joph se perguntou se esta era a qualidade que lhe valera a lealdade de suas tropas durante a guerra contra o Império, a habilidade de seguir em frente mesmo diante do desastre. – Agora, se me dão licença, eu tenho alguns negócios inacabados para resolver.

Com isso, ela saiu. Mais uma vez, o silêncio a seguiu, mas Joph não prestou atenção. Ele e Greer continuariam ao lado da princesa, e ele pretendia se certificar de que isso era o bastante.

– Então, o que você acha que ela queria dizer com “negócios inacabados”? – perguntou ele para Greer.

Balançando a cabeça, Greer respondeu:

– Eu não desejaria ser Ransolm Casterfo neste momento.

Leia havia tomado a decisão correta ao convocar aquela reunião; Greer sabia disso. Ainda mais depois da mensagem que a princesa enviara para seu filho na noite anterior – só a Força sabia o que ela havia dito, mas seus olhos injetados eram testemunha das lágrimas que derramara. Por isso, não era de se espantar que ela precisasse se dar conta de que não estava totalmente sozinha. E fora bom para Greer também descobrir que Joph Seastriker as apoiaria – por trás de sua juventude e sua atitude atrevida, jazia o tipo de decência que podia combater a feiura do mundo. Em Pamarthe, essa espécie de qualidade era chamada de alicerce. Um guerreiro de alicerce era alguém cuja lealdade poderia sustentar todo um reino.

Contudo, durante a reunião não conseguira manter o foco nas coisas incrivelmente importantes que ocorriam ao seu redor. Era exaustivo para ela permanecer quieta e estável.

Assim que Joph deixou a *Espelho Brilhante*, Greer desabou no longo banco almofadado. Ela se deitou de lado, com os pés ainda roçando o chão e o rosto pressionado contra as almofadas, enquanto

lutava para acalmar sua respiração.

Ela não podia injetar de novo. Não tão já. A dra. Kalonia a alertara sobre confiar demais naquilo, e Greer sabia aonde a dependência levaria.

Mas de que outra forma ela poderia seguir em frente? As palavras da princesa ainda ressoavam na memória de Greer: *O que está acontecendo comigo, pessoalmente, não vem ao caso. Se este não é o momento ideal, bem, é o único de que dispomos.*

– Tudo bem – ela disse a si mesma. – Mais uma vez.

Ela se forçou a sentar, esperou a onda de tontura passar, depois ficou de pé. Quando saiu do hangar, alguns dos pilotos a ficaram observando, claramente ansiosos para discutir o que ela descobrira sobre a princesa Leia. Greer ignorou a todos. Por sorte, um transporte terrestre que passava pelo complexo estava indo no sentido da medbaia, e assim ela pegou uma carona por boa parte do caminho até lá.

Ela entrou e encontrou o lugar deserto, sem pacientes, e a dra. Kalonia de folga. Ótimo. O droide médico 2-1B virou seu torso meio azul, meio transparente para ela.

– Posso ajudá-la com sua doença ou ferimento?

– Sim, pode. – Greer se deitou em uma das macas. – Eu preciso de outra dose de soro de hadeira.

O 2-1B permaneceu parado. Seus circuitos se agitavam enquanto ele pensava.

– Você já excedeu os limites de uso sugeridos para o soro de hadeira.

– Mas não corro o risco de uma overdose, não é? Isso significa que você pode me medicar. – Ela enrolou a manga de seu macacão, expondo a dobra delicada de seu braço e a rede quase invisível de veias logo abaixo da pele acobreada.

– Eu posso administrar o soro, mas sou obrigado a adverti-la de que você agora está dentro do grupo com alto risco de sofrer intoxicação por hadeira.

– Eu sei. – Greer suspirou. – Acredite em mim, é impossível esquecer.

Às vezes, ela sofria espasmos dolorosos nos músculos das pernas durante a noite, que a faziam praguejar enquanto se balançava de um lado para o outro sobre o colchão. No dia anterior, quando todos estavam abalados pela revelação explosiva de Casterfo, a pulsação de Greer se acelerara muito além do normal para humanos, palpitando tanto que ela conseguia enxergar o movimento de suas veias por cima do tecido de sua camisa. Se ela ultrapassasse a linha que separava “dependência” de “intoxicação”, aqueles sintomas deixariam de ser apenas ocasionais incômodos e se tornariam constantes.

Mas se aquele fosse o preço de seguir em frente e continuar ao lado da princesa Leia enquanto durasse a missão, então Greer o pagaria.

Sem dúvida para a consternação da maioria dos membros do Senado, sem mencionar do grande público, Ransolm Casterfo se recusou a dar qualquer entrevista ou participar de qualquer reunião para

discutir as revelações sobre Leia Organa. Em vez disso, ele se ocupou com os outros trabalhos de um senador. Achava mais fácil se concentrar naquele tipo de coisa: ler a proposta de um novo sistema de purificação de água para naves da Nova República, ou pesquisar sobre restrições de vias de transporte antes do próximo debate sobre o tema. Quando recebia chamadas de lady Carise Sindian, do senador sênior de Coruscant ou outros oficiais de alto escalão, Ransolm simplesmente pedia a eles que deixassem mensagens para mais tarde. Ele não pretendia responder a nenhuma dessas chamadas por vários dias. Mas seus funcionários, consternados, ficavam lhe perguntando sobre cada uma delas e, depois de algum tempo, Ransolm não suportou mais a presença deles e lhes deu o resto do dia de folga. O droide podia dar conta do pouco serviço administrativo a ser feito, e ele preferia passar o dia sozinho.

Todos queriam que ele se estendesse sobre seu papel na derrubada da princesa Leia. Queriam que ele se levantasse, tomasse o crédito, e emergisse como o líder centrista que Ransolm há muito sonhava em ser. Até poucos meses antes, ele jamais pensaria em abrir mão de uma oportunidade de ouro como aquela para avançar na carreira.

No entanto, ele não tinha exposto a paternidade de Leia para ganho pessoal. Explorar a situação agora diminuiria seu ato.

Eu agi no interesse da verdade, ele disse a si mesmo enquanto encarava o esquema do sistema de purificação. Seu cérebro, no entanto, se recusava a ver qualquer sentido no emaranhado de canos e filtros. Muito tempo se passaria antes que qualquer um acreditasse que seus motivos tinham sido puros, se é que algum dia isso iria acontecer. Porém ele sabia disso em seu coração, e se agarrava a esse conhecimento como se ele fosse a única coisa a mantê-lo flutuando em um mar tempestuoso.

Na hora do almoço, Ransolm já estava focado o bastante para se concentrar no trabalho à sua frente. Ele mandou o droide buscar um pouco de comida ivarujari, que podia ser comida junto à escrivaninha, e estava resolutamente decifrando as especificações para os canos quando ouviu a campainha da porta, que se abriu sem nenhum comando seu.

E ele sabia, *simplesmente sabia*, quem seria seu próximo visitante.

Ransolm respirou fundo e se levantou, um instante antes de a princesa Leia entrar repentinamente em seu gabinete.

– O quê, sozinho?! Exceto pelo seu mausoléu imperial repugnante, claro. – Leia gesticulou para os artefatos ao seu redor. – Eu imaginei que você estivesse dando a festa do século, celebrando seu sucesso. Você fingiu ser meu amigo e então me traiu para toda a galáxia. Um golpe de mestre político. E aí, cadê o vinho?

– Fingir? Você está acusando *a mim* de fingir? – O horror e a náusea que Ransolm tentara controlar desde que ficara sabendo sobre Leia desapareceram em um instante, substituídos por pura fúria. – Você, que escondeu sua identidade verdadeira de todos por décadas?

– Esta é a minha verdadeira identidade! A pessoa que eu fui esse tempo todo, as batalhas que lutei,

o trabalho que fiz, essa é quem eu sou. Meu pai biológico não tem nada a ver com isso.

– Como podemos ter certeza? Como podemos confiar em qualquer coisa que você diga daqui por diante? – Ransolm tinha ficado acordado a noite toda, analisando o impacto que esse único fato crítico teria na interpretação da história dali por diante. – O Império descobria bases rebeldes várias e várias vezes. A Batalha de Endor quase foi perdida porque era tudo uma armadilha elaborada. Será que eles tinham uma fonte no alto escalão da Aliança Rebelde, uma filha que obedecia ao pai?

Os olhos de Leia se arregalaram, e por um instante Ransolm achou que ela fosse bater nele.

– Está me acusando de ser uma espiã? Você se esqueceu das partes em que eu quase morri com o resto da Rebelião durante essas batalhas? Se esqueceu, é mais burro do que eu pensava.

– Sim, você deve ter pensado que eu era um tolo. – As palavras eram amargas na boca de Ransolm. – Porque confiei em você tão depressa. Porque te contei as histórias mais pessoais e dolorosas da minha vida, sem nunca adivinhar que elas giravam em torno do seu pai.

– Apenas biologicamente – insistiu ela. – Meu pai *verdadeiro*, o único que eu conheci ou quis, foi Bail Organa, de Alderaan.

O que Organa podia estar pensando, adotando a descendência de alguém tão corrupto e monstruoso? Ransolm também se perguntara sobre aquilo, mas sabia que jamais seria capaz de imaginar a resposta.

– Bem, o próprio Bail Organa achava que essa conexão era importante, não é?

– Aquela foi uma mensagem gravada por amor. – A voz de Leia se partiu, mas apenas por um momento; a raiva eclipsava quase tudo mais dentro dela. – E você a usou contra mim. Como pôde? Nós éramos amigos, ou eu achava que éramos. Quando você descobriu, seja lá como, não lhe ocorreu vir até mim e perguntar pessoalmente?

– Por quê? Para você poder mentir para mim de novo? – Ransolm outra vez sentiu a fúria acumulada e inútil da criança que havia sido, assistindo Darth Vader estender a mão para estrangular outro prisioneiro indefeso. – Você sabia como eu odiava Vader! Sabia o que ele havia feito comigo! Como pôde guardar seu segredo, sabendo disso?

Leia balançou a cabeça, incrédula.

– O que Vader fez *com você*? Acha que isso pode começar a se comparar ao que Vader fez *comigo*? Ele me fez assistir à morte do meu planeta. Ele congelou Han em carbonita e o vendeu para Jabba, o Hutt. Ele decepou a mão do meu irmão e quase tirou a vida dele. E ele me torturou, Ransolm. Ele me torturou até me ver gritar, tremer, até eu pensar que morreria de tanta dor. Você se incomodou em perguntar a si mesmo como eu poderia me sentir, ao perceber que a pessoa que fez tudo isso comigo era o meu *pai*? Pode imaginar quão terrível é perceber que tudo o que você saberá de seu pai biológico é o quanto ele gostava de te fazer sofrer? É com isso que eu tenho que viver.

Ransolm presumira que Leia havia mentido não apenas sobre seu relacionamento com Darth Vader, mas também sobre seus sentimentos em relação a ele. Ficou chocado ao ver que a raiva dela era

real.

– Mais razão ainda para você ter me contado.

– Eu não tinha contado nem para o meu filho. Agora ele tem que descobrir do jeito mais horrível e público possível, tudo por sua causa. – As mãos de Leia estavam fechadas em punhos nas laterais do corpo. – Obviamente, eu superestimei nossa amizade. Mas você devia ter ao menos vindo até mim com essa informação antes. Ainda que sentisse que precisava divulgá-la aos gritos para o resto da galáxia, devia ter conversado comigo primeiro. Ter me dado uma chance de falar com meu filho. Nem mesmo por amizade, apenas por decência. Mas acho que você não pensou que eu merecia sequer isso.

– Você teve suas chances de falar com seu filho – insistiu Ransolm. – Ele não é mais uma criança, é? Você poderia ter dito a ele a qualquer momento antes disso. Acha que algum dia teria a coragem de contar a verdade?

– O que eu escondi de Ben foi para o bem dele, ou pelo que julguei ser o bem dele. Agora, jamais saberemos. Mas o que você me fez, fez para seu próprio benefício. Bem, meus parabéns, senador Casterfo. Que você possa desfrutar de todo o poder que comprou ao me trair. E continue condenando *a mim* como a herdeira do Império, enquanto se senta aí, rodeado por tudo isso. – Leia agarrou o capacete da Guarda Real da parede e o lançou na vitrine mais próxima; o vidro se despedaçou com um ruído enquanto estilhaços e lascas se espalhavam por todo o local. – Adeus, Casterfo. Que você consiga absolutamente tudo que merece na vida.

Ela se virou e saiu marchando, esbarrando o ombro no droide que retornara durante a discussão e se mantivera ali, mudo, do lado de fora da porta do escritório de Ransolm. O impacto fez a caixa com o almoço cair das mãos do droide, espalhando macarrão no carpete. Leia não reduziu seu passo. Um momento depois a porta se fechou, e ele sabia que ela havia partido.

– Senador Casterfo, o senhor está ileso? – O droide inclinou a cabeça.

– Estou bem – respondeu Ransolm, e suas palavras soaram tão automáticas quanto as do droide. Seu estômago vazio se revirou; o cheiro de comida no chão agora o enjoava.

– Posso chamar as equipes de reparo e limpeza. Se a senadora Organa causou o dano, ela pode ser reportada por ataque à propriedade e à pessoa de um senador...

– Não. Não faça isso. Nada de reportá-la, nada de equipe de reparos, nada. Eu cuido disso.

Mais do que tudo, Ransolm queria ficar sozinho, processar tudo o que ouvira nos últimos minutos. O droide hesitou, obviamente incapaz de compreender por que um ser humano recusaria serviços necessários, depois recuou para começar a limpar a comida esparramada. Ele se afastou o suficiente para que a porta se fechasse e selsasse Ransolm lá dentro novamente.

Por alguns segundos ele ficou simplesmente ali, tremendo com a adrenalina acumulada. Em seguida, quase entorpecido, ficou de joelhos e começou a apanhar o vidro estilhaçado. Contudo, ele segurou um dos cacos com mau jeito e uma pontada de dor penetrou sua pele. Ransolm levou o polegar à boca e sentiu o gosto de sangue.



As palavras do droide moderador ecoaram pela vasta câmara:

– O Senado reconhece a senadora Leia Organa.

Leia ficou de pé, sentindo o calor dos holofotes como não sentia há anos. Os aplausos do dia anterior perduravam apenas na memória. Naquele momento, seus colegas senadores a saudavam apenas com o silêncio pétreo e alguns chiados baixos que vinham do fundo. Ela pareceu não tê-los ouvido, também não reagiu aos milhares de rostos fitando-a, que exibiam apenas repulsa e descrença.

Aquela podia ser a última vez que ela se dirigia ao Senado Galáctico. Pelo bem de sua família, ela tinha que aproveitar essa oportunidade ao máximo.

– Eu venho diante de vocês hoje para retirar minha nomeação ao cargo de primeira-senadora. – Alguém a distância riu com desdém, mas Leia não deu atenção. – Isso é simples de executar: apenas dizendo essas palavras diante de todos vocês, eu já terminei com minha candidatura. Porém, estaria prestando um desserviço ao Senado Galáctico se não aproveitasse essa oportunidade para discutir as revelações de ontem sobre meu pai biológico. Os cidadãos da Nova República têm o direito de ouvir exatamente o que eu sabia e quando eu soube.

Ninguém se moveu. Até o ouvinte mais hostil desejaria descobrir cada detalhe. Leia podia não contar mais com o apoio deles, mas no mínimo tinha sua atenção.

– Eu sempre soube que havia sido adotada por Bail e Breha Organa, da casa real de Alderaan. Descreveram-me como uma órfã de guerra, uma história em que eu mesma acreditei até a idade adulta. Como vocês ouviram ontem, Bail Organa não compartilhou a verdade comigo quando eu era mais jovem e, infelizmente, a destruição de nosso mundo pelo Império significou que ele jamais teve a chance de falar sobre isso mais tarde. Meu irmão, o cavaleiro Jedi Luke Skywalker, foi o primeiro a descobrir que éramos gêmeos e que nosso pai era o homem que depois ficou conhecido como Darth Vader. – O nome de Vader pareceu lançar sombras no recinto. – Ele me contou isso no dia anterior à Batalha de Endor. Como podem imaginar, fiquei chocada. Horrorizada. Eu jamais teria adivinhado que a verdade por trás de meu nascimento pudesse ser tão trágica, ou que meu pai biológico pudesse ser um homem que eu tinha tantas razões pessoais para odiar. Meus esforços para aceitar esse fato se estenderam por muito tempo. Em um sentido muito real, eu ainda luto com esse conhecimento, e creio que sempre lutarei.

Sempre que ela conversava com Luke sobre o pai biológico deles, essa era a parte em que ele se recusava a usar o nome Darth Vader. *Ele era Anakin Skywalker quando se apaixonou por nossa mãe*, dizia Luke, tomando a mão dela gentilmente entre as dele. *E ele se tornou Anakin Skywalker outra vez na última hora de sua vida. Ele retornou do lado sombrio, Leia. Disseram que isso jamais podia ser feito, mas nosso*

pai voltou. Ele fez essa jornada por causa de seu amor por nós.

Leia acreditava em Luke. Ela podia sentir essa verdade dentro dele. Mas era muito difícil para ela encontrar consolo nisso da forma que Luke encontrava. Como Vader podia tê-la torturado sem piedade se ele tinha essa bondade dentro de si? Ele ainda tinha o poder de fazer a escolha certa e, em vez disso, escolhera fazê-la sofrer.

O Senado, é claro, não estaria receptivo a ouvir que Darth Vader não era mais tão mau um pouco antes de morrer. O simples ato de apresentar o assunto a transformaria em uma apologista e provavelmente faria com que fosse expulsa do prédio. Leia tinha que se ater às verdades que mais ajudariam a ela e a sua família.

– Como muitos sabem há muito tempo, e como vocês ouviram na gravação ontem, minha mãe biológica também é muito conhecida. Padmé Amidala Naberrie serviu ao planeta de Naboo primeiro como rainha, em seguida como senadora. Ela estava entre os poucos que se opuseram a Palpatine durante sua ascensão ao poder, uma das poucas pessoas que alertaram sobre os males que viriam. – Leia pensou nos holos que assistira de uma jovem delicada nos trajes de gala do trono de Naboo; elas tinham os mesmos olhos. Ela prosseguiu: – Minha mãe é tão parte de mim quanto meu pai. Sua coragem na carreira política sempre embasou meu próprio papel como senadora. E quanto ao meu pai... eu não posso pensar em nenhum exemplo mais poderoso dos perigos do poder total. É por isso que sempre me identifiquei como populista, por isso que sempre alertei contra a concentração de autoridade política, e até o motivo pelo qual concordei em concorrer ao cargo de primeira-senadora: para evitar que uma autoridade assim seja utilizada de forma tão virulenta de novo.

As pessoas a escutavam agora. Escutavam *de verdade*. Leia sabia que não havia reconquistado sua lealdade, mas achava que elas tinham reconhecido sua honestidade. Com sorte, quando Ben algum dia ouvisse isso, ele também entenderia.

Ela começou a respirar com mais facilidade. Por enquanto, pelo menos, o pior parecia ter passado.

E então o droide moderador disse:

– A tribuna reconhece lady Carise Sindian.

Telas e holofotes se moveram para revelar lady Carise, vestida com o exagero de sempre em um azul cintilante. Ela gesticulou para cima, como se na direção do espaço e da grande galáxia além deles.

– Em nome de meus colegas senadores, quero primeiro dizer que aprecio a honestidade da princesa Leia... por mais que seja tardia. Contudo, algo em seu discurso de hoje deu origem a outras preocupações, potencialmente mais perigosas. A princesa Leia falou de seu irmão, o famoso Luke Skywalker, que pouco foi visto na esfera pública em vários anos. Talvez sua alteza tenha aprendido virtudes com o exemplo de seu pai, mas podemos dizer o mesmo de seu irmão? Se ele usar a potência que dizem possuir na Força para o mal, como poderemos nos defender dele?

Leia estava preparada para vaias. Insultos. Até para que lançassem pedras ou frutas podres sobre

ela. Quaisquer ataques que pudesse lhe jogar, ela conseguiria resistir.

Mas não pôde aguentar que se voltassem contra Luke.

– Como ousa questioná-lo? – Leia sabia que sua voz soava muito afiada, muito aguda, mas seu temperamento a havia dominado. – Depois de tudo que Luke fez pela Rebelião e pela Nova República? Talvez lady Carise tenha se esquecido que foi ele quem destruiu a primeira Estrela da Morte, ou que ele foi o responsável por livrar a galáxia de Palpatine...

– É o que Skywalker diz. – Lady Carise exibiu seu sorriso de festa. – Mas nós temos apenas a palavra dele sobre o que aconteceu na segunda Estrela da Morte, e se a palavra dele não vale mais do que a sua valeu por essas últimas décadas... bem, vossa alteza, nós não sabemos em que acreditar.

Houve murmúrio, e o bochicho foi ficando mais alto a cada segundo. Leia sentiu o fôlego se prender em sua garganta. *Não, isso não, não permita que eles arrastem Luke para o meio disso também...*

– A tribuna reconhece Tai-Lin Garr – disse o droide moderador.

A mera atenção de Tai-Lin acalmou o recinto; às vezes Leia pensava que ele seria capaz de transformar um ciclone em uma brisa. Seu manto escarlate parecia um distintivo de cargo e ele era o único naquele dia, pensou Leia, que aparentava estar acima da disputa política.

– Primeiro, eu gostaria de dizer à honorável senadora Sindian de Arkanis que não temos nenhuma razão para questionar Luke Skywalker. – Tai-Lin deixou que seu tom grave, e não suas palavras, condenassem as insinuações de lady Carise. – Desde a Rebelião, Skywalker tem levado uma vida muito privada. Ele não pediu nada da Nova República ou de seus cidadãos, nem temos motivos justos para pedir dele nada além dos serviços substanciais que ele já prestou. Como a senadora Vicly de Loner nos lembrou ontem, a Nova República não culpa os filhos pelos pecados de seus pais, e agora não é o momento para começar a fazê-lo.

Leia respirou fundo, recuperando seu controle. Luke não tinha como escapar incólume disso, ninguém de sua família poderia, mas ao menos Tai-Lin impediria que uma inquisição senatorial tivesse início.

Tai-Lin prosseguiu:

– Em nome do partido populista, nós aceitamos a retirada da candidatura da senadora Leia Organa. Porém, eu gostaria de declarar que o histórico exemplar da senadora Organa permanece imaculado, e que ela detém minha amizade e meu apoio político.

De novo, nenhum aplauso, nem mesmo dos outros populistas, mas Leia podia sentir a tensão na sala diminuindo. Sem dúvida, ela permaneceria como *persona non grata* pela duração de seu mandato, e aquele não era o momento para questionar sua reeleição. Mas seu discurso e o de Tai-Lin haviam amainado um pouco a raiva do Senado.

Em vez de ser odiada, Leia seria ignorada. Ela supôs que eventualmente, acabaria grata por isso. Poderia ser pior.

O droide moderador disse:

– Resta um assunto relativo à senadora Organa no cronograma de eventos, a aprovação de uma breve licença de seus deveres.

Leia havia solicitado a licença semanas antes, para poder acobertar sua missão para Sibensko. A missão que ultrapassava sua autoridade senatorial e estava nos limites da legalidade.

A missão sobre a qual Ransolm Casterfo sabia tudo.

Ela evitara olhar para ele o dia todo, mas olhou agora. Ransolm sentava-se em seu lugar, vestindo um manto verde que não combinava em nada com a camisa e a calça azuis. Suas feições estavam tão lívidas que ele podia muito bem ser uma escultura de cera. Ele não estava olhando para seus monitores, para o droide moderador, ou para Leia. Parecia que fitava o vazio.

Um dos senadores centristas aproveitou a chance de ganhar atenção.

– Eu vejo que essas feriazinhas foram pedidas antes dos assuntos desagradáveis de que tratamos, mas queria ser o primeiro a dizer que essa ausência não poderia vir em um momento mais oportuno.

Outras vozes se elevaram, as pessoas tropeçavam umas nas outras para dizer que Leia deveria partir. Embora seus poucos defensores retratassem a licença como necessária para que ela se recuperasse, a maioria dos senadores parecia sentir como se precisassem esquecer de que algum dia já tinham estado perto dela. Leia não deu atenção a nada disso, focando apenas em Ransolm.

Ele disse que pediria uma licença de emergência depois que a minha fosse aprovada. Assim, evitaríamos suspeitas. Mas agora, ele está livre. Pode me denunciar, talvez me expulsar totalmente do Senado, e eu não tenho nem um traço de prova que ele planejou essa missão comigo. Leia podia ter xingado em voz alta. Agora, além de tudo o mais, Rinnrivin Di, Arliz Hadrassian e os guerreiros Amaxine saíam ilesos.

Ransolm, entretanto, não falou nada. Não demonstrou o menor sinal de estar ouvindo o debate. Seus olhos jamais se concentraram em Leia, nem por um instante.

Ela se deu conta do provável significado daquilo, mas não acreditou por completo até que sua licença foi aprovada e o Senado passou para outros assuntos: Ransolm pretendia deixar que ela fosse.

Naquela noite, quando todos se reuniram na *Espelho Brilhante* outra vez, Greer disse:

– Casterfo pode estar preparando uma armadilha. Esperando para enviar tropas da Nova República para nos pegar no ato.

– É uma possibilidade – admitiu a princesa Leia. Ela sentou-se em uma das cadeiras informalmente: sentada ao contrário, com os braços cruzados acima do encosto, e as pernas nas laterais. Greer nunca a havia visto se portar assim. A verdade era que a princesa parecia não estar nem aí...

– Ele pode fazer isso? – perguntou Joph. – Casterfo não poderia nos entregar sem admitir que tinha conhecimento prévio de nossa viagem. Como ele não nos entregou de imediato, isso o torna cúmplice ou algo assim. Certo?

– Qualquer político esperto conseguiria contornar isso, e ele não é burro. – O olhar da princesa

Leia voltou-se para seu interior. Isso normalmente queria dizer que ela estava pesando todas as possibilidades. – Porém, meus instintos me dizem que ele vai ficar quieto. Se fosse detonar a missão, ele o teria feito de imediato.

– Mas você não tem como ter certeza. – Greer se sentia profundamente desconfortável, até meio enjoada. Odiava a ideia de estar à mercê de Ransolm Casterfo.

A princesa Leia balançou a cabeça.

– Não, não temos. Temos que tentar para ver. Então, vamos parar de nos preocupar com o não tão honrado senador de Riosa e começar a trabalhar em nossa estratégia.

Greer concordou.

– Bem, o plano é bem básico. Joph e eu vamos nos vestir do mesmo jeito de quando fomos à Fortaleza de Cromo e levaremos nossa nave ferro-velho para Sibensko. Provavelmente, o motivo mais crível para você estar a bordo é se estiver viajando como trabalhadora forçada, e tiver pego a passagem mais barata possível em alguma tarefa para o seu chefe.

– Acho que consigo fazer isso. – A princesa Leia obviamente não se incomodava em viajar incógnita por algum tempo. – E 3PO?

– Vamos levar 3PO? – perguntou Joph, desanimado.

Aquilo lhe valeu um olhar penetrante da princesa.

– Vamos slicear o computador central. Essa não é a especialidade de 3PO, mas sua programação é mais do que adequada à tarefa. Há outros droides que poderíamos levar, mas prefiro manter o que eu conheço e confio.

Resignado, Joph disse:

– Certo, mas apesar de ser antigo, 3PO parece ser bom demais para estar com pilotos tão quebrados como nós supostamente somos.

Particularmente, Greer duvidava muito disso; C-3PO já era antiquado há décadas. Mas não era algo digno de discussão.

– Talvez ele possa viajar com a trabalhadora forçada. Ajudando-a a executar seja lá que tarefa seu chefe ordene, e ficando de olho nela também.

– Acho que nós podemos sujá-lo um pouco também. – Joph começou a gostar da ideia. – Acrescentar um pouco de poeira, alguns amassados aqui e ali. Isso ajudaria, certo?

– É um bom plano – disse a princesa Leia. – E você sabe que 3PO vai adorar se sujar.

Greer riu ao pensar no horror de C-3PO, mas até aquele pequeno movimento de sua cabeça a deixou um pouco tonta. Sua última dose a atingira em cheio, percebeu ela. O indicado seria tirar uma folga pelo resto do dia depois de um tratamento com o soro, mas ela tinha trabalho a fazer.

– Quando chegarmos lá, vamos emitir o código de acesso que recebemos quando pegamos esse trabalho. Isso nos levará para dentro de Sibensko. A partir daí, vamos ter que improvisar.

– Ah, ei, eu esqueci de mencionar, mas recebemos um novo pacote de dados dos satélites de

Ryloth hoje. – Joph parecia meio sem graça por não ter partilhado da notícia antes, mas Greer imaginou que fosse porque todos estavam muito enervados pelos problemas da princesa Leia. – Parece que Rinnrivin Di está fazendo uma de suas visitas a Sibensko agora mesmo. E então, é uma boa ou má notícia?

– Má se ele nos reconhecer, boa se não reconhecer. – A princesa Leia ficou de pé. – O que nos dá ainda mais motivos para trabalhar em nossos disfarces. Seja lá o que precisarem, se certifiquem de conseguir até às 0600 horas de amanhã. Entendido?

– Absolutamente – disse Greer. As dúvidas que ela sentira brevemente em relação à princesa Leia já lhe pareciam distantes e sem sentido. – Estamos prontos.

A princesa Leia assentiu e saiu da Nave. Joph apanhou um datapad próximo, procurando ansiosamente por algo, e então disse:

– Lembra-se de como a princesa nos contou da vez que ela se disfarçou de caçadora de recompensa? Vou tentar algo parecido. Até da mesma espécie.

– Deve funcionar. – Greer havia adquirido sua armadura há alguns dias. Ela se levantou para sair...

... e o mundo todo girou e oscilou, depois escureceu conforme desaparecia totalmente.

Joph mergulhou na direção de Greer tão rapidamente que conseguiu impedir sua queda até o chão. No mesmo instante, ele aninhou a cabeça dela em uma das mãos enquanto com a outra procurava seu comlink.

– Medbaia, emergência! Precisamos de assistência médica na *Espelho Brillhante* no hangar principal, número de registro 22061270. Repito, precisamos de um médico aqui imediatamente!

– Não – sussurrou Greer. Seu desmaio tinha durado apenas alguns segundos. – Está tudo bem.

– O diabo que está. Você quase esmagou a cara no chão, sabia? – Joph passou o braço livre por baixo dos joelhos dela, levantando-os de leve para que mais sangue fluísse para a cabeça. – Talvez não seja nada grave, mas você tem que checar isso.

Greer balançou a cabeça.

– Errado nas duas coisas, Seastriker.

Da prancha, veio o som de passos. Joph se virou para ver a dra. Harter Kalonia, com o medkit nas mãos e uma expressão gentil no rosto que contradizia suas palavras.

– Srta. Sonnel, quantas vezes vamos ter que conversar sobre os procedimentos adequados para um tratamento de soro de hadeira?

– Pelo menos mais uma – disse Greer, cansada.

A dra. Kalonia arqueou uma de suas sobrancelhas angulares.

– E aí você vai finalmente me ouvir?

–... provavelmente não. – Greer tentou sorrir.

A médica estalou a língua enquanto se ajoelhava ao lado de Greer. Ela não parecia estar com pressa para começar o tratamento; Joph se deu conta de que a dra. Kalonia concordava com Greer sobre aquela não ser uma emergência.

– Você andou visitando meu 2-1B escondida enquanto eu estava fora, não foi? Eu imaginei. Vejo que devo pedir à manutenção para instalar uma barra de contenção na medbaia. Enquanto isso, precisamos fazer um escaneamento do sangue para garantir que nada mais sério aconteça por causa da sua dosagem.

Greer levantou a manga e Joph viu um grupo de pequenas cicatrizes ao longo de suas veias.

– Claro.

Joph recuou para deixar a médica trabalhar. Assim que possível, ele procurou o datapad, removendo a imagem do caçador de recompensa Ubese e procurando por informações sobre o soro de hadeira. No mesmo instante a resposta surgiu e, conforme a luz da tela brincava sobre o rosto dele, Joph sentiu o choque atingi-lo com a força de um golpe.

– Bem – disse Greer. Ela estava no chão olhando para ele, sem dar atenção aos cuidados da dra. Kalonia. – Agora você sabe.

– Greer... você tem queimassangue?

– Fui diagnosticada três anos atrás. Agora você finalmente descobriu por que eu desisti das corridas.

Queimassangue era uma síndrome que às vezes atingia os viajantes do espaço, em especial aqueles que começavam a fazer voos extraorbitais ainda jovens, como Greer. Ninguém sabia exatamente o que causava a doença, mas a queimassangue ainda era rara o suficiente para que as pessoas não deixassem isso as impedir de voar. Porém, todo viajante espacial sabia que podia adquirir a doença: um dia, o próprio sangue da pessoa podia se voltar contra ela, gerando febres que lentamente iam aumentando de intensidade, até que finalmente seu cérebro fritasse e a pessoa morresse.

Soro de hadeira tratava queimassangue. Mas não a curava. Nenhuma cura tinha sido descoberta.

– Pronto, pronto. Já não está tão ruim. – A dra. Kalonia falava com suavidade agora. Ocorreu a Joph que a doutora também devia estar mantendo aquilo em segredo, porque Greer provavelmente nem teria permissão para pilotar a *Espelho Brillhante* em missões oficiais se o pessoal do alto escalão soubesse. Queimassangue era motivo de expulsão do serviço nos caças estelares, isso era certeza. – Você precisa de hidratação e descanso, srta. Sonnel. Pode ao menos tentar fazer isso?

Quando Greer aquiesceu, a doutora olhou para Joph, depois ficou de pé.

– Se eu a vir andando por aí amanhã, mocinha, vou ter que denunciá.

– Isso *se* a senhora me vir – acrescentou Greer.

Aquilo parecia ser uma piada antiga entre elas, porque a dra. Kalonia sorriu, marota.

– Sou muito boa em não ver coisas que eu não deveria ver, não é? – E com isso, guardou seu medkit embaixo de um braço e saiu da *Espelho Brillhante*.

Joph não conseguia enfiar aquilo na cabeça. Greer, que voava e lutava como uma piloto de corrida quanto tinha a oportunidade... Greer estava *morrendo*.

– Dizem que evitar esforço físico ajuda. – Greer fitava o teto. – Por isso eu parei com as corridas. Desisti de visitar minha casa, mesmo quando sentia tanta saudade que doía, porque, se não podia mais viver como uma guerreira de Pamarthe, qual era o sentido? O capitão Solo se sentiu tão mal quando eu recebi a notícia que perguntou à princesa Leia se ela tinha algum trabalho para mim aqui em Hosnian Prime. É por isso que ela me trouxe.

– Ah. – Joph estava anestesiado demais para dar uma resposta coerente.

Greer continuou:

– Ser a chefe de gabinete dela e voar a *Espelho Brillhante* de vez em quando... isso eu dou conta. Poderia ter quase que uma vida normal se me apegasse ao serviço de escritório e um cronograma regular. Se comer direito e me exercitar gentilmente. Mas você deve ter notado que as coisas ficaram um pouco mais animadas por aqui ultimamente.

– É por isso que a princesa Leia sempre quer que você fique na nave. – Peças do quebra-cabeça que Joph não havia reconhecido antes começavam a se encaixar, revelando a imagem toda. – É por isso que ela te dá uma chance de recuar, toda vez.

– Eu digo a ela que conheço meus limites. – A expressão de Greer se tornou pesarosa. – Ela acredita em mim. E você, não vá contar nada de diferente a ela.

– Greer, o que é isso? – Joph se sentou no chão perto dela. – Essa missão é dez vezes mais perigosa para você do que para o resto de nós.

– Eu dou conta. Eu vou ficar na nave, lembra?

E se você desabar no meio de tudo? O que acontece? Joph podia pensar em mais uma dúzia de objeções, mas não conseguiu se forçar a discutir com Greer enquanto ela jazia ali, ainda debilitada. Ainda morrendo.

– Você vai dormir um pouco, certo? – Joph tentou se lembrar de tudo o que a dra. Kalonia dissera. – E você precisa de, hum, hidratação. Vou te levar até seu alojamento, deixar você dormir e beber o máximo de água que puder...

– Eu vou. Juro. Afinal, preciso estar em forma para meu grande dia amanhã.

Greer se sentou lentamente. Joph não conseguia olhar nos olhos dela. Apoiou os braços contra os joelhos e mordeu o lábio.

Mas não enganou Greer.

– Ah, Joph. Não.

– Eu não consigo evitar. – Chorar abertamente era considerado uma virtude em Gatalenta, prova de um coração solidário. Joph havia aprendido que o resto da galáxia preferia que as pessoas se controlassem, e ficara muito bom nisso, mas também tinha seus limites. – É só que, sabe, você é ótima. E isso não deveria estar acontecendo. Não é justo.

A expressão dela desabou.

– Sabe, obrigada por dizer isso. Ninguém disse antes, mas *não é justo*. Não é.

Joph não sabia qual dos dois abraçara o outro primeiro, mas eles se enlaçaram por tanto tempo que não importava.

Quando ele achou que podia perder totalmente a compostura, Greer o soltou, recuou, e deu-lhe um soco de brincadeira no ombro.

– Essa é a última vez que você vai sentir pena de mim. *Para sempre*. – O sorriso dela oscilou, mas sua voz se fortalecia a cada palavra. – Entendeu?

A piedade mataria Greer mais depressa do que qualquer doença ou intoxicação por soro. E era a única dor da qual ele podia protegê-la.

– Entendi.

Na manhã seguinte, Leia se postou diante da holocâmera em seu apartamento. Ela vestia um macacão preto simples; haveria tempo para colocar o resto do disfarce esfarrapado depois que estivesse a bordo da nave ferro-velho, onde ninguém em Hosnian Prime pudesse vê-la. Através das janelas, o céu noturno mal começava a clarear com a aurora.

Ela respirou fundo e começou.

– Han, sou eu. Quando você receber essa mensagem, eu terei deixado Hosnian Prime para me esconder e contemplar minha desgraça, segundo pensa o resto do mundo.

Leia já conseguia ser sarcástica quanto a sua má sorte. Ela despejara seu coração em uma mensagem mais sentimental no dia anterior, uma mensagem tão cheia de sofrimento que ela hesitara antes de enviar, mesmo para seu próprio marido. Mas se ela não podia contar com Han para ajudá-la a atravessar aquele momento, ao menos podia contar a ele como se sentia. E isso significava poder se concentrar em outras coisas naquela manhã.

– Eu não estou saindo em um período sabático. O que o resto do Senado não sabe é que eu vou viajar para Sibensko, como parte do “projeto” que nós já discutimos. Sibensko pode ser um local perigoso, eu sei, mas não se preocupe. Não estou indo sozinha, e sei o que estou fazendo.

Leia falou e falou com o vazio, sem saber quando ou se as pessoas que mais amava a ouviriam. Ela sabia por que as coisas eram daquele jeito, mas nunca antes sua separação de Han, Ben e Luke fora tão difícil de suportar. Apenas uma vez na vida se sentira tão solitária – sem seu pai, ou seus colegas da Rebelião, ou Mon Mothma, ou esses três homens que amava tanto, para apoiá-la. E isso havia sido na Estrela da Morte, após a destruição de Alderaan.

Luke e Han a tinham salvado naquela época. Agora, ela teria que se erguer sozinha.

Leia sorriu para a holocâmera, tentando visualizar o rosto do marido. Se a missão para Sibensko desse errado, suas próximas palavras poderiam ser as últimas que Han a ouviria dizer. A primeira vez em que precisara se perguntar o que fazer em uma situação assim tinha sido na Cidade das Nuvens, e

ela dissera então a mesma coisa que disse agora:

– Eu te amo.

Em seguida, desligou a holocâmera, jogou a bolsa por sobre o ombro e saiu de seu apartamento, rumo ao perigo.

Estranhamente, ela sentia como se correr perigo lhe trouxesse a sensação de que estava finalmente em casa.



A nave ferro-velho se aproximou abaixo do eixo sul de Sibensko. Estendendo-se em todas as direções, até onde o olho enxergava, não havia nada além de água escura e agitada.

– Estamos completamente certos de que essas são as coordenadas corretas? – C-3PO estava irritado desde que o sujaram, e Leia achava graça que o humor dele só tivesse piorado daquele ponto em diante. – Rinnrivin Di e seus associados são pessoas um tanto quanto baixas, exatamente o tipo de gente que nos enviaria na direção errada.

– Eles podem ser marginais – retrucou Leia –, mas são marginais que querem que o serviço seja feito. Esse tem que ser o lugar. Pronto, Greer?

Greer usava uma armadura mandaloriana completa em cinza e preto; o capacete pendia em um gancho no fundo da nave, esperando para ser vestido.

– Enviando os códigos agora.

A voz de Joph soou aguda e metálica de dentro da máscara de caçador de recompensas Ubese.

– Então, como fazemos para entrar em uma cidade submarina?

Leia puxou seu manto esfarrapado mais para junto do corpo.

– Vamos torcer para descobrirmos em breve.

A unidade de comunicação no console principal explodiu em estática, e então uma voz grave disse:

– Códigos confirmados. Prepare-se para aterrissar.

– Como é que vamos aterrissar sem terra? – resmungou Joph.

Contudo, enquanto ele falava, as águas se agitaram. Das profundezas emergiu uma ampla plataforma circular, cercada por faixas vermelhas. Greer aproximou a nave com agilidade, guinando e aterrissando com tanta leveza que Leia mal sentiu o impacto dos rotores. No momento em que tocaram o piso, as faixas vermelhas na circunferência da plataforma reluziram e o ar em torno deles assumiu o brilho estranho e iridescente de um campo de força.

Em seguida a plataforma voltou a afundar sob o mar, e o campo de força manteve a água a distância. Em poucos momentos, eles estavam mergulhando a profundidades quase intocadas pela luz do sol lá de cima. No oceano turvo, Leia captou vislumbres de movimento – enormes criaturas marinhas em nada constrangidas pela atividade em Sibensko; talvez já estivessem acostumadas. Para elas, supôs Leia, todos os contrabandistas e ladrões que vinham àquele lugar eram apenas uma parte pequena e irrelevante no vasto oceano.

– Aí vem – disse Greer.

Debaixo deles flutuou o que à primeira vista pareceu uma nuvem de luz verde. Conforme a

embarcação se aproximava, a luz tomava forma, revelando-se algo como um labirinto de vidro. Tubos e túneis conectavam domos submarinos, encrespados de algas, mas ainda cintilantes. Leia olhou para baixo e viu imensas placas mecanizadas se abrirem como uma flor desabrochando, cercado-os.

A plataforma terminou sua descida com um pequeno tremor e um impacto. As placas voltaram a se erguer, fechando-se em um domo seguro, e então bombas de água começaram a rugir. Enquanto Leia assistia, o nível da água desceu até que restassem apenas algumas poças no chão.

– Níveis atmosféricos do exterior normalizados. – Greer levantou o olhar de seu console e sorriu. – Entramos.

Joph mal podia se conter.

– Certo, eu sei que essas pessoas são a escória, mas tenho que admitir: isso é incrível.

– Criminosos podem ser tão engenhosos quanto o resto de nós. Até mais, às vezes. – Leia puxou o capuz de seu manto, depois um véu fino sobre o nariz e a boca. Ela pensou que isso ajudaria a esconder sua identidade, embora o manto fosse tão surrado que poucas pessoas lhe dariam mais do que um olhar de soslaio. – Mas tenho que admitir, essa instalação é muito maior e mais sofisticada do que eu esperava. Os Hutts poderiam financiar algo assim no auge de sua organização contrabandista, mas praticamente mais ninguém conseguiria fazer isso.

– O local foi dramaticamente expandido, pelo que sabemos. Hoje é quatro vezes maior do que costumava ser. – Greer procurou seu capacete. – Rinnrivin Di claramente não conseguiu isso tudo em apenas alguns anos?

Ela tinha razão. Leia se deu conta de que aquele posto avançado era maior do que qualquer dinheiro criminoso. Apesar da possibilidade de os Hutts construírem algo tão extravagante, teriam se incomodado em fazê-lo? O próprio Jabba tinha se contentado em construir seu palácio em um mundo tão obscuro e tedioso quanto Tatooine. Seja lá quem tivesse construído aquele lugar, possuía bolsos fundos e ambições elevadas. *Os únicos grupos que constroem nessa escala, pensou ela, são governos. Ou pretensos governos.*

Talvez os guerreiros Amaxine não estejam tão distantes e fronteiros quanto eu pensava.

– Primeiro o mais importante – disse ela, meio que para si mesma. – Vamos encontrar Rinnrivin Di. – Os dados de satélite haviam mostrado apenas em que planeta ele estava; ela queria saber a localização com precisão de milímetros.

Joph se voltou para ela.

– Eu estava me perguntando como faremos isso.

– Fácil. – Leia retirou o localizador do bolso de seu manto e o ativou; de fato, em alguns segundos um sensor começou a piscar. – Ele não está muito longe. Um quilômetro, talvez dois?

– Você colocou um localizador nele? – perguntou Joph. – Como foi que conseguiu?

– Na primeira vez em que Rinnrivin Di e eu nos encontramos, ele me deu um certo holocubo muito importante para ele. – Leia pensou outra vez na pequena imagem dela mesma mais jovem,

aparentemente vulnerável, na verdade se preparando para cometer um assassinato. – Eu inseri um rastreador microscópico no cubo, depois o devolvi para ele. É um dos itens mais valorizados por Rinnrivin Di. Eu sabia que se um dia ele o recebesse de volta, nunca mais o deixaria sair de vista.

– Mas o localizador só nos diz onde está o holocubo – apontou Greer. – Não onde está Rinnrivin. Leia assentiu.

– Verdade. Ele pode mantê-lo em uma nave ou em seus alojamentos. Ainda assim, se não o encontrarmos pessoalmente, pelo menos saberemos qual o lugar para onde ele certamente retornará. Se pudermos gravá-lo por aqui, lidando com qualquer um que possamos conectar aos guerreiros Amaxine, então poderemos entender muito melhor a ligação de seu cartel com o grupo paramilitar.

– O que a deixou tão certa de que ele nunca abriria mão do holocubo? – perguntou Joph.

Ela se permitiu um momento para desfrutar da lembrança dos engulhos desesperados de Jabba antes de ele morrer.

– Eu tinha certeza. Vamos deixar por isso mesmo.

Greer colocou o capacete na cabeça e, quando falou de novo, sua voz soou levemente metálica.

– A porta está se abrindo. Vamos sair daqui e trabalhar como dois pilotos desesperados pela próxima refeição.

– Pode deixar. – Joph bateu uma palma enluvada contra a outra.

– Temos certeza total de que isso é seguro? – perguntou C-3PO, reclamando. Ninguém lhe deu atenção alguma.

Greer foi na frente, com Joph poucos passos atrás. Embora isso fosse bom para manter as aparências, ela suspeitava que ele estava tão perto para o caso de ela desmaiar outra vez.

Uma parte dela estava um pouco irritada pela sua preocupação. A maior parte, todavia, estava emocionada. Ela contara a pouquíssimas pessoas sobre sua condição exatamente porque não queria ser tratada como um bibelô delicado que podia se despedaçar ao menor toque. O capitão Solo e a princesa Leia sabiam que não deviam fazer isso, o que queria dizer que Joph era a primeira pessoa a rodeá-la de modo tão protetor. E ela achava isso um tanto meigo.

No momento, contudo, eles não precisavam de nada que fosse “meigo”. Precisavam passar a impressão de serem firmes, prontos para qualquer coisa. Ela caminhou mais à frente de Joph, tomando a liderança. Naquele exato momento, um homem em um macacão preto os cumprimentou. Sua barba e cabelo desmazelados não disfarçavam a perspicácia e hostilidade nos olhos.

Greer se lembrava daquele macacão. Era idêntico aos usados pelos guerreiros Amaxine em Daxam IV.

– Bem-vindos a Sibensko – disse ele com uma mesura, sua polidez elaborada era um tanto zombeteira – Preciso dos códigos de vocês agora.

Fingindo exasperação, Greer apanhou seu datapad e enviou-lhe o código. *Vamos lá*, pensou ela.

Vamos lá.

Ele assentiu, satisfeito.

– Muito bem. Estávamos esperando por vocês. Meu nome é Padric; vou guiá-los pela retirada e transferência. – A atenção de Padric se voltou para o droide e a figura encapuzada atrás deles. – Nós contratamos dois. Por que vieram quatro?

– Ela é uma forçada que apanhamos em troca de mais alguns créditos. O droide a mantém sob controle, garante que ela vai cumprir as ordens de seu mestre. Eu tenho os códigos da escritura dela se precisar vê-los. – Greer encontrara um conjunto verdadeiro de escritura de uma mulher que quase correspondia à princesa Leia em idade e altura, mas que recentemente havia sido liberta.

E de fato, depois de outro instante, Padric relaxou um pouco.

– Certo. Mas ela e o droide permanecem apenas em áreas públicas. Eles não devem participar do trabalho de vocês aqui em nada. Entendido?

– Entendido – disse Greer. – Nossa passageira não vai fazer nenhuma pergunta. – Atrás dela, aparentemente sentindo a necessidade de atuar um pouco naquele drama, Joph aquiesceu. Ela se virou para a princesa e C-3PO, inclinando a cabeça brevemente antes de seguir Padric, acompanhada por Joph, para fora da estação de ancoragem, entrando em Sibensko propriamente dito.

Os túneis eram ainda mais impressionantes vistos de seu interior. Seguros por arcos e suportes elaborados, eles esculpam enormes espaços dentro da água. Uma multidão quase tão grosseira quanto aquela da Fortaleza de Cromo se misturava ali, evidentemente confortável com a distância de qualquer autoridade legítima. Greer até vislumbrou um jovem Hutt deslizando a distância, desolado.

– Vamos carregar a sua carga o mais depressa possível – disse Padric, enquanto caminhavam tão rápido que Joph praticamente tinha que trotar para acompanhá-lo. – O que, na verdade, vai levar algum tempo. Você sabe como são as cargas delicadas.

– Claro. – Greer não gostava nada do que estava ouvindo. A que ele se referia como “carga delicada”? Certamente, não escravos...

– Assim que a nave estiver carregada, você partirá para se encontrar com seus contatos no ponto de destino e ajudará a transferir a carga para eles. Só isso. Serviço feito. – Padric tinha um sorriso sebo. – Mas se eu fosse você, sairia do mundo bem depressinha.

– Normalmente faço isso – confirmou Greer, enquanto saíam dos corredores principais e passavam por uma porta segura que Padric abriu com uma chave de sinal transdérmico implantada no pulso. – Não vale a pena se demorar depois de um serviço.

– Com uma atitude assim, você não vai ficar sem dinheiro por muito tempo. – Padric disse isso com aprovação sincera. – Você é uma batalhadora. Vamos precisar de gente assim, depois que as coisas mudarem.

Greer se virou para ele.

– O que você quer dizer?

– Você vai ver. Todo mundo vai ver, muito em breve.

Padric digitou um código elaborado, e outra porta se abriu em uma câmara interior pequena. Greer ficou grata pelo capacete que usava, pois ele escondeu o choque em seu rosto ante a visão de detonadores térmicos – *milhares deles* – todos empilhados em paletes, prontos para o transporte.

A voz dela permaneceu estável enquanto dizia:

– Entendo o que você quis dizer sobre carga delicada.

Presunçoso, Padric assentiu.

– Exatamente.

– Vamos carregar sem pressa. – Greer disse isso para Joph, que ficara imóvel a ponto de ela achar que ainda estava em choque. Ela se voltou para Padric. – E então, para onde isso vai?

O sorriso de Padric se ampliou.

– Direto para Hosnian Prime.

Através do espesso capuz de seu manto, Leia observou os túneis altos e arqueados de Sibensko. A vastidão do vidro, ou seja lá qual material tivesse sido usado ali, se estendia por distâncias enormes, muito maiores do que ela julgava seguro.

Pelo menos uma vez, ela e C-3PO estavam de acordo.

– É um espanto que essa cidade inteira não tenha se desfeito completamente sob o peso da água – disse o droide.

Os olhos aguçados dela perceberam os detalhes que revelavam que alguns dos arcos eram mais do que arcos.

– Olhe lá no alto. Está vendo o mecanismo escondido na estrutura? Eles instalaram portas à prova d'água, provavelmente a cada centena de metros. Esse lugar é reforçado contra um colapso dos túneis.

C-3PO pareceu se animar.

– Isso é muito tranquilizante.

– Talvez – disse Leia. – Embora eu me pergunte sobre a força dos suportes aqui embaixo. – A junção central parecia ser unida em apenas um ponto, capaz de suportar o peso, mas também de falhar. – Talvez os gênios do crime não sejam os arquitetos mais cautelosos do mundo.

– Ah, minha nossa.

Juntos, ela e C-3PO abriam caminho pelo labirinto tortuoso de Sibensko. Leia passava sem ser reconhecida, o que era ao mesmo tempo um alívio e uma sensação desconhecida. Terminais de computador forravam muitos corredores, e estações de ligação eram quase tão comuns quanto os bares. No entanto, o trabalho que precisava fazer exigia um terminal conectado ao computador central de Sibensko, o que nenhuma dessas configurações comerciais podia oferecer.

Ela começou a entrar e sair de várias lojas, procurando por algum lojista preguiçoso ou uma porta destrancada. Ninguém prestava nenhuma atenção a ela, mas isso não lhe valeria de nada se não

conseguisse encontrar uma abertura.

Finalmente, ela e C-3PO chegaram a uma cantina lotada onde os donos pareciam estar tão bêbados quanto a clientela. Leia comprou uma cerveja, segurou-a por um longo tempo enquanto só tomava alguns golinhos, e lentamente foi seguindo cada vez mais para dentro. C-3PO zelosamente seguia logo atrás. Quando alguém ligou o holo de uma luta ubardiana no óleo, levando a uma onda de comemoração, ela usou a distração para entrar na sala dos fundos.

– Até que enfim! – Leia empurrou o capuz de seu robe para trás enquanto ligava o computador da casa. – 3PO, consegue entrar nisso?

– É de se esperar que sim – disse ele, muito empertigado. – Parece ser um sistema um tanto primitivo.

– Espero que o sistema de segurança seja igualmente primitivo.

Leia estava apostando que a segurança externa extremamente rígida de Sibensko fosse compensada com um sistema interno menos seguro. Por que se preocupar com intrusos, quando cada pessoa no planeta tinha que providenciar códigos aprovados para aterrissar? Esse era o tipo de suposição que um mafioso arrogante faria. Até Jabba abria as portas de seu palácio para cada um deles, tanto tempo atrás.

Mas inteligências artificiais às vezes tinham suas próprias ideias.

– Minha nossa – disse C-3PO, enquanto interagia com o sistema de Sibensko. – Que retrógrado. Ele quer tentar uma transferência de dados objetivos.

Transferências de dados objetivos tinham seu lugar em segurança, mas no momento Leia não tinha nenhum ponto para onde transferir a informação. Por que não pensara em trazer algo assim?

– Você não pode convencê-lo a compartilhar os dados diretamente?

– *Estou tentando.* – C-3PO balançou a cabeça, incrédulo. – O sistema não é invulnerável, mas devo dizer, é incrivelmente teimoso.

Leia se segurou para não bater a cabeça contra a parede mais próxima.

– Continue tentando.

Levou algum tempo – tanto que o coração dela começou a martelar loucamente com o suspense –, mas, no final, C-3PO convenceu o sistema a se abrir. Em minutos, o droide havia ultrapassado os poucos bloqueios à informação e estava conversando profundamente com o computador central.

– Estamos procurando por qualquer informação sobre os guerreiros Amaxine – instou ela. – Qualquer ligação entre eles e o cartel de Rinnrivin Di.

– Sim, vossa alteza. Acredito que esses dados estejam prontamente disponíveis, mas agora que estamos conversando, o processador central se revelou um tanto tagarela. Ele não teve ninguém com quem conversar por muito tempo.

Leia se sentiu vagamente culpada ao se lembrar de que as personalidades dos droides eram mais do que apenas peculiaridades coloquiais programadas. O processador central de um computador

podia se sentir solitário. C-3PO podia sentir pena dele.

Porém, aquela era uma questão para outro dia.

– Baixe tudo o que puder, 3PO. Precisamos de todas as evidências em que conseguirmos colocar as mãos.

C-3PO obteve registros bancários extensos provando que os guerreiros Amaxine, ou a entidade sem nome por trás dos guerreiros Amaxine, haviam fornecido bilhões de créditos em capital inicial para Rinnrivin Di, sete anos antes. Só então o cartel dele havia passado de um jogador menor para uma das maiores potências contrabandistas. O nome de Arliz Hadrassian surgiu diversas vezes, e C-3PO registrou cada uma delas. Mais importante ainda, ele encontrou elos que podiam ser seguidos mais tarde, e que poderiam ligar o financiamento de Rinnrivin a fontes anônimas nos mundos centristas.

Será que estão planejando um programa extenso de militarização?, perguntou-se Leia. *Se for isso, os guerreiros Amaxine podem ser apenas um teste. Uma sugestão do que virá por aí.* Entretanto, ela ainda resistia à ideia de que a coalizão centrista de planetas desejava a guerra. Certamente ninguém que sobrevivera às guerras contra o Império desejaria pegar em armas outra vez...

– Minha nossa – disse C-3PO. – Bem, isso foi inesperado.

Leia se voltou para ele.

– O quê?

– O processador central do computador está muito irritado por causa de uma área abaixo da cidade propriamente dita – confidenciou ele. – É bem grande, com quase tantos quilômetros quanto a cidade. E parece ser usada exclusivamente pelos Amaxines.

– Mostre-me o esquema.

C-3PO mostrou, e Leia ficou boquiaberta enquanto absorvia a pura escala do que haviam descoberto. Sua mente começou a fazer os cálculos. Uma área tão vasta assim não podia ser reservada para meras reuniões. Nem mesmo para uma arena de treinamento.

Aquele era um espaço grande o bastante para conter um exército.

– O computador sabe dizer o que está estocado lá embaixo? – perguntou Leia.

– Caças estelares, algumas naves de transporte, e... oh, puxa... um número bem grande de armamentos. – C-3PO girou a cabeça para ela. – Talvez devêssemos ter trazido uma escolta militar.

Ela pegou seu comlink seguro.

– Vocês estão aí? Sinalizem de volta se puderem.

Depois de um momento, Joph Seastriker respondeu. Sua voz filtrada pelo capacete se reduzia a um sussurro.

– Estamos aqui. Greer está terminando o carregamento que, aliás, é explosivo. Literal e figurativamente.

Leia fez uma careta.

– Então fico contente por sermos nós que os pegamos. Como está o seu cronograma?

– Acho que estaremos totalmente carregados muito em breve. Os hoverdroides estão trazendo as últimas caixas agora – disse Joph. – E vocês?

– Temos tudo de que precisamos para acabar com os guerreiros Amaxine e Rinnrivin Di. Mas também descobrimos que Sibensko funciona como uma base militar. Não podemos ir embora daqui sem investigar. – Ela havia acabado de resolver aquilo. – Vou enviar 3PO de volta para vocês com os dados. Enquanto isso, vou descer para ver o que os guerreiros Amaxine estão realmente aprontando. Talvez possa arranjar algumas imagens para que possamos utilizar como evidência adicional.

– Você não deveria ir sozinha – disse Joph, com uma firmeza inesperada. – Espere, e eu ou Greer vamos até onde você está. Aí poderemos investigar juntos.

– Não vão não, tenente. – Pelo visto, o rapaz precisava ser lembrado de quem tinha o cargo mais alto por ali. – Eu sei que essa parte é arriscada. Gente a mais não vai torná-la mais segura. Vamos apenas colocar mais vidas em risco.

Resignado, Joph disse apenas:

– Esperamos partir dentro de uma hora.

– E vocês vão partir, com ou sem mim. – Leia respirou fundo. – 3PO vai encontrá-los em breve.

Retirem-no de Sibensko a qualquer custo. Nada é mais importante do que levar esses dados ao Senado Galáctico. – *Nem mesmo minha vida.*

C-3PO, contudo, não podia imaginar isso.

– Mas princesa Leia! Eu não poderia abandoná-la aqui!

– Você pode e você o fará, porque é uma ordem. – Ela pousou a mão sobre seu ombro metálico, lembrando-se do quanto gostava do droide. – Você é a chave para demolir tudo isso, 3PO. Você, e mais ninguém. Essa é uma das missões mais críticas que você já teve desde que escapou com R2 com as plantas da primeira Estrela da Morte. Você compreende?

Como sempre, apelar para o senso de importância de C-3PO era o truque.

– É claro, vossa alteza. Pode ter certeza de que eu vou garantir que essa informação alcance as pessoas certas.

– Obrigada, 3PO. – Leia olhou para a cantina; as pessoas ainda estavam amontoadas ao redor dos holos de luta, sem prestar atenção aos fundos do bar. – Agora, saia daqui. Vá até Greer e Joph assim que puder.

Ela continuou no lugar pelo que lhe pareceu um longo tempo após C-3PO ter partido, mas que, na realidade, podia ter sido apenas minutos. Em seguida, Leia voltou a cobrir a cabeça com o capuz e saiu apressadamente.

“E Notea está com a vantagem!”, a voz do locutor da luta reverberava pelos alto-falantes enquanto ela abria caminho pelo grupo distraído na cantina. “Sim, parece que hoje o dia é de Notea...”

Assim que Leia chegou ao corredor, sentiu que podia voltar a respirar. Mentalmente, ela sobrepôs

o esquema que C-3PO lhe mostrara por cima das partes que podia ver da cidade submarina e também daquelas pelas quais já passara. Seu senso de direção sempre tinha sido forte, e em segundos ela sentiu que sabia como chegar aos elevadores que a levariam para o antro subterrâneo secreto dos guerreiros Amaxine.

Ela caminhou rapidamente em meio à multidão, que já não era tão numerosa quanto tinha sido mais cedo. Pelo visto, aquele deveria ser o “horário noturno” debaixo do oceano de Sibensko. *Que bom,* pensou Leia. *Menos pessoas para contornar, menos gente que poderia nos notar.* Se sua sorte continuasse, ela poderia se encontrar com os outros em breve.

Ela dobrou uma curva e desceu uma série de degraus rumo a um túnel mais profundo, mais comprido e escuro do que os outros. Este túnel parecia ir na direção do elevador que ela procurava. E melhor ainda, parecia estar quase deserto. Ninguém mais estava andando por ali, além de três figuras não muito longe, um Nikto e dois de seus guardas...

O estômago de Leia se contraiu. Não podia ser. Com certeza sua mente estava lhe pregando peças paranoicas.

Contudo, ela não havia conferido seu rastreador desde que eles começaram a baixar informações do computador central. A cada passo que dava, ela ficava mais certa de que o Nikto caminhando em sua direção era ninguém mais, ninguém menos que Rinnrivin Di.

Mantenha o capuz erguido. Não olhe para ele. Não há motivos para ele esperar que você esteja aqui. Apenas mantenha a calma.

Foi o que Leia disse a si mesma, mas podia sentir que um confronto era inevitável.

A voz de Rinnrivin Di ecoou pelo túnel.

– Aí está você, enfim. Posso ter o privilégio de saber exatamente quem é que está me rastreando esse tempo todo? Embora deva admitir que tenho uma ideia.

Ele levantou algo em sua mão esquerda: o holocubo, naquele mesmo momento exibindo o assassinato de Jabba, o Hutt, outra vez.

Fingir seria inútil. Leia jogou seu capuz e seu véu para trás e o encarou de frente.

– Rinnrivin. Que inusitado encontrá-lo por aqui. Sinto muito que nossa reunião esteja ocorrendo sob circunstâncias tão infelizes.

Inclinando a cabeça, Rinnrivin disse:

– Você honestamente acha que eu sou tolo o suficiente para não conseguir detectar o sinal de um aparelho rastreador?

Ela deu de ombros.

– Não sei. Você foi tolo o bastante para não procurar por um aparelho rastreador em primeiro lugar.

O rosto coriáceo de Rinnrivin passou de um sorriso tênue para um rosnado. A máscara cavalheiresca havia finalmente caído. O que restava era o indivíduo verdadeiro: feio, violento e

disposto a matar.

Leia estava em número menor, sozinha, ultrapassando sua autoridade... e encurralada.



Leia se corrigiu imediatamente. Ela estava em número menor, sozinha, ultrapassando sua autoridade, encurralada – e de posse de uma arma de raios presa logo abaixo das dobras de seu manto.

Sua mão desceu discretamente até a arma enquanto ela encarava Rinnrivin. A despeito da distância, seus olhares se sustentaram. Ele disse:

– Eu esperava que pudéssemos ser amigos, Exterminadora de Hutts.

– Não mesmo. Você esperava que eu fosse uma ferramenta sua. – Como um relâmpago, Leia sacou sua arma, disparando quase no mesmo instante que seu dedo tocou o gatilho. Um dos guardas de Rinnrivin caiu de imediato. Ela voltou sua pistola para o outro guarda bem a tempo de empatar com ele; ambos estavam agora travados. Mantendo os olhos no guarda, Leia se dirigiu a Rinnrivin Di. – Todas aquelas vezes que você me viu matar Jabba, o Hutt, e nunca aprendeu com o exemplo dele. Tentar me forçar a qualquer coisa não vale a pena.

Rinnrivin não estava nem um pouco amedrontado. Ele apenas cruzou os braços, amassando com o gesto a delicada seda cinza de seu casaco.

– Pode fingir o quanto quiser. Permanece o fato de que você foi exposta. Você não pode mais deixar Sibensko... ao menos, não sem a minha ajuda. Que, no momento, não estou disposto a dar.

– Parece que sim – concordou Leia. Ela deu um passo para trás e seu calcanhar atingiu o último degrau que ela havia acabado de descer. Cautelosamente, sem jamais desviar a arma do segundo guarda, ela subiu aquele degrau.

Isso lhe valeu apenas o escárnio de Rinnrivin.

– Você acha honestamente que pode fugir por aí?

– Nunca vou saber até tentar. – Outro degrau. Então outro. O guarda de Rinnrivin mudou de posição sobre seus pés terminados em garras, desconfortável e inseguro sobre em que ponto ele deveria deixar de ameaçar e começar a atirar.

– Devo apontar que você ainda estará dentro do alcance da arma de raios do meu segurança, mesmo quando chegar ao topo da escadaria? – Rinnrivin balançou a cabeça, pesaroso. Leia estremeceu ao perceber um vulto em sua lateral, mas era só um cardume de eletropeixes, com suas nadadeiras azuis-esbranquiçadas brilhando brevemente contra as águas escuras lá fora.

– acredite em mim – respondeu ela –, eu já me esqueci de mais coisas sob o alcance de armas de raios do que você um dia vai saber.

– Pode até ser – concordou ele. – Seu esquecimento certamente explicaria por que você está tentando escapar, mesmo sem nenhuma esperança de sucesso. Ou a explicação seria ainda mais rasa? Seria simplesmente... covardia?

– Chame do que quiser. – Com isso, Leia levantou a arma, desviando a mira do guarda de Rinnrivin...

... e apontando para o suporte central do apoio do túnel, diretamente acima.

Um parafuso segurava tudo. Aquele parafuso não era maior do que o punho de uma criança. A essa distância, na semiescuridão, talvez um tiro em mil seria capaz de destruir o parafuso.

Mas Leia conseguiu.

Por um instante terrível, o metal gemeu e ela teve uma rápida visão do pânico cego no rosto de Rinnrivin antes de se virar e começar a subir correndo os degraus o mais depressa possível. E então, com um tremendo rugido da água, o túnel cedeu.

Leia não precisou olhar para trás para saber que Rinnrivin Di e seu guarda tinham morrido, instantaneamente esmagados. Ela só tinha uma prioridade: correr depressa o suficiente para salvar a própria pele.

Subindo dois degraus de cada vez, Leia alcançou o topo exatamente quando ouviu a onda se erguendo atrás dela – e viu uma das portas à prova d'água deslizando para selar aquele corredor do resto do complexo de Sibensko. Em momentos, ela se travaria com o piso e selaria Leia lá dentro para morrer afogada.

Leia reuniu toda sua força para se jogar na direção da porta. Seu corpo atingiu o piso com tanta força que a dor abalou todos os ossos, mas ela conseguiu aterrissar rolando. Água passou por ela, até mesmo acima dela, no momento antes de a porta finalmente se fechar.

E Leia estava do lado certo.

Por um momento, ela se sentou na tremenda poça que agora cobria o corredor, ofegando, com o manto encharcado pesando sobre os ombros. Ela encarou a porta de metal que agora marcava o túmulo aquático de Rinnrivin Di. Porém, não tinha tempo para pensar a respeito; luzes amarelas de alarme já tinham começado a piscar. Em breve, Sibensko estaria totalmente travada. Será que ela devia ir para a nave de imediato, ou devia tentar conseguir a evidência de que precisavam primeiro?

Uma das mais duras lições que Leia aprendera durante a Rebelião fora essa: qualquer vida é descartável, inclusive a dela.

Livrando-se do manto molhado, Leia se levantou enquanto pegava seu comlink.

– Joph? Greer? Estão aí?

– Estamos aqui – respondeu Greer. – 3PO acaba de entrar no hangar, e terminamos o carregamento, mas tem algum tipo de alarme soando...

– Temo que seja culpa minha. – Leia respirou fundo enquanto se ajeitava. Agora ela vestia apenas uma camisa e calças justas pretas, além do coldre de couro preso a uma das coxas. Um grande número de pessoas estava começando a sair apressadamente das lojas e cantinas, em pânico pelo alerta de intrusos e desesperadas para chegar a suas próprias naves. – Greer, estou lhe dando novas ordens. Vocês devem partir imediatamente. Saiam daqui o mais rápido que puderem, e levem as evidências

dentro dos bancos de dados de 3PO para o Senado.

Joph interrompeu.

– Princesa Leia, não podemos simplesmente deixá-la aqui!

– Vocês podem e vocês vão. – Ela aprumou os ombros e tirou um momento para fazer um rápido reconhecimento de seus arredores. O caminho que pretendia tomar para o antro dos guerreiros Amaxine tinha sido interrompido, talvez de forma permanente, mas outro elevador a levaria até lá se ela o alcançasse a tempo. – Assim que eu tiver dado uma olhada nisso, roubarei uma nave se conseguir. E confie em mim, eu provavelmente vou conseguir.

– É perigoso demais – insistiu Greer. – Você pode nos alcançar em alguns minutos se sair agora mesmo.

– Não. Eu tenho que conseguir o máximo possível de evidências *agora*, porque nunca poderemos voltar a Sibensko. Vale a pena arriscar a minha vida, mas não a de vocês. Vale menos ainda arriscar os dados dentro de 3PO.

Outra vez Joph tentou dissuadi-la.

– Depois disso, o Senado vai para cima de Sibensko...

– E os Amaxines já terão partido há muito tempo. – Leia sabia como colocar aço em sua voz, e o fez naquele instante. – Você tem suas ordens, tenente Seastriker. Isso também vale para você, Greer. Saiam daqui o quanto antes. Organa, câmbio e desligo.

Com isso, ela desligou seu comlink. Talvez sua equipe resolvesse finalmente fugir daquele lugar se fosse impossível argumentar com ela.

Quanto a ela... Leia pretendia correr o risco.

De volta à nave, Joph e Greer se encararam, as mãos nos controles, presos na indecisão.

– Não podemos fazer isso. – Todos os instintos de Joph se rebelavam contra a ideia. – Deixá-la para trás? Ela vai morrer. Você sabe que vai.

– Se tem alguém que consegue roubar uma nave e dar o fora daqui, esse alguém é a princesa Leia. – Porém Greer não se moveu para obedecer às ordens da princesa.

C-3PO ofereceu:

– Se eu posso acrescentar, por mais que detestemos deixar sua alteza para trás, os protocolos militares são muito claros neste ponto. É obrigatório que cumpramos as ordens dela. E a princesa Leia é conhecida por escapar de enrascadas improváveis.

– A sorte de todo mundo se esgota em algum momento – resmungou Joph.

– Acredite em mim, eu sei. – Greer fechou os olhos e respirou fundo. Ela se sentia tonta ou desorientada? Isso devia contar como estresse extremo. Todavia, exatamente quando Joph se inclinava na direção dela, os olhos de Greer se abriram, claros e focados. – Temos que seguir as ordens.

Joph ficou sem fôlego com aquilo. Ele levou um momento para responder.

– Se fizermos isso e ela morrer...

– Está com medo de assumir a responsabilidade pelos seus atos? – disparou Greer.

– Não, estou com medo de fazer com que a princesa Leia seja morta!

Ela se estabilizou e disse, baixinho:

– Eu também estou. Mas ela está certa. Levar estas evidências até o Senado é mais importante.

Vamos.

Joph fez o que ela disse, selando as portas da nave e preparando os propulsores. Atrás dele, podia ver os paletes pesadamente carregados com detonadores térmicos. Se eles sofressem uma colisão em algum momento, ou mesmo uma viagem um pouco mais agitada, um daqueles detonadores podia disparar. E assim que um explodisse, os outros o seguiriam.

Ele estava tão preocupado com a princesa Leia que ainda não se dera conta de que ela podia muito bem viver mais do que eles.

– Isso é terrível! – gritou C-3PO. – Simplesmente terrível!

– Nem diga – resmungou Joph.

C-3PO continuou:

– A princesa Leia está correndo um grave perigo!

– Nós *sabemos*, 3PO – disse Greer, enquanto ligava os motores.

– Não, não, vocês não entenderam! – A voz de C-3PO se elevou a um novo tom de alarme. – Eu acabo de analisar os registros de tráfego de pedestres no interior da cidade contra o mapa total, e parece que uma porção substancial dos humanos de lá estão atualmente dentro do quartel-general dos guerreiros Amaxine!

Joph e Greer se encararam. Ele murmurou:

– Ela não está simplesmente correndo para o esconderijo deles. Está correndo na direção de *todo o seu exército*.

O estômago de Leia deu um mergulho quando o elevador começou sua descida. Com uma das mãos pousada sobre sua arma, ela rapidamente analisou a situação. *Certo, então eu não tenho o 3PO comigo, menos ainda holocâmeras. Isso significa que eu não serei capaz de registrar totalmente o que encontrar lá embaixo. Só poderei testemunhar o que vi.*

Será que aquilo seria o suficiente agora? Depois das revelações sobre Darth Vader, Leia sabia que sua credibilidade havia caído a quase zero. Contudo, os dados de C-3PO dariam certo peso ao que ela diria e as pessoas podiam se sentir inclinadas a acreditar no resto. Certamente a informação deles exigiria uma investigação mais completa; se o Senado não confiasse no julgamento de Leia, podia confiar nas pessoas enviadas para inspecionar o local depois dela.

...o que significava, na verdade, que ela deveria ir para a nave. Talvez ainda tivesse tempo de

alcançá-la. Àquela altura, Leia conhecia Joph e Greer o bastante para ter certeza de que eles passariam algum tempo discutindo antes de finalmente seguirem suas ordens. O risco em que ela estava colocando sua vida talvez nem fosse necessário.

Leia, porém, não voltou atrás.

Fazia muito tempo desde que ela colocara as mãos na massa. Tempo demais. De agora em diante, ela pretendia estar na linha de frente, fazendo o que precisasse ser feito, não importando o custo.

O elevador terminou sua jornada e parou. Leia preparou-se enquanto as portas se abriam para poder observar o esconderijo Amaxine imediatamente...

... mas não estava pronta para ficar frente a frente com meia dúzia de guerreiros Amaxine.

– O que significa isso? – exigiu um deles. – Quem é você?

– Eu me perdi. – Leia levou uma das mãos à têmpora, como se estivesse desorientada. – Tantos alarmes disparando lá em cima, e eu nunca estive aqui antes... os mapas são muito confusos, não acham? Eles deveriam colocar uns mapas melhores, acho. Eu pretendo reclamar com a gerência.

Os guerreiros Amaxine não chegaram exatamente a relaxar, mas permitiram que ela saísse do elevador como se para se orientar. Leia continuou a fingir confusão enquanto espiava entre os dedos, tendo a melhor visão que podia. Eles estavam à beira de um hangar enorme, cheio de caças estelares de todas as marcas e modelos, desde X-wings indistinguíveis daqueles usados pela Nova República até caças TIE antigos. Haveria ali quinhentos deles? Mil?

Fossem quantos fossem, os guerreiros Amaxine sem dúvida haviam reunido uma força de combate capaz de causar confusão ou destruição em uma escala massiva.

– Vocês teriam por acaso um pouco de água? – Leia tentou pensar em Ben enquanto sorria para eles, esperando que a vissem de maneira maternal. A maioria dos guerreiros Amaxine que ela via tinha exatamente a idade para tratar suas mães com uma indiferença afetuosa, uma atitude que lhe seria de grande ajuda para escapar daquela situação. – Isso seria muito útil.

O Amaxine mais próximo dela balançou a cabeça negativamente, mas com educação, enquanto apertava os controles para ela.

– A senhora deveria ir embora. O mais rápido possível.

– Bem, obrigada mesmo assim. – Lá se ia a chance de enrolar um pouco. – Vocês dois são uns rapazes tão gentis...

– Espere aí! – gritou alguém de longe. – Essa mulher está em nosso sistema de reconhecimento facial!

Eu deveria ter recolocado o véu, pensou Leia, enquanto golpeava a barriga Amaxine mais próxima com o cotovelo.

Enquanto ele saía tropeçando para o lado, ela correu o mais depressa que pôde para a única porta aberta que viu. O ponto na lateral de sua coxa se apertou, e ela sentiu a dor perfurando-a. Aquilo era muito mais fácil quando ela tinha dezenove anos...

Leia chegou à porta apenas alguns passos à frente de seus perseguidores, mal conseguindo apertar os controles que os selaram do outro lado. Ofegante, ela se virou para ver em que tipo de sala tinha acabado de se trancar. A primeira coisa que notou foi que o espaço circular possuía apenas uma porta. A vantagem era que mais ninguém poderia entrar, a desvantagem era que ela não podia sair.

– Posso muito bem me ajeitar e ficar confortável – resmungou ela. – Parece que vou me demorar um pouquinho por aqui.

Naquele momento seu olhar se concentrou nos anéis vermelhos ao redor do perímetro, e a segunda coisa que ela percebeu foi que aquela sala não era uma sala. Era uma plataforma de aterrissagem, que podia ser erguida para a superfície do oceano – e naquele instante, o piso se agitou e começou a se mover.

Alarmada, Leia olhou para cima, para o teto que se aproximava depressa; a essa altura, ela podia ver as placas que em breve se abririam, permitindo que milhões de litros de água a esmagassem muito antes de ela ter a chance de se afogar.

Campo de força. Existe um campo de força. Encontre-o! Ela reconheceu um pequeno controle retangular no lado oposto à porta e mergulhou para atingi-lo no mesmo instante em que ouviu a movimentação das engrenagens metálicas que abririam as placas. Sua mão bateu no controle com força.

Leia prendeu a respiração enquanto assistia as placas do teto se escancararem outra vez. O brilho iridescente do campo de força formava um semicírculo acima dela, mantendo o oceano a distância. Por um momento, o assombro e o alívio a fizeram sorrir, mas apenas pelo tempo que ela levou para se perguntar o que faria quando a plataforma chegasse à superfície. Se Joph e Greer tivessem seguido as ordens, e a essa altura provavelmente tinham, ela não possuía nenhuma esperança de resgate. Os guerreiros Amaxine estavam sem dúvida carregando caças estelares nas outras plataformas agora, preparando-se para encontrá-la acima da superfície. Ela não tinha nenhum plano, nenhum apoio, e apenas uma arma.

O oceano passou de preto para azul-escuro conforme a plataforma se aproximava da luz. Leia ficou de pé e levou a mão à arma. Ela podia estar encurralada. Podia até estar condenada. Mas de jeito nenhum ia cair sem lutar.

As ondas borbulharam ao redor dela quando o campo de força emergiu da água. Anoitecia, e o sol iluminava apenas um canto do céu cobalto. Ela estava no meio de um oceano agitado sem ter onde se esconder. Como Leia antecipara, outra plataforma emergiu na superfície segundos depois, e dois caças – um Y-wing e um B-wing – subiram ao ar, virando-se diretamente para ela.

Ela se preparou. *O campo de força vai me proteger a princípio. Não faz sentido disparar até que o campo seja derrubado.*

Mas os raios do B-wing atravessaram o ar com uma precisão mortal. O primeiro voleio de disparos atingiu os controles do campo de força, e com um tremular, ele se foi. Leia ergueu a arma para

posição de disparo, mirando no Y-wing conforme ele se aproximava. Talvez eles atrasassem um no outro no mesmo momento...

Disparos de laser vieram de uma direção totalmente diferente, atingindo o Y-wing até que ele saísse espiralando, descontrolado, e mergulhasse nas profundezas. Leia girou para ver uma nave na qual jamais havia posto os olhos antes: uma nave de corrida esguia, moderna e pintada de preto, à qual alguém apressadamente acrescentara um pequeno arranjo de artilharia.

A nave de corrida parou, flutuando acima dela enquanto um reboque magnético caía sobre a plataforma. Sem hesitar, Leia agarrou os ganchos presos nas laterais. Assim que seus dedos se fecharam ao redor deles, o reboque foi ativado, levantando-a no ar e levando-a para dentro da baía de cargas da nave. Suas portas de metal se fecharam sob Leia enquanto a nave voltava a acelerar, e o reboque magnético se afrouxava.

Os pés de Leia bateram no chão com força quando ela soltou o pesado reboque. Ela correu para a cabine, onde o piloto estava tão concentrado em seu trabalho que nem se virou.

– Desculpe pelo atraso, benzinho – disse Han.

Ela deslizou para a cadeira vazia de copiloto ao lado dele.

– Querido, você chegou bem na hora.

Seu marido não apenas recebera sua mensagem, mas largara tudo o que estava fazendo para correr até ali e ajudá-la como pudesse. Leia abriu mão de toda frustração que sentia pelas longas ausências de Han, todas as discussões que, sabia, eles jamais abandonariam. No final, ela sabia que ele sempre estaria lá para apoiá-la.

O B-wing executou um amplo arco; seu piloto tinha vindo atirar em uma mulher sozinha, não entrar em combate com alguém que claramente sabia o que estava fazendo. Entretanto, os guerreiros Amaxine deviam ter instilado verdadeira disciplina em suas tropas, porque ele estava voltando na direção deles a toda velocidade.

– Assuma as armas auxiliares, sim? – As mãos de Han se apertaram nos controles. – Vou passar por baixo da barriga dele.

– Deixa comigo. – Leia atingiu o console, liberando o controle da artilharia. Um sistema holográfico de alvos flutuou entre ela e a janela de visualização – Meio bobos, todos esses recursos modernos quando tudo o que você precisa fazer é mirar...

Han voou baixo com a nave de corrida, roçando a superfície, enquanto a inclinava para ampliar as chances deles contra o B-wing. Leia disparou, mas o B-wing acelerou no último segundo; ela só conseguiu acertar a asa.

– Vamos pegá-la na próxima. – Han acelerou para cima em um ângulo tão fechado que a nave estava quase perpendicular ao solo. Quando chegou uma transmissão, ele a aceitou e sorriu. – Greer! Como é que você está?

– Capitão Solo? – Greer parecia sem fôlego. – O que você está fazendo aqui?

– Não se preocupe – disse Leia. – Han me pegou. Vamos seguir vocês para fora do sistema assim que cuidarmos de um negocinho pendente.

Com uma carranca, Han disse:

– Parece que temos companhia.

E de fato, outra plataforma havia emergido, essa com mais dois caças estelares. Será que os guerreiros Amaxine mandariam toda a sua frota? Se fosse assim, a nave deles não teria artilharia suficiente para derrubá-los.

Uma coisa de cada vez, Leia repetiu mentalmente.

Sem trocarem nenhuma palavra, Han assumiu o controle prioritário das armas, depois separou os dois canhões laser para que ele e Leia pudessem disparar de forma independente. Ela conhecia cada movimento que ele faria antes mesmo de serem executados, e tinha visto o bastante pelos holos de mira espalhados e instáveis para saber que disparo queria fazer.

Os guerreiros Amaxine voavam próximos uns aos outros, sem dúvida esperando criar uma formação de batalha. Tudo o que tinham conseguido era criar um alvo maior.

Ela e Han dispararam ao mesmo tempo. O canhão de Han derrubou o B-wing, enquanto Leia fez um dos novos caças cair em alta velocidade, deixando um rastro de fogo ao fazê-lo. A nave atingiu a água a uma velocidade incrível, suficiente para levá-la por todo o caminho até...

A explosão massiva foi tão brilhante que por um momento o oceano se acendeu como o sol. Quase no mesmo momento, ergueram-se tsunamis tão altos que quase atingiram a nave de corrida, espalhando-se para fora em um vasto efeito de ondulação que talvez circundasse todo o planeta de Sibensko. Algumas explosões menores acenderam as profundezas pelos instantes que a água levou para extinguir qualquer incêndio. Ninguém que ainda estivesse lá dentro tivera qualquer chance de escapar.

– Odeio te dizer isso – disse Han –, mas aquele disparo pode ter sido bom até demais.

– Ele atravessou a estrutura principal da estação. – Leia desabou no assento do copiloto. – Eu acho que demoliu toda a cidade submarina. Mas isso não deveria ter acontecido. – A mente dela ainda girava, pensando nos muitos viajantes que estavam passando por ali; a maioria era de contrabandistas, talvez não tão diferentes do que Han era algumas décadas atrás. Eles não mereciam aquele destino.

Então ela se lembrou: os guerreiros Amaxine.

– Explosivos – murmurou ela. – Eles deviam manter uma quantidade imensa de armamentos lá embaixo. O impacto os fez disparar, e os explosivos fizeram o resto.

– Droga. Sibensko é um lugar bruto. Eu mesmo só vim aqui umas duas vezes... não confiava no tipo de gente que fazia negócios aqui. E isso vindo de alguém que pegava trabalho com os Hutts. – Han voltou-se para ela. – E então, como a explosão desse lugar vai afetar sua investigação?

– Nós destruimos todas as evidências, exceto o que está nos bancos de dados de 3PO, e mesmo aquilo já não pode mais ser comprovado. Mas também destruimos uma força paramilitar que se

preparava para atacar a Nova República.

Os guerreiros Amaxine tinham sido derrotados; o inimigo não existia mais.



– Tudo o que já fiz, tudo o que já fui, foi apagado em um instante. – Leia lutou para encontrar palavras. – Gente que lutou ao meu lado na guerra, ou que serviu comigo por anos no Senado... eles não pareciam mais me ver como eu mesma. Tudo o que serei para eles agora é a filha do Darth Vader.

Han aninhou a esposa mais para junto do peito enquanto ambos se deitavam em sua cama em Hosnian Prime. O luar passava pela janela do quarto, mais pálido agora que a aurora que se aproximava. Leia pousou a cabeça em seu ombro e fechou os olhos, reconfortando-se na ternura com que ele beijava sua testa.

– Não vai ser assim para sempre – murmurou ele. – Não para todo mundo. Mais cedo ou mais tarde, eles irão se lembrar de quem você é.

– Aqueles mais próximos de mim, talvez. – Tai-Lin a apoiara, e a despeito da falta de jeito, Varish a defendera desde o começo. Greer e até mesmo o jovem Joph Seastriker haviam se recuperado em um ou dois dias; um punhado de outros provavelmente os seguiriam. Algumas pessoas de seu passado, inclusive Ackbar, Nien Nunb e Lando, haviam enviado mensagens ou holos que mostravam sua compaixão e lealdade. A mensagem de Mon Mothma até insinuava que ela suspeitara da paternidade de Leia há muito tempo, o que queria dizer que ela jamais deixara que isso prejudicasse o relacionamento entre ambas. Leia sabia agora quem eram seus amigos mais verdadeiros, e jamais se esqueceria disso. – Mas para a maior parte da galáxia? Todo o resto se foi.

– Então para o inferno com a maior parte da galáxia.

Típico de Han.

– É só que magoa, apenas isso. Os rumores, a raiva, o senso de desgraça por algo que eu não tenho como evitar. Até o sujeito que me expôs para o Senado, Ransolm Casterfo, nós vínhamos trabalhando juntos na investigação de Rinnrivin Di por meses, e eu honestamente acreditava que tínhamos nos tornado bons amigos. Porém, assim que ele ouviu a verdade sobre Vader, me traiu.

– O cara parece ser um patife.

– Eu queria que fosse tão simples assim. – Leia conseguiria superar aquela ferida mais rapidamente se acreditasse que Ransolm realmente não era digno de nenhum respeito. – Ele é, na maior parte, um homem decente. Um político decente, o que é mais raro. Mas odeia Darth Vader, e isso é motivo suficiente para ele me odiar.

– Esqueça esse babaca do Casterfo, está bem? – Han afagou o cabelo dela, que se espalhava pelo travesseiro e caía pela beira da cama. – Veja as coisas por esse lado: você queria sair do Senado mesmo. Agora tem a sua chance. Assim que o seu mandato terminar, você está livre. Pode passar algum tempo voando por aí com um velho cafajeste, para variar um pouco.

– Han, isso me parece o paraíso. – No entanto, ela não podia deixar de lado suas preocupações tão facilmente. – Está sendo muito ruim para você? Quando as rodadas subluz terminaram, e você ficou sabendo que meu segredo tinha se tornado público...

– Todos acharam que eu não fazia ideia de com quem havia me casado. Eu deixei claro que sabia desde o começo, que não estou nem aí, e que qualquer um com juízo também não daria a mínima. Ninguém foi tolo o bastante para tocar no assunto de novo.

Uma das melhores qualidades de Han era que ele conseguia resumir tudo à sua essência, e então dispensar o resto. Às vezes ele simplificava demais as coisas, mas na maior parte do tempo ele a ajudava a se concentrar no que realmente importava. Ele a acalmara a respeito de Ben – mais ou menos; mesmo Han só podia ajudá-la até certo ponto. Mas enquanto Leia tentava afastar suas dúvidas, outras rastejavam para tomar o lugar delas.

– Só espero que eu consiga convencer alguém a ouvir sobre o que descobrimos em Sibensko.

– Como assim, espera? Você tem toda a informação bem ali com o Cara-de-Lata, não é?

– Tenho, sim. E pretendo compartilhar os dados com os poucos aliados políticos que me restam.

Mas o que descobrimos sobre a ascensão desse grupo paramilitar e o papel deles no Atentado do Guardanapo... isso exige ação do Senado todo. Eu duvido que possa fazer isso acontecer.

Han esfregou o ombro dela.

– Ei. O que é isso. Assim que eles ouvirem a história toda, terão que fazer alguma coisa. Ou o Senado é ainda mais inútil do que eu pensava?

Antigamente, Leia teria discutido com ele sobre o Senado não ter um propósito real. Aquilo parecia muito tempo atrás.

– Ah, eles são inúteis, sim. Mas você não compreende. Até para falar na tribuna do Senado, é preciso que um quórum de senadores decida que você e seu assunto são dignos de serem ouvidos. Normalmente isso não é um problema, porque o quórum estabelecido é um número bem baixo. – Ela balançou a cabeça, triste. – Mas eu não vou conseguir reunir nem isso. Não mais.

– Sinto muito. – O polegar dele roçou o ombro de Leia. – Ao menos você acabou com aqueles caras. Rinnrivin Di, os guerreiros Amaxine... eles viraram história.

– Talvez. Mas não podemos nos dar ao luxo de presumir que não existam outros grupos como os guerreiros Amaxine. E eles ainda têm as instalações em Daxam IV.

– Ei. Só por enquanto, por esta noite, deixe isso pra lá. Você não vai conseguir salvar a galáxia toda antes do café da manhã. – Han sorriu gentilmente. – Você se sobrecarrega demais. Sempre foi assim. E passou por tanta coisa ultimamente. Deixe alguém cuidar de você por um tempinho.

Ela sentiu um pouco da tensão deixar seu corpo.

– Você faz alguma ideia do quanto eu te amo?

– É, eu diria que tenho uma ótima ideia. – Leia deu-lhe um soco de brincadeira no braço e Han riu. – O que é isso, você sabe que eu também te amo.

– Sim – disse ela, inclinando a cabeça para receber um beijo. – Eu sei.

Do outro lado da capital de Hosnian Prime, em uma casa muito mais luxuosa, uma conversa muito menos afetuosa estava ocorrendo via holo.

– Paciência? – Os olhos escuros de Arliz Hadrassian ardiam com uma fúria tão poderosa que queimava mesmo através do holograma. – Meus guerreiros Amaxine foram dizimados, meus melhores lutadores estão mortos, nossas naves destruídas, e você só pode me dizer para ter *paciência*?

Lady Carise, ainda no roupão de seda que vestia quando Hadrassian a chamou no meio da noite, disparou de volta:

– Exatamente. Porque foi a sua impaciência que nos levou a esse ponto, em primeiro lugar!

– Não, foi a sua inação. A recusa dos centristas a se levantarem e se declararem como uma parte separada da Nova República fraca e chorona!

– O momento ainda não chegou. Se você tivesse algum talento em política, saberia disso.

– Se você tivesse algum talento como guerreira, não estaria disposta a esperar pelo perfeito dia ensolarado. Você se arriscaria.

– Bem, você arriscou. Explodiu uma bomba no Senado para criar “confusão” e, em vez disso, plantou suspeita. – Lady Carise apanhou sua xícara de café, da qual precisava muito. – Talvez seus guerreiros não sejam o que nós precisamos, no final das contas.

A expressão de Hadrassian passou de raiva a espanto.

– Você está nos abandonando?

Friamente, lady Carise respondeu:

– Não parece que tenha sobrado muita coisa a abandonar.

– Leia Organa, não pode ter sido outra pessoa, você ao menos vai vingar meus homens e eliminá-la.

– *Viu?* Aí vai você, tornando as coisas pessoais quando na verdade são políticas. Leia Organa pode muito bem ter sido quem destruiu Sibensko, mas eu não sei e não me importo. Se pudermos usar esse incidente contra ela para expulsá-la do Senado, ótimo, mas neste momento, é mais problema do que vale a pena arranjar. Politicamente, ela está impotente. Nunca mais terá nenhuma autoridade. Isso a elimina como ameaça, e seu destino agora é irrelevante. Se você estivesse pensando de maneira estratégica, voltaria sua atenção para seja lá quem for liderar os populistas agora. Você os manteria confusos. Desequilibrados. Soldados não deveriam se valer de estratégia?

O sorriso de Hadrassian conseguia ser mais agourento que sua carranca.

– Você vai precisar de soldados algum dia. Quando esse dia chegar, se arrependerá do que nos fez. E esse dia vai chegar em breve.

O holo se apagou. Lady Carise se recostou no sofá, tomando um gole de café, e fez uma careta quando percebeu que estava frio.

Talvez fosse bom que os Amaxines estivessem fora da questão. Hadrassian e sua milícia sempre foram um elemento muito volátil para se encaixar nos planos centristas para o futuro. Quando a Primeira Ordem emergisse, deveriam estabelecer a nova lei, não criar caos.

Além do mais, os Amaxines já tinham servido a um propósito útil, que eclipsava o pouco bem que pudessem ter feito como guarda avançada para a Primeira Ordem. Eles haviam servido como uma distração crítica, no momento mais necessário. Agora que os guerreiros Amaxine tinham levado a culpa como financiadores e sócios de Rinnrivin Di, ninguém mais investigaria as finanças dele... nem traçaria as origens desse dinheiro para além dos planetas atrasados, até o coração da própria Primeira Ordem. Mesmo agora, a riqueza obtida por meio dos juros do contrabando e das apostas do cartel de Rinnrivin ajudavam a reorganizar e rearmar a antiga frota imperial, trazendo-a de volta a seu poder e glória anteriores para que estivesse, mais uma vez, pronta para a batalha. Ah, havia detalhes que ela não conhecia. Segredos que ainda não tinham sido compartilhados. Mas ela sabia como interpretar as sombras. Como, por exemplo, o desaparecimento de Brendol Hux, o comandante da academia de seu mundo natal após a Batalha de Jakku. Alguns diziam que ele havia apenas desistido – como se um herói do Império como ele fosse se render de maneira tão abjeta.

Tanta gente não tinha fé. Mas aqueles que ainda acreditavam, eram eles que fariam reviver o maior poder que a galáxia já conheceria.

Quando lady Carise recebeu a chamada raivosa e desesperada de Hadrassian – repassando a informação recebida dos poucos sobreviventes sobre o que acontecera a Sibensko –, aquilo lhe parecera um incômodo. Agora ela se dava conta de que era uma bênção.

É claro, se a princesa Leia pudesse partilhar de suas outras suspeitas, talvez ainda houvesse problemas... mas a princesa jamais se dirigiria ao Senado outra vez.

Ransolm comparecera à reunião do senador Erudo Ro-Kiintor sobre apropriações militares na esperança de que em breve o convidassem a se juntar a um dos comitês mais relevantes. Por mais que desprezasse o motivo de sua ascensão ao poder entre a facção centrista, Ransolm não pretendia desperdiçar as oportunidades que essa ascensão lhe dera.

Certamente seria a melhor forma para reparar o que havia feito.

Ele estivera correto em relatar a verdade. Ransolm ainda acreditava nisso. Contudo, agora que tivera tempo para processar a informação, acreditava que podia ter feito as coisas de modo completamente diferente. A princesa Leia tinha escondido dele o segredo de que era filha de Vader, o que prejudicava para sempre sua confiança nela – contudo, ainda que não tivesse lidado com ele honestamente, ela agira com justiça. A revelação afetara não apenas a ela, mas também a seu filho, seu irmão e seu marido. (Os noticiários esportivos daquela manhã estavam zunindo com a informação de que o capitão Solo deixara o sistema Theron após o final da última rodada das Sabres, e abundavam rumores sobre quando ou se ele voltaria para a última corrida.) Ransolm deveria ter entrado em

contato com Leia, avisado-a sobre o que descobrira, e lhe dado a chance de revelar a verdade ela mesma.

Ela merecia isso.

Além do mais, Ransolm também tivera a oportunidade de perguntar a si mesmo por que lady Carise Sindian o abordara com aquela informação. Ela tinha afirmado que sua sensibilidade como membro das Casas Anciãs a impedia de fazer a denúncia, mas quem ainda levava as Casas Anciãs a sério? A maioria dos membros atuais as via como nada além de uma fonte genealógica e uma desculpa para ocasionais eventos de gala. E lady Carise podia ter ido a qualquer membro do Senado com a verdade sobre a paternidade de Leia.

O único motivo para ela ter escolhido Ransolm era a parceria dele com Leia, sua confiança nela. Ele não tentou se enganar dizendo que lady Carise o fizera para seu próprio bem.

Não, ela pretendia manipulá-lo. A única pergunta era: por quê?

E ele não pretendia ser manipulado outra vez.

– Perdoe-me, senador Ro-Kiintor – interrompeu ele –, mas a escala da emenda de apropriações parece ultrapassar em muito o que pode ser racionalmente exigido. A Nova República já mantém uma força militar bastante considerável para um governo majoritariamente pacífico.

O senador Ro-Kiintor uniu as mãos, palma com palma, unindo as pontas dos dedos.

– Os exércitos de que dispomos agora são adequados às preocupações que temos agora. Porém, devemos nos preparar para futuros conflitos.

– Com quem? A Nova República reúne a maioria dos mundos em nossa galáxia. Apenas setores pequenos e desconectados não são nossos aliados, e poucos deles representam qualquer ameaça militar. Nenhum deles demonstrou qualquer sinal de declaração de guerra.

– A Nova República é composta por sistemas separados – replicou o senador Ro-Kiintor. – Mundos separados. Nós não apoiamos o suficiente as defesas planetárias desses mundos.

Esse velho boato. Com dificuldade, Ransolm se segurou para não soltar um gemido. A extrema direita da facção centrista não parava de falar nisso, nessa crença de que a lua mais humilde devia ter poder de fogo suficiente para acabar com um destróier classe Super Star por contra própria. Eles conseguiam ser ainda mais irritantes do que a ala da extrema esquerda, que exigia que o governo controlasse minuciosamente as interações pessoais e políticas. Ransolm, pessoalmente, achava que o senador Ro-Kiintor via a emenda de armamentos primariamente como uma forma de injetar dinheiro do governo em planetas centristas, para quem a maior parte dos fundos estava prometida.

Ele disse:

– Podemos fornecer financiamento extra para a defesa planetária sem que os custos se aproximem dos valores que você colocou aqui. Essa emenda de apropriações só seria justificada se a Nova República estivesse sob ameaça iminente de guerra por toda a galáxia.

Um breve silêncio se seguiu enquanto Ransolm se perguntava se tinha ido longe demais. Aí um

dos membros do gabinete do senador Ro-Kiintor riu baixinho. Quando os dois senadores se viraram para olhar para ele, o homem disse:

– Eu não pude evitar. Acreditem ou não, Leia Organa está tentando se dirigir ao Senado de novo.

Ela voltou de Sibensko, e descobriu algo importante. Ransolm sentiu um lampejo involuntário de empolgação. Ele tinha feito a coisa certa, então, ao não denunciar a missão; ele desconfiava de Rinnrivin Di e dos guerreiros Amaxine muito mais do que de Leia.

Que era algo de que ele não havia se dado conta até aquele momento...

– Patético – bufou o senador Ro-Kiintor. – Ela não tem como conseguir quórum para subir à tribuna.

O sorriso do funcionário foi arrogante.

– Admito, ela chegou mais perto do que eu imaginava, mas é mais poético assim. Só lhe faltou um voto. Precisamente um. Todos os populistas e independentes já votaram, então esse é o fim para ela.

O senador Ro-Kiintor balançou a cabeça como se enojado.

Enquanto voltava para seu próprio gabinete, Ransolm revisava tudo o que sabia sobre a investigação. Ele se lembrou de sua própria batalha contra os Amaxines no deserto, a pilotagem ousada de Joph no X-wing, Greer levando a courier para Daxam IV... e Leia, apostando no cassino, disparando em seus perseguidores nas cavernas de Bastatha, ajudando a analisar todos os dados e, finalmente, nos jardins suspensos, falando sobre a tortura por que passara nas mãos de seu próprio pai.

Ele ainda não sabia se podia confiar nela, mas compreendia, finalmente, que ela havia confiado nele.

Quando entrou na suíte de seu escritório, seu assistente lhe passou um datapad de imediato.

– Os assuntos na ordem de serviço de amanhã do Senado para seu voto, senhor.

No topo da lista estava o pedido de Leia para uma audiência. Ainda faltando um voto.

Ransolm apertou o SIM.

– Você está brincando – disse Leia, enquanto afundava na cadeira do escritório.

Greer balançou a cabeça em negativo.

– Você acaba de conseguir. O voto de Casterfo fez com que fosse aprovado.

Será que esse era o jeito de ele dizer que sentia muito? Ou só queria finalmente ouvir o que aconteceu? Isso podia ser apenas o final de uma história dramática para ele.

Leia decidiu que não ligava. Tinha sua audiência, e nada mais importava.

Ela havia passado o dia em suspense, imaginando se notícias do que acontecera em Sibensko haviam se espalhado, o quanto ela estava ligada aos fatos, e se seus inimigos no Senado pretendiam usar esse abuso de autoridade contra ela. Com certeza as pessoas estavam prontas a atacar a filha de Vader. Mas nada surgiu. Ninguém falou nada. Leia poderia apresentar seu próprio relato primeiro, com as evidências que haviam conseguido salvar.

– Viu? Eu disse que as coisas iriam mudar – Han disse naquela noite, enquanto jantavam em casa.

– Eu não acho que Ransolm esteja ditando uma tendência – disse ela, sarcástica, enquanto tentava jantar sem se sujar; Han havia trazido comida bilbringi, tortas de carne e queijo com pimentas; ela gostava de bilbringi, embora não tanto quanto ele. Era a comida perfeita para aquela noite. Talvez ela não devesse se preocupar tanto em fazer sujeira.

Han, que podia comer aquele negócio com facilidade na cabine de pilotagem enquanto voava, habilmente embalou sua própria torta.

– Bem, não se preocupe. Você não precisa lidar com isso sozinha, está bem? Estou disposto a ficar aqui pelo tempo que precisar.

Disposto. Aquela palavra dizia tanta coisa. Leia não duvidava do amor de Han por ela, mas também sabia que lá no fundo ele seria sempre um andarilho. Ele ficaria com ela em Hosnian Prime por um ano ou mais se ela pedisse, mas ela se sentiria como se tivesse cortado as asas de um passarinho.

Ela soltou sua comida.

– Han. Está tudo bem. Nós dois sabemos que você quer voltar para as Sabres.

– É só uma corrida, benzinho.

– É, mas essa confusão em que me meti... ela não deveria estragar a sua vida também. Além do mais – acrescentou ela, bem-humorada –, acho que a galáxia me perdoaria mais rápido por ser a filha de Vader do que por adiar a rodada do hiperespaço da Cinco Sabres.

Han balançou a cabeça, maravilhado.

– Você ainda consegue me surpreender.

– O pior já passou – disse Leia, tentando convencer ambos. – Eu vou ficar bem.

O humor de Han já tinha melhorado só de saber que logo estaria de volta à sua nave, voando livremente.

– Tenho que admitir, eu não saberia o que fazer com todo esse blá-blá-blá político mesmo. Lutar com armas de raios é mais justo e, se me perguntarem, provavelmente causa muito menos dano.

Ela suspirou em exasperação terna.

– Algumas coisas nunca mudam.

A expressão dele ficou mais séria e ele estendeu a mão por cima da mesa para segurar a dela.

– Isso mesmo – disse ele. – Algumas coisas vão ser sempre iguais.

– Isso é uma promessa?

– Pode acreditar.



Ser convidada novamente para a casa de Varish Vicly talvez fosse um bom sinal.

– Você deixou Han ir embora de Hosnian Prime sem se despedir de mim, nem dizer oi? – Varish passou um de seus longos membros pela curva do cotovelo de Leia, como qualquer anfitriã faria, mas Leia podia sentir a mensagem silenciosa tão bem quanto todos os outros ali: *esta pessoa está sob minha proteção*. – Que pena. Eu não o vejo há séculos.

– Han tem uma corrida para supervisionar, e eu tenho trabalho a fazer aqui. – Leia respirou fundo e sorriu. – E então, qual é a ocasião especial?

– E desde quando eu preciso de uma ocasião especial para dar uma festa? Da próxima vez que Han estiver em casa, farei uma só para ele. Mas só se ele ficar aqui por tempo suficiente!

A lealdade de Varish não vacilara nem por um instante, e Leia estava profundamente agradecida por isso. Naquela noite, contudo, Varish parecia resolvida a forçar que os outros líderes populistas também fossem leais a Leia.

Porém, uma única festa não seria suficiente para isso, mesmo uma festa dada por Varish. Embora ninguém dissesse nada rude e a maioria das pessoas sorrisse educadamente ou ao menos a cumprimentasse com um gesto, uma cascata de cochichos seguia Leia pela multidão. *Dá para acreditar... Ela é realmente... Você acha que... Você sabia da verdade?*

Ela sabia que seria assim. E tinha decidido que o único jeito de passar por aquilo seria com um pouco de humor negro de sua parte, que foi refletido no vestido longo e preto que usava, com capa e tudo.

Já que eles a veriam apenas como a filha de Vader dali por diante, nada mais justo do que se vestir apropriadamente.

Varish sussurrou:

– Você não vai vestir isso quando for se dirigir ao Senado, né?

– Claro que não. – A brincadeira a estava ajudando a suportar a festa, mas atrapalharia seu discurso no Senado. – Só estou me divertindo um pouco.

Em meio à confusão do agrupamento ela viu de relance um vulto escarlate que só podia ser um traje gatalentano.

– Tai-Lin! – Ele devia ser a única pessoa do Senado que ela ainda se sentia confiante em chamar. E de fato, ele se virou e sorriu para ela com o mesmo calor de sempre.

– Princesa Leia. Você está... – Ele fez uma pausa, lançando-lhe um sorriso conspiratório. –... provocante.

– Você me conhece tão bem.

– Antes que a festa fique muito envolvente, posso trocar uma palavrinha com você?

Tai-Lin olhou para Varish em busca de permissão para roubar Leia; Varish assentiu e a soltou, saindo para oferecer mais vinho aos convidados recém-chegados.

Juntos, Leia e Tai-Lin saíram para o longo terraço de Varish. Outros convidados também se misturavam ali, mas em menor número, o que significava que eles tinham uma chance para respirar. Assim que tomaram um cantinho recluso para si, Leia indagou:

– Então, qual é o assunto?

– Seu próximo discurso.

– Mas você já sabe sobre o que se trata...

– Não quero dizer o tópico. Digo, por que você acha que Ransolm Casterfo votou a seu favor?

Leia havia tentado não pensar muito nisso.

– Seu palpite é tão válido quanto o meu.

– Você deve ser séria. – Poucas pessoas conseguiam soar tão graves quanto Tai-Lin Garr. – Já lhe ocorreu que ele pode estar armando para você?

– Ele fez isso muito bem na primeira vez.

Tai-Lin balançou a cabeça.

– Não há como saber o que ele pode dizer. Que outras acusações ele pode lançar.

– Confie em mim, eu não tenho nenhum segredo maior do que aquele. Acho que nem seria possível. – Ela hesitou antes de acrescentar: – Acredito que ele honestamente quer ouvir o que vou dizer. Ransolm esteve muito envolvido na investigação. Ele correu riscos para vê-la chegar ao fim. É provável que apenas queira saber como a história acaba.

– Você tem mais fé na honra dele do que eu.

– Tenho? – Talvez fosse verdade. A traição de Ransolm a cortara até o osso, mas ela compreendia o motivo para ele ter feito aquilo. Ela confiava no que conhecia sobre Ransolm.

– Atenção, todos! – Varish chamou alegremente, alto o bastante para a festa inteira ouvir. – Como vocês devem ter adivinhado, eu os reuni aqui hoje por uma razão específica, e está na hora de vocês descobrirem essa razão. – Ela ergueu sua taça de vinho espumante. – Eu quero que todos vocês se juntem a mim em um brinde a Tai-Lin Garr, que em breve será declarado o candidato populista a primeiro-senador!

Aplausos explodiram por todo o recinto. Tai-Lin levantou as mãos, simultaneamente aceitando e encorajando o entusiasmo deles. Leia aplaudiu, apesar de sua primeira reação ser de choque. Como ela não sabia disso?

Porque você estava longe, perseguindo Rinnrivin Di em Sibensko, ela se recordou. E porque você não é mais convidada às reuniões do círculo mais elevado. Nunca em sua vida o poder político estivera mais distante de suas mãos. Ela nunca havia desejado o poder apenas pelo poder, mas começava a sentir falta dele, agora que havia se acabado.

Tai-Lin esteve cercado de pessoas congratulando-o por quase uma hora após o anúncio. Durante esse tempo, Leia suportou várias rodadas exaustivas de conversa fiada com pessoas que não queriam muito conversar com ela. Assim que pôde se aproximar outra vez de Tai-Lin, entretanto, cochichou:

– Como você deixou que eles o convencessem?

– Eles não me convenceram. Eu meditei a respeito e considerei cada aspecto dos argumentos contra e a favor de concorrer. – Vindo de qualquer outra pessoa, aquilo soaria como uma falsa nobreza afetada. Mas Leia sabia que, se Tai-Lin dizia aquilo, era porque tinha feito exatamente aquilo. – Finalmente me dei conta de que o dever exigia que eu concorresse.

Ela conhecia a sensação.

– Você será capaz de realizar muitas coisas. Talvez mais do que eu jamais conseguiria. Você é um pacificador melhor do que eu, Tai-Lin.

Ele se voltou para ela, com os olhos escuros e divertidos.

– Eu imaginei que você fosse compreender. Eu não pretendo realizar absolutamente nada.

–... Não entendi.

– Como eu lhe disse algumas semanas atrás, a própria ideia de ter um primeiro-senador é um anátema para mim. Esse poder pode ser corrompido com muita facilidade. Eu percebi que devo reclamar essa posição para que possa torná-la irrelevante. Ao me recusar a exercer a autoridade tirânica que os centristas investiriam em um primeiro-senador, eu poderei manter a liberdade que nossos mundos teriam, de outra forma, perdido. – Tai-Lin suspirou. – Só assim posso nos manter a salvo.

Um grupo de legisladores Mon Calamari entusiasmados se aproximaram para falar com Tai-Lin, e Leia permitiu que a multidão o carregasse para longe. De outra forma, não seria capaz de esconder sua profunda decepção. Quando ela acreditou que seria a primeira-senadora, esperara usar sua autoridade para reduzir os subcomitês intermináveis que mantinham emendas reféns por anos, para criar um formato mais razoável para os debates, talvez até propor uma moção para um novo projeto para a tribuna da câmara do Senado, porque a que eles tinham era uma confusão caótica. Embora não quisesse que o governo fosse liderado por uma figura tão poderosa quanto o primeiro-senador prometia ser, ela pensara que algumas mudanças, quaisquer mudanças, tinham que vir para o bem.

Em vez disso, se os populistas vencessem, o impasse político e a luta entre partidos continuaria. E se os centristas vencessem, os resultados podiam ser ainda mais sombrios.

Mais uma vez Leia sentiu o perigo se aproximando, e perguntou-se como ela podia ser a única a perceber isso.

Ela estava tão distraída e pensativa que nem notou que ninguém tinha vindo falar com ela por um longo tempo. No meio do turbilhão da festa, Leia estava sozinha, uma figura solitária vestida de preto.

Um dia depois, na tribuna do Senado, ela vestiu um branco brilhante.

Mais ninguém presente podia ou queria se lembrar de que o vestido que ela ostentava naquele dia era quase uma cópia do que ela usara na cerimônia de entrega de medalhas após a Batalha de Yavin. Ela o comprara porque ele trazia à sua mente memórias daquele dia, quando a vitória parecia tão próxima e, por algumas horas, a galáxia tinha feito sentido. Agora ela o vestia para buscar coragem.

O droide moderador finalmente falou:

– A tribuna reconhece a senadora Leia Organa.

Leia ficou de pé. Os droides com holocâmeras se agruparam em torno dela como abelhas, suas luzinhas lembravam uma constelação de estrelas; a imagem dela apareceu em todos os consoles e telas. Ela se preparou para ouvir sibilos e vaias mas, em vez disso, o recinto ficou totalmente silencioso.

– Meus colegas senadores – começou ela. – Como vocês devem se lembrar, eu respondi à solicitação do emissário Yendor, de Ryloth, para investigar Rinnrivin Di, o líder do cartel Nikto. Embora nossos pedidos posteriores para realizar uma investigação mais profunda tenham sido registrados, eu resolvi, por minha própria autoridade, verificar a questão de forma mais minuciosa.

Ela não mencionou Ransolm Casterfo. Se ele quisesse o crédito, deveria se levantar ao lado dela e também assumir a culpa.

– Cada um de vocês está agora recebendo um pacote abrangente de dados de minha chefe de gabinete. – Leia olhou para um dos grupos de funcionários, onde Greer assentiu rapidamente, digitando com agilidade no datapad enquanto consoles se iluminavam por toda a câmara. – Analisá-los completamente vai levar algum tempo. No entanto, quando o fizerem, verão que Rinnrivin de fato administrava um extenso império criminoso, mas a serviço de outros, que lucravam demais com os empreendimentos dele. Especificamente, acredito que a maior parte dos lucros de Rinnrivin ia para uma organização paramilitar conhecida como os Amaxines. E mais importante ainda, eu reuni evidências que deixam claro que os Amaxines foram os responsáveis pelo atentado do prédio do Senado.

No primeiro momento, a única resposta foi o silêncio – em seguida, as vozes se ergueram quase instantaneamente em um rugido. Os centristas e populistas queriam tanto culpar uns aos outros que não podiam suportar encontrar outro culpado, pensou Leia com tristeza. Todavia, mesmo enquanto algumas pessoas gritavam sobre a declaração de Leia e suas descobertas, outros já repassavam os dados e viam a vastidão das evidências que ela reunira.

Uma voz ressoou acima das outras:

– Como podemos ter certeza de que essas evidências não são pura invenção? Outra de suas mentiras?

– Nem tudo disso pode ser provado – admitiu Leia. – A maioria dos dados foi retirada da base secreta dos guerreiros Amaxine em Sibensko, quando o estoque de aparelhos incendiários deles explodiu. Eu submeterei registros visuais tanto da nave que adquirimos para a missão quanto da nave de corrida de meu marido, confirmando que minha fuga de Sibensko e o tiroteio subsequente contra

os pilotos Amaxine tiveram um papel na destruição da base. Contudo, creio que também confirmarão que a causa primária da destruição foi o estoque de uma quantia, digna de um exército, de bombas, detonadores térmicos e outros explosivos.

– Ouçam só isso! Justificando assassinatos, igualzinho ao pai! – Aquele berro vindo dos bancos nos fundos foi como um punhal de gelo penetrando o peito de Leia, mas foi apenas um entre poucos gritos. A maioria dos senadores parecia determinada a permanecer focada na perda de suas teorias favoritas sobre o Atentado do Guardanapo.

Antes que o debate pudesse degradingolar por completo, Leia voltou a falar.

– Se vocês preferirem acreditar que o que eu lhes mostrei não passa de uma invenção elaborada, vão em frente. Porém, antes de ignorarem as evidências, considerem o seguinte: os guerreiros Amaxine tiveram poder suficiente para atacar este Senado. Eles estavam se armando para um ataque militar em escala total. Em outras palavras, a Nova República está à beira de ser atacada por seus próprios cidadãos. Existem aqueles que desejam que a Nova República fracasse, e que estão dispostos a derrubá-la, até usando a força, se necessário. – O silêncio havia retornado, o que era o máximo de encorajamento que Leia podia esperar. – Descobrimos os guerreiros Amaxine apenas porque um mundo independente nos pediu para investigar uma organização totalmente diferente. Vocês estão dispostos a apostar a sobrevivência de nosso governo na possibilidade de que eles sejam o único grupo paramilitar por aí? Esse grupo, no qual tropeçamos quase que por acidente? Eu não estou. A paz desta galáxia, conquistada a tão duras penas, está em risco. Esse pode ser o único aviso que receberemos, a única chance de agir. Eu lhes imploro para estudar minhas descobertas com cuidados e uma mente aberta. O que descobrimos deveria transcender disputas políticas mesquinhas e suas opiniões pessoais a meu respeito. A menos que queiramos outra guerra, e certamente, após o derramamento de sangue que acabou há menos de vinte anos, ninguém deseja isso, devemos ficar a postos. Devemos nos unir. Temos que agir.

Lady Carise Sindian encarava sua tela com alarme crescente. Ela sabia que a investigação da princesa Leia havia passado raspando, mas subestimara quanta informação havia sido desenterrada. Será que não havia nenhuma segurança no processador central do computador de Sibensko? Havia nomes, datas, valores, contas – parando a algumas camadas de distância de lady Carise e seus aliados, mas perto demais da verdade para que ela se sentisse confortável.

Não importa, ela disse a si mesma. Ninguém quer acreditar na filha de Darth Vader, especialmente quando querem culpar seus inimigos políticos. Ela apresentou evidências demais para que possam ser analisadas com rapidez. Quem vai se dar o trabalho de ler tudo isso?

Ela respirou fundo algumas vezes. Aquilo tudo terminaria em breve. A princesa Leia não tinha mais nada a dizer, e em breve o Senado seguiria adiante. Lady Carise sabia como dar início a uma campanha de rumores, como encher Hosnian Prime de teorias alternativas para o atentado, como se

certificar de que os guerreiros Amaxine fossem vistos como um grupo de fanáticos nas fronteiras que jamais deveria ser levado a sério. No final, o Atentado do Guardanapo entraria para a história como um escândalo, mas um mistério.

E então o droide moderador disse:

– A tribuna reconhece o senador Ransolm Casterfo.

Lady Carise levantou a cabeça e viu que Casterfo estava, de fato, de pé, com as mãos cruzadas às costas. Ela gostaria de pensar que ele agora deploraria as evidências da princesa Leia, retiraria o apoio que lhe dera antes e ajudaria a colocar a situação nos eixos.

Mas ela também sabia que tinha sido Casterfo quem dera o voto decisivo para permitir que Leia falasse.

– Meus colegas senadores – começou Casterfo. – Vocês devem se recordar de que eu acompanhei a senadora Organa em sua primeira missão para investigar Rinnrivin Di. Eu continuei trabalhando com ela por algum tempo depois disso, explorando as ligações entre o cartel dele e o grupo militar conhecido como os guerreiros Amaxine. Considerando o que eu sei, minha honra me obriga a dizer que, a despeito do que declarei nesta câmara sobre a honestidade dela, nesse assunto, ela está dizendo a verdade.

Ele estava se alinhando com a princesa Leia. Lady Carise não podia entender por que Ransolm Casterfo estava tão resolvido a cometer um suicídio político, mas ali estava ela, assistindo enquanto ele fazia exatamente isso.

– Em acréscimo às evidências já oferecidas aqui, posso providenciar registros visuais da nave que eu pessoalmente levei a Daxam IV, o local de uma base de guerreiros Amaxine. Neles, vocês verão suas instalações de treino e uma pequena medida de seu poderio militar. E eu posso atestar pessoalmente que seus líderes falam abertamente em guerra, e até de sua admiração pelo Império de Palpatine.

Mais uma vez, os senadores começaram a cochichar entre si, mas agora pareciam realmente preocupados. Eles podiam não dar ouvidos à princesa Leia sozinha, contudo, o peso do testemunho de Casterfo lhe devolvia um pouco da credibilidade perdida.

Chocada, lady Carise conferiu seus monitores e viu que a princesa Leia olhava diretamente para Casterfo, não com gratidão, mas com algo que parecia respeito. De sua parte, Casterfo fez algo que nunca havia feito para a própria lady Carise, apesar de seu título real: inclinou sua cabeça em uma medida.

A raiva tomou conta dela enquanto pensava: *eu lhe dei a oportunidade de uma vida e, em troca, você me traiu.*

Ela colocou esses sentimentos de lado o melhor que pôde. O jogo que estavam disputando seria longo, e não podia ser sacrificado por orgulho pessoal. Seus aliados haviam planejado cooptar Ransolm Casterfo, talvez até convertê-lo, mas ele se provara indigno de confiança. Qualquer lealdade que ele ainda tivesse para com a princesa Leia era, aparentemente, indestrutível, o que significava que, com o

tempo, ele podia se revelar uma ameaça.

Eles não podiam ter um centrista conhecido semeando a discórdia por aí. Se ele não podia ajudá-los, teria de ser empurrado para fora de campo.

Felizmente, lady Carise era boa em amarrar pontas soltas.



Joph se considerava um sujeito criativo, mas nunca havia lidado com uma situação como aquela antes.

– E aí, o que a gente deveria fazer com esses negócios?

Ele e Greer estavam na nave porcaria que tinham comprado para a missão em Sibensko, atualmente estacionada em um hangar de aluguel barato e afastado em uma próspera propriedade militar, encarando um compartimento de carga densamente lotado de detonadores térmicos.

– Esse não é o tipo de coisa com o qual queremos ser flagrados – acrescentou Joph.

Greer se inclinou mais para perto dos paletes, apertando os olhos em desalento.

– Não é como se não pudéssemos explicar – disse ela, cansada. – A missão de Sibensko agora é de conhecimento público. Entretanto, temos uma tonelada de explosivos de uma organização terrorista paramilitar destruída... e nenhum lugar onde colocá-la.

A princípio, Joph imaginou que eles entregariam os detonadores para algum comandante ou almirante da frota da Nova República. Todavia, como eles não haviam de fato participado de uma missão militar, não estavam sob jurisdição militar. A missão deles havia sido senatorial – mais ou menos –, mas o Senado Galáctico não possuía procedimento ou protocolo para a entrega de aparelhos de destruição. Joph se perguntara se eles deviam entregá-los à própria princesa Leia, mas e se as pessoas entendessem errado? Ela já era temida e odiada porque acabara sendo a filha de Darth Vader; se o grande público descobrisse que ela detinha um estoque particular de armamentos, a reação podia ser extrema.

– Acho que não podemos vender, né? – aventurou-se ele.

Greer voltou-se para ele então, sobancelha arqueada.

– É, definitivamente, vamos começar a trabalhar em nosso histórico criminal como vendedores de armas ilegais.

– Bem, o que mais deveríamos fazer? – Joph se jogou em um dos assentos da área de carga da nave. – Pendurá-los como decoração?

– Eu pensei em levá-los de volta para Sibensko e simplesmente jogar tudo na água. – Cruzando os braços, Greer recostou-se contra a parede metálica. – Mas isso só vai causar mais destruição, seja para a vida selvagem de lá ou para traineiras submarinas enviadas para investigar.

– O Senado vai realmente enviar alguém? – Seria a ação mais rápida e decisiva que Joph já tinha visto vindo do governo.

Greer, porém, suspirou.

– Não temos essa sorte. Mas pode apostar que algumas organizações criminosas com interesse lá

vão conferir. Os Niktos, os Hutts, talvez até alguns simpatizantes dos Amaxines, quem sabe? Eles irão atrás de tudo que puderem recuperar e toda informação que conseguirem encontrar.

E daí se esses caras explodirem?, pensou Joph, mas não disse nada, porque imediatamente se deu conta de que não seriam os próprios mafiosos que iriam às ruínas em submergíveis. Seriam trabalhadores forçados ou aqueles pobres demais para recusar trabalhos que colocassem suas vidas em perigo. Eles não mereciam ser mortos só porque ele e Greer não conseguiam pensar em nenhum outro lugar para guardar os detonadores.

Quando Greer levou a mão à têmpora e fez uma careta, Joph sentiu uma pontada de alarme.

– Você está bem?

– Estou bem. Só uma dor de cabeça. – Em seguida, ela o fitou, séria, e apontou-lhe um dedo. – E nunca mais reaja com exagero sobre minha saúde de novo. Está bem?

Joph se forçou a relaxar.

– Está certo.

Lentamente, Greer voltou seu olhar para os detonadores térmicos outra vez.

– Precisamos alugar um depósito. Algum lugar seguro e secreto.

– E daí, o quê? Simplesmente deixar os detonadores lá para sempre?

– Daí esperar para que a princesa Leia nos dê suas ordens.

Joph quis perguntar o que exatamente poderiam ser essas “ordens”, mas já sabia. Eles só conseguiram derrubar o cartel de Rinnrivin e os guerreiros Amaxine estendendo os limites da autoridade senatorial da princesa Leia, e fazendo as coisas por sua própria iniciativa. Se a princesa estava correta, outros grupos paramilitares estavam à solta, preparando-se para levar a galáxia à beira da guerra. O Senado não demonstrava nenhum sinal de estar disposto ou capacitado a agir contra esses grupos por conta própria.

Aparentemente, a princesa pensava que chegaria o dia em que eles teriam que fazer algo contra esses grupos por conta própria. Quando esse dia chegasse, precisariam estar armados.

– Um depósito – disse Joph. – Confere.

Apesar de Ransolm Casterfo haver se preparado para fazer aquela visita durante a maior parte da noite e toda a manhã, ele caminhava pelos escritórios do Senado com temor em seu coração. Quando alcançou seu destino, ele pausou por um instante no corredor para endireitar seu casaco verde-escuro e a impecável camisa branca, respirou fundo algumas vezes e então caminhou adiante para que as portas se abrissem para admiti-lo.

Greer não estava em seu local habitual no escritório da frente. Na verdade, não parecia haver ninguém lá além de C-3PO, que parecia tão atônito quanto um droide podia ficar.

– Senador Casterfo?

– Eu gostaria de falar com a senadora Organa – disse Ransolm em seus modos mais formais e

corretos. E então, em um tom mais baixo, acrescentou: – Se ela quiser me receber.

– Vou perguntar imediatamente, senhor. – C-3PO arrastou os pés na direção da porta de Leia, mas de lado, como se não julgasse sábio deixar Ransolm fora de suas vistas por um momento sequer. Ransolm se preparou para uma longa espera ou uma rejeição imediata, o que o deixou espantado quando, apenas alguns instantes depois, C-3PO reapareceu. – Parece que sua alteza está, de fato, disposta a recebê-lo. Embora francamente, eu não possa imaginar o motivo.

– É justo.

Ransolm entrou no escritório dela, aliviado pelo droide não fazer menção de acompanhá-lo. Leia estava na escrivaninha, usando as roupas que normalmente reservava para viagens, uma túnica e uma calça em cinza claro. Seu cabelo estava preso em um coque bagunçado na nuca. Todos os esforços de formalidade e grandeza senatoriais tinham sido abandonados; esta era uma mulher que já não dava a mínima para o que qualquer um pensava.

Ela não se levantou para cumprimentá-lo. Suas palavras foram calmas, mas curtas.

– Eu não posso acreditar que você tem coragem de me encarar.

– Eu mesmo mal consigo acreditar. – Embora Ransolm pensasse que o que lhe faltara antes não era coragem, e sim compreensão. Por semanas após descobrir quem era o pai dela, ele achara difícil sequer olhar diretamente para Leia, quanto mais tentar vê-la como qualquer outra coisa além da cria de Vader. Contudo, agora, quando olhava para ela, via a mesma pessoa que tinha chegado a conhecer e gostar. E apesar de seus atos terem acabado para sempre com a amizade deles, ele podia ao menos dar a Leia o respeito que ela merecia. – Você fez um bom trabalho na missão de Sibensko. Quanto terminei de revisar o relatório completo, fiquei ainda mais impressionado. No seu lugar, duvido que eu tivesse conseguido sair vivo.

Ela cruzou os braços diante do corpo.

– Ficou muito feliz por finalmente ter conquistado sua aprovação.

O sarcasmo dela feria, mas não mais do que Ransolm sabia merecer. Ele não tinha vindo até ali para ser perdoado, apenas para dar a Leia o que ela merecia, ainda que tardiamente.

– Bem. Fico contente em saber que você foi bem-sucedida e que todos estão bem. Por favor, saiba que eu pretendo apoiar maiores investigações de qualquer maneira possível.

Ele lhe fez um gesto de despedida e dirigiu-se à porta, mas então ela disse:

– Ransolm. Espere.

– Sim?

– Não vou lhe agradecer por ter apoiado meu testemunho no Senado ontem. Ninguém deveria receber gratidão simplesmente por dizer a verdade. Mas posso lhe dizer que você me surpreendeu, e em um bom sentido, dessa vez. – Um sorriso sardônico passou pelo rosto dela por um instante, e sumiu. – Você colocou o bem maior acima de sua própria facção política e suas ambições. Você defendeu o que crê ser correto, e disse a verdade mesmo quando as pessoas ao seu redor queriam que

você mentisse. Isso faz de você o tipo de político de que a galáxia precisa.

– Nenhum senador digno de seu gabinete deveria fazer menos que isso. Como você diz, que não mereço nenhuma gratidão por essa razão.

– E não está recebendo minha gratidão. Está recebendo responsabilidades. – Leia suspirou. – Eu não tenho mais nenhum poder real no Senado. E nunca mais terei. Isso significa que você vai ter que encontrar outros aliados, tanto populistas quanto centristas, que possam honestamente trabalhar juntos para nos tirar dessa confusão, e talvez até evitar uma guerra.

– Com certeza não chegaremos a esse ponto.

– Espero que não. Ainda acredito que podemos encontrar uma maneira de voltar à paz. Mas você, e gente como você, terão que ser aqueles que nos levarão até lá. Vai levar um longo tempo para construir o tipo de movimento de que o Senado precisa. Você terá que declarar independência, e não se permitir ser usado para fazer o serviço sujo de outros políticos. Portanto, também vai ter que melhorar muito em aprender em quem confiar. Por muito tempo, você terá que resistir sozinho. – O olhar de Leia pareceu atravessá-lo e Ransolm não podia imaginar o que ela estava vendo. E então ela acrescentou: – Acredito que você seja forte o bastante para fazer isso.

Nada que ela pudesse ter dito o deixaria mais humilde, ou mais encorajado. Ransolm assentiu.

– Eu sempre cumprirei meu dever.

– Sim, acredito que cumprirá.

Eles não tinham mais nada a dizer um ao outro, talvez nunca mais, então Ransolm simplesmente fez uma mesura e se retirou. Ele caminhou de volta a seu gabinete melancólico, não pela tarefa diante de si mas pela memória de Leia, cansada e isolada, ainda pensando no bem maior enquanto aprendia a aceitar seu exílio político.

Ransolm sabia que a tocha havia sido passada. Ele só esperava que pudesse se provar digno dela.

Dez dias após seu discurso final para o Senado Galáctico, Leia fez sua primeira aparição pública desde que a galáxia descobrira que ela era a filha de Darth Vader. Ela não queria enfrentar uma multidão hostil, mas também não pretendia passar o resto da vida com medo. Além do mais, como Varish Vicly destacara, essa era uma oportunidade ideal.

– Deixe-me ser brutalmente franca – disse Varish. – Você tem um histórico de guerra glorioso e uma forte história de serviço no Senado, o que significa que nós não devemos dar a impressão de a estarmos rejeitando. As pessoas declarariam que todos os populistas são hipócritas, mesmo que elas ainda a desprezem. Entretanto, não podemos mais colocá-la como uma de nossas líderes. O que quer dizer que você deve vir para as reuniões focadas em outros políticos, sorrir e acenar, e dar ao público tempo para se acostumar a você de novo. Assim que isso ocorrer, nós poderemos começar a dar mais peso ao seu papel. Devolver-lhe um pouco da sua antiga autoridade.

A despeito de Leia ter certeza de que o público nunca mais estaria totalmente confortável com ela

outra vez, ela seguiria o conselho de Varish. Apreciava a demonstração de lealdade e, além disso, queria ver seu velho amigo Tai-Lin Garr receber a devida atenção.

O primeiro comício dele tinha ocorrido em um dos maiores parques de Hosnian Prime, um local popular de reunião para visitantes de toda a galáxia. Tai-Lin concentrou o evento em uma grande fonte em formato de leque que seu planeta natal de Gatalenta doara na época da fundação da Nova República. Era um local lindo e simbólico: Tai-Lin silenciosamente deixava claro que ele ainda pensava em si mesmo como um cidadão de Gatalenta em primeiro lugar.

Leia sentou-se na última fileira das arquibancadas que estavam atrás do novo candidato populista. Ela usava um vestido simples e discreto de tecido verde oliva e torcia para passar despercebida. Os únicos que pareceram reparar na presença dela até aquele momento eram os guardas de segurança agrupados no perímetro do evento; um deles ficou o tempo todo de olho nela. Teria sido insultante, se não fosse tão divertido. Leia aplaudia quando os outros aplaudiam, e sorriu genuinamente ao ver Tai-Lin sendo ovacionado pela multidão entusiástica. Em seu manto escarlate, ele parecia estar envolto em uma bandeira vitoriosa.

Fundamentalmente, ela sabia que a candidatura de Tai-Lin para primeiro-senador tinha defeitos profundos. Ele tinha a disciplina e a humildade para resistir à tentação de tirar vantagem da autoridade que receberia caso ganhasse. Contudo, a estratégia que planejava empregar era autossabotagem. Equivalia a desistir completamente da política galáctica, e também da ideia de que um governo único *podia* proteger e servir aos mundos conhecidos.

Porém Tai-Lin confiara em Leia. Ele não duvidara dela quando a verdade tinha vindo à tona, e era um dos pouquíssimos indivíduos que compreendiam como era possível para um homem poderoso na Força – mesmo no lado sombrio – ter gerado pessoas como Luke e Leia. Ela não achava que ele lhe daria as costas após a eleição, se vencesse.

Talvez eu jamais vá recuperar meu poder político, pensou ela, mas isso não significa que eu não possa continuar a trabalhar pelo que julgo ser o certo. Se eu puder convencer Tai-Lin a me ouvir de vez em quando, talvez sejamos capazes de redefinir o papel de um primeiro-senador como algo que possa funcionar para ele e para a galáxia. Em vez de uma líder, eu posso ser uma conselheira informal. Talvez eu ainda possa nos ajudar a seguir adiante.

Uma vozinha baixa perto dela disse:

– Princesa Leia?

Ela se virou e ficou surpresa ao ver que Korr Sella abrira caminho entre a multidão para chegar até ali.

– Korr. – Leia se lembrou bem a tempo de não chamá-la de *Korrie*. – Eu não esperava vê-la aqui.

– Porque eu me demiti – disse Korr. – Porque fui embora depois que todos nós ficamos sabendo sobre Vader. Eu não deveria ter feito aquilo. Passei esse tempo todo pensando em como a senhora era quando trabalhei para a senhora, e o quanto eu a admiro, e percebi que ainda tenho certeza de que é

uma boa pessoa. Então eu não deveria ter me virado contra a senhora por causa de algo que a senhora não tem como evitar.

Leia esperara compreensão de poucas pessoas, mas havia pensado que as mais sábias e experientes entre elas, as que conhecia há mais tempo, seriam as primeiras a mudarem de ideia. Em vez disso, elas tinham sido superadas por uma garota de 16 anos.

– Eu entendo. – Leia manteve seu tom tão gentil quanto pôde enquanto se fazia ouvir acima da multidão. – Eu sempre entendi.

Korr aquiesceu, piscando depressa. Em uma voz trêmula, ela disse:

– Eu sei que não vou mais poder ser sua estagiária, mas se um dia houver alguma forma pela qual eu possa ajudá-la, ou trabalhar para a senhora, eu só queria dizer que eu o faria. Digo... eu ficaria *orgulhosa* em fazê-lo.

– Obrigada, Korr. Isso significa muito para mim. – Leia apertou a mão da garota.

– E... se a senhora quiser... pode me chamar de Korrie. Tudo bem.

– Não, você tinha razão. Você não é mais criança. Acho que é mais adulta do que a maioria das pessoas nesse comício. Korr é melhor.

Korr finalmente sorriu e Leia sentiu que algum dia, se ela precisasse, poderia chamá-la.

Depois dos discursos, é claro, vieram os apertos de mãos. Garras e tentáculos. Enquanto as pessoas se amontoavam ao redor de Tai-Lin, Leia começou a se afastar, torcendo para sair de vista discretamente. No entanto, um longo membro dourado envolveu-lhe os ombros para mantê-la por ali.

– Ah, você não vai, não – censurou Varish, afetuosamente. – Vai ficar bem aqui. Tai-Lin sem dúvida vai querer falar com você depois.

– Se eu me lembro dos detalhes da minha última campanha, Tai-Lin só vai querer desabar depois. – Leia observou o grupo por mais alguns momentos. Como Tai-Lin podia manter sua dignidade e serenidade mesmo rodeado pela turba sorridente que queria que ele beijasse seus bebês ou filhotes? – Quanta chance você acha que ele tem?

– Bastante. As pesquisas estão promissoras, embora neste ponto, quando ainda não temos um candidato oficial centrista para testá-lo, seja difícil dizer. Porém esperávamos que a facção populista fosse levar um golpe depois de toda aquela algazarra com você, e isso não ocorreu.

Leia teve que rir.

– Você é a única pessoa na galáxia que descreveria o que houve como “algazarra”.

– E é por isso que você me ama, não é? – Varish apertou o abraço nos ombros Leia e depois começou a arrastá-la pela multidão. – Ao menos diga adeus a Tai-Lin antes de ir.

– Ele não liga para isso. E eu não quero causar problemas.

– Não causará. Quanto antes começarmos a agir como se as coisas estivessem de volta ao normal, antes as coisas voltarão ao normal. Além do mais, nem sei se alguém vai reconhecê-la nessa aglomeração. Está tão lotado que mal conseguimos ver um metro à frente do nosso rosto!

Aquilo era verdade. Leia deixou que Varish a guiasse entre as pessoas, tomando cuidado para não empurrar ninguém nem olhar ninguém nos olhos. Se alguém a reconheceu na multidão, não disseram nada que pudesse ouvir.

Finalmente, elas se aproximaram de Tai-Lin.

– Tai-Lin! – chamou Varish. – Estamos aqui!

Abriu-se um espaço na turba, grande o bastante para Leia ver Tai-Lin ali de pé, sorrindo em boas-vindas enquanto potenciais eleitores o cercavam por todos os lados...

... e um daqueles rostos era familiar.

Malares altos. Cabelos com mexas prateadas. Olhos escuros e intensos. Apesar de Leia tê-la visto apenas por uma noite em Bastatha e nos holos de Ransolm gravados em Daxam IV, ela a reconheceu no mesmo instante: Arliz Hadrassian.

E de debaixo de sua longa capa, Hadrassian acabava de sacar uma arma de raios.

Leia nem mesmo teve tempo de gritar um aviso antes de Hadrassian disparar diretamente no peito de Tai-Lin. O público todo gritou e as pessoas começaram a correr em direções diferentes – a maioria tentando se afastar da assassina, mas algumas se apressando para aproximarem-se de Tai-Lin. Leia conseguiu alcançá-lo, caindo de joelhos ao lado do ponto em que jazia. Só então ela percebeu que Hadrassian ainda estava ali, completamente imóvel, com a arma ainda nas mãos. Os guardas de segurança abriam caminho à força entre a multidão, mas ainda não tinham chegado.

– Leia Organa – disse Hadrassian. Um sorriso lento e terrível se espalhou pelo rosto dela. – Você tem sorte por eu estar pensando estrategicamente.

Com aquilo, Hadrassian ergueu a arma para sua própria têmpora. Leia só teve tempo de desviar o olhar antes do disparo final e o ruído nauseante de um cadáver caindo no chão.

– Tai-Lin. – Ela o rolou até ficar deitado de costas para poder analisar o ferimento. – Tai-Lin, você pode me ouvir?

Mas é claro que não podia. Ele tinha sido atingido diretamente no peito, de uma distância curta, por uma arma de raios ajustada para matar. A ferida profunda onde seu coração costumava ficar tinha sido cauterizada, deixando para trás uma cratera enegrecida. Arliz Hadrassian vingara seus guerreiros Amaxine.

Isso significava um desastre para a galáxia, Leia sabia. Contudo, ela ainda não conseguia pensar sobre as consequências e ramificações políticas daquele atentado, nem nada mais além do fato de que seu amigo jazia morto no chão. Enquanto Varish Vicly começava a se lamentar, Leia inclinou-se adiante para que sua testa tocasse a de Tai-Lin. Era a única despedida em que ela podia pensar.



O Senado foi unânime ao declarar luto oficial pela morte de Tai-Lin Garr. Durante as horas mais sombrias, Leia se perguntou se os centristas haviam concordado com o luto só pelas aparências, mas no fundo acreditava que o sentimento era sincero. Ninguém, a despeito de sua facção política, queria ver as eleições decididas por marginais assassinos radicais.

Todos eles estavam unidos em outra crença, entretanto, que horrorizava Leia: Arliz Hadrassian tinha sido a terrorista, a criminoso e a verdadeira ameaça. Graças aos dados de Sibensko, Hadrassian podia receber o crédito pelo Atentado do Guardanapo, pela ascensão de Rinnrivin Di e por tudo o mais, tanto por centristas quanto por populistas. Agora que ela cometera suicídio, o Senado achava que o perigo tinha passado.

– Vocês não podem fazer uma suposição dessas – implorou Leia em uma pequena reunião de senadores populistas após o serviço em memória a Tai-Lin em Hosnian Prime. – O dinheiro de Rinnrivin vinha de Hadrassian, mas de onde vinha o dinheiro de Hadrassian? Ela era um soldado das fileiras imperiais, e depois uma pequena empresária. Um só indivíduo não consegue bancar todo um exército.

– Leia, *por favor* – disse Varish, bruscamente. A pelagem dourada de seu rosto estava manchada pelas lágrimas. – Tai-Lin merece ser lamentado em paz.

Frustrada, Leia deixara o assunto para lá – pelo menos por aquele momento. Se até uma das pouquíssimas amigas e aliadas que lhe restavam no Senado não a ouviam, ninguém ouviria. Contudo, ela não conseguia acreditar que a investigação dos grupos dissidentes ficaria na agenda para sempre. As pessoas tinham os dados. Ela lhes dera a prova, e Ransolm apoiara suas descobertas com seu próprio testemunho. Mais cedo ou mais tarde, eles veriam a necessidade de cavoucar mais fundo, procurar um pouco além.

Não veriam?

Na manhã seguinte, enquanto atravessava os salões do Senado, viu um grande grupo de pessoas amontoado em torno do conjunto de escritórios do senador júnior de Mon Cala. Lá de dentro, ela podia ouvir o que soava como um noticiário oficial sendo tocado em alto volume.

– Parece que temos notícias urgentes – murmurou ela, aproximando-se do grupo.

Quando ela chegou mais perto, ouviu alguns murmúrios: *Isso mostra que não se pode confiar em um centrista. Dá para acreditar numa coisa dessas? Parece que a princesa Leia entendeu errado essa parte...*

A criatura interrompeu sua fala quando viu que Leia se juntava a eles, e corou em um verde profundo, dando um passo para o lado. Leia agora só se importava em conseguir espaço para ver o holo sendo projetado no meio do escritório frontal do senador, ouvindo o que era relatado: “...

expressou choque por um grupo paramilitar ter recebido informações e assistência de um membro do Senado Galáctico”.

Leia sentiu o alívio invadir seu corpo, junto com uma sensação de justiça feita. Alguém havia investigado, afinal; alguém revisara os dados e ousara seguir a trilha até seu final. E embora ela não quisesse acreditar que os centristas estivessem envolvidos, não ficou nada surpresa ao ouvir que um deles tinha feito parte de tudo aquilo desde o começo.

Em seguida, o noticiário continuou: “O senador Casterfo já foi levado em custódia e, de acordo com as normas do Senado, será levado para prisão, julgamento e sentenciamento em seu próprio mundo natal”.

Ransolm? Eles haviam prendido *Ransolm*?

– Não pode ser – murmurou ela, quase entorpecida com o choque.

– Eu sei que deve ser uma surpresa – disse um ouvinte mais compassivo, um funcionário chandrilano. – Porém ele obviamente era bom em fazer o jogo.

– Não, você não entende. *Não pode ser*. É absolutamente impossível que Ransolm Casterfo seja a pessoa responsável por isso. – Leia sabia cada momento, cada passo de sua investigação de cor e salteado. Boa parte das informações mais críticas tinham vindo do próprio Ransolm. Ele arriscara sua vida por ela em Bastatha. Ele até solicitara uma investigação mais ampla na tribuna do Senado. Será que alguém realmente acreditara que ele tinha feito tudo isso só para cobrir os próprios rastros? Apenas um tolo acreditaria nisso.

E então Leia se deu conta: as pessoas que haviam acusado Ransolm *não acreditavam* que ele era o culpado.

Elas tinham armado para que ele levasse a culpa por tudo.

Greer estava sentada no escritório frontal do conjunto senatorial, na semiescuridão; o dia estava nublado demais para que a luz solar passasse pelas janelas, e ela não tinha se incomodado em acender as luzes principais. O datapad em suas mãos iluminava seu rosto enquanto ela rolava pelos registros de novo, de novo e de novo. As imagens, porém, nunca se alteravam.

A porta sibilou e abriu e a princesa Leia entrou, sem fôlego.

– Greer, eles prenderam o Ransolm...

– Eu sei. – A voz dela tremeu. – Corri para cá assim que ouvi. Eu pensei que pudéssemos livrá-lo dessa, que nós o faríamos em um instante.

– E podemos. Assim que eles realmente assistirem à gravação, vão saber a verdade. – Leia se sentou ao lado de Greer e com impaciência tomou o datapad de suas mãos, depois fitou-o, incrédula. – Não foi isso o que aconteceu.

– A filmagem foi retocada. Absolutamente. Completamente.

Na tela, rodava uma imagem de Ransolm Casterfo apertando a mão de Arliz Hadrassian enquanto

ele gesticulava para os caças estelares – dois gestos genuínos, mapeados e unidos para criar a ilusão de aprovação. Greer se lembrava bem da linha desconfortável sobre a qual Casterfo se equilibrara enquanto estivera com Hadrassian; ele passava uma impressão amistosa sem jamais mentir sobre seu entusiasmo. O vídeo retocado o exibia como um financiador empolgado e, mais importante, alguém que escondera suas verdadeiras ações do Senado.

Leia balançou a cabeça.

– Um slicer botou as mãos na filmagem?

– Casterfo abriu a filmagem para todo mundo. A partir daí, era fácil para um bom slicer alterar as imagens e fazer parecer que a original na verdade fosse a falsa. – A pulsação de Greer dava a impressão de estar fraca demais em seus membros mas, dessa vez, ela não achava que fosse a queimassangue. Em seu lugar, era a corrupção por trás da prisão de Casterfo que a deixava completamente enjoada. Que tipo de governo podia permitir que isso acontecesse?

Não... que tipo de governo podia *fazer isso*? Porque alguém no Senado tinha que ser o responsável, e essa pessoa provavelmente escaparia ilesa. Greer já havia se frustrado com o Senado no passado, mas sempre acreditara que havia ali algo digno de salvação, algo pelo que lutar.

Agora, porém, sabia que o Senado estava podre. Escuro e mole como fruta velha, coberto de mofo. Nada restava de puro para salvar. Embora Greer nunca tivesse chegado a gostar de Ransolm Casterfo, ela aprendera a respeitar suas habilidades e integridade. Mais do que isso, ele era completamente inocente das acusações, e ninguém merecia pagar tão caro por um crime que não cometera. E ela só podia sentar ali e assistir a coisa acontecer.

É essa a “vida pacífica” que eu tenho que viver se quiser evitar morrer de queimassangue? Essa... mediocridade silenciosa a serviço da corrupção?

O rosto de Leia empalideceu.

– Eles o levarão para Riosa hoje. No próximo transporte saindo do hangar principal. Quando é isso?

Greer desligou a filmagem falsa e conferiu.

– Em... menos de uma hora.

– Eu tenho que ir. – Leia ficou de pé e dirigiu-se à porta.

Uma faísca de esperança se acendeu dentro de Greer.

– Você pode impedi-los? Pode salvá-lo?

Leia olhou para trás, já abatida pela culpa e pela dor.

– Não.

O hangar principal não via muito tráfego àquela hora do dia, nem os monotrinhos, e por isso Leia alcançou a baía designada bem a tempo, e por muito pouco. Enquanto ela passava correndo pela porta, sem fôlego e trêmula, viu dois soldados da Nova República levando Ransolm Casterfo para uma

nave de transporte de prisioneiros achatada e agourenta. Ransolm ainda vestia seus trajes finos habituais, embora eles agora estivessem amarrotados, as mãos algemadas diante do corpo.

– Esperem! – chamou Leia. Todos os três se viraram para ela; os guardas pareciam confusos e Ransolm parecia... resignado. Ela se apressou até eles, tentando reunir alguma sombra de sua antiga autoridade. – Eu quero falar com o senador Casterfo.

Os guardas olharam um para o outro por um longo momento antes que um dissesse:

– Nossas ordens dizem para levá-lo agora.

Leia se aprumou, permitiu que seu olhar se tornasse frio e imponente. Às favas com agir como uma senadora; ela era uma *princesa*, e estava mais do que na hora desses homens se lembrarem disso.

– Vocês poderão executar suas ordens no momento certo. Deixem-nos conversar.

Eles soltaram Ransolm no mesmo instante, recuando vários passos. Isso serviria. Leia olhou nos olhos de Ransolm e uma dor percorreu o seu peito quando ele tentou sorrir.

– Seu rosto é o primeiro rosto amigável que vi durante o dia todo – disse ele, com a voz mais firme do que ela teria imaginado. – Pode ser o último rosto amigável que verei. Devo admitir, no momento, eu me arrependo amargamente por ter ajudado a reinstaurar a pena de morte em Riosa.

Leia foi invadida pelo horror. Mundos com a pena de morte normalmente contavam traição como crime capital. Ransolm não apenas seria condenado injustamente, mas também executado por crimes que não cometera.

– Eu vou tentar fazer algo – prometeu ela. Sua mente já estava repassando as opções, sem encontrar nada, mas ainda esperando que em algum lugar, de alguma forma, ela conseguisse uma saída para tudo aquilo. – Cobrar alguns favores, pedir uma investigação independente...

– E você vai fracassar. – Ele sorriu com uma tristeza indizível – Um caso raro de perfeita ironia. Você já não dispõe do poder ou das conexões para me salvar, precisamente porque eu lhe arranquei esse poder através de minhas próprias ações. Fui pego em minha própria armadilha.

– Ransolm. – Leia fechou seus olhos por um momento, chocada pela profundidade de sua dor e sua raiva. Naquela hora era como se ele nunca a tivesse traído, como se sua amizade ainda fosse tão forte quanto na noite em que compartilharam alguns de seus segredos mais sombrios. – Isso não aconteceu porque você me expôs. Isso aconteceu porque você me defendeu.

– Porque eu vi que minha inimiga havia sido, na verdade, minha única aliada verdadeira, e agora descobri que meus assim chamados aliados eram meus inimigos, no final das contas. – A compostura de Ransolm finalmente cedeu; ele estendeu as mãos algemadas e ela as segurou, apesar de ele apertá-las com tanto desespero que as machucou. – Leia, eu sinto muito. Eu perdi sua amizade do pior jeito possível. Eu queria nunca ter contado ao Senado sobre Vader. Eu queria não ter te julgado pelas ações dele.

– Você o odiava. Você o temia. Você reagiu por instinto. – Leia ainda sentia que isso não era desculpa, mas era um motivo, um que ela podia compreender e até perdoar.

Ele prosseguiu:

– Ajuda saber que você vai continuar. Saber que você vai enfrentar as pessoas no Senado que podem ser corruptas a esse ponto. Talvez você não tenha mais o poder oficial, mas eu já te vi dar um jeito de contornar as regras.

Eu não posso fazer isso para sempre. Exausta pela corrida até ali, esvaziada pelo medo e sofrendo por Ransolm, Leia sentiu cada dia de sua idade no corpo. E foram anos difíceis, também. O trabalho adiante pertencia a outras pessoas, gente mais jovem, mais forte; ela acreditara que Ransolm pudesse ser uma delas. Porém aquele sonho, como tantos outros, estava sendo esmagado e virando pó.

Um dos guardas tornou a se adiantar.

– O transporte deve partir. Não podemos mais nos demorar.

– Mas... – Leia nem chegou a emitir a objeção antes que os guardas começassem a arrastar Ransolm para longe de novo. Ela correu atrás dele, sem temor de protagonizar um espetáculo. – Mais uma coisa. Só mais uma coisa.

Os guardas não disseram nada para ela, mas pararam de andar. Ransolm olhou para trás, para ela, e lhe pareceu mais jovem então do que jamais antes. Jovem demais para morrer.

– Quando eu te conheci, pensei... eu disse uma vez que você teria servido ao Império, se estivesse vivo durante a guerra. Eu disse que podia imaginá-lo de uniforme imperial. – Leia balançou a cabeça.

– Eu estava enganada. Você não teria lutado pelo Império. Você teria estado com a gente.

– Com você – repetiu Ransolm. Mais uma vez ele lhe deu aquele sorriso ferido. – Espero que seja verdade.

Então os guardas continuaram marchando e Ransolm se permitiu ser guiado. Ele não tornou a olhar para trás.

Naquele instante, a raiva de Leia se tornou uma fúria quase incontrolável. Se ela tivesse uma arma de raios, talvez a tivesse disparado. Sua ira talvez a levasse a matar outras pessoas, inocentes, só para garantir que Ransolm Casterfo não precisasse morrer inutilmente.

Ela se deu conta então de algo que jamais compreendera totalmente antes. Ela sempre se perguntara o que levara seu pai a se voltar para o lado sombrio, a se tornar Darth Vader. Ela imaginara que aquilo tinha vindo de ambição, avareza ou alguma outra fraqueza venal. Jamais considerara que a virada podia ter começado em um lugar melhor, vinda do desejo de salvar alguém ou de vingar um grande erro. Ainda que levasse ao mal, aquele primeiro impulso podia nascer da lealdade, de um senso de justiça, ou mesmo do amor.

Será que tinha sido assim com o pai dela? Ela jamais saberia. Todavia, pela primeira vez em muito tempo, ela conseguiu imaginar quem Anakin Skywalker poderia ter sido antes de sua queda, e a bondade que devia ter sobrevivido nele ao longo de toda a escuridão, todos aqueles anos.

Leia ficou de pé no hangar, respirando forte, fitando a nave de transporte. Ela não se encolheu quando os motores rugiram, não se mexeu entre a ventania causada pela decolagem da nave. Em vez

disso, continuou imóvel e observou a nave se erguer ao céu até ela se tornar tão minúscula e distante que jamais seria vista de novo.

Ela se lembrava de sentir esse peso terrível no peito nos dias da guerra, quando ela precisara enviar tropas em missões das quais elas jamais retornariam. Apesar de saber que sua causa era justa, ela sempre achara a sensação de perda e desperdício quase insuportável.

Mas ela a suportara na época. E podia suportá-la agora. E a certeza que criava raiz em sua mente enquanto assistia Ransolm partir para sua morte era algo que ela já sabia que a moldaria daquele dia em diante.

Apenas os centristas podiam ser responsáveis por aquilo. Os populistas não tinham motivo para eliminar praticamente o único membro da outra facção que às vezes ficava do lado deles. O que significava que os centristas estavam devorando a si mesmos. Não apenas atacavam os populistas por todos os lados, mas agora também eliminavam os membros de sua própria facção que não compartilhavam de seu zelo pelo poder. Eles não viam utilidade nos moderados, não viam utilidade na paz. Os centristas estavam ativamente procurando a guerra – talvez viessem fazendo planos para isso há muito tempo – e tinham começado a remover todos os obstáculos em seu caminho.

A despeito de sua longa desilusão com o processo político, Leia só agora percebia que o Senado estava condenado não importava o que ela fizesse.

A guerra havia se tornado inevitável.

Lady Carise Sindian estava tendo uma ótima manhã.

Ela fizera as declarações corretas às fontes certas sobre seu choque a respeito da prisão de Casterfo no dia anterior. Como todos os centristas honestos, ela lavara as mãos sobre ele. Eles não permitiriam que sua facção e suas crenças fossem arrastadas para a lama pelos atos criminosos de um único homem. Não, de fato, os centristas seguiriam em frente.

Sem que a maioria soubesse, já estavam seguindo adiante, e bem depressa.

O Senado havia resolvido apenas uma moção no dia anterior, que era o adiamento da votação para primeiro-senador. No período que se seguiu ao assassinato de Tai-Lin Garr e à prisão de Ransolm Casterfo, a maioria concordou que a situação política era volátil demais para sustentar uma eleição no futuro próximo. Lady Carise e seus aliados haviam votado a favor disso, porque a essa altura eles tinham começado a preparar uma solução muito superior: secessão.

Ainda levaria alguns meses para colocar os eventos em ação. Eles precisavam de uma estrutura firme antes de proceder. Em breve, porém, os mundos centristas deixariam a Nova República, saindo do pântano de inação que era o Senado para criar e apoiar a Primeira Ordem. O coração dela cantava só de pensar nisso.

Lady Carise sorria quando fez a curva que levava diretamente a seu gabinete, mas congelou quando viu quem estava diante dela.

– Princesa Leia?

– Mas que sorte trombar com você por aqui – disse a princesa, que agora se encontrava a menos de dois metros da porta do escritório de lady Carise. – Já faz algum tempo que eu pretendia bater um papo com você.

– Como a senhora sabe, estou sempre pronta a ouvir um membro das Casas Anciãs. – Lady Carise podia se dar ao luxo de ser generosa em seu triunfo. Talvez a princesa Leia finalmente se voltasse para ela, agora que não tinha nenhum outro aliado, e começasse a se comportar com o devido respeito com uma colega da nobreza. – Sim, vamos colocar a conversa em dia. O que a senhora tem feito esses tempos?

Além de estar frustrada o tempo todo, digo.

A princesa Leia sorriu.

– Entrei em contato com velhos amigos. Inclusive, por acaso, com os membros mais antigos das Casas Anciãs.

– Ah, é mesmo? – Lady Carise começara a se dar conta de quanta raiva o sorriso da princesa escondia.

– Sim. Sabe, há uma questão que nós precisamos muito discutir, a saber: a santidade do selo real, aplicada ao conteúdo do governante supremo de Birren. – O tom da princesa Leia permaneceu cordial, mas seu olhar se aguçou. – Imagino que você tenha pensado que eu estaria distraída demais para notar... e para ser justa, eu fiquei mesmo, por algum tempo... mas não levei muito tempo para perceber que o baú de lembranças só poderia ter sido escondido em Birren. Apenas o governante supremo poderia ter acesso a ele. E o governante supremo, a saber, você, tinha acabado de passar por semanas de rituais em torno da posse, nos quais o futuro governante repetidamente promete manter a santidade do selo real, a despeito de qualquer coisa. Você não durou nem um mês.

Lady Carise estava preparada para uma alteração desse tipo logo que Casterfo revelou a verdade, mas nas semanas depois disso tinha sido acalentada na crença de que Leia ou jamais notaria, ou simplesmente deixaria passar. Assim, viu-se sem palavras.

– Bem. Eu suponho. Mas eu senti... em um caso de crise moral tão extrema...

– O juramento exige que o governante supremo sustente a santidade do selo real até a morte. – A princesa Leia arqueou uma sobrancelha. – Não se preocupe. Eu não pretendo perseguir isso até os últimos rigores da lei. Bastou entrar em contato com os membros governantes das Casas Anciãs e convencê-los a finalmente aprovar uma resolução, a primeira que eles se incomodam a aprovar em anos. Para ser mais específica, eles retiraram de você seus títulos reais, para sempre. O título de governante suprema de Birren vai para a pessoa seguinte na linha de sucessão, e você não é mais integrante das Casas Anciãs.

Ela podia fazer algo assim? Seria possível? Lady Carise sentia que seus joelhos estavam prestes a ceder.

– Você não pode. Isso é meu por direito de nascença. A nobreza é sagrada, eles não iriam retirá-la desse jeito!

A princesa Leia suspirou e balançou a cabeça.

– Faz muito tempo que a nobreza já não é sagrada para ninguém, exceto para você. É uma punição pequena para o que você fez comigo e especialmente para o que fez com Ransolm. Mas *dói*, não é? Deve te ferir no âmago. Você nunca percebeu que não é superior a ninguém exceto por um acidente de nascimento, o que, aliás, é uma das coisas mais tristes que eu consigo imaginar.

Lady Carise estava respirando tão rápido que talvez fosse hiperventilar. Eles não podiam retirar seus títulos. Não podiam!

Mas aparentemente, já tinham retirado...

– Essa é a única punição que eu ainda tenho o poder para lhe infligir, então tenho que me contentar em te ferir. Por enquanto. – A princesa Leia sorriu. – Adeus, Carise.

Carise. Apenas Carise. Desse dia em diante, ela seria apenas Carise Sindian. Ela não conseguia imaginar maior humilhação. Então Carise só pôde ficar ali, ofegando em busca de ar, enquanto assistia a princesa se afastar.

Mais tarde naquela noite, Leia trocou seus trajes senatoriais por um macacão simples bege e uma das jaquetas de couro de Han. A peça ficava enorme nela, mas sentir o cheiro de Han a reconfortava, mesmo tanto tempo depois de ele ter ido embora. Ela amarrou as botas e dirigiu-se a um hangar pouco utilizado na fronteira da capital, do qual ela havia assinado um contrato de aluguel exclusivo no dia anterior.

O hangar não serviria aos propósitos deles por muito tempo. Ela teria que pensar em algo maior, em se esconder melhor, ir mais longe. Mas, por enquanto, eles só precisavam de um lugar para começar.

Quando Leia entrou, viu que todos com quem entrara em contato já estavam ali; ela estava adiantada; eles deviam ter chegado ainda mais cedo. Lá nos fundos, estavam aqueles que tinham vindo mais de longe para ajudá-la: Nien Nunb, Ematt, e até o almirante Ackbar, de pé e apurados, prontos para servir. Mais para o lado estava Harter Kalonia, que não hesitara em aceitar o convite de Leia, e graças aos céus; era sempre bom ter à mão um médico que soubesse guardar segredo. Agrupados mais perto estavam os jovens pilotos que ela recrutara, escolhidos entre aqueles com quem ela trabalhara pessoalmente – como Joph Seastriker, postado bem à frente do grupo – ou entre aqueles que Joph e os outros pilotos haviam recomendado, tais como Snap Wexley e Zari Bangel.

Entretanto, uma pessoa que ela não havia convidado vinha agora em sua direção.

– Greer? – Leia pousou as mãos nos ombros de sua assistente. – O que você está fazendo aqui? Eu te disse, para a sua própria proteção, você não deveria saber nada a respeito disso além do estritamente necessário.

– Exatamente – disse Greer com um sorriso. – E como serei um de seus melhores pilotos, provavelmente é necessário que eu saiba tudo.

– Não. Você sabe que não pode...

– Eu sei, eu sei. Eu deveria brincar de ficar calma e em segurança, para poder levar uma vida longa que não tenha nada a ver com a que eu de fato quero ter. E eu deveria simplesmente ficar na plateia, em vez de apoiar uma causa na qual acredito. – Balançando a cabeça, Greer disse: – Eu prefiro queimar em uma chama melhor.

Mesmo com o coração doendo, Leia sabia que não valia a pena discutir. Em vez disso, ela apenas abraçou a jovem brevemente antes de se voltar para o grupo, que caiu em um silêncio cheio de expectativa.

– Obrigada a todos por terem vindo essa noite – começou Leia. – Seja você um velho amigo ou um novo amigo, você está aqui porque demonstrou coragem. Demonstrou iniciativa. Você viu o perigo que se aproxima e está disposto a fazer o que for necessário para proteger da guerra os mundos pacíficos dessa galáxia.

– Estamos prontos. – Os olhos azuis de Joph brilhavam de entusiasmo. A guerra apagaria aquela exultação bem depressa. Leia queria poder resguardar esse entusiasmo juvenil em algum lugar, poder engarrafá-lo ou escondê-lo, mas sabia que esse era apenas mais um sacrifício que o conflito iminente reclamaria.

Ela alertou:

– Não falem cedo demais. Cada um de vocês deve entender por completo que este movimento, esta organização, não é sancionado pelo Senado Galáctico. Por enquanto, e possivelmente para sempre, nós operaremos além do controle governamental. Isso pode significar driblar algumas leis e quebrar outras.

– Isso nunca nos impediu antes – resmungou Ackbar.

Greer acrescentou:

– Nós já temos algumas centenas de detonadores térmicos. É um começo.

Leia analisou a sala e não viu nenhuma dúvida, nenhuma hesitação. Aquelas pessoas confiavam nela. Elas estavam prontas. Finalmente, ela também estava.

– O sol está se pondo sobre a Nova República – disse Leia. – Está na hora de a Resistência se erguer.



STAR WARS / LEGADO DE SANGUE

TÍTULO ORIGINAL:

Star Wars / Bloodline

COPIDESQUE:

Matheus Perez

REVISÃO:

Pausa Dramática

Carla Bitelli

Entrelinhas Editorial

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Desenho Editorial

ILUSTRAÇÃO:

Astri Lohne

DIREÇÃO EXECUTIVA:

Betty Fromer

DIREÇÃO EDITORIAL:

Adriano Fromer Piazzì

EDITORIAL:

Daniel Lameira

Bárbara Prince

Andréa Bergamaschi

Renato Ritto

FINANCEIRO:

Roberta Martins

Sandro Hannes

COMUNICAÇÃO:

Luciana Fracchetta

Pedro Henrique Barradas

Stephanie Antunes

COMERCIAL:

Fernando Quinteiro

Lidiana Pessoa

Roberta Saraiva

Ligia Carla de Oliveira

André Castilho

COPYRIGHT © & TM 2016 LUCASFILM LTD.

COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2017

(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.

LEGADO DE SANGUE É UM LIVRO DE FICÇÃO. TODOS OS PERSONAGENS, LUGARES E ACONTECIMENTOS SÃO FICCIONAIS.



 EDITORA ALEPH

Rua Henrique Monteiro, 121

05423-020 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: [55 11] 3743-3940

www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vagner Rodolfo CRB-8/9410

G778I

Gray, Claudia

Legado de sangue [recurso eletrônico] / Claudia Gray ; traduzido por Marcia Men. - São Paulo : Aleph, 2017.

327 p. : 1,12 MB.

Tradução de: Star Wars: Bloodline

ISBN: 978-85-7657-373-9 (Ebook)

1. Literatura norte-americana. 2. Ficção científica. I. Men, Marcia. II. Título.

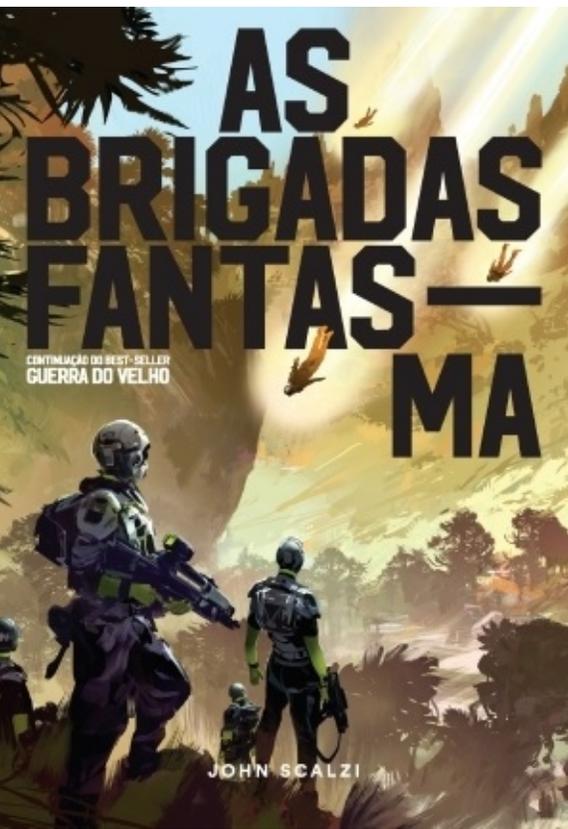
2017-447

CDD 813.0876

CDU 821.111(73)-3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura : Ficção Norte-Americana 813.0876
2. Literatura norte-americana : Ficção 821.111(73)-3



As Brigadas Fantasma

SCALZI, JOHN
9788576573784
376 páginas

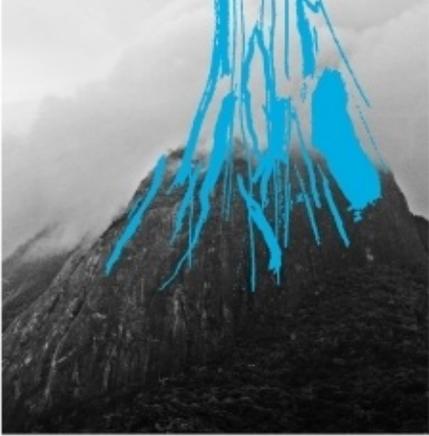
[Compre agora e leia](#)

Na continuação do premiado romance Guerra do velho, a tenente Jane Sagan descobre um ardil sendo tramado contra a humanidade e um plano para a subjugação e a erradicação de sua espécie inteira. É um genocídio planejado detalhadamente com base na cooperação, até então inédita, entre três raças. E um ser humano. Para lidar com essa trama, as Brigadas Fantasma e suas tropas que já nascem com o propósito de proteger a raça humana precisam entrar em ação. Passando por conflitos de identidade, mas com um forte senso de companheirismo, esses soldados serão liderados por Jane Sagan, que precisa impedir uma guerra entre espécies enquanto lida com um fato preocupante: em meio a suas fileiras, pode haver um traidor. Com a escrita dinâmica, leve e inteligente característica de John Scalzi, As Brigadas Fantasma discute questões éticas e de identidade enquanto envolve o leitor na história de uma grande conspiração política e bélica.

[Compre agora e leia](#)

ARTHUR C.

CLARKE



AS FONTES DO PARAÍSO

As Fontes do Paraíso

Clarke, Arthur C.

9788576572275

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há dois séculos, Kalidasa desafiou sua família e sua religião para empreender uma verdadeira maravilha arquitetônica: a construção de um suntuoso palácio no topo de uma montanha, que o alçaria aos céus e o igualaria aos deuses. Duzentos anos depois, o ambicioso engenheiro Vannevar Morgan, que já unira dois continentes com a Ponte Gibraltar, se propõe a construir uma nova ponte, desta vez ligando a Terra ao espaço sideral. O que ele não imagina, porém, é que em seu caminho está um monastério budista, localizado sobre a única montanha na qual seu projeto poderia ser construído. Em paralelo, a humanidade detecta um estranho sinal de rádio, de origem não humana. Pela primeira vez na história, o planeta Terra é contatado por uma raça alienígena que, ao que tudo indica, está cada vez mais próxima.

[Compre agora e leia](#)

ARTHUR C.

CLARKE



ENCONTRO COM RAMA

Encontro com Rama

Clarke, Arthur C.

9788576572572

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Vencedor de renomados prêmios da ficção científica, entre eles o Hugo e o Nebula, "Encontro com Rama" conta a história de uma terrível colisão de um meteorito contra o continente europeu. Após o acontecimento, líderes mundiais e cientistas reuniram esforços para evitar que catástrofes dessa natureza voltassem a acontecer. Quase cinquenta anos depois, a humanidade atônita acompanha a chegada de um novo astro ao Sistema Solar.

De proporções inimagináveis, Rama espanta e ameaça, pois avança firmemente na direção de nosso Sol. Uma expedição é enviada para explorar os mistérios do que se imagina ser um colossal meteoro. Mas, num misto de surpresa e apreensão, Rama se revela uma sofisticada construção, repleta de enigmas que desafiam a mente e os conceitos humanos. Inestimável fonte de pesquisa para a ciência ou ameaça para a segurança da humanidade, Rama torna-se palco de uma das mais fascinantes jornadas de descobrimento da ficção científica; um espelho da genialidade de um dos autores mais criativos do século 20.

[Compre agora e leia](#)

CUL TU RA DA CO NE XÃO

BOA LITOR DE
CULTURA DA CONVERGÊNCIA
HENRY JENKINS
COM **JOSHUA GREEN**
E **SAM FORD**

CRIANDO VALOR
E SIGNIFICADO
POR MEIO DA
MÍDIA PROPAGÁVEL



Cultura da Conexão

Jenkins, Henry
9788576572541
408 páginas

[Compre agora e leia](#)

Essa máxima simples, mas definitiva, norteia a análise de três renomados pensadores atuais da mídia moderna - entre eles Henry Jenkins, autor do referencial Cultura da Convergência (Aleph) - sobre o futuro da circulação de conteúdo nos meios de comunicação social e digital. Vivemos uma mudança de paradigma na mídia: a passagem de uma mentalidade regulada pela lógica da radiodifusão, que dominou todo o século 20, para outra em que o controle sobre a produção e a distribuição cultural já não é tão rígido; uma nova proposição que permite e valoriza o engajamento das audiências. Hoje, as pessoas não se limitam ao simples papel de consumidor. Discutem, reagem, espalham seus interesses e críticas pelas diferentes modalidades de mídia. Querem ser ouvidas, atendidas, recompensadas. Entre as muitas possibilidades dessa cultura cada vez mais ligada em rede, há pelo menos uma grande certeza: será mais bem-sucedido quem souber lidar melhor com as aspirações e desejos de um público ávido por participar e opinar.

[Compre agora e leia](#)

ARTHUR C.

CLARKE



O FIM DA INFÂNCIA

O Fim da Infância

Clarke, Arthur C.

9788576572565

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em plena Guerra Fria, enquanto russos e americanos se preparam para a corrida espacial, imensas naves surgem sobre as principais capitais do mundo, revelando um dos grandes mistérios da humanidade: O homem não está sozinho no universo.

Seus ocupantes, chamados de Senhores Supremos, dominam a Terra de forma pacífica e melhoram substancialmente as condições de vida. A ignorância, a guerra e a pobreza deixam de existir, dando início a uma era de ouro. Porém, uma dúvida assombra a humanidade: quais seriam os verdadeiros objetivos dos Senhores Supremos? Até quando suas políticas iriam coincidir com o bem-estar dos homens? As respostas para essas questões podem revelar uma verdade aterradora.

[Compre agora e leia](#)